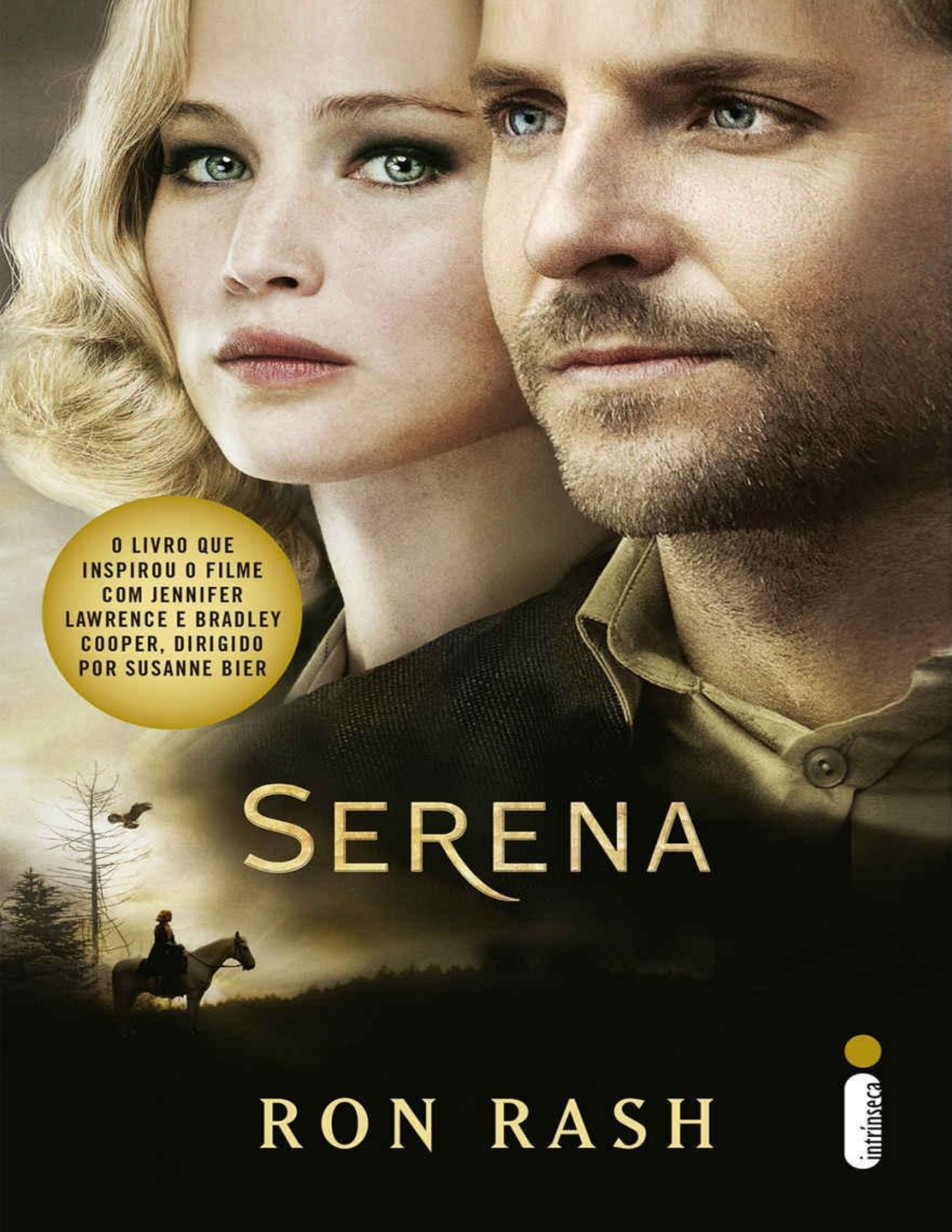

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME COM JENNIFER LAWRENCE E BRADLEY COOPER, DIRIGIDO POR SUSANNE BIER
SERENA
RON RASH
intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

RON RASH

Serena

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA



Copyright © Ron Rash, 2008

Publicado mediante acordo com Marly Rusoff Literary Agency, Bronxville, Nova York, EUA.

TÍTULO ORIGINAL
Serena

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Gabriel Machado
Carolina Rodrigues

FOTOGRAFIA DE CAPA
Cortesia de Magnolia Pictures

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro

REVISÃO DE EPUB
Manuela Brandão

E-ISBN
978-85-8057-604-7

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA
Bembo

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



» » »



»

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

Parte 1
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete
- Oito
- Nove

Parte 2
- Dez
- Onze
- Doze
- Treze
- Catorze
- Quinze
- Dezesseis
- Dezessete
- Dezoito
- Dezenove
- Vinte
- Vinte e um

Parte 3
- Vinte e dois

Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois

Parte 4
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete

Coda
Agradecimentos

Sobre o autor
Leia também

Para meu irmão, Thomas Rash

Uma mão, que pode, de uma só vez, abarcar o mundo.
— Christopher Marlowe

PARTE 1

UM

Quando Pemberton retornou às montanhas da Carolina do Norte, depois de três meses em Boston regularizando a situação das propriedades do pai, havia, entre aqueles que esperavam na plataforma da estação de trem, uma jovem grávida dele. Estava acompanhada do pai, que trazia sob o casaco largo e surrado uma faca de caça afiada com muito esmero naquela manhã, para cravar o mais fundo possível no coração de Pemberton.

O condutor gritou “Waynesville” quando, com um estremecimento, o trem parou. Pemberton olhou pela janela e viu seus sócios na plataforma, ambos de terno para conhecer sua esposa (que dois dias antes ainda era noiva), um inesperado bônus da estada em Boston. Buchanan, um eterno dândi, tinha engomado o bigode e besuntado o cabelo. Calçava botas de cano curto reluzentes e vestia uma camisa branca de algodão recém-passada. Wilkie usava um chapéu de feltro cinza, como de costume, para proteger a careca do sol. Exibia um relógio de bolso com o brasão da irmandade Phi Beta Kappa de Princeton, e um lenço azul de seda despontava do bolso do paletó.

Abrindo a tampa de ouro do próprio relógio, Pemberton constatou que o trem chegara no horário exato. Virou-se para a esposa, que cochilava. Serena tivera um sono bastante agitado na noite anterior. Pemberton acordara duas vezes com os movimentos bruscos dela, seu corpo pressionando o dele até que ela adormecesse outra vez. Bastou um beijo suave em sua boca para fazê-la despertar.

— Não é o melhor lugar para uma lua de mel.

— Serve — falou Serena, recostando-se no ombro dele. — Estamos juntos, e é isso que importa.

Pemberton inspirou o intenso aroma de talco Tre Jur, lembrando-se de ter não apenas sentido o cheiro, mas também saboreado aquele gosto na pele dela aquela manhã. Um carregador de bagagens passou pelo corredor assobiando uma canção que Pemberton não reconheceu. Seu olhar voltou à janela.

Perto da bilheteria, Harmon e a filha esperavam, ele apoiado na parede de

tábuas de nogueira. Pemberton se deu conta de que era raro os homens naquelas montanhas ficarem totalmente eretos quando estavam de pé. Preferiam, sempre que possível, amparar o corpo em alguma árvore ou parede. Se não houvesse nenhuma por perto, eles se agachavam, encostando o traseiro no salto das botas. Harmon segurava um pote de vidro, dentro dele, o resto de alguma coisa que mal cobria o fundo. A filha estava sentada em um banco, empertigada para deixar à vista sua condição. Pemberton não conseguia se lembrar do primeiro nome dela. Não estava surpreso de ver os dois ali, nem era novidade a garota estar grávida. *Grávida dele,* Pemberton ficara sabendo na véspera de sua partida de Boston com Serena. Abe Harmon está aqui dizendo que tem um assunto a acertar com você, um assunto que envolve a filha dele, dissera Buchanan ao telefone. Pode ser só conversa de bêbado, mas achei melhor avisar.

— Nosso comitê de recepção inclui alguns habitantes locais — disse Pemberton à esposa.

— Como já esperávamos — respondeu Serena.

Ela repousou a mão sobre o pulso dele por um momento, e Pemberton sentiu a protuberância na base de seu dedo: a aliança de ouro puro que usava no lugar de um anel de diamante. A aliança era praticamente idêntica à dele, exceto pela largura. Pemberton se levantou e retirou do compartimento de bagagem superior suas duas valises, que entregou ao carregador. O sujeito recuou um passo para então seguir Pemberton e sua esposa pelo corredor até descer os degraus para a plataforma. Havia um vão de sessenta centímetros entre o aço e a madeira. Serena não segurou na mão dele ao saltar para o piso de tábuas.

Buchanan foi o primeiro a encontrar o olhar de Pemberton, fazendo um sinal de alerta em direção a Harmon e sua filha antes de cumprimentar Serena com uma mesura rígida e formal. Wilkie tirou o chapéu. Com um metro e setenta e cinco de altura, Serena era mais alta que os homens, mas Pemberton sabia que os outros aspectos da aparência da esposa também ajudariam a provocar em Buchanan e Wilkie a surpresa que demonstravam tão claramente: calça e botas em vez de vestido e um chapéu feminino, a pele bronzeada contradizendo sua classe social superior, lábios e faces intocados por maquiagem, cabelo loiro e grosso, com um corte curto à altura do ombro, distintamente feminino, porém austero.

Serena se dirigiu ao homem mais velho e estendeu a mão. Apesar de seus setenta anos, mais que o dobro da idade dela, Wilkie a observou como um garotinho deslumbrado, apertando o chapéu contra o peito como que para esconder um coração já cativado.

— Wilkie, suponho.

— Sim, sim, eu mesmo — gaguejou ele.

— Serena Pemberton — apresentou-se ela, a mão ainda estendida.

Wilkie se atrapalhou com o chapéu por um instante, até finalmente conseguir liberar a mão direita e apertar a de Serena.

— E Buchanan — continuou ela, virando-se para o outro homem. — Correto?

— Sim.

Buchanan encostou desajeitadamente a mão na que lhe era oferecida. Serena sorriu.

— Não sabe como dar um aperto de mão, Sr. Buchanan?

Pemberton se divertiu ao observar Buchanan corrigir o gesto e logo depois puxar a mão de volta. Fazia um ano que a Companhia Madeireira de Boston atuava naquelas montanhas, e a esposa de Buchanan só tinha ido lá uma vez, com um elegante vestido de tafetá cor-de-rosa que já estava sujo de terra antes mesmo de ela atravessar a única rua de Waynesville e entrar na casa do marido. Passou uma noite e foi embora no primeiro trem na manhã seguinte. A partir de então, Buchanan e a esposa encontravam-se uma vez por mês para passarem um fim de semana juntos em Richmond, o ponto mais ao sul a que a Sra. Buchanan se dispunha a chegar. A esposa de Wilkie nunca saíra de Boston.

Os sócios de Pemberton pareciam incapazes de falar qualquer coisa. Seus olhares vagavam entre a calça de montaria de couro, sua camisa bege e as botas pretas de Serena. Sua dicção correta e sua postura altiva confirmavam que ela tinha estudado na Nova Inglaterra, assim como as esposas dos dois. Mas Serena tinha nascido no Colorado e lá vivido até os dezesseis anos. Seu pai era um madeireiro que ensinara a filha a dar apertos de mão com vigor e a olhar os homens nos olhos, além de cavalgar e atirar. Ela só tinha se mudado para o leste após a morte dos pais.

O carregador deixou as valises na plataforma e voltou ao vagão de bagagens, onde estava o baú de viagem de Serena e um menor, de Pemberton.

— Imagino que Campbell tenha levado o árabe para a sede — observou Pemberton.

— Sim — confirmou Buchanan —, embora ele quase tenha matado o jovem Vaughn. Esse cavalo não só é muito grande como muito arisco; “de gênio ruim”, como se costuma dizer.

— Quais são as novidades? — perguntou Pemberton.

— Nenhum problema sério — respondeu Buchanan. — Um lenhador encontrou pegadas de lince em Laurel Creek e pensou que fossem de um leão-da-montanha. Alguns trabalhadores se recusaram a voltar lá até Galloway ter verificado.

— Leões-da-montanha — repetiu Serena. — Eles são comuns aqui?

— De forma alguma, Sra. Pemberton — respondeu Wilkie com segurança. —

É com muito prazer que digo que o último da espécie foi morto neste estado em 1920.

— Mas os moradores locais insistem em acreditar que ainda restou um — acrescentou Buchanan. — Existe muito folclore a respeito, e os lenhadores conhecem todas as histórias. Sabem não só que o bicho é enorme como reconhecem também a cor dele, que varia do castanho-amarelado ao negro retinto. Por mim, isso continuaria sendo só parte do folclore, mas seu marido tem outros anseios: ele torce para que a criatura seja real, para poder caçá-la.

— Isso foi antes das núpcias — observou Wilkie. — Agora que Pemberton é um homem casado, estou certo de que vai desistir de caçar essas feras e procurar diversões mais amenas.

— Espero que ele continue perseguindo essa fera. Eu ficaria desapontada se ele não o fizesse — disse Serena, virando-se tanto para Pemberton quanto para os dois sócios dele. — Pemberton não tem medo de desafios; foi por isso que me casei com ele. — Ela fez uma pausa, um leve sorriso se abrindo em seu rosto. — E ele, comigo.

O carregador deixou o segundo baú na plataforma. Pemberton deu uma moeda ao homem e o dispensou. Serena olhou para o pai e a filha, que estavam sentados juntos no banco a observá-los em silêncio, como atores esperando a deixa para entrar em cena.

— Eu não conheço vocês dois — disse Serena.

A filha apenas continuou encarando-a, emburrada. Foi o pai quem falou, a voz arrastada:

— Meu assunto não é com a senhora, não. É com o homem aí do seu lado.

— Os assuntos dele também me dizem respeito — insistiu Serena. — Assim como os meus dizem respeito a ele.

Harmon então indicou com a cabeça a barriga da filha e voltou a olhar para Serena.

— Não esse assunto aqui. É de antes de a senhora chegar.

— Está insinuando que ela está grávida do meu marido?

— Não estou *insinuando* nada.

— Então o senhor é um homem de sorte — observou Serena. — Não poderia encontrar homem melhor para fazer um filho nela. O tamanho da barriga comprova isso. — E, dirigindo o olhar e as palavras para a filha: — Mas este é o único filho dele que você vai ter. Agora estou aqui. Qualquer outro filho que ele tiver vai ser comigo.

Harmon empertigou-se o máximo que podia e Pemberton avistou a faca de cabo de madrepérola antes de o casaco do sujeito tornar a ocultá-la. Ele se perguntou como um homem como Harmon podia ter uma arma tão elegante.

Talvez a tivesse ganhado em um jogo de pôquer ou recebido de herança de um antepassado mais próspero. O rosto do chefe da estação apareceu atrás da partição de vidro, ficou ali por um momento e desapareceu. Um grupo de montanheses rudes, todos funcionários da Madeireira Boston, assistia a tudo sem expressão, em um celeiro ali ao lado.

Entre eles estava um supervisor chamado Campbell, cujas muitas tarefas incluíam servir de intermediário entre os trabalhadores e os proprietários. Campbell sempre usava camisa de cambraia cinza e calça de veludo cotelê, mas aquela tarde estava de macacão, como os outros homens. *É domingo*, percebeu Pemberton, e se sentiu momentaneamente desorientado. Não conseguiu se lembrar da última vez que tinha consultado um calendário. Em Boston, com Serena, o tempo parecia preso no círculo do relógio e de seus ponteiros — horas e minutos que avançavam, mas não conseguiam se libertar para se tornarem uma sequência de dias. Mas os dias e os meses haviam, sim, passado: a protuberante barriga da filha de Harmon era prova disso.

A mão grande e sardenta de Harmon agarrou a beirada do banco, e ele inclinou-se ligeiramente para a frente. Seus olhos azuis encaravam Pemberton com hostilidade.

— Vamos para casa, papai — pediu a filha de Harmon, pegando a mão dele.

Mas Harmon repeliu-a, como se fosse uma mosca insistente, e se levantou, cambaleando um pouco.

— Malditos sejam os dois — disse ele, dando um passo na direção dos Pemberton.

Ele abriu o casaco surrado e tirou a faca de caça da bainha de couro. A lâmina refletiu o sol do fim de tarde, e por um breve instante pareceu que Harmon estava segurando uma chama reluzente na mão. Pemberton olhou para a filha de Harmon, que cobria a barriga com as mãos como que protegendo o bebê não nascido do que acontecia a sua frente.

— Leve seu pai para casa — recomendou Pemberton.

— Papai, por favor.

— Avisem o xerife McDowell — gritou Buchanan aos homens no celeiro que assistiam a tudo.

Um dos supervisores, chamado Snipes, obedeceu, andando rapidamente não em direção à delegacia, mas à pensão onde o xerife morava. Os outros funcionários ficaram onde estavam. Buchanan interpôs-se entre os dois homens, mas Harmon brandiu a faca, mandando que se afastasse.

— Vamos resolver isso é agora — gritou Harmon.

— Ele tem razão — disse Serena. — Pegue sua faca e resolva isso agora, Pemberton.

Harmon deu um passo à frente, oscilando de leve ao diminuir a distância entre os dois.

— É melhor fazer o que ela diz — ameaçou ele, aproximando-se mais —, porque um de nós dois vai sair daqui morto.

Abaixando-se, Pemberton abriu sua valise de pele de novilho, procurando lá dentro o presente de casamento que Serena lhe dera. Retirou a faca de caça da bainha e encaixou o cabo de chifre de alce na mão com firmeza, a rugosidade facilitando a pegada. Por um momento fugidio, Pemberton permitiu-se desfrutar a sensação de uma arma bem-feita, o equilíbrio e a solidez da faca, a lâmina, o cabo e a guarda calibrados com a mesma precisão dos floretes com que praticava esgrima em Harvard. Tirou o casaco e o colocou em cima da mala.

Harmon chegou mais perto, e os dois se viram separados por menos de um metro. Ele mantinha a faca erguida, apontada para o céu, o que revelou a Pemberton que Harmon, bêbado ou sóbrio, tinha pouca experiência em luta com facas. Harmon cortou o ar entre os dois. Seus dentes amarelados de tabaco estavam cerrados, as veias do pescoço, tensas como cabos de aço. Pemberton manteve a faca baixa e junto ao corpo. Sentiu o cheiro de uísque caseiro de milho no hálito do sujeito, um odor áspero e gorduroso, como óleo de carvão.

Harmon investiu contra Pemberton, que levantou o braço esquerdo. A faca de caça do sujeito cortou o ar, mas o arco delineado foi interrompido quando Pemberton deteve o braço de Harmon no meio do movimento. Harmon tentou um golpe mais baixo, e a faca passou de raspão junto à pele de Pemberton. Então, avançando um último passo, Pemberton deslizou a faca para dentro do casaco de Harmon, o aço mergulhou no tecido da camisa e penetrou a carne mole do homem, acima da bacia. Segurando o ombro de Harmon com a mão livre para ter apoio, ele puxou para o lado a faca cravada, abrindo rapidamente um sorriso fino na barriga de seu adversário. Um botão de cedro saltou da camisa branca porém suja de Harmon, caiu no piso de tábua, girou por um instante e parou. Em seguida houve um som de sucção, quando Pemberton retirou a lâmina. Por um momento não se viu sangue.

A faca de Harmon caiu com estrépito na plataforma. Como um homem tentando refazer seus passos para entender como chegara àquele ponto, o montanhês levou as mãos à barriga e recuou devagar, até desabar no banco. Quando levantou as mãos para conferir o estrago, suas entranhas caíram em seu colo como cordas frouxas, acinzentadas. Harmon examinou o funcionamento interno do próprio corpo como que para verificar mais uma vez o seu destino. Ergueu a cabeça uma última vez e recostou-a nas tábuas da parede. Pemberton desviou o olhar quando os olhos azuis do sujeito começaram a perder o brilho.

Serena surgiu ao seu lado.

— Seu braço — disse ela.

Pemberton viu que sua camisa de popelina estava rasgada abaixo do cotovelo, o tecido azul escurecido pelo sangue. Serena soltou a abotoadura de prata e enrolou a manga, examinando o corte no antebraço dele.

— Não vai precisar suturar — afirmou. — Só iodo e um curativo.

Pemberton assentiu. A adrenalina pulsava dentro dele, e, quando um preocupado Buchanan aproximou-se para examiná-lo, as feições de seu sócio — o bigode preto bem aparado e modelado entre o nariz fino e pontudo e a boca pequena, os olhos redondos e verde-claros que sempre pareciam um pouco surpresos — lhe pareceram ao mesmo tempo vívidas e indistintas. Pemberton respirava fundo e pausadamente, procurando se recompor antes de falar com qualquer um.

Serena pegou a faca de caça de Harmon e levou-a até a filha dele. Debruçada sobre o pai, ela segurava o rosto lívido dele próximo ao seu, como se ainda pudesse comunicar-lhe algo. Lágrimas rolavam pelas faces da jovem, mas ela não emitia som algum.

— Tome — disse Serena, segurando a faca pela lâmina. — Esta arma pertenceria ao meu marido por direito. É uma bela faca e você pode conseguir um bom dinheiro, se vendê-la. É o que eu faria. Venderia, sabe. O dinheiro vai ser útil quando a criança nascer. Isso é tudo o que você vai conseguir de mim e do meu marido.

A jovem a encarou, mas não ergueu a mão para pegar a faca. Serena deixou-a em cima do banco e, atravessando a plataforma, voltou para o lado de Pemberton. Com exceção de Campbell, que se aproximava deles, os homens junto à cerca de metal do celeiro não tinham nem se mexido. Para Pemberton, era bom que eles estivessem ali, pois ao menos algo de positivo resultaria do ocorrido. Na primavera, quando assentaram os trilhos do trem, seus empregados já haviam percebido que Pemberton era tão forte fisicamente quanto eles; agora sabiam que ele era capaz de matar um homem, o que viram com os próprios olhos. Passariam a respeitá-lo, e a Serena, mais ainda. Ele virou-se e fitou os olhos cinzentos da esposa.

— Vamos para a sede — disse.

Conduzindo-a pelo cotovelo, Pemberton a virou na direção dos degraus que Campbell tinha acabado de galgar. O rosto longo e anguloso do supervisor estava como sempre enigmático, e ele alterou seu caminho para não passar pelo casal — mas o fez de forma tão casual que aos olhos de um observador não pareceria deliberado.

Pemberton e Serena desceram da plataforma e seguiram para onde Wilkie e Buchanan os esperavam. Restos de carvão eram esmagados sob seus passos,

levantando pequenas nuvens cinzentas como se apagassem fósforos com os pés. Pemberton olhou de relance para trás e viu Campbell debruçado sobre a filha de Harmon, a mão em seu ombro, falando alguma coisa com ela. O xerife McDowell, em seu melhor traje de domingo, também estava junto ao banco. Ele e Campbell ajudaram a jovem a se levantar e a acompanharam até o armazém.

— Meu Packard está aqui? — perguntou Pemberton a Buchanan.

O amigo assentiu. Pemberton chamou o carregador de bagagens, que ainda estava na plataforma.

— Ponha as valises no banco de trás e amarre o baú menor no bagageiro. O trem pode levar o baú maior depois.

— Não acha que seria melhor conversar com o xerife? — indagou Buchanan depois de lhe entregar as chaves do Packard.

— Por que eu precisaria explicar alguma coisa a esse filho da mãe? Você viu o que aconteceu.

Pemberton e Serena estavam entrando no carro quando McDowell os alcançou, caminhando a passos rápidos e vigorosos. Ao se virar, Pemberton viu que, apesar das roupas elegantes de domingo, o xerife trazia consigo seu cinturão com os coldres. Como acontecia a tantos montanheses, era difícil estimar a idade do xerife. Pemberton imaginava que estivesse perto dos cinquenta, apesar do cabelo bem preto e do corpo rijo.

— Vamos ao meu gabinete — disse McDowell.

— Por quê? — questionou Pemberton. — Foi em legítima defesa. Uma dúzia de homens pode confirmar isso.

— Estou acusando-o de perturbação da ordem pública. São dez dólares de multa ou uma semana na prisão.

Pemberton pegou a carteira e entregou-lhe duas notas de cinco.

— Mesmo assim o senhor vai ter que me acompanhar até o meu gabinete — explicou McDowell. — Não vai sair de Waynesville enquanto não assinar uma declaração afirmando que agiu em legítima defesa.

Eles estavam a menos de um metro de distância, e nenhum dos dois deu um passo para trás. Pemberton decidiu que um confronto não valeria a pena.

— O senhor precisa de uma declaração minha também? — perguntou Serena.

McDowell olhou para ela como se só a tivesse notado naquele momento.

— Não.

— Eu estenderia a mão para cumprimentá-lo, xerife — disse Serena —, mas, pelo que meu marido falou, o senhor provavelmente não a aceitaria.

— Ele está certo — replicou McDowell.

— Vou esperar você no carro — avisou Serena a Pemberton.

Quando voltou, Pemberton entrou no Packard e girou a chave. Apertou o

botão de partida, soltou o freio de mão e deu início ao trajeto de dez quilômetros até a sede da madeireira. Já fora de Waynesville, ele desacelerou ao se aproximarem da represa da serraria, que ocupava dois hectares, sua superfície coberta por troncos amontoados e entrelaçados como gravetos. Pemberton parou e deixou o carro em ponto morto, mas não desligou o motor.

— Wilkie quis que a serraria ficasse perto da cidade — disse ele. — Por mim teria sido diferente, mas até que funcionou bem.

Ficaram olhando para a flotilha de troncos flutuando à espera do amanhecer para serem desemaranhados e guinchados ao carreto e então serrados. Serena passou o olho rapidamente pela serraria, assim como pela estrutura em forma de A que Wilkie e Buchanan usavam como escritório. Pemberton apontou para uma árvore imensa erguendo-se no bosque atrás da serraria. Uma camada alaranjada forrava o tronco e os galhos de cima estavam secos e desfolhados.

— Cancro de castanheiro.

— Ainda bem que leva anos para morrer completamente — observou Serena. — Isso nos dá todo o tempo necessário, mas também uma razão para preferir mogno.

Pemberton apoiou a mão na rígida bola de borracha em que terminava a alavanca do câmbio e engatou a marcha. Eles seguiram adiante.

— Estou surpresa que as estradas sejam asfaltadas — comentou Serena.

— Nem todas são. Esta é, ao menos por alguns quilômetros. A estrada para Asheville também. De trem chegaríamos mais rápido, mesmo a vinte e cinco quilômetros por hora, mas assim posso mostrar as nossas propriedades.

Logo eles deixaram Waynesville; o terreno foi ficando cada vez mais montanhoso e com menos habitantes, as ocasionais faixas de pastagem parecendo veludo verde costurado em um tecido mais grosso. Era quase pleno verão, percebeu Pemberton, os botões brancos dos cornisos caídos no chão a ressecar, os troncos verdes e largos das faias. Em uma cabana, uma mulher tirava água de um poço no quintal. Estava descalça, e a criança de cabelo claro ao seu lado usava uma calça amarrada na cintura com barbante.

— Esses montanheses — comentou Serena, olhando pela janela. — Li que vivem tão isolados que até o modo de falar lembra o dos tempos elisabetanos.

— Buchanan acredita que sim. Ele mantém um registro das frases e palavras que ouve.

O terreno começou a ficar íngreme, e logo não havia mais fazendas. Pemberton sentiu a pressão nos ouvidos e engoliu em seco. Saindo do asfalto, pegou uma estrada de terra que subia em uma curva de mais de um quilômetro até terminar em um aclive ainda mais íngreme. Ele parou o carro e os dois desceram. Um afloramento de granito ia até o lado direito da via, um filete de

água gotejava por sua superfície rochosa. À esquerda, apenas um extenso declive que terminava em um ponto longínquo e uma lua pálida e esférica, impaciente pela chegada da noite.

Pemberton pegou a mão da esposa e os dois foram até a beira do declive. Lá embaixo, o vale do ribeirão Cove abria espaço entre as montanhas, um quadrado de mais de dois quilômetros de terreno plano. No centro do vale estava a sede, cercada por uma área devastada coberta de tocos e galhos. À esquerda, a serra de Half Acre tinha sido desnudada também. À direita, via-se a base do monte Noland, arrasada. E, atravessando o vale, os trilhos do trem pareciam ter sido costurados na terra.

— Nove meses de trabalho — refletiu Pemberton.

— Seriam apenas seis no oeste — replicou Serena.

— Aqui chove quatro vezes mais. E ainda tivemos que construir os trilhos no vale.

— É, isso faz diferença — reconheceu Serena. — Até onde vão nossas terras?

Pemberton apontou para o norte.

— Até a montanha depois dessa que estamos explorando agora.

— E no sentido oeste?

— Até o monte Balsam — respondeu Pemberton, apontando outra vez. — E até a serra de Horse Pen no sul, e para o leste você pode ver onde paramos de abrir caminho.

— Catorze mil hectares.

— Fora os três mil mais ao leste de Waynesville que já exploramos.

— E mais para o leste, são propriedades da Champion Paper?

— Até a fronteira com o Tennessee.

— É essa a terra que eles querem para o parque?

Pemberton aquiesceu.

— E se a Champion vender, seremos os próximos.

— Mas nunca vamos vender nossas terras — disse Serena.

— Não. Ou ao menos não enquanto ainda puderem ser exploradas. Harris, nosso magnata local do cobre e do caulim, estava presente àquela reunião sobre a qual lhe falei. Ele deixou claro que é contra esse esquema de parque nacional da mesma forma que nós. Nada mau ter o homem mais rico do condado do nosso lado.

— Ou como futuro sócio — acrescentou ela.

— Você vai gostar dele. É um sujeito esperto, não tem paciência para tolos.

Serena tocou-o no ombro, logo acima do ferimento.

— Precisamos fazer um curativo no seu braço.

— Primeiro um beijo — disse Pemberton, levando a mão de Serena, ainda

unida à sua, até as costas dela e puxando-a para si.

Ela ergueu o rosto e pressionou os lábios com firmeza nos dele. Com a mão livre, agarrou a nuca dele para trazê-lo ainda mais para perto dela, deixando escapar uma suave exaltação quando abriu a boca e o beijou com mais voracidade, seus dentes e língua tocando os dele. Colou todo o seu corpo no dele. Incapaz de manter o recato, como sempre, desde a primeira vez que o vira. Novamente, Pemberton sentiu algo que nunca experimentara com outra mulher: possibilidades ilimitadas nas quais ele mergulhava sem restrições, ilimitadas porém, ao mesmo tempo, de alguma forma, contidas pelo universo compreendido apenas entre os dois.

Entraram no Packard e desceram até o vale. A estrada ficou mais pedregosa, as valetas e desbarrancamentos, mais acentuados. Passaram por um córrego entupido de lodo, depois por mais árvores, até que não havia mais as árvores e eles se viram cruzando o fundo do vale. A estrada chegara ao fim, restava apenas uma faixa de lama e terra. Passaram por um estábulo e uma construção que consistia em uma simples sequência de salas, a da frente servindo como escritório da pagadoria e a dos fundos como local de refeições. À direita ficava o refeitório dos operários e o depósito. Atravessaram a linha férrea, passando pela fileira de vagões-plataforma esperando a chegada da manhã. Um vagão caboose parado perto dos trilhos servia como consultório médico, as rodas cobertas de ferrugem enterradas no solo do vale.

Eles passaram por uma fileira de mais de trinta casebres que tinha sido precariamente construída no alto da serra de Bent Knob, seus alicerces sustentados por desgastadas estacas de alfarrobeira. As casas pareciam vagões de madeira baratos, não só em tamanho e aparência, mas também por serem ligadas por cabos umas às outras. No alto de cada uma havia um aro de ferro. Buracos abertos a machadadas na madeira serviam de janelas.

— Os alojamentos dos operários, imagino — disse Serena.

— Isso mesmo, e assim que terminarmos por aqui podemos pôr tudo nos vagões e transferir para o próximo sítio. Os operários nem vão precisar embalar seus pertences.

— Muito eficiente — comentou Serena, anuindo. — Quanto é o aluguel?

— Oito dólares por mês.

— E o ordenado?

— Dois dólares por dia no momento, mas Buchanan quer aumentar para dois e dez.

— Por quê?

— Ele acha que vamos perder bons profissionais para outros campos de extração — respondeu Pemberton enquanto estacionava na frente da casa. —

Para mim, essas terras que o governo vem tomando representam um excedente de mão de obra, principalmente se a Champion vender seus terrenos.

— E o que Wilkie acha?

— Wilkie concorda comigo. Fala que a única vantagem dessa quebra da bolsa é a força de trabalho mais barata.

— Concordo com você e com Wilkie — disse Serena.

Um jovem chamado Joel Vaughn esperava nos degraus da entrada, ao lado de uma caixa de papelão contendo carne, pão, queijo e uma garrafa de vinho tinto. Quando Pemberton e Serena saíram do carro, ele se levantou e tirou o gorro de lã, revelando um ninho de cabelo cor de cenoura. Como Campbell logo percebera, a mente de Vaughn era tão brilhante quanto seu cabelo, o que lhe rendera responsabilidades em geral atribuídas apenas a funcionários mais antigos. Prova disso eram seus braços arranhados e o hematoma no lado esquerdo do rosto sardento, resultado de uma contenda com um cavalo tão indomável quanto valioso. Vaughn tirou as valises do automóvel e seguiu o casal até o alpendre. Pemberton abriu a porta e fez sinal para que Serena entrasse primeiro.

— Não fosse pelo meu braço — comentou ele —, eu a levaria no colo.

Ela sorriu.

— Não se preocupe, Pemberton. Eu consigo entrar sozinha.

Ela entrou e o marido foi atrás. Serena examinou o interruptor de luz por um instante, como se não acreditasse que pudesse funcionar. Depois o ligou.

Na sala havia duas poltronas simples diante de uma lareira; à esquerda, via-se uma pequena cozinha com um fogão Homestead e um refrigerador. Uma mesa de álamo com quatro cadeiras de assento de treliça ficava ao lado da única janela do cômodo. Serena aquiesceu e foi até o corredor, dando uma rápida olhada no banheiro antes de entrar no quarto. Acendeu o abajur e se sentou na cama de ferro batido, experimentando a firmeza do colchão; pareceu satisfeita. Vaughn surgiu à porta com um baú de viagem antigo, que pertencera ao pai de Pemberton.

— Guarde no armário do corredor — ordenou Pemberton.

Vaughn atendeu ao pedido e saiu da casa, voltando pouco depois com a comida e o vinho.

— O Sr. Buchanan achou que o senhor gostaria de algo para comer.

— Deixe na mesa — orientou Pemberton. — Depois vá pegar iodo e gaze.

O jovem hesitou, os olhos na mancha de sangue que cobria a manga da camisa de Pemberton.

— Não quer que chame o Dr. Cheney?

— Não — respondeu Serena. — Eu mesma farei o curativo.

Quando Vaughn saiu, Serena se aproximou da janela do quarto e ficou observando os casebres.

— Os operários têm eletricidade?

— Só no refeitório.

— Melhor assim — comentou Serena, afastando-se da janela. — Não só pela economia que fazemos, mas também pela produtividade. Eles trabalham mais quando estão sujeitos a um estilo de vida espartano.

Pemberton ergueu a mão, apontando para as tábuas de madeira crua das paredes do quarto.

— Isto aqui também é bastante espartano.

— Assim podemos comprar mais tratores — disse Serena. — Se quiséssemos gastar nossa fortuna de outro modo, teríamos ficado em Boston.

— Isso é verdade.

— Quem mora aqui ao lado?

— Campbell. O homem mais eficiente das redondezas. Faz a contabilidade, consegue consertar qualquer coisa e sabe como ninguém usar uma corrente de agrimensor.

— E na última casa?

— O Dr. Cheney.

— O gaiato de Wild Hog Gap.

— O único médico que aceitou viver aqui. Mesmo assim, ainda tivemos que oferecer uma casa e um automóvel.

Serena abriu o guarda-roupa e examinou atentamente o interior.

— E o meu presente de casamento, Pemberton?

— No estábulo.

— Nunca vi um árabe branco.

— É um cavalo impressionante.

— Quero sair para cavalgar logo cedo amanhã.

Quando Vaughn chegou com o iodo e a gaze, Serena sentou-se na cama, desabotoou a camisa do marido e pegou do cinto dele a arma usada na luta. Tirando a faca da bainha, ela examinou o sangue seco na lâmina e então a deixou na mesa de cabeceira. Abriu o frasco de iodo.

— Qual é a sensação de lutar contra um homem desse jeito? Quer dizer, com uma faca. É como praticar esgrima ou... é mais íntimo?

Pemberton pensou por um tempo em como poderia descrever em palavras o que tinha sentido.

— Não sei — respondeu por fim. — É uma sensação muito real e muito irreal ao mesmo tempo.

Serena segurou o braço dele com mais força, mas sua voz ficou mais suave.

— Isso vai arder — falou, despejando devagar o líquido avermelhado no ferimento. — Aquele duelo com faca, o que lhe rendeu notoriedade em Boston, foi igual ao de hoje?

— Na verdade, em Boston foi com uma caneca de cerveja — replicou Pemberton. — Foi mais um acidente em uma briga de bar.

— Na história que eu ouvi havia uma faca. E a morte da vítima não parecia nada acidental.

Enquanto ela fazia uma pausa para espalhar o iodo na ferida, Pemberton perguntou-se se houvera percebido uma pequena decepção no tom da esposa ou se fora só sua imaginação.

— Mas essa de hoje, essa de fato não foi acidental — observou Serena. — "*Eu mesmo empunharei a espada; sim, mesmo que morra*."

— Acho que não reconheço essa citação — comentou Pemberton. — Não sou tão culto quanto você.

— Não tem importância. É uma máxima que se aprende melhor da forma como você fez, não em um livro.

Enquanto ela desenrolava a gaze do carretel de madeira, Pemberton sorriu.

— Quem sabe? — disse ele. — Em um lugar primitivo como este, desconfio que lutas de faca não sejam prerrogativa apenas do sexo masculino. É capaz de você ter que lutar com alguma megera com bafo de uísque e aprender da mesma forma que eu.

— Eu faria isso — disse ela, em um tom de voz comedido — ao menos para sentir o mesmo que você sentiu hoje. Pois é o que eu desejo: que tudo o que é parte de você também seja parte de mim.

Pemberton observou a atadura avolumar-se enquanto Serena a enrolava em seu braço, o iodo transpassando as primeiras camadas, mas depois sendo sugado pela gaze. Recordou-se do jantar festivo em Back Bay, um mês antes, quando a Sra. Lowell, a anfitriã, fora até ele. *Há uma mulher que deseja ser apresentada ao senhor. Mas devo alertá-lo: ela já assustou todos os homens solteiros de Boston*. Pemberton lembrava-se de ter garantido à anfitriã que não era homem de se assustar com facilidade e que talvez a mulher em questão devesse ser alertada sobre ele também. A Sra. Lowell reconheceu que era um comentário pertinente e retribuiu seu sorriso enquanto o segurava pelo braço. *Então vamos conhecê-la. Mas lembre-se de que avisei ao senhor, assim como a ela*.

— Pronto — anunciou Serena ao terminar. — Deve cicatrizar em três dias.

Ela pegou a faca e limpou-a na cozinha com água e um pedaço de pano. Depois de secá-la, voltou para o quarto.

— Amanhã vou afiar essa lâmina — disse ela, deixando a faca na mesa de cabeceira. — Esta arma é digna de um homem como você e foi feita para durar

uma vida inteira.

— E para prolongar uma vida também — observou Pemberton —, como demonstrou tão fortuitamente.

— Talvez isso se repita, portanto mantenha-a sempre com você.

— Vou deixar no escritório — prometeu Pemberton.

Serena sentou-se na cadeira de encosto alto em frente à cama e tirou a calça de montaria. Continuou se despindo sem olhar para as peças que tirava e deixava cair no chão. Durante todo o tempo manteve os olhos fixos em Pemberton. Livrando-se enfim das roupas íntimas, ela se posicionou diante dele. As mulheres que Pemberton tinha conhecido antes eram tímidas com seus corpos, esperavam o quarto escurecer ou os lençóis as cobrirem, mas esse não era o jeito de Serena.

Exceto pelos olhos e o cabelo, Serena não tinha uma beleza convencional, seus seios e quadris eram pequenos e as pernas, compridas demais para o torso. Os ombros estreitos, o nariz fino e as maçãs do rosto marcantes tornavam seu corpo muito anguloso. Seus pés eram pequenos e, se comparados aos seus outros aspectos, dotados de uma estranha delicadeza, aparentando certa vulnerabilidade. Os corpos dos dois combinavam, a silhueta leve de Serena se encaixava no físico mais largo e definido de Pemberton. À noite, eles às vezes se engalfinhavam com tanta intensidade que a cama cedia e estremecia. Pemberton ouvia suas respirações aceleradas sem conseguir diferenciar uma da outra. *Uma espécie de aniquilação,* foi como Serena definiu o que faziam. Embora jamais tivesse considerado uma descrição dessas, Pemberton sabia que as palavras da esposa eram precisas.

Serena não o tocou de imediato, e Pemberton foi envolvido por uma languidez sensual. Ficou contemplando o corpo dela, os olhos que o hipnotizaram já no primeiro encontro, as pupilas da cor de estanho queimado. Duras e densas como estanho também, as raias douradas extravasando as pupilas, flutuando como mariposas na superfície. Olhos que não se fechavam quando sua pele encontrava a dele, atraindo-o para dentro de si tanto com o olhar quanto com o corpo.

Serena abriu as cortinas para que a lua espraiasse sua luz na cama. Então virou-se de costas para a janela e observou ao redor do quarto, como se por alguns instantes tivesse esquecido onde estava.

— Este lugar vai nos servir muito bem — disse por fim, voltando a olhar para Pemberton enquanto ia até a cama.

DOIS

Na manhã seguinte, Pemberton apresentou sua esposa aos cem funcionários da madeireira. De calça de montaria preta e camisa jeans, Serena se manteve ao seu lado enquanto ele falava. A calça era diferente da que ela usara no dia anterior, feita na Europa, com o couro gasto e desbotado e botões bordejados de prata fosca. Serena segurava as rédeas do cavalo, a alvura do árabe tão intensa que parecia quase translúcida na primeira luz do dia. A sela colocada no lombo do cavalo, de cromo alemão com reforços de lã tosquiada, custava mais do que o salário que um lenhador ganhava em um ano inteiro. Muitos homens sussurraram comentários sobre os dois estribos, que não pendiam para o lado esquerdo.

Wilkie e Buchanan observavam do alpendre, com canecas de café nas mãos. Estavam de terno e gravata, a única concessão ao ambiente sendo as botas de cano alto cobrindo as pernas das calças para evitar que se enlameassem. Já Pemberton, de calça cinza de flanela e camisa rústica xadrez, quase não diferia dos trabalhadores em termos de vestimenta, e considerava um pouco ridículo usar roupa social naquele lugar, ainda mais à luz do traje de Serena.

— O pai da Sra. Pemberton era dono da Companhia Madeireira Vulcan, do Colorado — explicou Pemberton aos funcionários. — Ele a ensinou muito bem, de forma que ela se equipara a qualquer homem aqui, como vocês logo perceberão. As ordens dela devem ser obedecidas como se fossem minhas.

Entre os lenhadores reunidos, havia um chefe de equipe de barba espessa chamado Bilded, que pigarreou com um rosnado alto e cuspiu um bocado de catarro amarelo no chão. Com um metro e noventa de altura e pesando mais de cem quilos, ele era um dos poucos homens do tamanho de Pemberton ali na mata.

Serena abriu o alforje da sela, de onde pegou uma caneta Waterman e um caderno com capa de couro. Falou em voz baixa com o cavalo, entregou as rédeas a Pemberton, depois foi até Bilded e se postou bem onde ele tinha cuspido. Apontou para um freixo que se erguia ao lado do escritório e que fora

poupado por causa da sombra que formava.

— Vou fazer uma aposta com você — disse Serena, dirigindo-se a Bilded. — Nós dois vamos calcular a metragem cúbica total daquela árvore. Depois escreveremos nossas estimativas no papel e veremos quem chegou mais perto.

Bilded a fitou por alguns instantes, depois olhou para o freixo como se já medindo sua altura e diâmetro. Ao responder, não olhou para Serena, mas para a árvore:

— E como vamos saber quem chegou mais perto?

— Eu vou cortar e mandar para a serraria — interveio Pemberton. — À noite vamos saber quem venceu.

O Dr. Cheney viera ao alpendre para assistir à cena também. Riscou um fósforo no parapeito para acender seu habitual cigarro pós-café, e vários trabalhadores se viraram para descobrir de onde vinha o som. Pemberton também olhou, notando como a luz matinal acentuava a palidez doentia do médico, fazendo seu rosto grande parecer cinzento e maleável como massa de pão suja. Um efeito que o pescoço enrugado e as bochechas caídas só ressaltavam.

— Quanto é que vai nessa aposta? — perguntou Bilded.

— Duas semanas de ordenado.

A quantia o impressionou.

— Sem truque nenhum? Se eu ganhar recebo duas semanas de pagamento extra?

— Sim — garantiu Serena —, e, se perder, você trabalha duas semanas de graça.

Ela ofereceu o caderno e a caneta a Bilded, mas ele não levantou a mão para pegar. Um homem deu uma risadinha atrás dele.

— Prefere que eu escreva a minha resposta primeiro? — perguntou Serena.

— É, prefiro — respondeu Bilded após alguns instantes.

Serena virou-se para a árvore e a estudou por um minuto inteiro antes de erguer a caneta com a mão esquerda e escrever um número. Arrancou a página do caderno e a dobrou.

— Sua vez — disse ela, entregando a caneta e o caderno a Bilded.

Bilded foi até o freixo para avaliar melhor sua circunferência, depois voltou e a examinou por um bom tempo até enfim escrever um número. Serena virou-se para o marido.

— A que homem confiaremos nossas estimativas?

— Campbell — respondeu Pemberton, apontando na direção do homem, que observava tudo da porta do escritório. — Tudo bem por você, Bilded?

— Sim.

Serena saiu cavalgando atrás da equipe de lenhadores quando eles se puseram em movimento, seguindo ao longo dos trilhos rumo à face sul do monte Noland. No caminho, passaram por hectares cobertos de tocos, que, a distância, pareciam demarcar túmulos em um campo de batalha recém-desocupado. Logo os lenhadores afastaram-se da linha do trem, que cruzava o lado direito da montanha, para seguir pelo esporão, levando seus lanches em sacolas de lona ou em sacos de papel, além de garrafas de estanho contendo leite e caixas metálicas em forma de bisnagas de pão. Alguns homens usavam macacão; outros, camisa e calça de flanela. Nos pés, botas Chippewa, uma minoria preferindo sapatos de lona ou de couro. Os garotos que ajudavam na sinalização iam descalços. Os lenhadores passaram pela locomotiva Shay, que chamavam de cascavel, pelos dois vagões de passageiros em que iam e vinham os trabalhadores residentes em Waynesville, depois pelos seis vagões de carga que levavam as toras e pela empilhadeira McGiffer até finalmente chegar ao cume, com o enorme trator que transportava as toras já apitando e soltando fumaça, os longos cabos de aço fazendo girar os tambores e erguendo-se oitocentos metros, com o chassi fixado a um grande toco de nogueira. A distância, o equipamento parecia uma grande vara de pesca com carretilha, os cabos como linhas de náilon. A parte mais alta formava um ângulo com a montanha, e os cabos estavam tão tensos que a elevação inteira parecia enganchada, pronta para ser rebocada pelos trilhos até Waynesville. Troncos cortados na tarde de sábado ainda pendiam dos cabos, os homens passando às pressas por baixo como se sob nuvens carregadas de dinamite. O ar ficava mais rarefeito à medida que os lenhadores subiam a encosta íngreme em direção às ferramentas ocultas sob as folhas, penduradas em galhos de árvores como harpas dos antigos hebreus. Não somente machados como também serrotes de três metros, cunhas e blocos de aço, croques, grandes marretas de mais de quatro quilos e também marretas menores, de três quilos. Algumas ferramentas tinham iniciais gravadas a fogo no cabo, outras haviam ganhado nomes, tal qual se faz com cavalos ou rifles. Com exceção das mais novas, todas com os cabos alisados pelo uso, da mesma forma que a água corrente faz com as pedras.

Enquanto seguiam por entre os tocos e galhos quebrados, uma área que chamavam de retalho, os homens mantinham os olhos atentos para onde pisavam, pois ainda que cobras raramente dessem sinal de vida antes de o sol se pôr nas encostas, abelhas e vespões não demonstravam o mesmo respeito. Tampouco a própria montanha, que podia derrubar um homem — ainda mais em um dia como aquele, em que as chuvas recentes haviam deixado o solo liso e escorregadio, indiferente a pés ou mesmo a mãos que tentassem se agarrar em busca de equilíbrio. Trabalhando onze horas por dia e com apenas um descanso

semanal, a maioria dos operários ainda estava exausta da semana anterior. Alguns de ressaca, outros, machucados. Ao longo do percurso montanha acima, já tinham tomado quatro ou cinco xícaras de café, e todos levavam consigo cigarros e fumo para mascar. Alguns faziam uso de cocaína para conseguir avançar e se manter alerta, pois assim que começavam a cortar era preciso prestar atenção a lâminas de machado escapando das árvores, a dentes de aço dos serrotes atingindo joelhos, a tenazes balançando e mesmo a cabos se rompendo. O pior de tudo, porém, eram os galhos pendurados, chamados causadores de viúva, que demoravam minutos, horas ou até dias antes de despencar do alto como lanças mortais.

Pemberton ficou no alpendre do escritório enquanto Serena acompanhava os operários pela floresta. Mesmo a distância, ele conseguia divisar o balanço de seus quadris e as costas arqueadas. Apesar de terem feito amor naquela mesma manhã e também na noite anterior, Pemberton sentiu o desejo acelerar sua pulsação, evocar a imagem da primeira vez que a vira cavalgar, no Clube de Caça da Nova Inglaterra. Naquele dia, ele ficara no alpendre da sede do clube vendo Serena e seu cavalo saltarem sebes e obstáculos. Nunca fora homem de se encantar facilmente, mas essa era a única forma de descrever sua sensação quando ela e o animal subiam e pairavam no ar pelo que pareciam segundos, antes de aterrissarem do outro lado da barreira. Sentia-se incrivelmente afortunado por tê-la conhecido, embora Serena já tivesse dito que o encontro não fora uma simples questão de sorte, mas de inevitabilidade.

Naquele dia em Boston, duas sócias do clube foram se sentar perto de Pemberton, no alpendre. Diferentemente de Serena, vestiam paletó de montaria vermelho estilo fraque e chapéu preto. Tomavam um chá quente para se aquecer naquela manhã gelada. *Deve achar que é de* rigueur *cavalgar sem chapéu e casaca*, comentou a mais jovem, ao que as outras replicaram que talvez de fato isso fosse verdade no Colorado. *A esposa do meu irmão a acompanhou com a Srta. Porter*, disse a mais velha. *Ela simplesmente apareceu um dia, uma órfã dos ermos do oeste. Apesar de ser rica e mais culta do que se poderia imaginar, nem Sarah Porter conseguiu ensinar a ela algum traquejo social. Orgulhosa demais, segundo minha cunhada, mesmo para essa laia arrogante. Algumas garotas ficaram com pena e a convidaram para as festas de final de ano em suas casas, mas ela não só recusou como o fez de forma bem indelicada. Preferiu ficar com aquelas professorinhas velhas da escola.* A mais jovem, ao notar que Pemberton estava ouvindo, virou-se para ele. *O senhor a conhece?*, perguntou. *Sim*, respondeu ele. *É minha noiva*. A mais jovem corou, mas a outra que a acompanhava sorriu para Pemberton. *Bem*, disse friamente, *ao menos ela o considera digno de sua companhia*.

À parte o breve comentário da Sra. Lowell sobre antigos pretendentes, aquela ocasião no clube foi a única vez que Pemberton ouviu de terceiros algo sobre o passado de Serena. Ela falava pouco de si mesma. Quando ele lhe perguntava sobre a época em que vivera no Colorado ou na Nova Inglaterra, suas respostas eram quase sempre superficiais, sob a alegação de que eles não precisavam do passado mais do que o passado precisava deles.

Porém, Serena continuava tendo pesadelos. Ela nunca falava sobre o que a atormentava, nem quando Pemberton questionava nem quando ele a puxava para junto de si, debatendo-se durante o sono, como se a salvasse de um mar agitado. Só podia ser algo relacionado ao que acontecera com a família dela no Colorado. Claro que as outras pessoas que a conheciam se surpreenderiam se vissem como Serena parecia uma criança nesses momentos, como se agarrava desesperada a ele, gemendo até conseguir adormecer de novo.

Ele ouviu a porta que dava para a cozinha bater. Era um funcionário saindo para despejar uma tina de água cinzenta, usada para lavar pratos e utensílios, em uma vala que cheirava a gordura e restos de comida. O último lenhador já tinha desaparecido na floresta. Logo Pemberton começou a escutar as primeiras machadadas dos homens que iam na dianteira abrindo um V nas árvores, um som que lembrava tiros de rifle ricocheteando pelo vale. Mais alguns hectares de floresta do condado de Haywood sendo abatidos.

Àquela altura, os escolhidos para derrubar o freixo já haviam chegado com suas ferramentas. Os três agacharam-se em frente à árvore como se estivessem em volta de uma fogueira, confabulando entre si sobre a melhor forma de começar. Campbell foi até eles, respondeu às suas perguntas com palavras escolhidas de forma a soarem mais como sugestões do que como ordens. Depois de alguns minutos, ele se levantou. Virou-se para o alpendre e acenou com a cabeça para Pemberton, lançando-lhe um olhar para comunicar que cumprira sua tarefa. Seus olhos cor de avelã eram amendoados, como os de um gato. Pemberton considerava aquele formato condizente com sua personalidade: Campbell não só era atento a detalhes periféricos como também cauteloso, por isso, mesmo com quase quarenta anos, continuava naquele cargo em que o descuido raramente era perdoado. Pemberton aquiesceu, e Campbell seguiu ao longo dos trilhos para falar com o maquinista. Pemberton observou-o se afastar, notando que mesmo aquele homem tão cuidadoso tinha um dedo anular faltando. Eram tantas partes do corpo sendo decepadas que, se fosse possível unir todas, eles ganhariam um trabalhador todo mês, brincara certa vez o Dr. Cheney.

A equipe encarregada logo mostrou por que havia sido escolhida por Campbell. O lenhador-chefe pegou o machado e, com dois cortes precisos, fez um entalhe a trinta centímetros do chão. Os dois serradores se ajoelharam,

seguraram os cabos de nogueira da serra com as duas mãos e começaram o trabalho, lascas de córtex se quebrando e rachando com os dentes de aço. Os homens ganharam ritmo, e logo a serragem se amontoava a seus pés como a areia de uma ampulheta. Pemberton sabia que as serras horizontais eram chamadas de “chicotes do mal” por causa do desgaste dos trabalhadores que as manuseavam, mas ao observar aqueles homens parecia que eles não faziam esforço algum, como se deslizassem a lâmina por duas pranchas porosas. Quando a serra começou a emperrar, o lenhador-chefe usou sua grande marreta para fincar uma cunha. Em quinze minutos a árvore estava no chão.

Pemberton entrou e verificou algumas faturas, olhando de vez em quando na direção do monte Noland. Ele e Serena não tinham ficado mais que alguns minutos separados desde a cerimônia de casamento. A ausência dela tornava a papelada ainda mais tediosa, o recinto ainda mais vazio. Pemberton lembrou-se de como ela o tinha acordado naquela manhã, com um beijo nas pálpebras, a mão repousando de leve em seu ombro. Serena também estava sonolenta ainda, e, quando ela o enlaçou languidamente em seus braços, foi como se ele tivesse saído de seu sonho e juntos tivessem entrado em outro, um melhor e mais vívido.

Serena passara a manhã toda fora, explorando as redondezas, conhecendo os trabalhadores, os córregos e as cordilheiras.

Quando o relógio sobre o aparador tocou ao meio-dia, o Studebaker de Harris estacionou ao lado do escritório. Deixando as faturas na mesa, Pemberton saiu para falar com ele. Tal como Pemberton, Harris se vestia pouco melhor que seus funcionários, o único sinal de sua riqueza sendo um grosso anel de ouro na mão direita, com uma elegante safira azul tão brilhante quanto seus olhos. Ele tinha setenta anos, Pemberton sabia, mas seu viçoso cabelo prateado e suas cintilantes obturações de ouro eram indícios de um homem nada enferrujado.

— E então, onde ela está? — perguntou Harris ao subir até o alpendre. — Uma mulher tão impressionante como a que você descreveu não pode ficar escondida.

Harris parou e abriu um sorriso, virando levemente a cabeça para o lado, o olho direito fixo em Pemberton, como que para enxergar melhor um alvo.

— Pensando bem, talvez seja melhor escondê-la. Se ela é tudo isso que você fala...

— Você vai ver — disse Pemberton. — Ela está no Noland. Podemos ir até lá a cavalo.

— Não tenho tempo para isso. Por mais que eu queira conhecê-la, esse parque ridículo tem prioridade. Nosso estimado secretário do Interior conseguiu que Rockefeller doasse cinco milhões. Agora Albright tem certeza de que pode seduzir a Champion.

— Você acha que eles vão vender?

— Não sei, mas só o fato de estarem ouvindo as propostas já anima não só o secretário Albright como todos os demais, aqui e em Washington. Já começaram a expulsar fazendeiros de suas terras no Tennessee.

— Essa questão precisa ser resolvida de uma vez — afirmou Pemberton.

— Sem a menor dúvida. Estou tão cansado quanto você de ficar enchendo os bolsos desses rábulas de Raleigh.

Harris pegou o relógio do bolso e viu que horas eram.

— Mais tarde do que eu imaginava — disse ele.

— Você conseguiu dar uma olhada na região da serra de Glencoe? — perguntou Pemberton.

— Vá ao meu escritório no sábado de manhã e podemos ver essa questão juntos. Leve sua esposa. — Ele fez uma pausa para lançar um olhar de aprovação na direção dos tocos e galhos caídos no vale. — Você está fazendo um bom trabalho aqui, apesar desses dois janotas que tem como sócios.

Pemberton não voltou para o escritório quando Harris se foi, preferindo ir a cavalo até o monte Noland. Encontrou Serena almoçando com dois supervisores. Entre uma mordida no sanduíche e outra, eles discutiam se valeria a pena investir em uma segunda empilhadeira. Pemberton apeou do cavalo e foi até eles.

— O freixo já está na serraria — anunciou ao se sentar ao lado dela —, portanto Campbell vai ter as medidas lá pelas cinco e meia.

— Alguém mais apostou com você?

— Não.

— Algum de vocês quer apostar? — perguntou Serena aos supervisores.

— Não, senhora — respondeu o funcionário mais velho. — Eu que não vou apostar com a senhora em nada que diga respeito à madeira. Hoje de manhã talvez fizesse isso, mas não agora, depois de ter nos mostrado o truque com o afogador.

O mais jovem apenas negou com a cabeça.

Terminada a refeição, os dois homens foram reunir suas equipes. Logo o som dos machados e das serras preencheu a mata ao redor. O árabe relinchou, e Serena foi até ele para afagar sua crina. Com um pouco de conversa o cavalo se acalmou.

— Harris deu uma passada lá no escritório — informou Pemberton. — Quer ir conosco até a serra de Glencoe no sábado para dar uma olhada na região.

— Será que ele está em busca de algo mais além de cobre e caulim?

— Duvido — respondeu Pemberton —, apesar de já terem encontrado uma pequena quantidade de ouro nos riachos do condado. Há minas de rubi e safira

perto de Franklin, mas ficam a sessenta quilômetros daqui.

— Espero que ele encontre alguma coisa — disse Serena, aproximando-se para pegar na mão do marido. — Vai ser um novo começo para nós, nossa primeira parceria de verdade.

Pemberton sorriu.

— E com Harris.

— Por enquanto.

No caminho de volta à sede, Pemberton lembrou-se de uma tarde em Boston, quando ele e Serena estavam na cama, entre lençóis úmidos e amarfanhados. O terceiro, talvez o quarto dia em que a via. Com a cabeça apoiada no ombro dele e a mão esquerda em seu peito, ela perguntara:

— Depois da Carolina, onde vai ser?

— Ainda não pensei assim tão para a frente — respondeu ele.

— "Pensei"? Por que não "pensamos"?

— Bem, já que é "pensamos" — observou Pemberton, de brincadeira —, vou deixar que você responda à pergunta.

Serena levantou a cabeça e olhou nos olhos dele.

— Brasil. Eu andei pesquisando. Florestas virgens de mogno e nenhuma lei que não sejam as da natureza.

— Muito bem — concordou Pemberton. — Agora a única decisão que "nós" precisamos tomar é sobre onde vamos jantar. Já que você decidiu todo o resto, isso eu posso escolher?

Ela não respondeu. Preferiu pressionar a mão no peito de Pemberton, medindo a pulsação dele.

— Eu tinha ouvido falar do seu coração forte, destemido — disse ela. — E é verdade.

— Então você também pesquisa homens, além de campos madeireiros?

— É claro.

. . .

Às seis horas, todos os funcionários se reuniram em frente ao escritório. A maioria das equipes de corte consistira de três homens, mas um grupo que tivesse perdido um de seus componentes em geral se juntava a outro, um arranjo que nem sempre era temporário. Snipes assumira a liderança de uma dessas equipes, pois o outro supervisor, Stewart, era um trabalhador diligente mas pouco inspirado como timoneiro, que ficou mais do que aliviado em ser

destituído do papel de líder.

Fazia parte da equipe de Snipes um pastor leigo analfabeto chamado McIntyre, que gostava de fazer vigorosos pronunciamentos sobre o apocalipse iminente. Ele aproveitava qualquer oportunidade para expressar seus pontos de vista, em especial ao reverendo Bolick, um clérigo presbiteriano que prestava serviços no acampamento da serraria nas noites de quarta-feira e nas manhãs de domingo. O reverendo Bolick considerava seu confrade teólogo não apenas detestável como demente e atravessava a rua para não ter que encontrar com ele, como faziam aliás quase todos os seus colegas de trabalho. McIntyre passara a manhã toda ausente por conta de um desarranjo intestinal, mas aparecera ao meio-dia para trabalhar. Quando viu Serena de pé no alpendre do escritório, usando calças, engasgou com a hortelã que mascava para aliviar o estômago.

— Lá está ela — trovejou McIntyre —, a meretriz da Babilônia em carne e osso.

Dunbar, o mais jovem dos operários (tinha apenas dezenove anos), olhou na direção do alpendre sem entender. Então virou-se para McIntyre, que usava o chapéu e o casaco puído pretos típicos de um pregador mesmo nos dias mais quentes, como sinal de sua verdadeira fé.

— Onde? — perguntou Dunbar.

— Bem ali no alpendre, fogosa como Jezebel.

Stewart, que, com a mulher e a irmã de McIntyre, formava toda a congregação do pastor leigo, virou-se para seu ministro e perguntou:

— Por que está dizendo uma coisa dessas, pastor?

— A calça dela — proclamou McIntyre. — O Apocalipse diz que a meretriz da Babilônia surgirá nos últimos dias usando calça.

Ross, um homem sorumbático não muito chegado à lenga-lenga de McIntyre, olhou para o pastor como se ele fosse um chimpanzé que tivesse surgido no meio deles e começado a tagarelar.

— Eu li o Apocalipse mais de uma vez, McIntyre — disse Ross —, mas acho que nunca vi esse versículo.

— Não está na versão traduzida — argumentou McIntyre —, mas no original em grego.

— E você lê grego? — perguntou Ross. — Isso é muito espantoso para um homem que não sabe ler nem inglês.

— Bem, não — respondeu McIntyre, devagar. — Não leio grego, mas ouvi isso de quem lê.

— Ouviu de quem lê — repetiu Ross, balançando a cabeça.

Snipes tirou o cachimbo barato da boca para falar. O macacão que vestia estava tão gasto e cheio de remendos que o jeans original tornara-se apenas uma

vaga lembrança, mas ele nem tentara adicionar novas cores à antiga — ao contrário dos macacões dos supervisores, em geral remendados com uma conflagração de tecidos amarelos, verdes, vermelhos e cor de laranja. Snipes considerava-se um homem culto e argumentava que, já que cores variadas e fortes eram conhecidas na natureza por alertar outras criaturas sobre determinado perigo, esses remendos alertariam não só animais nocivos, tanto grandes quanto pequenos, como também poderiam atrair galhos soltos prestes a cair, ou mesmo raios. Ele segurou o cachimbo à sua frente, examinando-o por um momento, depois ergueu a cabeça.

— Existem diferenças em todos os idiomas do mundo — disse ele com ar de sabedoria. Parecia prestes a expor seu ponto de vista quando Ross levantou a mão aberta.

— Lá vem o resultado — anunciou Ross. — Pode se preparar para esvaziar o bolso, Dunbar.

Campbell subiu no toco do freixo abatido e tirou um bloco do bolso do casaco. Os homens ficaram em silêncio. O supervisor não fitava nem os funcionários nem os proprietários. Não desviou os olhos do bloco enquanto falava, como se assim eliminasse qualquer favoritismo ao ler o veredicto.

— A Sra. Pemberton ganhou por dez metros — disse Campbell e desceu sem mais comentários.

Os homens começaram a debandar; os que tinham apostado e ganhado, como Ross, andavam com mais leveza que os perdedores. Logo só sobraram aqueles que ficaram observando do alpendre.

— É motivo para comemorarmos com o nosso melhor scotch — sentenciou Buchanan.

Ele e Wilkie acompanharam o Dr. Cheney e os Pemberton até o escritório. Passaram pela primeira sala e entraram em uma menor, com um balcão de bar em uma parede e uma comprida mesa de jantar no centro, rodeada por uma dúzia de cadeiras com braços estofadas de espaldar baixo. O aposento tinha uma lareira de pedras e uma única janela. Buchanan foi para trás do balcão e colocou uma garrafa de Glenlivet e uma de água com gás no tampo de madeira laqueada. Pegou cinco copinhos Steuben e encheu um pote de prata com salgadinhos que estavam no refrigerador.

— Eu chamo esse lugar de Sala de Recuperação — disse o Dr. Cheney a Serena. — A senhora pode ver que está bem fornido de todo tipo de álcool. Considero que é o suficiente para as minhas necessidades médicas.

— O Dr. Cheney não precisa de outra sala de recuperação, pois os pacientes de um bom médico dificilmente precisam se recuperar — disse Buchanan de trás do balcão. — Conheço as preferências desses velhacos, mas não as suas, Sra.

Pemberton.

— O mesmo para mim.

Todos se sentaram, menos Buchanan. Serena examinou a mesa, passou os dedos da mão esquerda pela superfície.

— Um pedaço maciço de nogueira — comentou, em tom elogioso. — A árvore era daqui de perto?

— Deste mesmo vale — respondeu Buchanan. — Trinta e cinco metros de altura. Nunca mais encontramos uma tão grande.

Tirando os olhos da mesa, ela pôs-se a observar todo o cômodo.

— Receio que o salão seja um tanto austero, Sra. Pemberton — comentou Wilkie —, mas é confortável, até aconchegante de certa forma, especialmente no inverno. Esperamos que nos acompanhe em nossos jantares aqui, o que nós quatro vínhamos fazendo antes de termos o prazer de sua chegada.

Serena assentiu, ainda avaliando o ambiente.

— Excelente — disse o Dr. Cheney. — A beleza de uma mulher pode abrilhantar muito este ambiente apagado.

Ao entregar a bebida a ela, Buchanan disse:

— Pemberton comentou comigo sobre o infeliz falecimento dos seus pais, na epidemia de gripe de 1918, mas a senhora tem algum irmão?

— Tinha um irmão e duas irmãs. Também morreram.

— Todos devido à epidemia? — perguntou Wilkie.

— Sim.

O bigode de Wilkie tremeu levemente, e seus olhos turvos se entristeceram.

— Quantos anos você tinha, querida?

— Dezesseis.

— Também perdi uma irmã nessa epidemia, a mais nova — disse Wilkie a Serena —, mas perder a família inteira, ainda tão nova... Nem consigo imaginar.

— Também sinto muito pelas suas perdas, mas sua sorte de ter sobrevivido agora é também nossa — gracejou o Dr. Cheney.

— Foi mais do que sorte — replicou Serena. — O próprio médico disse isso.

— E a que meu colega de profissão atribuiu a sua sobrevivência?

Serena o encarou fixa mas tranquilamente, os olhos tão inexpressivos quanto seu tom de voz ao responder:

— Ele disse que eu simplesmente me recusei a morrer.

O Dr. Cheney inclinou a cabeça devagar, como se tentasse ver alguma coisa além de uma esquina. Fitou Serena com curiosidade, mantendo as espessas sobrancelhas erguidas por alguns instantes, depois relaxou. Buchanan trouxe as bebidas para a mesa e se sentou. Pemberton levantou o copo e abriu um sorriso para aliviar a tensão.

— Um brinde a mais uma vitória da diretoria contra a força de trabalho — falou.

— Um brinde à Sra. Pemberton também — acrescentou o Dr. Cheney. — É da natureza do sexo frágil carecer da capacidade analítica masculina, mas, ao menos neste caso, a senhora compensou essa fraqueza de alguma forma.

As feições de Serena se contraíram, mas a irritação desapareceu tão rápido quanto surgira, afastada de seu rosto como uma mecha de cabelo rebelde.

— Meu marido diz que o senhor nasceu nestas montanhas, em um lugar chamado Wild Hog Gap — comentou Serena a Cheney. — É óbvio que seus pontos de vista sobre o sexo feminino foram formados pelas mulheres indolentes com quem foi criado, mas garanto que nossa natureza é mais complexa do que sua limitada experiência permite entender.

Como que puxados por um anzol, os cantos da boca do Dr. Cheney franziram-se em um sorriso desgostoso.

— Meu Deus, você se casou com uma mulher atrevida — brincou Wilkie, erguendo o copo na direção de Pemberton. — Este lugar vai ficar mais vibrante.

Buchanan pegou a garrafa de scotch e a pôs sobre a mesa.

— Já esteve por estas bandas antes, Sra. Pemberton? — perguntou.

— Não, nunca.

— Como pode ver, estamos meio isolados aqui.

— Meio isolados! — exclamou Wilkie. — Às vezes me sinto como um exilado na Lua.

— Asheville fica a apenas setenta e cinco quilômetros — observou Buchanan. — Tem seus encantos urbanos.

— É verdade — interveio o Dr. Cheney. — Tem inclusive diversos sanatórios para tuberculose.

— E sem dúvida já ouviu falar da mansão de George Vanderbilt — continuou Buchanan. — Também fica lá.

— Biltmore é de fato impressionante — concedeu Wilkie —, um autêntico castelo francês, Sra. Pemberton. Olmsted veio de Brookline só para criar o projeto. A filha de Vanderbilt, Cornelia, é quem mora lá agora, com o marido, um britânico chamado Cecil. Estive uma vez na casa deles. Pessoas muito agradáveis.

Wilkie fez uma pausa para esvaziar seu copo e o colocou na mesa. Suas faces estavam rosadas pelo efeito do álcool, mas Pemberton sabia que era a presença de Serena que o deixava ainda mais loquaz do que o normal.

— Hoje ouvi uma frase digna dos seus registros, Buchanan — prosseguiu Wilkie. — Dois operários estavam perto da represa discutindo uma luta e falando sobre como um lutador “empenou” o outro. Aparentemente, significa

que lhe causou sérios danos físicos.

Buchanan pegou uma caneta-tinteiro e um caderno de capa de couro preta do bolso interno do paletó. Escreveu “empenar”, seguido de um ponto de interrogação. Soprou a tinta e fechou o caderno.

— Duvido que isso tenha a ver com as Ilhas Britânicas — comentou Buchanan. — Talvez seja um coloquialismo relacionado a brigas de galo.

— Kephart saberia, sem dúvida — disse Wilkie. — Já ouviu falar dele, Sra. Pemberton, o nosso Thoreau local? Buchanan aqui é um grande admirador do trabalho dele, apesar de Kephart estar por trás dessa porcaria de parque nacional.

— Vi os livros dele na vitrine da Grolier’s — respondeu Serena. — Como podem imaginar, todos ficaram muito surpresos por um homem de Harvard virar um personagem como Natty Bumppo.

— Além de ter sido bibliotecário em Saint Louis — observou Wilkie.

— Bibliotecário e escritor — disse Serena. — E ainda quer nos impedir de colher a própria matéria de que são feitos os livros.

Pemberton virou seu segundo copo de scotch e sentiu o álcool descer suavemente pela garganta, o calor que lhe irradiava por dentro acentuando seu contentamento. Sentia-se maravilhado com o milagre de aquela mulher, que ele nem sabia que existia quando deixara o vale três meses antes, ser agora sua esposa. Colocou a mão direita sobre o joelho dela, e não o surpreendeu que a mão esquerda dela viesse repousar sobre o dele. Serena inclinou-se em sua direção e por alguns segundos aninhou a cabeça entre o seu pescoço e o ombro. Pemberton não conseguia pensar em nada capaz de tornar aquele momento ainda melhor — exceto, talvez, se os dois estivessem a sós.

Às sete horas, dois empregados da cozinha puseram a mesa, com um jogo de porcelana Spode, talheres de prata e guardanapos de linho. Saíram e retornaram empurrando um carrinho carregado de cestas de vime com biscoitos amanteigados e uma bandeja de prata cheia de carne, além de grandes terrinas de cristal Steuben transbordando de batatas, cenouras e abóboras e diversas pastas e temperos.

Estavam no meio da refeição quando Campbell, que até então estava debruçado sobre uma calculadora na primeira sala, apareceu à porta.

— Preciso saber se os Pemberton vão manter a aposta com Bilded. Por causa da folha de pagamento.

— Alguma razão para não fazermos isso? — perguntou Pemberton.

— Ele tem mulher e três filhos.

As palavras foram enunciadas sem nenhuma inflexão, a expressão de Campbell não revelando absolutamente nada. Pemberton imaginou, não pela primeira vez, como seria jogar pôquer com aquele homem.

— Melhor ainda — disse Serena. — Será um ótimo exemplo para os outros.

— E ele continua como supervisor? — indagou Campbell.

— Sim, pelas próximas duas semanas — respondeu Serena, olhando para Pemberton e não para Campbell.

— E depois?

— Será demitido — decidiu Pemberton. — Mais uma lição para esses homens.

Campbell assentiu e voltou para o escritório, fechando a porta atrás de si. Os estalidos, ruídos de engrenagem e pausas da calculadora prosseguiram.

Buchanan fez menção de falar, mas desistiu.

— Algum problema, Buchanan? — perguntou Pemberton.

— Não — respondeu ele depois de um tempo. — Não estou envolvido nessa aposta.

— Você percebeu como Campbell tentou influenciá-lo sem fazer isso diretamente? — comentou o Dr. Cheney. — Ele é muito inteligente com essas coisas, não acha?

— Sim — concordou Pemberton. — Fossem outras as circunstâncias, ele poderia ter estudado em Harvard. Talvez, diferente de mim, conseguisse até se formar.

— Mas sem a sua experiência nas tavernas de Boston — observou Wilkie —, você poderia ter sido vítima de Abe Harmon e sua faca de caça.

— Isso é verdade — aquiesceu Pemberton —, mas o ano em que pratiquei esgrima em Harvard também contribuiu para essa educação.

Serena ergueu a mão até o rosto dele e passou o dedo indicador pela fina cicatriz esbranquiçada na sua face esquerda.

— Uma *Fechtwunde* impressiona mais que um diploma — disse ela.

Os empregados da cozinha entraram trazendo amoras com creme. Ao lado da tigela de Wilkie, uma das mulheres colocou um copo com água e garrafinhas de medicamentos e tônicos ferrosos, além de uma latinha de pastilhas de enxofre. Poções para o refluxo estomacal e a anemia de Wilkie. Depois de servir o café, os empregados deixaram o cômodo.

— Mas já notei que é uma mulher muito culta, Sra. Pemberton — observou Wilkie. — Seu marido diz que a senhora tem um impressionante conhecimento nas áreas de artes e filosofia.

— Meu pai providenciava professores particulares para me ensinar. Eram todos britânicos, formados em Oxford.

— O que explica a inflexão e a cadência britânicas na sua fala — destacou Wilkie, em tom de aprovação.

— E sem dúvida também a frieza em seu tom — acrescentou o Dr. Cheney

enquanto adicionava leite ao seu café —, que apenas os não esclarecidos veriam como falta de sentimentos em relação aos outros, inclusive à própria família.

Wilkie torceu o nariz em contrariedade.

— Seria não apenas falta de esclarecimento pensar tal coisa — observou —, mas também crueldade.

— Com certeza — reforçou o Dr. Cheney, seus lábios carnudos ovalando de forma contemplativa. — Falo apenas como alguém que não teve o privilégio de usufruir das vantagens de professores particulares britânicos.

— Seu pai deve ter sido um homem notável — disse Wilkie, voltando a olhar para Serena. — Gostaria de saber mais sobre ele.

— Por quê? — retrucou ela, aparentemente sem entender. — Ele já morreu, não tem mais utilidade para nenhum de nós.

TRÊS

O orvalho escurecia a bainha do vestido de algodão xadrez de Rachel Harmon enquanto ela andava pelo quintal, a grama fresca e escorregadia sob seus pés descalços roçava-lhe os tornozelos nus. Jacob aninhava-se em seu braço esquerdo, e na mão direita ela carregava uma sacola de pano. O menino tinha crescido muito em apenas seis semanas. As feições também tinham se transformado, o cabelo ficara não só mais grosso como também mais escuro, e os olhos, que eram azuis logo após o nascimento, estavam agora amarronzados como castanhas. Ela não sabia que essas coisas podiam acontecer aos olhos de um bebê, e isso a perturbava, pois lembravam-na dos olhos vistos pela última vez na estação de trem. Rachel contemplou a estrada onde ficava a sede da fazenda da viúva Jenkins e viu a coluna de fumaça saindo da chaminé, o que confirmava que a velha senhora estava em casa. A criança contorcia-se dentro da manta que a protegia do vento da manhã fria.

— Você está de barriga cheia e com fraldas limpas — sussurrou para o bebê —, por isso não há razão para ficar inquieto.

Ela apertou a manta no corpinho dele. Passou o dedo indicador pela gengiva de Jacob, que fechou a boca em torno do dedo da mãe para sugar. Quando será que os dentes iriam nascer? Mais uma pergunta a ser feita à viúva.

Rachel seguiu a longa curva que a estrada fazia em direção ao rio. Ainda havia gotas de orvalho nas hortênsias que cresciam nas margens. Uma grande aranha amarela e preta pendia do centro de sua teia, e Rachel se lembrou do que o pai sempre dizia, que se alguém vê sua inicial tecida na teia é porque vai morrer. Ela não olhou mais de perto para a aranha, preferindo fitar o céu para ver se não havia nuvens acumuladas no oeste, para o lado da Clingman’s Dome. Subiu para o alpendre da viúva e bateu à porta.

— Está aberta — gritou lá de dentro a velha senhora, e Rachel entrou.

O odor gordurento de toucinho permeava a cabana, uma cortina de fumaça vagando pelos limites do recinto. A viúva Jenkins levantou-se lentamente de uma cadeira junto à lareira.

— Deixe-me segurar esse rapazinho.

Rachel dobrou os joelhos para pôr a sacola no chão. Ajeitou a criança nos braços e a entregou.

— Ele está agitado hoje — disse Rachel. — Tenho para mim que os dentes estão começando a nascer.

— Minha menina, dentes só aparecem nos bebês depois de seis meses — ralhou a viúva Jenkins. — Pode ser cólica, assadura ou alguma brotoeja. Tem é coisa capaz de fazer um bebezinho assim sentir desconforto, mas não são os dentes.

A senhora ergueu Jacob e examinou seu rosto. Os óculos de armação dourada que ela usava faziam seus olhos aumentarem como se estivessem prestes a saltar das órbitas.

— Falei para o seu pai se casar de novo para você ter uma mãe, mas ele não me deu ouvidos — disse a viúva Jenkins. — Se tivesse feito isso, você saberia alguma coisa sobre bebês, talvez o suficiente para não cair na conversa do primeiro homem a piscar e sorrir para você. Você ainda é uma criança e não sabe nada do mundo, garota.

Rachel fitava o assoalho de madeira enquanto ouvia, como vinha fazendo nos últimos dois meses. Algumas pessoas no enterro do pai tinham lhe dito mais ou menos a mesma coisa, assim como a velhinha que fizera o parto de Jacob e mulheres da cidade que nunca a tinham notado antes. Falavam para o bem dela, todas alegavam, falavam porque se preocupavam com ela. Algumas, como a viúva Jenkins, se preocupavam de verdade, mas Rachel sabia que as outras falavam só por despeito mesmo. Ela as via curvarem os lábios para baixo, tentando parecer tristes e sérias, mas tinham sempre um olhar meio maldoso.

A senhora sentou-se novamente na cadeira e acomodou Jacob no colo.

— Uma criança precisa ter o nome do pai — disse ela, como se Rachel ainda tivesse cinco anos e não quase dezessete. — Só assim ele terá um sobrenome e não precisará passar a vida explicando por que não tem.

— Ele tem um sobrenome — retrucou Rachel, erguendo os olhos do chão para a velha —, e que eu saiba Harmon é bastante bom.

Por algum tempo ouviu-se apenas o som do crepitar do fogo, chiados e estalidos seguidos pelo desabar da casca cinzenta de um pedaço de tronco, que espalhou uma nuvem de cinzas e centelhas para fora da lareira. Quando a viúva Jenkins voltou a falar, usou um tom mais brando:

— Tem razão. Harmon é um bom sobrenome, e uma velha como eu não deveria precisar ser lembrada disso.

Rachel pegou na sacola a mamadeira, fraldas limpas e uma garrafa do leite que tinha ordenhado mais cedo. Pôs tudo em cima da mesa.

— Volto assim que puder.

— Você precisando vender o cavalo e a vaca para se manter enquanto quem causou tudo isso é mais rico que um rei — disse a viúva Jenkins, com tristeza. — Esse mundo é um lugar muito difícil. Não me admira que os bebês chorem ao chegar. Lágrimas desde o começo da vida.

Rachel voltou para o celeiro pela estrada e parou na porta. Deixou o olhar percorrer as vigas e as paredes, lembrando-se, como sempre fazia, do morcego que a tinha assustado tanto anos antes. Ouviu as galinhas cacarejando lá no fundo em seus ninhos e lembrou-se de colher os ovos assim que voltasse. Seus olhos se ajustaram à escuridão do celeiro, e lentamente os objetos foram ganhando forma e solidez — um balde de leite enferrujado, a saca de pó contra piolhos-de-galinha, uma roda de vagão apodrecendo. Deu uma última olhada e entrou de uma vez, levantou a sela do cavalete e dirigiu-se à baia do meio. O cavalo de tração estava dormindo, seu peso distribuído de tal forma que o casco direito formava um ângulo. Rachel deu um tapinha nas ancas do animal para anunciar sua presença, antes de colocar o saco de aniagem no alforje. Amarrou também a picareta na sela.

— Temos uma longa viagem a fazer, Dan — disse ela ao cavalo.

Em vez de pegar a estrada que passava atrás da casa da viúva Jenkins, Rachel seguiu o riacho Rudisell montanha abaixo até o ponto em que o curso d’água encontrava o rio Pigeon. O caminho tinha sua largura reduzida pelos muitos e extensos galhos que pendiam sob o peso das frutinhas silvestres roxas e douradas, de cores vívidas como se estivessem diretamente sob a luz do sol. Rachel sabia que, mais para dentro do bosque, as folhas de ginseng logo começariam a mostrar seu brilho também. Era a época mais bonita do ano, ela sempre achara; mais que o outono e até que a primavera, quando os ramos dos cornisos balançavam e faiscavam como se abrigassem nuvens de borboletas brancas.

Dan seguia com cuidado pela trilha, gentil e cuidadoso com Rachel como sempre. O pai o tinha comprado um ano antes de ela nascer, e mesmo em suas maiores bebedeiras ou acessos de raiva nunca maltratara o animal, nunca o chutara ou xingara, nunca se esquecera de lhe dar água ou alimento. Vendê-lo seria mais um elo que perderia com o pai.

Ela e Dan pegaram a estrada de terra e seguiram o rio no sentido sul, em direção a Waynesville, o sol despontando pelo lado de seu ombro direito. Minutos depois, Rachel ouviu um automóvel a certa distância, o coração disparado ao constatar que o veículo que estava vindo na sua direção era verde. Mas não era o Packard, e ela sentiu vergonha por mesmo agora uma parte dela ainda ter tido a esperança de que fosse o Sr. Pemberton vindo à serra de Colt

para acertar as coisas de alguma maneira. O mesmo ocorrera quando fora à missa de domingo na igreja do acampamento, duas semanas antes, quando ficara vagueando perto da porta do salão de jantar com Jacob nos braços, torcendo para que ele aparecesse por ali.

O carro seguiu adiante fazendo barulho, deixando um rastro de pó cinza. Pouco depois ela passou pela sede de pedra de uma fazenda, a fumaça da lareira subindo em espiral pela chaminé; nos campos, plantações de repolho e pés de milho mais altos que ela, e, mais para perto da estrada, abóboras e abobrinhas, com seus tufos de folhagens viçosas. Tudo aquilo ilustrava o tipo de colheita que eles teriam na serra de Colt no outono se seu pai estivesse vivo para cuidar da lavoura. Uma carroça vinha na direção contrária, duas crianças na parte de trás com as pernas balançando para fora. Encararam Rachel com gravidade, como se sentissem tudo o que tinha acontecido com ela nos últimos meses. A estrada a partir dali ficava plana e passava a apontar mais para o rio Pigeon. À luz oblíqua da manhã, o rio cintilava como um veio de ouro flutuante. Ouro de tolo, pensou ela.

Ela se lembrou do último mês de agosto, quando passara a levar o almoço do Sr. Pemberton à casa dele. Joel Vaughn, que crescera com ela na serra de Colt, esperava no alpendre. Era trabalho de Joel garantir que ninguém interrompesse o Sr. Pemberton após a chegada dela, e, ainda que ele nunca tivesse dito uma palavra, seu rosto sempre apresentava uma expressão preocupada quando ele abria a porta da casa. O Sr. Pemberton a esperava no quarto, como de costume. Rachel cruzava a casa observando a luz elétrica, o refrigerador, a mesa elegante e as cadeiras estofadas. Estar em um lugar repleto de maravilhas, mesmo que só por meia hora, fazia com que ela se sentisse da mesma forma que quando devorava um catálogo da Sears. Só que melhor, pois não era uma imagem ou descrição, mas coisas de verdade, bem à sua frente. No entanto, não fora isso que a levara para a cama do Sr. Pemberton. Ele a havia notado, escolhido Rachel entre todas as outras garotas que trabalhavam no acampamento, inclusive entre suas amigas Bonny e Rebecca, tão jovens quanto ela. Rachel acreditava estar apaixonada na época, mas como ele fora o único homem que já tinha beijado e, claro, o único com quem dormira, como poderia saber? Talvez a viúva tivesse razão, pensou ela. Se sua mãe não tivesse saído de casa quando ela estava com apenas cinco anos, talvez hoje soubesse melhor o que fazer.

Ou não, disse Rachel a si mesma. Afinal, tinha ignorado os olhares alertas não só de Joel como os do Sr. Campbell, que balançou a cabeça negativamente ao vê-la entrando uma vez na casa com a bandeja. Rachel apenas sorrira diante dos olhares severos que as mulheres da cozinha, todas mais velhas, lhe lançavam cada vez que ela voltava. Quando um dos cozinheiros lhe dizia uma gracinha,

como *Parece que ele não está com muito apetite hoje, ao menos não de comida*, Rachel corava e baixava os olhos, mas mesmo nesses momentos parte dela ainda sentia orgulho de si. E não era muito diferente quando Bonny ou Rebecca cochichavam *Você está despenteada*, e as três davam risadinhas como se estivessem outra vez na escola primária e um garoto tivesse tentado beijar uma delas.

Um dia o Sr. Pemberton adormeceu antes de ela sair da cama dele. Rachel levantou-se devagar, para não despertá-lo, e saiu andando pela casa, cômodo por cômodo, tocando em tudo que via — o espelho oval de moldura dourada no quarto, o jarro e a bacia de prata no banheiro, o aquecedor de água Marvel no corredor, o refrigerador e o relógio de mostrador de carvalho da prateleira. O que mais a surpreendia era como aquelas maravilhas estavam dispostas pelos aposentos de forma tão casual. O mais espantoso, pensara Rachel, era que todos aqueles tesouros mal eram notados pelos outros. Ela se sentou em uma das cadeiras da sala e roçou os quadris e as costas no veludo macio. Era como estar sentada em uma nuvem.

Quando sua menstruação parou de vir, ela continuou acreditando que fosse outra coisa e não contou nada ao Sr. Pemberton nem a Bonny ou Rebecca, apesar de um mês se transformar em três, depois em quatro. Virá a qualquer momento, dizia ela a si mesma, mesmo após vomitar e os vestidos começarem a ficar apertados na cintura. Por volta do sexto mês, o Sr. Pemberton viajou para Boston. Pouco depois, ela não precisou mais contar a ninguém, pois, apesar do avental largo, a barriga mostrava toda a verdade, não só a todos no acampamento como também a seu pai.

Perto de Waynesville, a estrada de terra encontrava a estrada de Asheville. Rachel desmontou. Puxou o cavalo pelas rédeas e entrou na cidade guiando-o a pé. Ao passar pela delegacia, viu duas mulheres paradas à porta da mercearia Scott. As duas interromperam a conversa para ver Rachel passar, lançando-lhe olhares severos e reprovadores. Ela amarrou Dan em frente ao empório de rações e sementes do Sr. Donaldson e entrou para dizer ao comerciante que aceitava sua oferta pelo cavalo e pela vaca.

— E o senhor só vai buscar os animais no fim de semana, certo?

Ele assentiu, mas não abriu a caixa registradora.

— Eu tinha esperança de que o senhor pudesse me pagar agora — disse Rachel.

O Sr. Donaldson tirou três notas de dez dólares da caixa e entregou a ela.

— Só não vá deixar esse cavalo aleijado antes de eu buscá-lo.

Rachel guardou o dinheiro em uma bolsinha de moedas que carregava no bolso do vestido.

— Não quer comprar a sela também?

— Não preciso de sela — respondeu bruscamente o comerciante.

Rachel atravessou a rua para ir à loja do Sr. Scott. Ele lhe mostrou a conta, um valor maior do que o esperado, embora ela não soubesse dizer o quanto exatamente esperava. Guardou na bolsinha as duas notas de um dólar e as moedas de dez centavos que sobraram e foi até a farmácia. Ao sair, restavam-lhe apenas as moedas.

Ela desamarrou Dan e foi caminhando com o cavalo. Passaram pela cafeteria do Sr. Dodson, depois por mais duas pequenas vitrines, e estavam diante da delegacia quando alguém a chamou. O xerife McDowell surgiu à porta, não em suas melhores roupas de domingo como três meses antes, mas de uniforme, o distintivo prata preso na camisa cáqui. Enquanto ele se aproximava, Rachel se lembrou de como ele a abraçara naquele dia, ajudando-a a se levantar do banco e entrar na estação, de como a levara de volta à serra de Colt e, embora o dia não estivesse frio, acendera um pequeno fogo na lareira. Os dois ficaram juntos perto do fogo, sem falar nada, até a viúva Jenkins chegar para passar a noite com ela.

O xerife tocou o chapéu quando a alcançou.

— Não quero tomar o seu tempo. Só queria saber se você e a criança estão bem.

Rachel olhou nos olhos do xerife, notando mais uma vez a cor incomum deles. Cor de mel, não mortiço como o das abelhas que se alimentavam de trevos, mas de um âmbar mais escuro visível no mel de tília. Um tom afável e confortante. Procurou algum sinal de julgamento no olhar do xerife, mas não viu nada.

— Estamos indo bem — disse Rachel, embora as poucas moedas em sua bolsinha comprovassem o contrário.

Um Ford T passou fazendo barulho e o cavalo reagiu recuando para a calçada. O xerife e Rachel ficaram ali na rua por mais um tempo, sem falar nada, até ele tocar a aba do chapéu outra vez.

— Bem, como eu falei, só queria saber se está tudo bem. Se eu puder ajudar de alguma forma, é só dizer.

— Obrigada — disse Rachel, e, após uma pausa, acrescentou: — Naquele dia que meu pai foi morto, agradeço o que fez, principalmente por ter ficado comigo.

McDowell aquiesceu.

— Foi um prazer.

Enquanto o xerife voltava para seu gabinete, Rachel puxou as rédeas de Dan e seguiu seu caminho.

No final da rua, ela encontrou uma construção de madeira em cujo estreito quintal havia uma dúzia de lápides de mármore, todas sem inscrição e de vários

tons e tamanhos. Lá de dentro vinha o *tap tap tap* de alguém trabalhando com martelo e talhadeira. Ela amarrou o cavalo no poste mais próximo e atravessou o quintal atulhado de mármore. Parou diante da porta que encontrou aberta e sobre a qual estava escrito LUDLOW SURRATT — TALHADOR.

Um compressor de ar e um martelete pneumático ficavam perto da entrada; no centro do recinto via-se uma bancada de trabalho, com martelos e talhadeiras, um serrote de ponta e uma lousa rabiscada com palavras e números. Algumas das lápides que cobriam as quatro paredes tinham nomes e datas. Outras estavam quase totalmente em branco, a não ser por alguns símbolos, cruzes e volutas. O ar cheirava a calcário, o chão de barro esbranquiçado como que recoberto por uma fina camada de neve. Surratt estava sentado em uma cadeira baixa de madeira, uma lápide apoiada na bancada a sua frente. Usava um chapéu e um avental e trabalhava inclinado na direção do mármore, o martelo e a talhadeira a centímetros do seu rosto.

Rachel bateu na porta e ele se virou. Suas roupas, mãos e sobrancelhas estavam brancas de pó de mármore. Ele deixou as ferramentas na bancada, sem dizer uma palavra, e foi até o fundo da loja. Levantou a lápide de mármore de quarenta por trinta centímetros que Rachel havia encomendado uma semana após a morte do pai. Antes que ela pudesse falar algo, ele colocou o bloco de pedra trabalhado ao lado da porta, depois recuou um passo e se posicionou ao lado dela. Os dois observaram a lápide, o nome Abraham Harmon lavrado no mármore, debaixo da cruz gamada que Rachel tinha escolhido do catálogo.

— Acho que ficou muito bom — comentou ele. — Está satisfeita?

— Sim, senhor. Parece ótimo — concordou Rachel, mas depois hesitou. — O restante do pagamento... Eu pensei que teria, mas não tenho.

Surratt não pareceu muito surpreso por ouvir isso, e Rachel imaginou que ele já devia ter passado por situações semelhantes com outros clientes.

— Esta sela — disse Rachel, indicando o cavalo com a cabeça. — Posso dá-la ao senhor pelo que devo.

— Eu conhecia o seu pai. Alguns o consideravam impertinente demais, mas eu gostava dele — disse Surratt. — Vamos arranjar outra solução. Você vai precisar dessa sela.

— Não, senhor, não vou. Vendi meu cavalo ao Sr. Donaldson. Depois deste fim de semana não vou precisar mais dela.

— Depois do fim de semana?

— Sim, senhor. É quando ele vai buscar o cavalo e a vaca.

O talhador considerou aquela informação.

— Então eu aceito a sela e ficamos acertados assim. Diga a Donaldson para trazê-la quando for à sua casa. — Ele fez mais uma pausa, esperando passar

outro Ford T barulhento. — Quem você contratou para levar a lápide até lá?

Rachel pegou o saco de aniagem do alforje.

— Pensei em eu mesma levar.

— Ela pesa mais do que parece, quase quinze quilos — disse Surratt. — Vai rasgar um saco fino como esse. Além do mais, quando conseguir chegar lá ainda vai ter que colocá-la no lugar.

— Eu trouxe uma enxada. Se o senhor me ajudar a amarrá-la na alça da sela, eu consigo dar um jeito.

Surratt tirou um lenço vermelho do bolso de trás, fez uma careta e enxugou a testa. Guardou-o no bolso e voltou a olhar para Rachel.

— Quantos anos você tem?

— Quase dezessete.

— Quase?

— Sim, senhor.

Rachel achou que ele fosse dizer o mesmo que a viúva Jenkins, que ela era apenas uma criança e não sabia de nada. E, pensando bem, Rachel achou que ele teria razão. Como poderia argumentar depois de passar a manhã toda se enganando com tudo, desde a época em que nasciam os dentes do bebê até o preço das coisas?

Surratt se debruçou sobre a lápide e soprou a camada de pó branco que cobria uma das letras gravadas. Manteve a mão sobre o bloco de pedra por um momento, como que para verificar sua solidez uma última vez. Então se levantou e tirou o avental de couro.

— Não estou tão ocupado — informou ele. — Vou pôr no meu caminhão e levar até lá agora. Também posso colocar no lugar para você.

— Obrigada — disse Rachel. — É muita gentileza sua.

Ela cruzou Waynesville de volta, seguindo rumo ao norte pela estrada velha, mas logo tomou uma trilha diferente da que pegara na vinda. O terreno ficou mais íngreme e pedregoso, a lâmina de metal da enxada batendo no estribo. O cavalo respirava com mais dificuldade à medida que o ar se tornava mais rarefeito, as narinas dilatando-se cada vez que inspirava. Atravessaram um regato de águas rasas e claras. Grossas e brilhantes folhas de rododendro roçavam seu vestido.

Continuou por mais meia hora, subindo a cordilheira mais alta. Em determinada área a vegetação rareou um pouco, revelando uma casa abandonada. A porta estava escancarada; no alpendre algumas panelas caídas pelo chão e pratos e colchas puídas indicavam uma saída às pressas. Acima do umbral, uma ferradura enferrujada com as pontas viradas para cima deveria atrair boa sorte. Sem dúvida não fora o suficiente, pensou Rachel, já sabendo que em pouco

tempo sua casa estaria nas mesmas condições se não conseguisse uma boa colheita de ginseng.

As montanhas e a vegetação logo voltaram a se fechar ao redor dela. As árvores estavam ficando mais rijas. A luz infiltrava-se pelas folhagens como camadas de filó. Nenhum pássaro cantava, nenhum cervo ou coelho saltava a sua frente. Cresciam pelo caminho apenas cogumelos e chapéus-de-cobra, o único som sendo o das bolotas dos carvalhos rachando e estourando sob os cascos de Dan. As árvores exalavam o cheiro de chuva recente.

O caminho subiu mais uma vez e terminou em uma estrada. Do outro lado havia uma igreja vazia, toda feita de madeira pintada de branco. A larga porta principal estava fechada por um cadeado, e a pintura não só já tinha se tornado cinza como começava a descascar. Tanta gente morava agora no acampamento da serraria que o reverendo Bolick rezava as missas no refeitório e não mais na igreja. O caminhão do Sr. Surratt não estava parado no portão do cemitério, mas Rachel viu que a lápide estava no lugar. Amarrou Dan no portão e entrou. Andou por entre os túmulos, alguns apenas montes de pedregulhos sem nome ou data, outros de pedra-sabão e granito, uns poucos de mármore. Havia alguns nomes conhecidos — Jenkins, Candler, McDowell, Pressley, Harmon. Estava quase chegando ao túmulo do pai quando ouviu um uivo na encosta abaixo do cemitério, um som solitário como o pio de um bacurau ou de um trem distante. Uma matilha de cães selvagens atravessava a clareira; o que tinha erguido o focinho para o céu agora corria para alcançar os outros. Rachel lembrou-se da enxada atada à sela e pensou em pegá-la para o caso de os animais subirem a encosta, mas eles logo desapareceram na mata. Depois só restou silêncio.

Ela ficou ao lado do túmulo, a terra remexida pelo talhador para sustentar a lápide no lugar. O pai era um homem difícil de conviver, desajeitado em seu afeto, nunca falando muito. Seu temperamento era como um fósforo esperando para ser riscado, principalmente se tivesse bebido. Uma das lembranças mais nítidas que Rachel guardava da mãe era a de um dia quente em que estava deitada na cama dos pais e disse à mãe que a colcha azul estava fresca e suave apesar do calor do verão, que era como dormir na superfície de um regato. *Porque é feita de cetim*, explicara a mãe, e para Rachel até aquela palavra soava fresca e suave, sussurrante como o som de um riacho. Ela se lembrava também do dia em que o pai arrancara a colcha e a jogara na lareira. Foi na manhã seguinte à partida da mãe, e enquanto empurrava a coberta de cetim cada vez mais na direção do fogo, o pai disse para Rachel nunca mais falar da mãe, pois se fizesse isso levaria um tapa na boca. Se ele faria ou não o prometido, ela nunca se arriscou a descobrir. Rachel ouviu uma senhora no funeral comentar que o pai dela tinha sido um homem diferente antes de a mãe ir embora de casa,

menos propenso à raiva e à amargura. Nunca bebia demais. Rachel não conseguia se lembrar desse homem.

Contudo, ele tinha criado uma filha sozinho, uma menina, e Rachel achava que o fizera muito bem naquelas condições. Nunca lhe faltara o que vestir ou comer. Ele deixara de lhe ensinar muitas coisas, coisas que ele talvez nem soubesse, mas ela aprendera sobre plantas, colheitas e animais, como consertar uma cerca e calafetar uma casa. Ele a deixava fazer tudo isso sozinha, apenas sob seu olhar atento. Para ter certeza de que ela aprendera, agora Rachel percebia, para quando ele não estivesse mais por perto para fazer por ela. O que era aquilo se não uma espécie de amor?

Ela tocou a lápide e sentiu sua firmeza, solidez. Isso a fez lembrar o berço que seu pai fizera duas semanas antes de morrer. Ele trouxera o móvel e o colocara ao lado da cama dela, em nenhum momento admitindo que o tinha construído para o bebê. Mas era nítido o cuidado com que o construíra, com madeira de nogueira, a mais resistente e duradoura que existia. E ele se preocupara em fazê-lo não só durável como também bonito, pois o havia lixado e envernizado com óleo de linhaça.

Rachel tirou a mão daquela pedra que continuaria ali mesmo depois que ela se fosse, mesmo depois que sua tristeza se fosse. Enterrei meu pai em solo sagrado e queimei as roupas com que ele morreu, disse Rachel a si mesma. Assinei o atestado de óbito, e sua lápide está instalada. Fiz tudo o que podia fazer. Ao se dizer isso, Rachel sentiu sua dor interior ficar tão grande e profunda que parecia um poço escuro e sem fundo do qual nunca mais conseguiria sair. Pois agora não havia nada mais a fazer, nada a não ser suportar aquela dor.

Pense em alguma coisa alegre, disse ela a si mesma, alguma coisa que ele tenha feito para você. Por menor que seja. Mas ela não se lembrou de nada. Só depois de um tempo algo surgiu à sua mente, algo que tinha acontecido mais ou menos naquela mesma época do ano. Após o jantar, seu pai fora até o celeiro enquanto ela caminhava para o jardim. À luz difusa, ela colheu algumas favas de feijão-da-espanha, suas vagens escuras aninhadas nas fileiras de milho que tinha plantado como uma treliça. O pai então a chamou de lá do celeiro, e ela deixou a bacia no milharal, achando que ele precisava de ajuda para carregar o balde de leite para casa.

— Olhe que bonito — observou ele quando a filha entrou.

O pai apontou para uma grande mariposa verde e prata. Por alguns minutos os dois esqueceram os afazeres e ficaram ali parados. Os raios de luz que entravam no estábulo ficavam mais fracos, mas a mariposa parecia brilhar ainda mais, como se o lento abrir e fechar de suas asas capturasse a última luz da tarde. Depois a criatura voou, adejando noite adentro. O pai levantou a mão forte e

apoiou-a no ombro de Rachel por um momento, sem se virar para ela. Uma mariposa no crepúsculo, o toque de sua mão. Já é alguma coisa, pensou Rachel.

Enquanto voltava para casa, lembrou-se dos dias que se seguiram ao funeral, quando o silêncio da casa se tornou tão palpável que ela não aguentava ficar um só dia sem visitar a viúva Jenkins para pedir ou devolver uma coisa ou outra. Até que certa manhã ela começou a sentir um alívio da dor, como se alguma arma cortante que a estivesse machucando por dentro por tanto tempo finalmente começasse a reduzir a pressão, diminuindo seu poder de ferir. Naquele mesmo dia, Rachel não conseguiu recordar para que lado o pai repartia o cabelo, e entendeu mais uma vez o que já tinha aprendido aos cinco anos, quando a mãe fora embora: o que torna suportável a perda de alguém amado não são as lembranças, mas o esquecimento. Primeiro esquecia-se das pequenas coisas — o aroma do sabonete com o qual a mãe se lavava no banho, a cor do vestido que ela usava para ir à igreja —, depois de algum tempo, o som de sua voz, a cor do cabelo. Rachel ficou impressionada com o quanto podia esquecer, e tudo que esquecia tornava aquela pessoa menos viva dentro de si, até ser capaz de finalmente suportar a dor. Com o tempo, era possível se permitir lembrar, até desejar lembrar. Mas mesmo assim, a sensação daqueles primeiros dias podia voltar para lembrar-lhe que a dor continuava ali, como um velho arame farpado escondido no cerne de uma árvore.

E agora aquele menino de olhos castanhos. Não o ame, dizia Rachel a si mesma. Não ame nada que possam tirar de você.

QUATRO

Quando os trilhos do trem foram assentados, em setembro do ano anterior, Pemberton trabalhara lado a lado com os mais de trinta homens contratados para o serviço. Tinha os ombros tão largos e os braços tão musculosos quanto os de qualquer habitante local, mas sabia que suas roupas finas e seu sotaque de Boston depunham contra ele. Por isso, tirou o casaco preto de tweed e, de torso nu, se juntou a eles, a princípio trabalhando com os supervisores, que usavam picaretas, pás e carrinhos de mão para nivelar o terreno, arrancar cepos e abrir buracos, sulcos e valetas. Derrubava árvores para a colocação dos dormentes, ajustava a inclinação deles, descarregava dos vagões os trilhos, barras de ângulo e agulhas de via, assentava contratrilhos e martelava parafusos, só descansando quando os outros também paravam para isso. Trabalhavam onze horas por dia, seis dias por semana, avançando pelo fundo do vale em uma linha reta. Obstáculos que não pudessem ser removidos ou preenchidos eram nivelados com dinamite ou estruturas armadas. Assim que um novo trecho da ferrovia era assentado, a locomotiva Shay imediatamente avançava para cobri-lo, como se a floresta pudesse confiscar os trilhos caso não fossem logo capturados e subjugados pelas rodas de ferro. A distância, o trem e os homens pareciam uma só entidade em movimento, a trilha de aço deixada para trás como uma esteira estreita a brilhar.

Ele gostou do desafio de trabalhar com os homens; notava que o observavam em busca de um sinal de fraqueza, à espera de que Pemberton demorasse um pouco mais bebendo água ou ficasse muito tempo apoiado na pá ou na picareta. Queriam ver quando voltaria para o seu lugar junto a Buchanan e Wilkie no alpendre do recém-construído escritório. Passado um mês e faltando apenas os ramais da via, Pemberton vestiu de novo a camisa e foi para o escritório, onde desde então passava a maior parte do tempo. Àquela altura, ele já tinha ganhado mais do que apenas o respeito dos trabalhadores. Encontrara entre eles um competente tenente em Campbell e, ao chegar a hora de contratar as equipes de extração, já sabia quais homens manter e quais dispensar.

Um dos que Pemberton insistiu para que fosse contratado era um homem mais velho chamado Galloway, já na casa dos quarenta anos. Nessa idade a maioria dos lenhadores já estava cansada demais ou fisicamente debilitada, mas, apesar do cabelo grisalho, da baixa estatura e do corpo esguio, o trabalho de Galloway rendia mais que o de homens com metade de sua idade. Era também excelente em rastrear animais e um lenhador que conhecia as florestas e as encostas da região como nenhum outro do condado. Era capaz de seguir um gafanhoto por uma chapada, diziam seus colegas de trabalho, e Pemberton percebeu que poderia usá-lo como um bom guia de caça. Mas Galloway havia passado cinco anos na prisão por ter matado dois homens em uma discussão por causa de um jogo de cartas. Os outros operários, muitos também com tendências violentas, olhavam-no com um cauteloso respeito, assim como à mãe dele, que morava com o filho em um dos casebres. Quando Pemberton sugeriu tornar Galloway o supervisor de uma equipe, Buchanan foi contra a ideia. É um assassino condenado, protestou ele. Nem deveria estar entre nossos funcionários, muito menos liderando uma equipe.

Agora, um ano depois, Pemberton sugeriu novamente que Galloway fosse promovido a supervisor, dessa vez para substituir Bilded.

— É a equipe mais indisciplinada do acampamento — explicou Pemberton, entre um pedaço e outro de seu bife. — Precisamos de alguém que eles tenham medo de enfrentar.

— E se ele resolver nos enfrentar também? — questionou Buchanan. — Além de ser um assassino condenado, é grosseirão e desrespeitoso.

— Uma equipe não vai fazer corpo mole com um supervisor de quem tenha medo — observou Serena. — Acredito que isso é mais importante que a falta de traquejo social.

Buchanan pretendia defender seu ponto de vista, mas Wilkie levantou a mão, silenciando-o.

— Lamento, Buchanan, mas desta vez estou do lado dos Pemberton.

— Parece que o dia hoje é do Sr. e da Sra. Pemberton — disse o Dr. Cheney e acrescentou, com um tom de voz leve e casual: — Sua esposa está pensando em passar o verão em Concord outra vez, Buchanan?

— Sim — respondeu ele, tenso.

— Também tem planos de voltar ao Colorado para o verão, Sra. Pemberton? — perguntou Cheney. — Tenho certeza de que a mansão da sua família é bem mais suntuosa que a sua atual morada.

— Não, não tenho — respondeu Serena. — Saí do Colorado para nunca mais voltar.

— Mas quem cuida da casa e das propriedades dos seus pais? — indagou

Wilkie.

— Mandei queimar a casa antes de ir embora.

— Queimar — repetiu Wilkie, atônito.

— O fogo é mesmo um excelente purificador após um contágio — disse o Dr. Cheney —, mas creio que queimar as roupas de cama teria sido suficiente.

— E quanto às reservas madeireiras da sua família? — perguntou Wilkie. — Espero que não as tenha queimado também.

— Eu vendi. O dinheiro vai ser mais bem aproveitado aqui na Carolina do Norte.

— Sem dúvida em um empreendimento com o Sr. Harris — observou o Dr. Cheney, repousando o garfo. — A despeito de suas bazófias, ele é um velho habilidoso. Tenho certeza de que a senhora percebeu isso quando o conheceu.

— Acredito que a Sra. Pemberton saiba se defender de Harris — comentou Wilkie e apontou para Pemberton com a cabeça. — Assim como Pemberton. E eu desejo tudo de bom em um novo empreendimento, seja com a Companhia Madeireira de Boston ou com quaisquer outros sócios. Precisamos de pessoas confiantes neste momento, senão nunca sairemos desta depressão.

Wilkie virou-se para Serena e abriu um largo sorriso, tendo sido cativado como Harris quando a conhecera. Ao contrário dos seus admiradores de Boston, aqueles homens ali, sendo mais velhos, pareciam não se sentir intimidados por Serena. Com experiência sexual, eram menos vulneráveis aos seus encantos femininos e conseguiam se manter a uma distância intocável.

— Tenho certeza de que pensa o mesmo a respeito da possível sociedade de Pemberton com Harris, Buchanan — disse o Dr. Cheney.

Buchanan assentiu, não olhando nem para o médico nem para os Pemberton, mas para o centro da mesa.

— Sim, desde que a nossa sociedade não seja negligenciada.

À parte o tilintar da prataria, o resto do prato principal foi consumido em silêncio. Pemberton não esperou pela sobremesa e pelo café, deixando o guardanapo na mesa e se levantando.

— Campbell já se recolheu, então vou avisar a Galloway sobre a promoção. Assim ele vai estar pronto logo pela manhã — disse Pemberton. E, virando-se para a esposa: — Vejo você em casa. Não vou demorar.

Ao sair do escritório, Pemberton viu que Campbell tinha deixado duas cartas sobre a mesa, ambas com selo de Boston.

Pemberton saiu do alpendre para a noite de verão. Vaga-lumes piscavam enquanto o sol se punha atrás do monte Balsam. Pôde ouvir ao longe um bacurau piar. Ao lado do refeitório, em um tambor enferrujado de quase duzentos litros, os restos do jantar queimavam. Pemberton jogou no fogo as cartas ainda

fechadas e seguiu seu caminho. Passando pelos trilhos de trem que ajudara a assentar, foi em direção ao último casebre, onde Galloway morava com a mãe. Ela era muito respeitada por todos no acampamento, e Pemberton supunha que era simplesmente por ser mãe de Galloway. Ele comentara isso com Campbell uma tarde enquanto os dois observavam a senhora de olhos enevoados pela catarata subir a escada do depósito com a ajuda de dois lenhadores barbudos.

— É mais do que isso — explicara Campbell. — Ela consegue ver coisas que os outros não veem.

Pemberton dera uma risada de desdém.

— Essa velha é tão cega que não consegue nem se ver no espelho.

E então, pela única vez desde que haviam começado a trabalhar juntos, Campbell falou com Pemberton sem deferência, com uma resposta áspera e condescendente:

— Não esse tipo de visão. Que, aliás, não é assunto para brincadeiras.

Galloway o encontrou à porta. Estava sem camisa, deixando à mostra sua pele pálida, bem firme sobre os ombros e as costelas, e o abdômen bem definido. As veias do pescoço e dos braços corriam azuis e varicosas, saltadas, como se a pele não conseguisse conter a pulsação do sangue. Um corpo que parecia incapaz de repousar.

— Vim informar que demiti Bilded. Você é o novo supervisor da equipe.

— Eu já imaginava — replicou Galloway.

Pemberton se perguntou se Campbell já tinha passado por lá para tratar da promoção. Ele olhou para além de Galloway, para um recinto completamente às escuras a não ser pelo brilho mortiço de um lampião a óleo em cima da mesa, cujo vidro grosso fazia a luz parecer encapsulada e fluida, como se submersa em água. A mãe de Galloway estava sentada diante do lampião, os olhos a centímetros da chama. Usava o cabelo branco preso em um coque apertado e trajava um vestido preto e abotoado na frente que Pemberton desconfiou ser do século anterior. Ela ergueu os olhos, que se fixaram em Pemberton. Olhando na direção da minha voz, disse ele a si mesmo, mas por algum motivo parecia mais do que isso.

— Enfim — disse Pemberton, dando um passo para trás —, só queria que você soubesse antes do amanhecer.

Na volta para casa, passou por um grupo de empregados da cozinha reunidos nos degraus do refeitório. A maioria ainda estava de avental. Um cozinheiro chamado Beason arranhava um surrado violão Gibson. Ao seu lado uma mulher tocava um instrumento de madeira com cordas de aço apoiado no colo. Estava debruçada sobre ele, seu cabelo comprido e embaraçado encobrindo o rosto. Enquanto a mão direita dedilhava as cordas, os dedos médio e indicador da mão

esquerda pressionavam brevemente o estreito braço do instrumento, como que em busca de uma pulsação obscura, enquanto ela cantava sobre assassinato e vingança nas praias de um lago escocês. Baladas da fronteira, era como Buchanan chamava essas canções e afirmava que os montanheses as haviam importado de Albion.

A garota Harmon costumava ficar naqueles mesmos degraus depois do jantar, mas Pemberton não prestara muita atenção nela até a noite em que ajudara a carregar um lenhador ferido na serra de Half Acre. Já estava totalmente escuro quando conseguiram chegar com o homem ao acampamento, Pemberton tão sujo e cansado que pedira que Campbell mandasse alguém servir o jantar em sua casa. Foi a garota Harmon quem levou a refeição, e alguma coisa nela chamou a atenção de Pemberton. Talvez a parte dos seios que viu quando ela pôs a bandeja na mesa ou o tornozelo bem torneado exposto quando se virou para sair. Já não lembrava mais.

Pemberton continuou andando, a música ficando para trás enquanto ele refletia sobre a sequência de eventos que haviam levado a encontros noturnos, depois a um homem eviscerado morrendo no banco de uma estação ferroviária e a uma criança que àquela altura já devia ter nascido. Até que ponto seria possível identificar os elos que haviam formado aquela corrente?, refletiu ele — a garota Harmon sendo escolhida aquela noite para levar o jantar para ele, uma árvore fraturando a espinha dorsal de um homem por causa de um tronco mal cortado, um machado que não estava amolado porque um homem se embebedara na noite anterior e, aliás, por que o homem se embebedara? Seria uma daquelas situações em que nunca encontramos o fim? Ou será que não havia corrente alguma, só um momento em que você se aproxima ou não de uma jovem para passar os dedos pelo cabelo louro dela e colocar uma mecha atrás da orelha, inclina ou não a cabeça para aquela orelha descoberta e elogia sua beleza.

Pemberton sorriu para si mesmo. Especulando sobre o passado, justamente aquilo que Serena havia demonstrado ser de nenhuma utilidade para ele, para eles dois na verdade. Ainda assim, a criança. Ao subir os degraus de casa, Pemberton se obrigou a pensar no problema da fábrica de móveis de Baltimore que estava tentando pagar menos que o devido.

. . .

Na tarde seguinte, um trabalhador foi picado na coxa por uma cascavel-da-madeira no monte Noland. A perna do homem inchou tão rápido que um

supervisor precisou abrir as costuras da calça da vítima com um facão para só então fazer um corte em forma de X em cada perfuração. Quando chegaram com o homem ao acampamento, seu pulso não passava de um sussurro ao toque. Do joelho para baixo, sua perna estava inchada e enegrecida como um tição, e as gengivas sangravam profusamente. O Dr. Cheney nem se deu o trabalho de levá-lo ao consultório. Disse aos funcionários que o colocassem em uma cadeira na porta do depósito, onde em pouco tempo o homem estrebuchou com violência e morreu.

— Quantos homens já foram picados desde o assentamento das instalações? — perguntou Serena à noite, durante o jantar.

— Cinco, sem contar o de hoje — respondeu Wilkie. — Só um morreu, mas os outros quatro tiveram que ser dispensados.

— O veneno da cascavel-da-madeira destrói tecidos e vasos sanguíneos — explicou o Dr. Cheney a Serena. — Mesmo quando a vítima tem a sorte de sobreviver à picada, fica com sequelas permanentes.

— Sei o que acontece quando alguém é picado por uma cascavel, doutor — replicou Serena. — No Oeste temos cascavéis que chegam a dois metros de comprimento.

— Perdão — disse Cheney, com uma breve mesura. — Eu jamais deveria ter duvidado do seu conhecimento sobre venenos.

— Aqui suas cores variam muito — explicou Buchanan. — Às vezes são amareladas, mas podem ser bem mais escuras. As de um preto acetinado quase roxo são consideradas as mais letais. Vi uma dessas certa vez, uma criatura surpreendentemente graciosa, muito bonita à sua maneira.

O Dr. Cheney sorriu.

— Mais um paradoxo da natureza: as criaturas mais belas costumam ser as mais perigosas. O tigre, por exemplo, ou as viúvas-negras.

— Eu diria que isso faz parte da beleza de tais criaturas — disse Serena.

— As cascavéis nos custam dinheiro — reclamou Wilkie —, e não só por fazerem a equipe parar quando picam um dos nossos homens. Eles ficam cautelosos demais, o que reduz o ritmo de trabalho.

— Sim — concordou Serena. — Deveriam ser exterminadas, principalmente nas áreas de retalho.

Wilkie franziu o cenho.

— Mas ali é que é mais difícil vê-las, Sra. Pemberton. Elas se camuflam tão bem no ambiente que se tornam quase invisíveis.

— Então precisamos de olhos melhores — retrucou Serena.

— Daqui a pouco o tempo esfria, e aí todas vão para os penhascos rochosos — disse Pemberton. — Galloway diz que depois da primeira geada elas não se

aventuram mais para fora de suas tocas.

— Até a primavera — comentou Wilkie. — E então voltam, tão más quanto antes.

— Talvez não — disse Serena.

CINCO

O inverno chegou mais cedo. Certa manhã de sábado, ao acordar em seus casebres, os homens encontraram quinze centímetros de neve ao redor de suas moradas. Pijamas de lã e edredons foram resgatados de sob as camas, e as janelas improvisadas foram reforçadas com cera, pedaços de madeira ou lata, peles de urso e cervo e de outros animais, inclusive os restos esfarrapados de um carcaju. Vãos menores foram preenchidos com trapos e jornais, emplastros de tabaco e barro. Antes de sair de casa, os operários vestiram os agasalhos que haviam passado seis meses abandonados nos ganchos das paredes, mas ao entrar no refeitório começaram a arregaçar as mangas e baixar as golas. A maioria usava casacos de lã simples, embora houvesse quem vestisse jaquetas de caça com grandes bolsos, sobrecasacas pretas ou coletes de couro. Alguns ostentavam agasalhos de tempos mais prósperos ou mais belicosos: parcas impermeáveis e forradas, sobretudos, paletós de fustão, casacões da Grande Guerra. Outros usavam peças herdadas de antepassados, casacos puídos de grifes do século XIX, inclusive alguns de camurça e pele de guaxinim, e até mantos mais antigos cujos tons marrons ou azulados revelavam antigas divisões do condado.

A equipe de Snipes estava trabalhando no cume do monte Noland, onde a camada de neve era mais profunda e o vento soprava pela cordilheira, vergando a parte mais alta das árvores maiores. Dunbar perdeu o chapéu Stetson quando uma lufada jogou o acessório montanha abaixo em direção ao Tennessee, girando e volteando, caindo e subindo como um pássaro ferido.

— Eu deveria ter amarrado esse chapéu na minha cabeça — lamentou Dunbar. — Custou dois dólares.

— Foi melhor não ter feito isso — comentou Ross. — Senão você sairia voando com ele e só voltaria a tocar o chão lá em Knoxville.

As equipes almoçaram ao redor de uma pilha de arbustos com a qual montaram uma fogueira após removerem a neve. Mantinham-se bem próximos uns dos outros, não só para preservar o calor, mas também para se proteger das chamas e das lufadas de neve que doíam como areia ao bater no rosto. Tirando as

luvas, aproximaram do fogo as palmas das mãos dormentes, como se fosse um gesto de rendição.

— Escutem só o vento uivar — disse Dunbar. — Só por esse som somos capazes de pensar que a montanha inteira vai ser arrancada.

— Não é nem outubro ainda e já tem essa neve toda — reclamou Ross. — Vai ser um inverno dos brabos.

— Meu pai falou que as lagartas passaram o verão todo com uma pelagem mais grossa, e eis o motivo — disse Stewart. — E meu pai falou que esse não foi o único sinal. Disse que os vespões também estão construindo ninhos mais perto do chão.

— Isso tudo é crença pagã, Stewart — retrucou McIntyre a seu congregado —, e é melhor você não acreditar nessas coisas.

— Não deixa de ter alguma ciência nisso — acrescentou Snipes. — Os pelos das lagartas cresceram mais grossos para que elas pudessem aguentar o inverno. Não tem nada de pagão nisso. Elas só estão usando a sabedoria que receberam de Deus. E a mesma coisa com os vespões.

— Os únicos sinais que o homem precisa seguir estão na Bíblia — disse McIntyre.

— E que tal aquele sinal de "Não fume" no galpão das dinamites? — observou Ross. — Está dizendo que não precisamos seguir nem esse?

— Você pode brincar com isso — disse McIntyre a Ross —, mas esse clima fora do normal já é um sinal de que estamos nos últimos dias. *O sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz.*

McIntyre olhou para o céu cinza e cor de ardósia como se fosse um texto gnóstico que só ele pudesse decifrar. Então ergueu a aba de seu chapéu preto de pregador com a ponta do dedo, apontando-o para o céu, aparentemente satisfeito com o que tinha visto.

— Haverá penúrias e pestilências depois disso — proclamou McIntyre. — As plantas deixarão de brotar da terra, restando apenas espinhos, e gafanhotos do tamanho de coelhos comerão o pouco que restar, até a madeira das casas enquanto cobras e escorpiões e toda sorte de criaturas terríveis cairão do céu.

— E você acredita que isso vai acontecer qualquer dia desses? — perguntou Ross.

— Sim, acredito — respondeu McIntyre. — Tenho tanta certeza quanto o próprio Noé quando construiu a arca.

— Então acho que é melhor todo mundo começar a trazer guarda-chuvas quando vier trabalhar — disse Ross.

— Que *todo mundo* o quê — retrucou McIntyre. — Vou ser resgatado um dia antes de tudo começar. Vocês e os outros infiéis é que terão que enfrentar isso.

Os homens ficaram observando o fogo por alguns instantes, depois Dunbar olhou para a encosta sul do vale. A neve encobria os tocos no chão, mas as pilhas de troncos sobressaíam na paisagem, cobertas de branco, como colinas.

— Não tem tantos rastros das criaturas como seria de esperar.

— Fugiram para o Tennessee — explicou Ross. — É para onde estamos conduzindo as coitadas que desistiram de lutar.

— Talvez tenham ouvido falar do novo parque que vai ter por lá — sugeriu Snipes — e acharam que lá vão ficar em paz, já que quase todas as criaturas de duas pernas já foram expulsas.

— Meu tio foi despejado semana passada — disse Dunbar. — Desapropriação por necessidade de utilidade pública, foi o que alegaram.

— E isso quer dizer o quê? — perguntou Stewart.

— Quer dizer que ele deu um puta azar — disse Ross.

— Como se chama o tal ermitão lá do ribeirão Deep, aquele que escreve livros? — perguntou Dunbar.

— Kephart — respondeu Ross.

— Isso — confirmou Dunbar. — Ele e aquele jornalista de Asheville também estão doidos por um parque aqui por essas terras. E tem muito figurão de Washington do lado deles.

— Eles vão precisar — refletiu Ross. — Pode apostar que Harris e os Pemberton vão molhar a mão de muita gente do tribunal do condado e até a do governador.

— Mas com o xerife McDowell não vão conseguir nada — argumentou Dunbar. — Desde o início ele nunca se vendeu para aqueles dois. Eu ajudei a instalar esses trilhos, e estava aqui no dia em que o xerife veio prender Pemberton por dirigir além do limite de velocidade.

— Eu não sabia que você tinha testemunhado isso — comentou Stewart. — Ele realmente ameaçou algemar Pemberton?

— Pode acreditar que sim — disse Dunbar. — E ele também ia levar Pemberton no carro da polícia se Buchanan não tivesse se oferecido para ir dirigindo.

— Ouvi dizer que ele deixou Pemberton passar aquela noite toda na cela — disse Snipes.

— Não foi a noite toda — discordou Dunbar. — Em menos de uma hora o juiz mandou soltá-lo. Mas ele colocou Pemberton na cadeia, e ninguém mais nesse condado teria feito isso.

As chamas começaram a diminuir, então Ross e Snipes saíram para buscar mais lenha. Sacudiram os flocos de neve e colocaram as achas cruzadas com cuidado no fogo que restava. As labaredas reavivaram devagar, subindo pela

madeira como uma planta em uma treliça, volteando, avançando, recuando e por fim se agarrando firme a um galho, depois a outro. Os homens observavam a florescência alaranjada sem se mover ou falar, até todos os galhos pegarem fogo. McIntyre parecia especialmente concentrado, como se esperasse mais uma profecia.

A neve começou a cair em flocos mais grossos, branqueando a cabeça descoberta de Dunbar. Ele passou os dedos pelo cabelo e mostrou aos outros a mão cheia de pontinhos brancos grudados.

— Seria um bom dia para ver os rastros daquela pantera nessa neve grossa e macia — disse Dunbar.

— Se é que há mesmo uma pantera por aí — comentou Ross. — Já faz nove anos que ninguém mata uma por essas bandas.

— Mas o pessoal vive dizendo que vê — observou Stewart.

— O Apocalipse conta que haverá leões quando o dia do juízo final chegar — disse McIntyre, ainda fitando as chamas. — Pelo menos as cabeças. A outra metade do corpo deles terá pernas que não diferem das de seres humanos como nós.

— E eles vão estar de calça? — perguntou Ross. — Ou só a meretriz da Babilônia?

Stewart se afastou do fogo para garantir que ficaria de costas para o vento antes de abrir os botões de cobre do macacão.

— Tome cuidado aí, Stewart — instruiu Snipes —, ou vai acabar mijando no chapéu do Dunbar.

Stewart direcionou o jato mais para o leste. Depois que terminou, abotoou o macacão e voltou a se sentar.

— E você, Snipes? — perguntou Dunbar. — Acha que existem leões-da-montanha por aí ou isso é só imaginação do povo?

Snipes ponderou sobre a pergunta por um momento antes de responder:

— Tem muito homem da ciência que afirmaria que não, pois não existe uma prova concreta, como cocô, pelos, dentes ou rabo. Ou seja, alguma parte do animal em questão. Ou, melhor ainda, a própria criatura, o conjunto completo da cabeça ao rabo, o que todos os homens da ciência argumentam que é a melhor prova de todas de que algo existe, independentemente de se tratar de uma pantera, um pássaro ou até um dinossauro.

Snipes fez uma pausa em seu discurso para avaliar o nível de compreensão de sua plateia e decidiu que mais explicações eram necessárias.

— Em outras palavras, se você tropeçar num toco de árvore e contar a um homem da ciência o que aconteceu, ele não vai acreditar numa palavra que seja a não ser que tenha visto o tropeção ou que veja seu pé sangrando. Mas os

filósofos e teólogos e tal dizem que existem coisas no mundo que são totalmente reais mesmo que não se possa ver.

— Como o quê? — perguntou Dunbar.

— Bem — respondeu Snipes —, o amor, por exemplo. E a coragem. Não podemos ver nenhuma dessas coisas, mas elas são reais. E o ar, é claro. Esse é o exemplo mais importante de todos. Um minuto sem ar e sujeito nenhum fica vivo, mas ninguém nunca viu nem um pedacinho desse negócio que a gente respira.

— E ácaros — acrescentou Stewart. — A gente nunca vê os bichinhos, mas quando eles grudam no corpo é uma semana se coçando.

— Então você está dizendo que acredita que tem uma pantera por aí — disse Dunbar.

— Não tenho certeza — respondeu Snipes. — Só estou dizendo que existem mais coisas nesse velho mundo do que os olhos podem ver.

O supervisor da equipe fez uma pausa e aproximou mais do fogo as palmas das mãos.

— E a escuridão. Dá para ver tão pouco quanto o ar, mas a gente sempre sabe quando ela nos cerca.

SEIS

No final da manhã de domingo, tendo a neve parado de cair, Buchanan e os Pemberton resolveram sair para caçar em uma clareira de dois hectares a pouco mais de um quilômetro a sudoeste do acampamento, onde Galloway vinha espalhando iscas havia um mês. Wilkie, cuja vida esportiva limitava-se a uma ocasional partida de pôquer, ficou em Waynesville. O jovem Vaughn encheu de provisões a carroça Studebaker, o gorro de lã cinza cobrindo seu cabelo ruivo. Galloway tinha conseguido com um fazendeiro uma matilha de plotts e redbones, considerados os melhores cães de caça do condado. Ele ia sentado na boleia com Vaughn, entre eles um plott chamado Shakes, o melhor farejador do fazendeiro. O restante dos cães ia amontoado na parte de trás, com as provisões. Os Pemberton e Buchanan seguiram a cavalo, atravessando o monte Balsam antes de virar para o leste e entrar em um desfiladeiro em forma de V que os montanheses chamavam de tranca.

— Galloway espalhou milho e maçãs na ravina, como iscas — disse Pemberton. — Isso deve atrair veados, talvez um urso.

— Talvez até a sua pantera — considerou Serena —, atrás dos veados.

— Aquela carcaça de veado que os homens encontraram no monte Noland semana passada — lembrou Buchanan a Galloway. — Como você sabe que não foi um leão-da-montanha que o matou?

Galloway se virou, seu olho esquerdo se estreitando, sua boca se repuxando para a direita como se ele tentasse desfazer o sorriso do rosto.

— Porque o peito do animal não estava aberto. Alguns felinos comem a língua e as orelhas antes, mas não a pantera. Esse animal come primeiro o coração.

A carroça ia na frente, sacolejando para dentro do desfiladeiro, os penhascos rochosos que se erguiam dos dois lados fechando-se em volta deles à medida que avançavam. Passaram a seguir em fila, as juntas das pernas dos cavalos encarando o declive com ousadia. No meio do caminho, Galloway parou a carroça e examinou um carvalho cujos galhos mais baixos tinham sido arrancados.

— Tem pelo menos um urso nesse desfiladeiro — anunciou Galloway. — E de bom tamanho, para ter descascado uma árvore como essa.

Logo passaram por baixo de um penhasco, lanças de gelo pendendo das rochas. No ponto mais estreito, Vaughn e Galloway pararam e ergueram as rodas de aro de ferro do lado esquerdo da carroça, uma de cada vez, para poderem passar por uma rocha saliente, mas ao fazerem isso acabaram soltando três cães e derrubando um cesto cheio de sanduíches. Pemberton parou para ajustar a cilha da sela. Quando terminou, olhou para a trilha adiante e viu Serena a quase trinta metros à frente, o cavalo árabe tão branco quanto a neve, que ela parecia estar cavalgando o ar. Pemberton sorriu e desejou que alguns lenhadores pudessem ver aquela ilusão de ótica. Desde seu triunfo inicial com Bilded, os homens começaram a atribuir vários poderes a Serena, alguns beirando o sobrenatural.

Finalmente o desfiladeiro começou a alargar outra vez e eles chegaram a um descampado onde a trilha terminava. Galloway pulou para a parte de trás da carroça e soltou os cachorros.

— De que raça são aqueles malhados? — perguntou Serena.

— Chamam-se plotts, é uma variedade local — explicou Pemberton. — São criados especificamente para caçar ursos e javalis.

— O tamanho do peito deles é impressionante. E são corajosos?

— De forma igualmente impressionante — respondeu Pemberton.

Pegaram tudo o que precisavam da carroça e entraram na mata mais densa; Galloway, Vaughn e os cães iam logo atrás. Os Pemberton e Buchanan seguiram a pé, as rédeas dos cavalos em uma das mãos, as espingardas na outra.

— Muitos álamos e carvalhos — observou Serena, apontando para as árvores ao redor com a cabeça.

— É uma das nossas melhores glebas — disse Pemberton. — Campbell encontrou um agrupamento de álamos de tulipa, sendo que o menor tem três metros de altura.

Buchanan passou a andar ao lado de Pemberton.

— Esse colapso do mercado de capitais, Pemberton. Fico pensando quais serão os efeitos a longo prazo para nós.

— Estamos em uma posição mais favorável do que muitos empreendimentos — replicou Pemberton. — O pior para nós é a redução no número de construções.

— Talvez a demanda por caixões compense isso — disse Serena. — Sem dúvida a procura está em alta em Wall Street.

Buchanan parou, segurou Pemberton pelo cotovelo e chegou mais perto dele. Pemberton sentiu o cheiro da loção pós-barba Bay Rum e do tônico capilar Woodbury que ele usava, evidenciando o cabelo penteado e as bochechas lisas

como parte de seus preparativos para caçar.

— Quer dizer então que o secretário do Interior está interessado nestas terras. Você ainda acha que não deveríamos nem considerar a venda?

Serena, alguns passos à frente, virou a cabeça para responder, mas Buchanan ergueu a mão.

— Estou perguntando a opinião do seu marido, Sra. Pemberton, não a sua.

Serena encarou Buchanan por alguns instantes. As manchas douradas de suas íris pareciam absorver ainda mais luz mesmo quando as pupilas se escondiam em algum recôndito mais profundo. Por fim, ela se virou novamente para a frente e continuou a andar.

— Minha opinião é a mesma da minha esposa — respondeu Pemberton. — Só vamos vender se conseguirmos um bom lucro.

Andaram mais uns duzentos metros antes de o terreno ascender brevemente e depois começar a descer em um ângulo mais agudo. Logo a brancura plana da ravina emergiu através das árvores. No dia anterior, Galloway tinha levado até ali um saco de aniagem cheio de milho, e uma dúzia de cervos comiam placidamente as últimas espigas. A neve recém-caída abafava os passos dos caçadores, e nenhum cervo levantou a cabeça quando os Pemberton e Buchanan amarraram os cavalos, atravessaram o trecho final de mata e se posicionaram na beira da ravina.

Cada um escolheu um cervo, e ergueram a espingarda. Quando Pemberton disse *já*, eles atiraram. Dois cervos caíram no chão e não se moveram mais, mas o de Buchanan saiu trombando pelas árvores e arbustos do outro lado. Caiu, levantou-se e depois desapareceu na mata mais densa.

Galloway logo se juntou a eles, os cães o puxando em direções diferentes, como se as guias estivessem presas a pipas voando baixo. Assim que chegou à ravina, ele soltou o cão de caça e, depois, os outros. Os animais correram latindo em direção à mata distante por onde o cervo ferido tinha fugido. Galloway ficou ouvindo os sons da matilha por um momento antes de virar-se para Buchanan e os Pemberton.

— Esse gargalo só tem uma saída. Se vocês flanquearem esta ravina com um de nós no centro, nenhum ser de quatro patas vai conseguir passar.

Ele dobrou um joelho e se abaixou, ouvidos atentos, a mão esquerda tocando a neve como se conseguisse sentir as vibrações dos cães correndo no bosque. A intensidade dos latidos diminuiu, mas depois começou a aumentar.

— É melhor estarem com essas belas armas preparadas — disse Galloway. — Eles estão vindo para cá.

. . .

Ao final da tarde, os Pemberton e Buchanan tinham matado uma dúzia de veados. Galloway empilhou as carcaças no centro da ravina, o sangue manchando a neve de vermelho. Depois de atirar no terceiro veado, Buchanan se cansara e sentara-se com o rifle apoiado em uma árvore, satisfeito em deixar os Pemberton matarem os restantes. No meio do dia, eles começaram a ouvir o som do gelo se desprendendo dos galhos, as árvores espocando e estalando como se artríticas, mas a temperatura tinha caído e só o clamor dos cães quebrava o silêncio da mata.

O fraco sol do céu acinzentado estava se pondo no alto do monte Balsam quando os uivos espaçados dos cães transformaram-se em latidos intermitentes. Galloway e Vaughn estavam na beira da ravina, não longe de onde Pemberton esperava, rifle em punho. Os latidos ficaram mais altos, urgentes, quase como soluços.

— Eles acharam um urso, e bem grande pelo estardalhaço que estão fazendo — disse Galloway, a respiração esfumaçada pelo frio. — Minha mãe disse que hoje nossa caçada seria boa.

Quando os latidos dos cães se tornaram sons mais longos e graves, Pemberton pensou na mãe de Galloway, em como seus olhos eram da cor da neblina matinal, as duas insondáveis cavidades oculares preenchidas por uma espécie de névoa. Pemberton recordou como aqueles olhos se voltaram em sua direção e se fixaram nele. Uma forma de impressionar os crédulos, ele sabia, mas bem que funcionava.

— Vocês se preparem, porque o urso está vindo e assim que chegar na ravina vai entrar em ação — alertou Galloway. Depois, virando-se para Serena e dando uma piscadela, acrescentou: — E não vai querer saber se é homem ou mulher.

Buchanan pegou o rifle e posicionou-se à esquerda da ravina, Serena no centro, Pemberton à direita. Atrás de Serena, Galloway se movimentava, os olhos fechados para ouvir. Os cães latiam freneticamente, ganindo quando o urso se virava para ameaçar seus perseguidores. Em seguida, Pemberton ouviu o próprio urso, esmagando a vegetação com a torrente de cães vindo atrás.

O urso emergiu na ravina entre Serena e Pemberton. Parou um momento e atingiu o maior dos plotts com a pata traseira, suas garras rasgando o flanco do cão, que ficou caído na neve por um instante, mas logo se levantou e atacou outra vez. O urso o acertou novamente no mesmo flanco, só que dessa vez mais embaixo, e o cão acabou sendo arremessado e girou pelos ares, aterrissando a alguns metros dali, a pele no lado direito de seu corpo parecendo cadarços de

sapato de tão esfiapada.

O urso avançou na direção de Pemberton, que estava a apenas vinte metros, mas, quando o animal o viu, desviou para a esquerda no momento em que ele puxou o gatilho. A bala o atingiu entre o peito e a omoplata, e o impacto o fez cair de lado quando a pata direita da frente falseou. Os cães então o atacaram, cobrindo-o por completo, mas o urso ergueu-se nas patas traseiras, levando os cães junto como pedaços de pele pendurados em seu ventre.

Ele tombou para a frente, equilibrando-se por um instante antes de arremeter contra Pemberton, cujo segundo disparo lascou a orelha de um dos cães antes de penetrar na barriga do urso. Não houve tempo para um terceiro tiro. O urso levantou-se e jogou o corpo na direção de Pemberton, que se sentiu engolido por uma grande e pesada sombra. O rifle escorregou da sua mão enquanto o urso o detinha. Por instinto, ele se embrenhou ainda mais no abraço do urso, de forma que as garras de seu predador só conseguiam arranhar as costas de sua jaqueta acolchoada. Os cães saltaram sobre os dois, mordendo e arranhando Pemberton como se ele fizesse parte do urso. Ele mergulhou a cabeça ainda mais fundo no peito do urso. Sentiu a pelagem e a carne da fera, sua caixa torácica por baixo, as batidas do coração acelerarem e o calor daquele enorme corpo aumentar junto. Ele cheirou o animal, o almiscarado do seu pelo, o sangue escorrendo; sentiu o cheiro da própria floresta no aroma terroso das bolotas dos carvalhos a cada vez que o urso exalava. Tudo, até os ganidos dos cães, ficou mais lento, mais distinto e ampliado. Sentiu todo o volume da fera quando ela oscilou brevemente e logo depois recuperou o equilíbrio, e sentiu também a pata dianteira esquerda batendo em seu ombro enquanto atacava os mastins. Quando o urso rugiu, Pemberton ouviu o som se formando no fundo do peito do animal antes de subir ruidosamente pela traqueia e sair pela boca.

Os plotts fecharam o cerco e atacaram, engalfinhando-se com o urso com unhas e dentes por um instante antes de serem arremessados para longe, mas logo voltavam a fechar o cerco e atacar outra vez enquanto os redbones latiam e estocavam para morder as patas. Nesse momento, Pemberton percebeu o cano de um rifle no flanco da fera, sentiu a reverberação do tiro. O urso cambaleou dois passos para trás. Enquanto tombava, Pemberton viu Serena disparar uma segunda vez logo acima dos olhos da criatura, que oscilou um instante, em seguida caiu e desapareceu sob uma massa de cães frenéticos.

Pemberton também ficou no chão, sem saber se tinha sido levado com o urso ou simplesmente caído. Só se mexeu quando a lateral de seu rosto encostada na neve começou a ficar dormente. Apoiando-se no antebraço, Pemberton ergueu a cabeça. Por alguns instantes ficou vendo Galloway lidar com a matilha frenética, prendendo os cães nas coleiras para que Vaughn os afastasse um a um para longe

do urso. Passos vieram esmagando o solo em direção a Pemberton até parar. Serena se ajoelhou ao seu lado, a expressão apreensiva enquanto retirava a neve do rosto e dos ombros dele. Depois da sensação puramente física do abraço do urso, veio-lhe uma espécie de leveza, como se seu corpo tivesse sido imerso delicadamente em águas calmas.

Serena o ajudou a se sentar, e ele sentiu a cabeça girando por algum tempo, ainda meio tonto. O sangue cobria a neve, e Pemberton se perguntou se parte seria dele mesmo. Serena arrancou-lhe a jaqueta de caça, levantou sua camisa de lã e a camiseta de flanela por baixo dessa, passou a mão nas suas costas e barriga para só então vestir as roupas nele outra vez.

— Eu tinha certeza de que ele tinha destruído você — disse ela enquanto o ajudava a vestir outra vez a jaqueta.

Pemberton viu as lágrimas se acumulando nos olhos de Serena. Ela se virou e secou o rosto com a manga do casaco. Segundos se passaram até que ela voltasse a fitá-lo, e quando o fez, seus olhos estavam secos; Pemberton se perguntou se seu estupor o tinha feito imaginar aquelas lágrimas.

Agora Buchanan também estava ao seu lado. Ele tirou o rifle de Pemberton da neve, mas pareceu incerto quanto ao que fazer com a arma.

— Precisa de ajuda para levantá-lo? — perguntou Buchanan.

— Não — respondeu Serena.

— E a arma dele?

Serena apontou com a cabeça para um rebento de olaia.

— Ponha lá com a minha.

Em poucos minutos, Galloway já estava amarrando o último dos mastins a uma árvore. Vaughn se ajoelhou ao lado do cachorro ferido, uma das mãos afagando a cabeça do animal enquanto examinava os ferimentos com a outra. Galloway foi até o urso, cutucou suas grandes ancas com a ponta da bota para verificar se estava mesmo morto.

— Esse é um belo de um urso-negro. Deve pesar uns duzentos e cinquenta quilos.

Galloway desviou seu olhar do urso para Serena, deixando os olhos vagarem devagar pelas suas botas, sua calça e a jaqueta de caça, finalmente chegando ao rosto. Na verdade não parecia estar olhando para Serena, mas através dela, para a mata lá atrás.

— Eu nunca tinha visto uma mulher matar um urso — comentou ele —, e só conheço uns dois homens que teriam coragem de se aproximar dele do jeito que a senhora fez.

— Pemberton teria feito o mesmo por mim.

— Tem certeza? — replicou Galloway, um sorriso malicioso se abrindo em

seu rosto enquanto observava Serena ajudar o marido a se levantar. — É mais difícil encarar um urso do que um bêbado como Harmon.

Vaughn segurou o cachorro ferido nos braços e se aproximou do urso, para mostrar ao cão que a fera estava morta.

— Conheço um sujeito na serra de Colt que pode empalhar a cabeça do urso, Sra. Pemberton — disse Vaughn —, ou curtir a pele se preferir.

— Não, deixe-o com o veado — instruiu ela, virando-se para Galloway. — No oeste costumamos usar carcaças para atrair leões-da-montanha. Imagino que isso também funcione aqui.

— Talvez — disse Galloway, olhando para Pemberton apesar de estar falando com Serena. — Como eu disse ao seu marido quando ele chegou nestas montanhas, se ainda há um puma por aqui, ele certamente é grande e muito esperto. E pode acabar rastreando o seu marido. E se o puma chegar tão perto quanto esse urso, ele vai ganhar mais que um abraço.

— Se você encontrar esse leão-da-montanha e me der a chance de atirar nele, eu lhe dou uma moeda de ouro de vinte dólares — disse Pemberton, olhando incisivamente para Galloway antes de se virar para Vaughn. — E isso vale para qualquer um que me levar até ele.

Caminharam até onde tinham deixado os cavalos e a carroça e seguiram rumo ao acampamento. Galloway conduzia a carroça e Vaughn levava o cão ferido nos braços. As molas enferrujadas rangiam ritmicamente enquanto o veículo subia e descia, o movimento dando a impressão de que Vaughn estava ninando o cão para fazê-lo dormir. Na parte de trás do veículo, os outros cachorros se amontoavam para se proteger do frio. O terreno era em aclive, e, ao olharem para trás, viam logo os grossos troncos dos carvalhos e álamos fechando o caminho coberto de neve.

Assim que chegaram ao cume, Pemberton e Serena deixaram os outros irem na frente. Seu coração ainda batia acelerado, e ele sabia que o mesmo acontecia com Serena. A trilha logo se tornou apenas um pequeno espaço entre as árvores na última luz do dia. O frio se infiltrava pelas mangas e pelo colarinho do casaco. Cavalgavam bem perto um do outro e Serena pôde esticar a mão para pegar a de Pemberton. Ele sentiu como a mão dela estava fria.

— Você deveria usar luvas.

— Gosto de sentir o frio — disse ela. — Sempre gostei, desde criança. Meu pai passeava comigo no campo naqueles dias que os lenhadores reivindicavam que estava frio demais para trabalhar. Eu os fazia se sentir envergonhados e eles acabavam saindo de casa e indo cumprir seu dever.

— Pena você não ter guardado ao menos uma fotografia disso — lamentou Pemberton, relembrando que, quando uma vez lhe perguntara sobre álbuns de

família, ela respondera que tinham sido queimados com a casa. — Talvez assim alguns dos nossos funcionários parassem de reclamar do frio.

Continuaram cavalgando, só voltando a falar quando passaram pela última encosta e começaram a descer para o vale. As luzes do acampamento fulguravam a distância. Nenhuma árvore quebrava a uniformidade da silhueta da paisagem, e a neve estava tingida de azul. Pemberton notou como a luz débil dava a ilusão de estarem atravessando um mar raso.

— Gostei de como matamos aquele urso juntos — disse Serena.

— Você teve mais responsabilidade na morte do que eu.

— Não, foi o seu tiro na barriga que fez a diferença. Eu só acabei com ele.

Alguns flocos de gelo voltejavam ao redor deles, peneirados por um céu índigo. O único som era o da neve sendo esmagada sob os cascos dos cavalos. No silêncio do crepúsculo, Pemberton e Serena pareciam estar em um espaço sem dimensões habitado apenas por eles. Não muito diferente de quando se engalfinhavam à noite, percebeu Pemberton.

— Pena que Harris não pôde vir hoje — disse Serena.

— Ele garantiu que irá na próxima.

— Ele falou alguma coisa sobre as terras de Glencoe?

— Não, só sabe falar sobre essa pasmaceira do parque nacional e que precisamos nos aliar para não deixar isso acontecer.

— Suponho que esse *precisamos* inclui também os nossos sócios.

— Eles têm tanto a perder quanto eu e você.

— São homens fracos, principalmente Buchanan — disse Serena. — Wilkie só está ficando velho, mas Buchanan é fraco por natureza. Quanto antes nos livrarmos deles, melhor.

— Mas ainda precisamos de sócios.

— Então que sejam homens como Harris, e que, assim que pudermos, façamos sociedades em que tenhamos o controle — continuou Serena enquanto passavam por cepos cobertos de neve. — Vou contratar um detetive da Pinkerton para descobrir o que realmente está acontecendo com esse parque no Tennessee. Vou mandar investigar Kephart também. Quero ver se é um cidadão tão eminente como o naturalista John Muir.

As árvores não mais os protegiam do vento, e o ar frio penetrava pelos rasgos feitos pelo urso na jaqueta de Pemberton. Ele imaginou Serena e o pai na madeireira da família, despertando os trabalhadores em dias mais frios do que aquele.

— O que você disse a Galloway é verdade — disse Pemberton quando estavam entrando no acampamento. — Se o urso tivesse atacado a você e não a mim, eu teria feito o mesmo.

— Eu sei. — Ela apertou mais a mão dele. — Sei disso desde a noite em que nos conhecemos.

SETE

Quando foi ao celeiro pegar uma saca para colocar o ginseng, Rachel não encontrou, pela terceira manhã seguida, nenhum ovo embaixo das duas galinhas bantans nem da Rhode Island vermelha. Uma raposa, uma fuinha ou um cão teriam matado as galinhas, por isso ela imaginou que o ladrão fosse um gambá ou guaxinim, ou uma cobra corredora-azul querendo engordar para o inverno. Rachel encontrou a saca de que precisava e saiu do celeiro. Pensou em pegar a vara de pescar e sair à procura de uns ovos de galinha-d'angola. O céu estava azul como um gaio, era o dia mais quente da semana, mas, pela fumaça da chaminé — não estava subindo, era levada pelo vento logo ao sair —, via-se que o tempo ia mudar, talvez à tarde. Mais uma nevasca tornaria difícil localizar o ginseng. Ela não podia correr esse risco, por isso pegou a enxada em vez da vara de pescar. Mais uma coisa para fazer quando voltar, pensou.

Ela enrolou Jacob na manta e, carregando-o, atravessou uma pastagem que já não precisava mais da proteção daqueles arames farpados e, pela primeira vez, na vida de Rachel estava vazia. Ela viu que as árvores para onde caminhava já estavam com todas as cores do outono, as copas tão brilhantes e variadas como um buquê de flores. Logo o terreno começou a subir para a face norte da serra de Colt. Entraram em um campo de bétulas de tronco cinza e cicutas, pelas quais Rachel passou sem reduzir o passo. Mais adiante, já no caminho para Waynesville, ouviu um apito e imaginou se seria o trem da madeireira. Lembrou-se de Bonny e Rebecca, as duas meninas com quem ela antes trabalhava na cozinha do acampamento, e pensou em como sentia falta de estar com elas. Sentia saudade também de Joel Vaughn, que podia ser meio metido a espertinho, mas sempre a tratara bem, não só na madeireira como também quando eram crianças, na serra de Colt, na escola em que estudavam. No sexto ano, ele até lhe dera um cartão de Dia dos Namorados. Ela lembrou que quando sua barriga começou a aparecer, outras pessoas do acampamento caçoavam dela, mas Joel, não.

A inclinação do terreno ficou mais íngreme e a luz diminuiu, recortada como

que por uma tesoura e trançada fio por fio na encosta. Logo álamos e nogueiras substituíram as árvores coníferas. Rachel avistou um arbusto de aveleira e parou para colher umas folhas, o aroma pungente evocando lembranças de pomadas no peito e de dias doente na cama. O musgo forrava os afloramentos acinzentados com um verde-escuro felpudo. Ela caminhava devagar, examinando não só as folhas amarelas estreladas, mas também as samambaias de canela e de erva-impigem e outras plantas que, segundo o pai lhe havia ensinado, sinalizavam os locais onde o ginseng crescia.

Encontrou primeiro a erva-impigem, sob um afloramento sombreado onde brotava uma nascente. Arrancou as plantas da terra com cuidado e guardou-as na saca. Quando sem querer quebrou um galho, o sumo vermelho usado como tônico manchou seus dedos. Um esquilo começou a matraquear, empoleirado em uma árvore mais acima na encosta, e logo teve resposta.

Rachel pisava com cuidado no solo alagadiço. Uma salamandra laranja saiu rastejando de sob uma esteira de folhas de carvalho ensopadas. Ela se lembrou do pai lhe dizendo uma vez para nunca perturbar as salamandras nas nascentes, pois elas conservavam a pureza da água. Do outro lado do afloramento, encontrou mais erva-impigem e uma muda espessa de samambaias de canela. As folhas pareciam penas de pavão ao roçar seu corpo enquanto ela caminhava por ali. Farfalhavam no seu vestido, e o som pareceu tranquilizar Jacob, pois seus olhos se fecharam.

Ela entrou em outro aglomerado de carvalhos e lá estavam: as folhas amarelas cintilando no bosque escuro. Jacob tinha adormecido, por isso ela o deixou deitado no chão. Desfez a manta para poder erguer uma ponta e dobrou-a para fazê-la de apoio para a cabeça dele. Escavou uns quinze centímetros ao redor do arbusto de ginseng para garantir que não cortaria a raiz. Depois puxou o vestido até o joelho e se agachou em frente à planta, segurando o cabo da enxada bem perto da lâmina para tirar a terra do entorno do caule e extrair uma raiz clara que parecia uma cenoura enervada. Então, tirou as frutinhas das folhas, espalhou-as pela terra crestada, cobriu-as e saiu em busca de uma nova planta.

Ficou ali no bosque até nuvens escuras começarem a se formar no alto da serra. Àquela altura, ela já tinha encontrado todo o ginseng que podia e colhido outras plantas que também queria. Quando deixou o bosque com Jacob, suas costas estavam doloridas, e ela sabia que acordaria com mais dor na manhã seguinte. Mas um quarto da saca estava cheio; devia haver ali pelo menos um quilo de raízes para vender ao Sr. Scott depois de ficarem secando por um mês no celeiro. Jacob tinha acordado, estava se agitando dentro da manta, tornando mais difícil para Rachel segurar a saca e a enxada com a mão esquerda.

— Já estamos chegando — disse ela, mais para si mesma do que para a

criança. — Vamos guardar a enxada e levar essa erva-impigem para a viúva.

Quando chegaram à pastagem, Rachel ouviu cães latindo em algum lugar na mata e se perguntou se não seriam os mesmos que tinha visto no cemitério. Apressou o passo, lembrando-se de uma história que ouvira sobre cachorros selvagens que levaram um bebê que fora deixado em uma plantação. Ele nunca mais fora encontrado, só uns farrapos de sua manta, ensanguentados. Rachel ficou de olho na linha das árvores até atravessar toda a pastagem. Ao alcançar o depósito, deixou a enxada ali, apoiada na parede, e seguiu para a cabana da viúva.

— Eu trouxe um pouco de erva-impigem — anunciou Rachel —, em agradecimento por a senhora ter ficado com Jacob naquele dia.

— É muita gentileza sua — disse a viúva Jenkins, aceitando o punhado de plantas e colocando-o na pia.

— Tem aveleira de bruxa também, se estiver precisando.

— Não, já tenho quantidade suficiente de hamamélis. Conseguiu colher bastante ginseng?

Rachel abriu a saca e mostrou as raízes.

— Quanto a senhora acha que vale depois de seco?

— Acredito que Scott vá pagar uns dez dólares — respondeu a viúva Jenkins. — Talvez doze se ele não estiver com dor na lombar.

— Achei que seria mais — disse Rachel.

— Antes da quebra da bolsa no norte, até poderia ser, mas hoje em dia dinheiro vivo está tão raro quanto ginseng.

Rachel fitou a lareira por um tempo. A viúva sempre colocava um pouco de lenha de macieira no fogo, não porque queimava bem, mas pelo tom róseo que adquiria. Era tão bonito de se olhar quanto uma pintura, dizia a viúva. Rachel sentiu o peso de Jacob nos braços e o comparou com a leveza da saca de aniagem. O cansaço de carregar a criança pela pastagem e pela encosta, quase inexistente antes, se tornou insuportável. Ela o colocou no chão.

— Isso mal vai durar até a primavera — disse Rachel. — Terei que voltar a trabalhar na madeireira assim que desmamar Jacob.

— Acho que você não devia fazer isso — replicou a viúva. — Não gosto nem que você vá até lá para a missa de domingo.

— Já vendi a vaca, o cavalo e a sela, e agora algum bicho está roubando os meus ovos. Não há mais nada que eu possa fazer.

— O que a faz pensar que vai ter o emprego de volta se tem gente fazendo fila para conseguir trabalhar na madeireira?

— Fiz um bom trabalho quando estava lá — argumentou Rachel. — Eles vão se lembrar disso.

A viúva Jenkins se abaixou e, com um leve gemido, levantou Jacob do chão. Sentou-se na cadeira de vime perto da lareira e acomodou a criança no colo. O brilho das chamas refletia nos óculos da mulher, ondulando na lente como pétalas de rosa.

— Você acha que aquele homem vai ajudar você e esse garoto — disse a viúva Jenkins, em uma voz calma e suave, não como uma pergunta ou opinião, apenas como uma simples verdade.

— Mesmo se eu pensasse assim, não faz diferença, desde que eu volte ao trabalho — replicou Rachel. — Preciso de dinheiro para viver. A madeireira é o único lugar que conheço onde eu posso arranjar um emprego.

A senhora suspirou e acomodou melhor Jacob no colo. Encarou o fogo, e seus lábios rachados se contraíram quando ela aquiesceu levemente.

— E será que a senhora pode cuidar do Jacob se eles me contratarem? — perguntou Rachel. E, após uma pausa, acrescentou: — Se não puder, eu arranjo outra pessoa.

— Eu ajudei a criar você, então posso ajudar com este aqui também — disse a viúva Jenkins —, mas só se você esperar esse garoto completar um ano. Assim ele vai estar propriamente desmamado. E não quero receber nenhum pagamento por cuidar dele.

— Eu não me sentiria bem se não pagasse algo a senhora.

— Bem, vamos nos preocupar com isso quando chegar a hora se chegar. Talvez as coisas melhorem até lá.

A viúva usou os joelhos para balançar Jacob. O bebê riu, levantou os braços como que para se equilibrar.

— Mas, se chegarmos a esse ponto, esse menino não vai ser problema — disse a viúva. — Eu e ele nos damos muito bem.

Quando voltou ao celeiro, Rachel tirou o ginseng da saca e o espalhou para deixá-lo secando. Os corvos estavam acomodados nas árvores e os esquilos, enfiados nos ninhos. O bosque estava alerta e em silêncio, as árvores parecendo se aproximar umas das outras, como se esperassem não só por uma chuva como também por uma história a ser contada.

— É melhor procurarmos esses ovos de galinha-d’angola antes que comece a chover — disse ela a Jacob. — E podemos dar uma olhada nas abelhas também.

Rachel se encaminhou ao bosque que havia atrás da casa, mas antes parou na caixa de abelhas, na beira da mata. Como não estava quente, Rachel precisou se debruçar para ouvi-las, um murmúrio suave como um vento modorrento. A pintura da caixa estava esmaecida e descascando. Ela teria que arrumar isso até a primavera, pois a cor branca acalmava as abelhas tanto quanto fumaça.

Você precisa contar às abelhas que ele morreu. Elas vão abandonar a colmeia

se você não contar, dissera-lhe a viúva Jenkins no dia do enterro do pai. Era crença de gente mais velha, mas, mesmo sem ter certeza se era ou não verdade, Rachel tinha obedecido. Trocara as roupas escuras do luto por um vestido de linho surrado, depois fora até o depósito para procurar um véu de filó. Também era branco, de musseline. Àquela altura, quase todas as abelhas já tinham se recolhido para a noite, poucas ainda iam e vinham quando ela se aproximou da caixa. Ela se lembrava de ter aberto a tampa bem devagar, de como o aroma era puro e limpo, como musgo na margem de um riacho. Conversara com as abelhas calmamente, sua voz se misturando aos zumbidos delas. Depois, enquanto voltava para casa naquele final de tarde de junho, tinha lhe ocorrido que alguém a distância poderia vê-la e confundi-la com uma noiva. Também pensou que, se aquela distância fosse de meses em vez de metros e Rachel estivesse de volta àquelas tardes de inverno passadas na cama de Pemberton, ela mesma poderia ter imaginado isso.

Jacob fez um queixume, e Rachel sentiu as primeiras gotas de uma garoa fina.

— É melhor a gente pegar logo aquele ovo — disse ao bebê.

Levou alguns minutos, pois as galinhas-d'angola são boas em esconder seus ovos, mas Rachel finalmente encontrou um, em uma treliça de madressilva. Protegeu a cabeça de Jacob com a manta, pois a garoa tinha aumentado, trazendo junto um pouco de gelo que doía ao tocar o rosto. Ela então voltou ao celeiro e acomodou o bebê em um monte de palha que servia de cama. O sussurro da garoa batendo no telhado de estanho fazia o celeiro parecer aconchegante, como se a armação de vigas largas estivesse se encolhendo, tornando o espaço menor.

Voltando ao depósito, Rachel desenrolou a linha e o anzol da vara de pescar e retornou ao celeiro. Fez um furinho no ovo com o anzol e o enfiou na gema até o metal desaparecer. Depois pôs o ovo no ninho e amarrou os dois metros de linha de pesca na cabeça de um prego. Todo esse trabalho porque a vida estava muito difícil e qualquer tostão era importante, disse Rachel a si mesma, amargamente. Ela e o pai já tinham passado por tempos difíceis antes. Quando Rachel tinha sete anos, eles perderam uma vaca leiteira que comera folhas de cerejeira, e aos doze, uma tempestade de granizo destruiu toda a colheita de milho. Mas mesmo nas piores épocas sempre havia alguns dólares sobrando na lata de café que ficava na prateleira da despensa, ou um cavalo ou uma vaca no pasto que ainda podiam ser vendidos.

Você pode conseguir um bom dinheiro por ela se vender, tinha dito a Sra. Pemberton ao lhe entregar a faca de caça. E provavelmente conseguiria mesmo, talvez tanto quanto o ginseng, mas Rachel não admitia seguir a recomendação daquela mulher. Preferia vender os sapatos que tinha nos pés a tirar a faca do baú e vendê-la. A viúva Jenkins dizia que Rachel estava sendo muito orgulhosa, e

talvez o pregador Bolick concordasse, mas já tinha perdido grande parte do seu orgulho nos últimos meses para acreditar que Deus ficaria zangado por ela conservar tão pouco.

. . .

Pela manhã, Rachel encontrou um guaxinim encolhido em um canto do estábulo, a linha de pesca saindo de um lado da boca. Arfava com a língua cor-de-rosa para fora. O bicho não virou a cabeça quando Rachel abriu a porta do estábulo. Só os olhos negros se dirigiram para ela. Mas não foram os olhos, e sim as patas dianteiras que a fizeram hesitar. Pareciam mãos humanas enrugadas e enegrecidas pelo fogo. Um ano antes, o pai dela é que teria feito isso, assim como quando um grande vira-lata entrara na propriedade e matara um galo, e também na ocasião em que um potro nascera manco. Coisas que se faz em uma fazenda.

Se conseguir se livrar dessa, ele vai voltar, disse Rachel a si mesma, e você não vai mais conseguir pegá-lo, porque os guaxinins são espertos demais para serem enganados duas vezes. Ele vai procurar a linha e o anzol e ficar longe daquele ovo enquanto pega todos os outros do celeiro. Não tenho escolha. Rachel pensou em como aquilo era verdade, e a respeito de tudo: a gente tem uma chance no começo, mas, se não fizer a escolha certa, como ela não fizera, as opções se afunilam bem depressa. Como tentar atravessar um rio, pensou. Se você der um passo errado, pisar em uma pedra solta ou em um buraco, a correnteza leva você embora e a única coisa a fazer é tentar sobreviver.

Não deveria ser assim, disse Rachel a si mesma, e ela sabia que para algumas pessoas de fato não era. Alguns podiam fazer uma escolha errada e mesmo assim seguir seu caminho sem se aborrecer mais que uma vaca espantando uma mosca com o rabo. Isso tampouco estava certo. Com a raiva que ela sentiu ao pensar nisso, ficou mais fácil ir até o depósito pegar o machado.

Quando voltou ao estábulo, o guaxinim não se mexeu. Ela se lembrou do pai dizendo que o crânio de um lince era tão fino que se podia esmagar com as mãos. Ela imaginou se o de um guaxinim seria igual. Tentou decidir se era melhor usar a cabeça ou a lâmina do machado. Ergueu-o alguns centímetros do chão, pensando que, se usasse a lâmina e errasse, poderia cortar a linha.

Então, virou o cabo de forma a usar a parte rombuda. Apontou, abaixou o machado e ouviu um estalo. O guaxinim estremeceu um instante e logo ficou imóvel. Rachel se ajoelhou e retirou o anzol da boca do bicho. Examinou a

pelagem, sabendo que se o inverno estivesse mais adiantado a pele estaria mais grossa e ela poderia vender ao Sr. Scott. Pegando o guaxinim pelo rabo, ela o levou para trás do depósito e o jogou na mata.

OITO

A águia chegou em dezembro. Serena notificara o chefe da estação, avisando que deveria ser levada imediatamente ao acampamento, e assim foi feito, o engradado de madeira de três metros e seu ocupante colocados em um vagão-plataforma, acompanhados por dois jovens ajudantes, o trem subindo lentamente de Waynesville como se levasse um dignitário em visita.

Com a águia vieram duas pequenas bolsas de couro. Dentro de uma delas havia uma grossa luva de pele de cabra que ia até o cotovelo, e na outra, um capuz de couro e piós, pivôs e uma guia, além de um único pedaço de papel amassado que talvez contivesse instruções, a conta a pagar ou até um aviso, mas escrito em uma língua que o chefe da estação nunca tinha visto antes, embora suspeitasse de que fosse comanche. O maquinista trouxera a ave a Waynesville a contragosto, falando do estranho homem que a acompanhara de Charleston a Asheville. Ele tinha cabelo preto como penas de corvo e usava um chapéu de pele pontudo e uma roupa de um azul tão forte que doía os olhos de quem olhasse por muito tempo, descreveu o maquinista para os funcionários da estação. Fora uma espada no cinto quase tão alta quanto ele, que fazia um sujeito pensar duas vezes antes de caçoar de sua roupa. Não, senhor, declarou o maquinista, não era um dos *nossos* índios.

A chegada do pássaro foi fonte imediata de rumores e especulações, principalmente entre Snipes e sua equipe. Os homens saíram do refeitório para ver os dois rapazes erguerem a carga do vagão e então, com um ar cerimonioso, transportarem o engradado até o estábulo. Dunbar achava que a criatura seria usada como mensageiro, uma espécie de pombo-correio. McIntyre citou um versículo do Apocalipse enquanto Stewart sugeria que os Pemberton planejavam engordar o pássaro para comê-lo. Ross sugeriu que a águia havia sido trazida para bicar os olhos de qualquer homem que cochilasse durante o trabalho. Surpreendentemente, Snipes não arriscou nenhuma teoria sobre o assunto, embora tivesse feito um longo discurso analisando se os homens poderiam ou não voar se tivessem penas nos braços.

Serena instruiu os jovens a deixar a águia na baia dos fundos, onde Campbell tinha construído um poleiro de madeira e aço e cordas de sisal. Ela dispensou os dois rapazes, que saíram do estábulo lado a lado, um acompanhando o passo do outro. Voltaram para o trem que os esperava, subiram no vagão e se sentaram de pernas cruzadas, com o rosto inexpressivo, mais parecendo budas. Vários operários se reuniram ao redor do vagão, perguntando sobre a águia e seu propósito. Os dois jovens ajudantes os ignoraram. Só quando as rodas começaram a girar na base que eles se permitiram alguns sorrisos condescendentes, dirigidos aos reles mortais que nunca seriam designados como guardiães de coisas raras e originais.

Serena e Pemberton ficaram no estábulo, observando a águia pela porta da baia. A cabeça do pássaro estava coberta por um capuz de couro, e suas imensas garras amareladas crispavam-se no poleiro dentro do engradado, sua envergadura de quase três metros recolhida. Imóvel. Mas Pemberton sentiu seu poder como uma mola de ferro batido que estivesse apenas comprimida, um poder que emanava principalmente das garras, cravadas bem fundo na madeira do poleiro.

— Essas garras parecem poderosas — observou Pemberton. — Principalmente a maior, na parte de trás das patas.

— Essa é a garra hálux — explicou Serena. — Tão forte que é capaz de perfurar um crânio humano ou, o que ocorre com mais frequência, os ossos de um braço.

Serena não desviou os olhos da águia ao pegar na mão do marido, mas mesmo na luz difusa do celeiro ele podia ver a intensidade de seu olhar. Suas sobrancelhas finas estavam arqueadas, como que para ter a máxima visão da ave.

— Este é o nosso desejo — disse ela, sua voz mais grave, a emoção, tão controlada na maior parte do tempo, totalmente exposta. — Ser assim. Sem passado ou futuro, tão puros a ponto de viver totalmente no presente.

Os ombros dela estremeceram, como se para se livrar de um manto não desejado. Seu rosto então reassumiu a expressão de placidez controlada, a intensidade do corpo não drenada, apenas se expandindo para uma superfície maior. Não falaram mais nada até o árabe se mexer na baia da frente e bater o casco no chão.

— Lembre-me de dizer a Vaughn para mudar o árabe para essa baia aqui do lado — orientou Serena. — A águia terá que se acostumar com o cavalo.

— Para treinar uma águia — perguntou Pemberton —, primeiro você a deixa com fome. E depois?

— Ela vai ficando mais fraca, até aceitar comida da minha mão. Mas o importante é quando ela se curva e mostra o pescoço.

— Por quê? É sinal de que se rendeu?

— Não, é porque esse é o ponto onde ela é mais vulnerável. Significa que ela confia a vida a mim.

— Quanto tempo isso vai demorar?

— Dois dias, talvez três.

— Quando você vai começar?

— Hoje à noite.

Serena dormiu a tarde toda, e no jantar comeu até a barriga ficar visivelmente estufada. Depois, mandou Vaughn ao depósito, de onde ele voltou com um penico e um galão cheio d'água. Quando Pemberton lhe perguntou sobre comida e cobertores, Serena explicou que não iria comer ou dormir até que a águia fizesse o mesmo.

Durante duas noites e um dia, Serena não saiu do estábulo. A manhã do segundo dia já estava no fim quando ela foi ao escritório. Meias-luas escuras sombreavam a cavidade inferior dos seus olhos, e seu cabelo estava emaranhado como palha polvilhada.

— Venha ver — disse ela a Pemberton.

Os dois foram até o estábulo, os olhos cinzentos de Serena apertados por causa da luz, por estarem desacostumados. Ela escorregou na neve pesada que havia caído no dia anterior e teria levado um tombo se Pemberton não a tivesse segurado pelo braço para ajudá-la a se equilibrar.

— Nós devíamos ir para casa — aconselhou ele. — Você está exausta.

— Não. Preciso lhe mostrar.

A oeste, nuvens cinzentas se adensavam, mas o sol se mantinha firme no centro do céu, a neve tão clara e brilhante que, quando Serena e Pemberton entraram no celeiro, a luz do dia desapareceu como se tivesse sido decepada. Pemberton ainda segurava o cotovelo da esposa, mas foram os olhos dela, mais do que os dele, que os orientaram pelo chão de terra da baia dos fundos. Quando Serena abriu a porta, o vulto da águia lentamente se destacou da escuridão menos substancial. Parecia que o pássaro não ousava nem respirar antes de ouvir a voz de Serena. A cabeça encapuzada virou na direção dela. Entrando na baia, Serena removeu o capuz, pôs um pedaço de carne vermelha na luva comprida e estendeu o braço. A águia subiu no antebraço dela, agarrando a luva de pele de cabra e baixando o pescoço para rasgar e engolir a carne entre suas garras. Enquanto a ave comia, Serena afagava-lhe o pescoço com o indicador.

— É tão linda — disse ela, olhando para a águia. — Não surpreende que sejam necessários a terra e o céu para abrigá-la.

Seu tom sonhador de admiração foi tão inquietante para Pemberton quanto a fraqueza dela. Ele insistiu que deviam ir para casa, mas ela pareceu não o ouvir.

Deu ao pássaro uma última posta de carne e o colocou de volta no poleiro. Suas mãos tremeram quando ela pôs o capuz. Serena virou-se e o encarou, seus olhos cinzentos opacos como mármore.

— Nunca contei como foi voltar para nossa casa depois do incêndio — disse ela. — Eu tinha saído do hospital fazia só três dias. Falei para o supervisor do meu pai, que estava me hospedando, para queimar a casa com tudo dentro, tudo. Ele não queria fazer isso, e mesmo insistindo em que ele deveria, eu precisava me certificar. Só que ele já imaginava que eu faria isso, portanto escondeu minhas botas e minhas roupas. Mas eu peguei um dos cavalos enquanto ele estava fora, vestindo só um roupão e um sobretudo. A casa havia sido queimada, não sobrara nada. Fui andando sobre as cinzas, que ainda estavam quentes. Quando subi de volta no cavalo, olhei para as minhas pegadas. Ficavam pretas no começo, depois acinzentadas e por fim brancas, mais claras e menos visíveis a cada passo. Parecia que alguma coisa tinha se movido pela neve e depois sido lentamente erguida no ar. Por alguns segundos senti que eu não estava no cavalo, e sim...

— Vamos para casa — pediu Pemberton, entrando na baia em que ela estava.

— Eu não dormi enquanto estive com a águia — disse Serena, mais para si mesma do que para Pemberton. — Eu não sonhei.

Pemberton pegou a mão dela. Sentiu-a frágil, como se suas últimas forças tivessem sido usadas para alimentar a águia.

— Tudo de que precisamos está dentro de nós dois — disse Serena, a voz pouco mais que um sussurro. — Mesmo quando tivermos um filho, será apenas uma projeção do que somos.

— Você precisa comer.

— Não estou mais com fome. No segundo dia eu estava, mas depois...

Então, ela perdeu a linha de pensamento. Olhou ao redor, como se suas ideias pudessem ter fugido para um dos cantos do estábulo.

— Venha comigo — disse Pemberton, levando-a pela mão.

Vaughn estava na porta do refeitório e Pemberton o chamou com um aceno e disse-lhe para trazer comida e café da cozinha. Foram andando devagar até em casa. Vaughn logo apareceu com uma bandeja de prata, normalmente usada para servir presunto ou peru. Dessa vez, o que se via era um amontoado de carnes diversas, incluindo de veado, favas, abóbora e batata-doce passada na manteiga. Além de biscoitos amanteigados e um pote de mel. E um bule de café e duas xícaras. Pemberton conduziu a esposa à mesa da cozinha e colocou diante dela a travessa de comida e os talheres. Ela ficou olhando para tudo aquilo como se não soubesse para que servia. Pemberton pegou o garfo e a faca, cortou um pequeno pedaço de carne e colocou as mãos em volta das dela.

— Aqui — disse ele, levando a carne no garfo até sua boca.

Ela mastigava metodicamente enquanto Pemberton servia o café. Ele cortou mais pedaços de carne para ela e levou a caneca de estanho até sua boca para fazê-la beber, deixar o calor denso do café inundá-la. Serena não tentou falar nada, como se precisasse de toda a sua concentração para mastigar e engolir.

Depois, ele preparou um banho e a ajudou a se despir. Quando a ajudava a entrar na água, sentiu suas costelas salientes e o estômago fundo. Sentado na beirada da banheira, usou sabonete e uma toalha de rosto para tirar o cheiro de esterco e de ração da pele dela. Com seus dedos grossos, ensaboou o cabelo desgrenhado da esposa, e a espuma que logo se formou era tanta que cobriu de branco suas mãos. Sobre o lavatório havia um jarro de prata de lei e uma bacia, presente de casamento dos Buchanan. Ele enxaguou o cabelo de Serena com a água que ia despejando do cântaro. Gravetos de palha amarelados surgiram na superfície turva da água. Do lado de fora, o sol tinha desaparecido e o granizo começava a cair. Pemberton a ajudou a sair da banheira de porcelana, enxugou-a com uma toalha e a ajudou a vestir o roupão. Ela foi sozinha até o quarto, onde se deitou e adormeceu rapidamente. Pemberton ficou sentado na cadeira em frente à cama, observando-a. Ouvia o granizo tamborilando no teto de zinco em um ritmo suave porém insistente, como se quisesse entrar.

NOVE

Quando a doença se abateu sobre eles, Rachel pensou que tivesse sido contraída na missa do acampamento, pois foi em uma terça-feira que Jacob começou a ficar febril. Estava agitado, a testa molhada de suor. A própria Rachel não se sentia muito melhor, a febre deixando seu vestido e seu cabelo ensopados, o mundo fora de prumo e girando como um pião. Ela aplicou cataplasmas geladas na testa do menino e lhe deu coalhada. Colocou uma cebola embrulhada em papel molhado em cima das brasas para assar, pegou o suco, com uma colher misturou com açúcar e deu um pouco para Jacob. Usou a hamamélis também, na esperança de que ao menos descongestionasse os pulmões dele. Lembrou-se do que o pai lhe dizia, que a febre sempre passava na terceira noite. É só esperar, disse a si mesma. Mas, no final da tarde do terceiro dia, os dois continuavam tremendo como vara verde. Ela pôs outra lenha no fogo, improvisou um leito em frente à lareira e deitou com Jacob para esperar a noite chegar. Dormiram enquanto as últimas luzes amareladas do lusco-fusco se esvaíam.

Estava totalmente escuro quando acordou, trêmula e ao mesmo tempo banhada de suor sob o vestido de algodão fino. Trocou a fralda de Jacob e esquentou uma mamadeira com leite, mas ele estava tão sem apetite que mal roçou as gengivas no bico de borracha. Rachel tocou a testa dele: estava tão quente quanto antes. Se a febre não baixar logo, vou ter que levá-lo ao médico, pensou em voz alta. O fogo estava quase se apagando, e ela encaixou um tronco de carvalho grosso e esbranquiçado na lareira, bem aninhado, para garantir que acenderia. Revirou as brasas com o atiçador e faíscas subiram e voltearam como um enxame de vaga-lumes.

O tronco finalmente pegou fogo e o recinto foi aos poucos se iluminando. Sombras se espalhavam e se projetavam nas paredes da cabana. Rachel distinguia formas nas sombras, primeiro pés de milho e árvores, depois espantalhos e, por fim, silhuetas humanas bamboleantes que cada vez mais ganhavam corporeidade. Ela se deitou com Jacob, tremendo e suando, e dormiu mais um pouco.

Ao despertar, o fogo tinha se reduzido a umas poucas brasas rosadas. Encostou a palma da mão na testa de Jacob, sentiu o calor da sua pele. Pegou o lampião do celeiro em cima da lareira e o acendeu. Precisamos ir à cidade, disse ao bebê, erguendo-o no braço enquanto segurava a alça do lampião com a mão livre.

Mal saíra do quintal e suas pernas já fraquejavam, o lampião pesado como um balde de leite cheio até a borda, emitindo um círculo débil de luz em torno dela. Rachel tentou imaginar que era uma balsa, que estava não em uma estrada, mas em um rio. Nem mesmo andando, só flutuando na correnteza que a levaria até a cidade. Chegando à casa da viúva Jenkins, não viu luz nas janelas. Perguntou-se por quê, até lembrar que a viúva tinha ido passar a semana do ano-novo com a irmã. Pensou em descansar nos degraus da varanda por alguns minutos, mas teve medo de não conseguir se levantar mais.

Pela primeira vez desde que saíra de casa, Rachel olhou para o céu: estava cheio de estrelas, tantas que seria necessária uma bateia para recolher todas. Luz mais que suficiente para guiar os dois até a cidade, concluiu, deixando o lampião entre a chicória e a sebe de giesta que rodeavam o pasto da viúva. Sentiu a testa de Jacob mais uma vez, mas nada tinha mudado. Apertou o bebê mais junto ao corpo, apoiando a cabecinha dele entre o pescoço e o ombro, e continuou andando.

A estrada passou a acompanhar o curso do rio. Um morcego guinchou acima da água, e Rachel se lembrou de uma noite no mezanino escuro do celeiro, quando vira o que pensara ser um pedaço de pano pendurado em uma viga. Mas, ao estender a mão, o trapo ganhou vida de repente e se emaranhou no seu cabelo, uma bola de asas e garras tentando se libertar, uma asa coriácea roçando em seu rosto até o bicho sair voando. Rachel caiu no chão, ainda gritando e esfregando o cabelo, mesmo depois de o pai ter chegado e a criatura já ter voado para fora do celeiro.

A estrada começou a se aproximar mais do rio. Rachel podia ouvir a água batendo na margem, podia sentir o cheiro da terra remexida pela chuva recente. Outro morcego guinchou, mais perto dessa vez. A estrada se afunilou e ficou mais escura, um penhasco de granito despontando do lado esquerdo. À direita, salgueiros se alinhavam ao rio, os galhos pendendo sobre sua cabeça. Então, o caminho se inclinou mais para baixo e as estrelas desapareceram.

Rachel parou de andar, a febre tão alta que ela não conseguia se orientar. Passou pela sua cabeça que talvez tivesse pegado uma curva errada e entrado em uma ponte de madeira coberta, apesar de não atinar como poderia haver um caminho errado se a estrada era uma só. Sentiu alguma coisa roçando seu cabelo mais de uma vez. Não conseguia ver os próprios pés, e de repente algo lhe

ocorreu, a ideia de que a estrada havia sido inundada sem que ela soubesse, e a ponte de madeira era um desvio para voltar ao caminho principal. Mas isso tampouco fazia sentido. Talvez eu simplesmente tenha esquecido que sempre teve uma ponte aqui, disse a si mesma.

O suor escorria ainda mais pelo seu corpo agora que ela parara de andar, não um suor saudável de quando arava um campo, mas um pegajoso, como a sensação de tocar uma lesma. Enxugou a testa com o braço. Uma ponte de madeira assim tão escura e comprida certamente teria morcegos, ela sabia, e não só alguns, mas centenas, agarrados às paredes e ao teto. Se ela encostasse na parede poderia assustar um deles, e assustar um seria assustar todos, e então sairiam voando sobre ela e Jacob em um frenesi de vento e asas. Alguma coisa mexeu seu cabelo outra vez. A brisa, é só a brisa, acalmou a si mesma. Ela abaixou um pouco Jacob no colo e cobriu-lhe a cabeça com a mão livre.

Considerou mais uma vez se não estaria em uma estrada que desconhecia, que poderia não levar a lugar algum. Preciso seguir em frente, disse a si mesma, mas estava com muito medo. Pense em algum lugar bom a que essa estrada possa levar, disse a si mesma, algum lugar onde você nunca esteve. Pense nesse lugar e que vai chegar lá, e assim talvez não sinta tanto medo. Rachel tentou visualizar o mapa das aulas da professora Stephens, mas as cores dele se misturavam umas às outras, e depois de um tempo ela se deu conta de que aquela estrada não constaria mesmo ali. Passou a imaginar então uma mulher sentada em seu quintal, que veria Rachel chegando pela estrada e a reconheceria, chamaria seu nome, mesmo depois de tantos anos, e correria para ajudá-la.

Ande em linha reta, disse Rachel a si mesma. Avançou a passos pequenos e lentos, como costumava fazer no milharal quando seguia um sulco estreito com os pés. Imaginou a mãe de vestido branco e vistoso como uma flor de abrunheiro, com botões cintilantes como joias a guiar Jacob e ela pela escuridão.

Mais alguns passos adiante, o céu reapareceu, estendendo-se acima no ponto em que a estrada começava a subir de repente, e Rachel viu que afinal estava no caminho certo. Parou para recuperar o fôlego, tirando um lenço do bolso da saia para enxugar o suor da testa, lágrimas escorrendo pelas faces. Olhou para as estrelas, que brilhavam e bruxuleavam no ritmo de sua respiração, como se um sopro forte pudesse apagar todas, à feição de velas. Recomeçou a andar, e a cada passo sentia como se estivesse enterrada na areia até o joelho. Ordenou a si mesma que não pensasse em descansar, pois, se fizesse isso, seu corpo poderia insistir naquela ideia até ceder e desistir de ir em frente. Só mais um pouco e vou conseguir passar por essa ladeira, disse a si mesma. Um passo depois do outro, e depois mais outro, até finalmente a estrada nivelar.

Agora, conseguia ver as luzes da cidade. Por um momento, elas se fundiram

com as estrelas, e Rachel teve a sensação de que ela e Jacob tinham emergido de sob a terra. Segurou o bebê com mais firmeza e fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, olhava para os próprios pés. Estava descalça, algo que não tinha percebido até aquele momento, mas ficou contente, pois conseguia sentir a poeira pedregosa e a terra batida na sola dos pés e sentia que aquilo a ancorava ao mundo.

Deixou os olhos se erguerem devagar, a estrada à frente surgindo em sua visão em pequenas partes de cada vez, como se seu olhar fosse um prumo capaz de manter a estrada e o mundo devidamente alinhados. Começou a caminhar outra vez. As estrelas voltaram para o céu, e as luzes da cidade desceram e se fixaram à terra. A silhueta escurecida da ponte se tornou visível. Jacob acordou e começou a se agitar, embora estivesse tão fraco que emitisse apenas sons débeis como miados de filhotes de gato. Preciso continuar em frente, disse Rachel a si mesma, só subir mais uma colina e estaremos lá.

Ela desceu em direção à ponte, mas esta, ao contrário da ponte coberta por que passara, ela reconhecia. As muitas árvores que se projetavam do solo ficaram mais altas, os galhos estreitando o horizonte, tornando difusos o corrimão e o piso de madeira desgastada. Estavam a poucos passos do rio quando Rachel percebeu movimentos na ponte, pontos girando como fios de névoa, só que mais sólidos. Rachel deu mais um passo e viu que eram três cachorros selvagens se atacando e rosnando ao disputar uma camisa branca ensanguentada. Dois cães agarraram cada um uma manga e o tecido rasgou, e Rachel percebeu que a camisa era do pai dela.

Ela deu dois passos para trás e ficou imóvel. Jacob choramingava. Ela se inclinou e tentou tranquilizá-lo com palavras suaves junto a seu ouvido. Ao erguer os olhos, viu que os cães tinham desistido de brigar por causa da camisa. Olhavam para ela e Jacob, os três um ao lado do outro, os pelos do pescoço eriçados e os dentes arreganhados. Eles não são reais, disse Rachel, e esperou que suas palavras se mostrassem verdadeiras. Mas os cães não desapareceram.

Rachel contornou a estrada, pensando se conseguiria cruzar o rio. Grandes pedaços de quartzo e granito forravam as margens da via, machucando-a enquanto ela tentava encontrar uma brecha entre as árvores. Mas não havia um caminho até a água, só mais árvores e uma escuridão cada vez mais densa que a impossibilitava de achar um caminho. Ela se lembrou do lampião, mas o deixara longe demais para ir buscá-lo. Começou a sentir cãimbras no braço que segurava Jacob. Ela o mudou de lado. Então, ao sentir as pedras sob os pés, teve uma ideia. Saiu um pouco da estrada e sondou a vegetação com o pé, até finalmente encontrar uma pedra do tamanho de um punho. Abaixou-se e pegou-a, depois voltou na direção da ponte.

— Saiam já daqui — ordenou ela, atirando a pedra, mas ainda assim os cães não se moveram.

Tocou a testa de Jacob, que continuava ardendo de febre. Eles não são reais, e mesmo se forem não tenho escolha a não ser passar por eles, disse a si mesma. É só andar com cuidado, não olhar para cima e não ter medo, pois os cães conseguem farejar o medo na gente. Ela deu um passo e parou. Depois deu outro, sentindo os pedregulhos e a terra sob seus pés. Mais quatro passos e seu pé direito pousou sobre a madeira. Sinta como essa ponte é sólida, disse a si mesma. Os cães não são reais, mas isto aqui é e vai levar a mim e a meu filho até a cidade.

Mais um passo, e seus dois pés estavam sobre os veios da madeira. Ela não ergueu o olhar. Os cães permaneceram em silêncio, e o único som que se ouvia era do rio correndo por baixo da ponte. Rachel fechou os olhos por um instante, imaginando não que ela e Jacob estavam em uma balsa, como fizera antes, mas que via os cachorros à deriva, o rio os levando cada vez para mais longe. Abriu os olhos e deu mais alguns passos, e então se viu outra vez pisando em terra, a estrada subindo.

Só olhou para cima quando passou pelo topo da última colina e já estava na rua principal de Waynesville. Parou na primeira casa para perguntar onde morava o Dr. Harbin. O homem que atendeu à porta deu uma olhada nela e em Jacob e os ajudou a entrar. A esposa do homem pegou o bebê nos braços enquanto o marido telefonava para o médico. Deite aqui no sofá, disse a mulher, e Rachel estava exausta demais para não obedecer. O recinto oscilou e ficou embaçado. Ela fechou os olhos. A escuridão atrás das pálpebras se iluminou por um segundo, depois escureceu outra vez, como se algo tivesse sido desvelado apenas por um instante.

. . .

Já era de manhã quando Rachel voltou a si. A princípio não soube onde estava, só sabia que nunca havia se sentido tão cansada, nem mesmo depois de passar um dia inteiro arando a terra. Um homem estava sentado em uma cadeira ao lado do sofá, e seu rosto lentamente ganhou a forma do Dr. Harbin.

— Onde está Jacob? — perguntou Rachel.

— No outro quarto — respondeu o Dr. Harbin, levantando-se. — A febre dele passou.

— Então ele vai ficar bem?

— Vai.

O médico se aproximou e pôs a mão na testa dela.

— Mas você ainda está com febre. O Sr. e a Sra. Suttles disseram que você pode ficar aqui hoje. Eu volto à tarde para ver como você está. Se estiver melhor, o Sr. Suttles vai levá-los de volta para casa.

— Eu não tenho dinheiro para pagar ao senhor — disse Rachel —, ao menos não agora.

— Não estou preocupado com isso. Depois acertamos.

O médico apontou com a cabeça para os pés de Rachel, e ela viu que estavam enfaixados.

— Você machucou muito os pés, mas nenhum corte muito profundo, que precise de pontos. Foi mais de um quilômetro de caminhada, e você estava tão doente quanto ele, e ainda por cima descalça. Não sei como conseguiu. Deve amar essa criança como à própria vida.

— Eu tentei não amá-lo — disse Rachel. — Mas não consegui.

PARTE 2

DEZ

O frio prolongado desafiava qualquer calendário. De dezembro até maio, neve e gelo forraram a cadeia de montanhas. Vários homens morreram ao escorregar quando fugiam de árvores e galhos caindo. Houve também quem tropeçasse e caísse de um penhasco enquanto outro se empalou no próprio machado, e um terceiro foi decapitado por um cabo partido. Um grupo de lenhadores se perdeu durante uma nevasca em janeiro e só foi localizado dias depois, o cabo dos machados que seguravam levando consigo a pele das palmas de suas mãos congeladas ao serem retirados pela equipe de resgate. Dedos das mãos e dos pés perdidos para o enregelamento estiveram entre os menores problemas da temporada.

A inclemência do inverno rendeu muitas histórias entre os trabalhadores que sobreviveram. Um homem que já tinha passado um inverno no Alasca afirmou que o frio ali estava pior, e como prova tirou uma das botas para mostrar cinco tocos enegrecidos. Corujas congelaram em galhos de árvores, a lua se enrolava nas nuvens tentando se aquecer, até o chão tremia de frio — várias histórias incríveis foram criadas, e quase todas ganharam crédito. Muitos operários explicaram que a floresta desmatada tinha deixado o inverno se assentar mais fundo no vale, tão fundo que ficara preso como um animal em uma armadilha. Dia e noite, os homens examinavam o céu em busca de sinais do fim da estação, como a luz mais baixa, gansos voando para o norte, vestígios de vegetação nas margens do riacho.

O sinal mais claro surgiu no final de maio, quando Campbell matou uma cascavel-da-madeira durante uma incursão de levantamento topográfico no monte Shanty. Quando Serena soube, mandou que todas as cascavéis mortas fossem colocadas em uma velha carreta perto da porta do estábulo. Ninguém sabia por quê. Um lenhador afirmou saber por experiência própria que no Colorado se comia carne de cascavel e que, apesar de ele de não ter gostado, havia quem considerasse uma iguaria. Outro desconfiou que as cobras fossem para alimentar a águia, pois faziam parte da dieta natural do pássaro na

Mongólia. Quando um supervisor perguntou ao Dr. Cheney para que a Sra. Pemberton queria as cascavéis, o médico respondeu que ela tirava veneno das presas das criaturas e revestia a própria língua com ele.

Nas semanas seguintes, Serena foi, logo ao amanhecer, à última baia do estábulo para alimentar a águia no poleiro. Passava as manhãs sozinha com o pássaro em uma planície coberta de árvores baixas no pé da serra de Half Acre. Nos quatro primeiros dias, colocou a ave atrás de si numa carreta para um passeio, um cobertor estendido sobre a gaiola. No quinto dia, o pássaro ia empoleirado no seu braço, a cabeça coberta pelo capuz negro, parecendo um verdugo, o tirante de um metro e meio amarrado ao cotovelo direito de Serena e aos braceletes de couro nos pés do predador. Campbell fez um descanso para braço em forma de Y com um galho de carvalho e fixou-o no cepilho da sela. Visto por certos ângulos, parecia que a águia estava montada no cavalo. A distância, o cavalo, a águia e Serena pareciam se fundir em um só ser, como que transformados em uma daquelas criaturas de seis pernas que povoam os mitos antigos.

Em meados de julho, Serena libertou a águia do poleiro e cavalgou até a serra de Fork, onde Galloway e sua equipe trabalhavam em uma encosta. Como o dia estava quente, muitos homens trabalhavam sem camisa, e não se vestiram quando Serena apareceu, pois já sabiam que ela não se incomodava com isso.

Serena soltou os laços de couro, removeu o capuz da águia e soltou a guia dos braceletes. Ergueu o braço direito. Como se fizesse uma saudação violenta, jogou o braço, e a ave, para o alto. O pássaro alçou voo e começou a traçar um círculo diédrico sobre os oito hectares de tocos atrás da equipe de Galloway. Na terceira volta, a águia parou. Por um instante, pairou imóvel no ar, aparentemente intocada pela lenta rotação do planeta. Em seguida, não pareceu descer, mas cortar o ar, o corpo feito um machado lançado para baixo. Já no solo, entre os tocos e folhagens, abriu as asas como uma capa estampada. Então estendeu o pescoço, parou e seguiu em frente outra vez, as garras amareladas engalfinhadas com uma criatura escondida nos detritos. No minuto seguinte, a cabeça da águia mergulhou, retornando depois com um naco de carne rosada e pegajosa no bico.

Serena abriu o alforje da sela e tirou um apito de metal e um laço. Amarrado em uma das pontas, havia um pedaço de carne ensanguentada. Ela soprou o apito, e o pescoço do pássaro virou em sua direção enquanto ela balançava a isca acima da cabeça.

Nossa Senhora, disse um lenhador quando a águia alçou voo, pois em suas garras havia uma cascavel de um metro de comprimento. O pássaro voou na direção da cordilheira, fez um novo círculo e desceu em direção a Serena e à

equipe de Galloway. Com exceção do supervisor os homens debandaram como se tivessem acendido bananas de dinamite, cambaleando e tropeçando pelos cepos e galhos enquanto fugiam. A águia pousou no chão com uma elegante falta de jeito, a serpente ainda se contorcendo um pouco, mas em movimentos que eram apenas uma débil lembrança de quando estava viva. Serena desceu do cavalo e estendeu o naco de carne. A águia soltou sua presa e saltou na comida que lhe era oferecida. Ao ver que ela acabara de comer, Serena recolocou o capuz na sua cabeça.

— Posso ficar com a pele e o guizo? — pediu Galloway.

— Pode — respondeu Serena —, mas a carne é do pássaro.

Galloway pisou com o salto da bota na cabeça da serpente e a arrancou do corpo com um rápido talho de faca. Quando os outros homens voltaram, ele já tinha estripado a cobra e guardado a pele e o guizo na lancheira em que levara seu almoço.

Ao final do mês, a águia já tinha matado sete cascavéis, inclusive uma imensa serpente corredora-azul que assustou a equipe de Snipes quando escapou das garras do pássaro em pleno voo e caiu no chão. Os homens não tinham visto a águia voando, e o réptil caiu entre eles como um último vestígio da rebelião de Satã contra os céus, perto de McIntyre. Em seu último alento, deslizou alguns centímetros e descansou a cabeça na ponta da bota do pastor leigo, o que o fez cair desmaiado para trás.

Dunbar logo acabou com a cobra com um machado enquanto Stewart tentava reanimar seu mentor espiritual enchendo o chapéu de aba larga do próprio pastor com água do riacho e despejando sobre o homem desacordado. Foram feitas diversas apostas antes de a fita métrica de Snipes marcar um metro e sessenta centímetros desde a cabeça triangular até o último dos doze anéis do guizo da serpente.

— Duvido que essa águia pegue coisa maior — disse Ross, o vencedor da aposta.

— Só se ela for voando até as selvas da América do Sul e voltar com uma jiboia — observou Snipes, guardando no bolso a fita métrica e os óculos de armação de metal (que, apesar de não terem lentes, ele insistia em dizer que funcionavam, alegando que os aros ovais ajudavam a focalizar melhor).

— Será que a ideia dela é treinar um bando de águias como essa? — conjeturou Dunbar.

— Se ela fizesse isso, essas serpentes iam se lascar como se o próprio São Patrício estivesse atrás delas — disse Snipes.

— Sem dúvida seria um alívio — comentou Dunbar — não ter que prender a respiração cada vez que levantamos uma tora ou um galho de árvore.

Ross guardou no bolso o punhado de moedas que tinha ganhado.

— Por mim, preferia que as cascavéis continuassem onde o bom Deus as colocou — disse ele. — Pelo menos assim a gente não precisaria se preocupar com cobras caindo do céu na nossa cabeça.

Stewart e Dunbar olharam para cima, desconfiados.

— Você está perturbando a ordem natural das coisas, é isso que está fazendo — acrescentou Snipes. — Igual a Pemberton quando ofereceu a moeda de ouro pelo sujeito que tirar aquela pantera da toca. Se essa coisa estiver mesmo por aí, até agora ela só meteu medo em um ou outro, mas, se começarem a mexer com uma criatura dessas, não dá nem para imaginar o que vai sair disso.

— Mesmo assim — disse Dunbar, pensativo, varrendo com o olhar as montanhas do leste do Tennessee —, se eu encontrasse esse animal, uma moeda de vinte dólares me compraria um chapéu novo, bem elegante, de aba larga e com pena e tudo. E com o que sobrasse ainda comprava uma bela de uma roupa.

— Se você ainda estivesse vivo para poder usar — observou Ross. — Era capaz de você ir para debaixo da terra com essa roupa nova aí.

McIntyre, já consciente, mas ainda esparramado no chão, olhou para cima também. Parecia prestes a expressar um novo pensamento assustador. Tentou falar, mas apenas uns poucos sons inarticulados saíram de sua garganta antes de ele revirar os olhos e desmaiar outra vez.

— Ouvi dizer que Campbell construiu um poleiro no estábulo para aquela águia — disse Dunbar.

— Eu vi — disse Snipes, anuindo com admiração. — Ele montou com um cano de chumbo soldado num vagonete velho. Isso e mais um grande bloco de nogueira, e amarrou umas cordas de sisal no alto para a águia fincar as garras. Acho que Campbell conseguiria fazer uma lanterna usando uma lata e um vaga-lume. O pássaro fica lá naquele poleiro que nem um galo grande e velho. Sem piscar nem nada. A pouca luz dentro do estábulo ajuda, claro. Fica calmo como se estivesse com o capuz na cabeça.

McIntyre gemeu e abriu os olhos por um instante, mas logo voltou a fechá-los. Stewart foi buscar mais água, porém pensou melhor e preferiu deixar o balde no chão. Então, abriu o casaco gasto do pastor e desabotoou o colarinho de sua camisa, depois mergulhou um lenço manchado na água e o colocou na testa de McIntyre como se fosse um emplastro. Os outros observaram McIntyre piscar algumas vezes antes de abrir os olhos. Dessa vez ele não tentou falar. Em vez disso, com um gesto solene, tirou o lenço que usava no pescoço e o amarrou na cabeça para cobrir os olhos.

— Nunca o vi desse jeito — disse Stewart, apreensivo, ajudando McIntyre a se levantar. — Vou levar o pastor de volta ao acampamento para o Dr. Cheney

dar uma olhada nele.

Stewart ajudou McIntyre a descer a encosta, andando devagar, o tempo todo segurando com firmeza o braço de seu mentor, como se levasse um soldado que acabara de ficar cego em uma batalha.

— Aposto que você vai dizer que a cobra não caiu em cima de você por causa desses seus trajes — disse Ross a Snipes.

— Não preciso dizer nada — retrucou Snipes. — Você viu muito bem onde o bicho caiu.

— Bem — começou Dunbar, inspecionando o desmazelo das próprias roupas —, eu comprei uma camisa vermelha que nem tomate, mas continuo sem usar aqui fora. Preciso ter alguma coisa bonita na manga para atrair as garotas.

Os homens ficaram por um momento observando Stewart levar McIntyre pela encosta, parando depois de alguns passos para olhar para o céu, nervoso.

— Aquela águia não é daqui do país — disse Snipes, parando para colocar um pouco de tabaco no cachimbo. — É da Ásia, da Mongólia, e vale quinhentos dólares, por isso é melhor não descuidar. É o mesmo tipo que o velho Kubla Khan usava para caçar, pelo que disse Campbell.

— Essa conversa que você teve com Campbell deve ter sido a mais longa que ele já teve com alguém na vida — observou Dunbar. — Ô sujeito para esconder o que pensa!

— Homens sábios não costumam guardar seus conselhos — afirmou Snipes.

— Já percebemos — disse Ross.

— Um dos cozinheiros disse que viu a Sra. Pemberton treinando aquele pássaro um dia — comentou Dunbar. — Arrastando uma cobra morta numa corda, e cada vez que a ave dava um bote no bicho ela entregava um naco de carne de primeira para ele.

Ross tinha desembrulhado seu almoço e agora olhava com ar duvidoso para seu sanduíche. Ergueu lentamente uma fatia de pão branco encharcado como se arrancasse a casca de uma ferida, revelando uma fatia cinzenta de carne que parecia revestida por muco. Ficou algum tempo só olhando para a carne gordurosa.

— Acho que eu também iria atrás de uma cobra morta por um pedaço de filé — disse Ross, melancólico. — Faz tanto tempo que não como uma boa carne de vaca.

— Se vier com um bom pedaço de pão, acho que eu desisto da promessa do paraíso — comentou Dunbar.

Um corvo passou voando no alto, a sombra de suas asas pairando sobre os homens como um pensamento sombrio. Dunbar se esquivou quando viu a sombra do pássaro e olhou para cima.

— Acho que você tem razão, Ross — disse Dunbar, ainda olhando para o céu. — Agora os problemas estão vindo de todas as direções.

Os homens viram o corvo desaparecer atrás do monte Balsam.

— Ela deixa essa águia no estábulo a noite toda — prosseguiu Dunbar. — Será que não tem medo que alguma raposa ou qualquer outro predador pegue o bicho?

Ross desviou os olhos do sanduíche e indicou com a cabeça a serpente morta.

— Se a águia consegue encarar uma cobra cheia de guizos que nem essa, vai encarar qualquer coisa sobre quatro patas, ou até sobre duas pernas, aliás. Eu não encaro nem essa águia nem alguém que consegue domar uma criatura dessas — concluiu Ross.

ONZE

Foi Campbell quem contou a Pemberton que a garota Harmon estava no acampamento.

— Ela está esperando no refeitório — disse ele. — Quer saber se pode voltar a trabalhar na cozinha.

— Por onde ela andou todo esse tempo? — indagou Pemberton.

— Morando na casa do pai, na serra de Colt.

— Ela trouxe o filho?

— Não.

— Quem vai cuidar da criança enquanto ela estiver trabalhando?

— Uma viúva que mora perto dela. Disse que vai continuar morando lá e pegar o trem para chegar ao acampamento. — Campbell fez uma pausa. — Ela fazia um ótimo trabalho, até que teve que sair no último verão.

— Você acha que devo um emprego a ela, não é? — perguntou Pemberton, olhando nos olhos de Campbell.

— Só estou dizendo que ela faz um bom trabalho. Mesmo que não precisemos dela agora, um dos lavadores de pratos vai embora no fim do mês.

Pemberton baixou os olhos para sua mesa. O recado para telefonar a Harris, o que ele já tinha feito, estava amassado sobre a folha de papel em que Serena havia desenhado sua ideia para uma nova ferrovia. Pemberton observou a representação precisa da topografia feita a carvão, os níveis de declive cuidadosamente calculados, tudo feito à mão por ela.

— Vou ter que conversar com a Sra. Pemberton antes — disse a Campbell. — Volto em uma hora.

Pemberton pegou o cavalo e saiu do acampamento. Atravessou o ribeirão Rough Fork e foi traçando seu caminho por entre cepos e galhos quebrados até chegar ao topo da serra. Encontrou Serena em uma encosta em declive, dando instruções a uma equipe de corte. Os homens estavam em diversas posições relaxadas, mas todos prestavam atenção. Depois que o supervisor fez uma última pergunta, o lenhador-chefe começou a machadar um álamo de tulipa, a única

árvore que restava de pé na clareira. Serena esperou até os serradores começarem o trabalho para então cavalgar até onde o marido a esperava.

— O que o traz aqui esta manhã, Pemberton?

— Falei com Harris. O secretário Albright ligou para ele no fim de semana e deseja marcar uma reunião. Harris disse que ele está disposto a vir aqui.

— Quando?

— Albright está querendo nos incluir na reunião. Disse que pode ser qualquer data até setembro.

— Então vai ser em setembro — afirmou Serena. — Seja qual for o resultado disso tudo, quanto mais tempo tivermos para continuar cortando, melhor.

Serena balançou a cabeça e ergueu o olhar do álamo de tulipa e o direcionou para mais além, até o cume da elevação, onde os operários já começavam a avançar pelo ribeirão Henley.

— Fizemos um bom progresso nos últimos seis meses, mesmo com o tempo ruim.

— Fizemos mesmo — concordou Pemberton. — Podemos terminar por aqui em dezoito meses.

— Acho que menos.

O árabe relinchou e bateu o casco no chão. Serena inclinou-se um pouco para a frente, afagando com a mão esquerda o pescoço do animal.

— É melhor eu ir ver as outras equipes.

— Tem mais uma coisa — disse Pemberton. — Campbell me informou que a garota Harmon está no acampamento. Ela quer voltar a trabalhar na cozinha.

— Campbell acha que devemos contratá-la?

— Acha.

Serena continuou acariciando o pescoço do árabe, mas passou a olhar para Pemberton.

— E o que eu disse na estação, sobre ela não receber nada de nós?

— O salário dela vai ser o mesmo de antes — explicou Pemberton. — E, assim como antes, ela não vai morar no acampamento.

— E quem vai cuidar da criança enquanto ela estiver trabalhando?

— Uma vizinha vai tomar conta dele.

— “Dele” — repetiu Serena. — Então é um homem.

Os serrotes pararam por alguns instantes enquanto o lenhador-chefe posicionava mais uma cunha atrás da lâmina. Serena pôs a mão esquerda no cepilho da sela. A mão direita, que segurava as rédeas, juntou-se à outra.

— Você mesmo vai ter que dizer a ela que a contratamos de volta — avisou Serena. — Só deixe claro que ela não vai conseguir nada de nós. Nem a criança.

Os serradores retomaram a atividade, o rápido vaivém da serra parecendo uma

respiração acelerada, dando a impressão de que a própria árvore estava arfando. O árabe bateu o casco no chão outra vez. Serena puxou as rédeas, já virando a cabeça do animal na direção da equipe de corte.

— Outra coisa — disse ela. — Certifique-se de que ela não vai chegar perto da nossa comida.

Cavalo e cavaleira retornaram pelos sulcos na neve em direção à mata mais fechada, Serena ereta, a postura impecável, os cascos do garanhão galopando quase com desdém sobre a terra esbranquiçada. Um porte orgulhoso, pensou Pemberton.

Quando voltou ao acampamento, Pemberton foi direto ao refeitório, onde Rachel Harmon esperava sozinha a uma mesa. Usava sapatos pretos com cadarço, engraxados, mas bem desgastados, e um vestido fino de algodão azul-claro e branco que Pemberton desconfiou que era sua melhor roupa. Quando terminou seu discurso, ele lhe perguntou se ela havia entendido.

— Sim, senhor — respondeu ela.

— E, quanto ao que aconteceu com seu pai, você mesma viu, portanto sabe que foi em legítima defesa.

Passaram-se alguns instantes de silêncio entre os dois. Finalmente, ela aquiesceu, sem olhar nos olhos dele. Pemberton tentou se lembrar do que o havia atraído nela. Talvez os olhos azuis e o cabelo loiro. Talvez por ela ser a única mulher do acampamento que já não estava um trapo. A velhice chegava cedo naquelas montanhas, principalmente para as mulheres. Pemberton já tinha visto ali algumas de vinte e cinco anos que passariam por cinquenta em Boston.

Rachel manteve a cabeça ligeiramente baixa enquanto Pemberton examinava-lhe a boca e o queixo, o colo e a cintura, o pedaço claro de tornozelo que aparecia sob o vestido surrado. Fosse o que fosse que o havia atraído antes, não estava mais ali. Assim como não sentia mais atração por qualquer mulher que não Serena, percebeu ele, incapaz de se lembrar da última vez que pensara em uma consorte do passado ou que olhara para uma bela jovem em Waynesville e imaginara o corpo dela junto ao seu. Sabia que tal constância era rara, e antes de conhecer Serena acreditava que isso era impossível para um homem como ele. Agora, no entanto, parecia inevitável, maravilhoso, mas também desconcertante.

— Você pode começar no primeiro dia do mês — disse Pemberton.

Ela se levantou para sair. Já estava quase na porta quando Pemberton perguntou:

— O bebê. Qual o nome dele?

— Jacob. É um nome bíblico.

Não o surpreendia que ela tivesse se inspirado no Antigo Testamento. O primeiro nome de Campbell era Ezra, e havia ainda um Absalom e um Solomon

no acampamento. Mas nenhum Luke ou Matthew, como Buchanan havia notado certa vez, dizendo a Pemberton que, segundo sua pesquisa, os montanheses tendiam a viver mais pelo Antigo Testamento do que pelo Novo.

— Ele tem um nome do meio?

— Magill. É um nome da família.

Ela permitiu que seus olhos encontrassem os dele por um breve momento.

— Se o senhor quiser conhecer...

Ela não terminou a frase. Uma funcionária da cozinha apareceu no refeitório, esfregão e balde em mãos.

— No primeiro dia do próximo mês — disse Pemberton e foi pedir ao cozinheiro que lhe preparasse um almoço tardio.

DOZE

Nas semanas seguintes, com a maior parte do monte Noland já cortada, as equipes de extração foram para o norte, para a serra de Bunk, depois se dirigiram para o oeste, seguindo pelo contraforte que passava por Davidson Branch e culminava em uma vastidão de terra entre Campbell Fork e o trecho superior do ribeirão Indian. Os homens trabalhavam mais depressa agora no alto verão, em parte por não ter ocorrido nenhum caso de picada de cascavel desde a chegada da águia. À medida que avançavam, deixavam para trás uma zona deserta cada vez maior de tocos, galhos quebrados e riachos sujos, entupidos e cheios de trutas mortas. Até os mais resistentes bagres e tilápias acabaram sucumbindo, alguns inclusive saltaram para as margens como se até mesmo o ar da superfície oferecesse mais esperança de sobrevivência. Com a derrubada de mais árvores, os relatos sobre a pantera ficaram mais frequentes, em parte alimentados pela promessa da moeda de ouro de Pemberton. Ninguém conseguiu mostrar um rastro ou pedaço de pelagem convincentes, mas todos tinham suas histórias, inclusive Dunbar que, uma tarde, durante o intervalo, afirmou ter visto alguma coisa grande e preta passar correndo pelas árvores próximas.

— Onde? — perguntou Stewart, pegando o machado enquanto observava com os outros a mata ao redor.

— Ali — disse Dunbar, apontando para a esquerda.

Ross foi até o local indicado por Dunbar e examinou sem convicção o solo ainda úmido devido à chuva matinal. Ao retornar, sentou-se em um tronco ao lado de Snipes, que tinha voltado a ler o jornal.

— Deve ter sido aquela águia — opinou Ross —, porque não vi rastro nenhum. Você só está querendo comprar aquele chapéu bacana.

— Pois achei que tinha visto — disse Dunbar, desapontado. — Acho que às vezes a gente tem tanta esperança que acaba imaginando um monte de coisa.

Ross virou-se para Snipes, esperando que o comentário de Dunbar lhe inspirasse um tratado filosófico, mas o outro estava imerso no jornal.

— O que tem de tão interessante aí, Snipes?

— Daqui a duas semanas vai ter uma reunião importante para falar sobre aquele parque — respondeu ele por trás do jornal. — Segundo essa matéria do Webb, o secretário do Interior de todos os Estados Unidos da América estará presente. E vai trazer junto aquele pilantra do advogado do John D. Rockfeller. Diz que estão vindo para fazer a Companhia Madeireira de Boston e a Companhia Mineral de Harris venderem suas terras, e que se não venderem vão ter que encarar um despejo.

— Eles pensam que vão conseguir fazer isso? — perguntou Dunbar.

— Vai ser uma batalha daquelas — respondeu Snipes —, não tenho a menor dúvida.

— Eles não vão ganhar — comentou Ross. — Se fosse só Buchanan e Wilkie, talvez, mas não com Harris e Pemberton na história. E principalmente não com ela.

— Assim espero — disse Dunbar. — Se fecharem isso aqui, nos daremos mal. Vamos ter que sair pelo mundo procurando serviço onde tiver, com certeza.

. . .

— Só Albright e o advogado de Rockefeller — respondeu Pemberton aquela noite enquanto ele e Serena se preparavam para dormir. — Albright não quis políticos do estado na reunião. Disse que mesmo com Webb e Kephart ainda estaremos em vantagem.

— Ótimo, vamos resolver isso de uma vez por todas — disse Serena, os olhos fixos no baú ao pé da cama, cujo conteúdo Pemberton nunca tinha visto. — Isso prejudica questões mais importantes.

Serena tirou a calça de montaria e a guardou no armário. No teto, um tamborilar esporádico anunciava a chuva pesada que fora prometida durante a tarde toda pelas nuvens baixas pairando sobre o monte Noland. A chuva foi ficando mais forte e logo estava galopando no teto de zinco. Pemberton começou a se despir e se lembrou de pegar suas botas de caça no closet do corredor. Não se assuste se chover hoje à noite, dissera-lhe Galloway à tarde. Minha mãe disse que de manhã vai fazer sol. Ela está contando com isso, assim como nós.

Serena afastou-se do armário.

— Como é esse bardo dos Apalaches pessoalmente?

— Teimoso e mal-humorado como o amigo dele, o xerife McDowell — respondeu Pemberton. — Na primeira reunião que tivemos, Kephart me disse que seu consolo era saber que um dia eu morrerei, que por fim meu caixão vai

apodrecer e que assim estarei nutrindo a terra em vez de destruindo-a.

— Isso é mais uma coisa com que Kephart se engana — observou Serena. — Vou cuidar disso, para nós dois. O que mais?

— Também é muito chegado em uma garrafa, não é nem de longe o santo que os jornais e os políticos gostam de pintar.

— Mas é a imagem que eles precisam passar — disse Serena. — Ele é o novo John Muir deles.

— Galloway diz que amanhã vamos passar bem em frente à cabana de Kephart, então você vai poder vê-lo.

— Vou encontrá-lo logo — respondeu Serena. — Além do mais, eu e Campbell vamos fincar os marcos para a nova linha de corte.

Serena tirou as roupas de baixo. Quando olhou para ela, Pemberton se perguntou se seria possível que algum dia ele não se sentisse maravilhado ao vê-la nua. Não conseguia imaginar um momento como aquele, preferindo acreditar que a beleza de Serena era como certas leis da matemática e da física, fixa e imutável. *Ela caminha em beleza*. Palavras recitadas anos antes, em uma voz seca como pó de giz sufocando o ar da sala de aula, parte de um poema ao qual Pemberton havia prestado atenção só para poder rir daquele sentimento. Mas agora conhecia a verdade daquelas palavras, pois a beleza de Serena era assim — algo para o qual o mundo abria um espaço ao redor de forma a permitir-lhe prosseguir imperturbável em seu caminho.

Depois de fazerem amor, Pemberton ficou ouvindo a respiração suave de Serena, misturada ao ruído da chuva batendo no telhado. Ela alegava que estava dormindo bem ultimamente, em um sono tão profundo que a deixava fora do alcance de qualquer sonho ruim. Isso vinha acontecendo desde que ela ficara com a águia no estábulo, como se os pesadelos a tivessem visitado naquelas duas noites insones e, não tendo sonhos para invadir, houvessem partido para outros lugares, como fazem os fantasmas quando descobrem que a casa que vinham assombrando ficou vazia de repente.

A chuva parou durante a noite, e o céu estava azul e sem nuvens no meio do dia. De exploração, não de caça, era como Galloway havia definido a viagem deles em busca de rastros e excrementos, ou uma carcaça de veado morta recentemente com o coração arrancado, mas Pemberton resolveu levar sua espingarda assim mesmo, por via das dúvidas.

Quando chegou ao escritório, Pemberton encontrou não só Galloway no alpendre, mas também sua mãe. Ela usava o mesmo vestido austero do verão anterior e um gorro de cetim preto que fazia seu rosto parecer recuado, como se estivesse espiando da entrada de uma caverna. Os sapatos da velha eram cobertos por uma serragem avermelhada que parecia de cedro. Uma visão

cômica, mas havia algo mais, Pemberton percebeu, uma desconcertante *alteridade*, que fazia parte daquelas montanhas e seria sempre inexplicável para ele.

— Ela gosta de sair para passear em dias bonitos como este — explicou Galloway. — Diz que aquece os ossos e faz o sangue fluir melhor.

Pemberton entendeu que o passeio em questão era uma visita ao alpendre do escritório, mas, quando os dois seguiram na direção do Packard, a velha foi junto, com seus passos vacilantes.

— Acredito que ela não vá conosco, certo?

— Não na parte exploratória, só no passeio de carro — respondeu Galloway.

Galloway não deu espaço para que ele contra-argumentasse; foi logo abrindo a porta traseira do Packard e ajudando a mãe a entrar, para depois ir se sentar ao lado de Pemberton.

Seguiram na direção de Waynesville por alguns quilômetros antes de virarem para o oeste. A velha mantinha o rosto perto da janela, mas Pemberton não conseguia imaginar o que ela poderia estar enxergando com aqueles olhos esbranquiçados. Dividiam a estrada com famílias voltando da igreja, a maioria a pé, algumas em carroças. Quando Pemberton passava por aqueles montanheses, normalmente eles baixavam o olhar para não ter de encará-lo, um aparente ato de deferência, mas que era desmentido por sua recusa em andar pelo acostamento da estrada, o que muito facilitaria o percurso dele. Ao chegarem a Bryson City, Galloway apontou para uma loja em que estava escrito em vermelho na vitrine: SHULER — FARMÁCIA E BOTICÁRIO.

— Precisamos parar aqui um minuto — disse ele.

Galloway saiu da loja com um pequeno embrulho de papel que entregou à mãe. A velha protegeu a tampa da embalagem com as mãos, como se o conteúdo pudesse tentar fugir.

— Ela é louca por marrom-glacê — explicou Galloway enquanto Pemberton engatava a marcha no carro.

— Pelo menos uma vez ou outra a sua mãe fala algo?

— Ela só fala se for alguma coisa que vale a pena ser ouvida — respondeu Galloway. — Ela pode prever o seu futuro se você quiser. E dizer o que os seus sonhos significam também.

— Não, obrigado — replicou Pemberton.

Dirigiram por mais alguns quilômetros, passando por pequenas fazendas, muitas habitadas somente por criaturas abrigadas atrás de janelas quebradas e tetos decadentes, avisos de despejo pregados nas portas e nas vigas das varandas. No quintal ou nos canteiros, sempre havia algo deixado para trás — um rastelo ou bacia enferrujada, um balanço de criança com a corda puída, restos que

permaneceram no local abandonado. Pemberton seguiu por uma estrada em declive em que um sinal indicava RIBEIRÃO DEEP, que cruzava o que possivelmente era o leito seco de um rio, a julgar por todas as guinadas para desviar de pedras e detritos. Quando Pemberton chegou ao fim da estrada, já havia um carro estacionado na pequena clareira.

— Será de Kephart? — perguntou ele.

— Ele não tem carro — respondeu Galloway, apontando para o chapéu marrom de um policial deixado no painel. — Parece ser do grande xerife. Ele e aquele velho homem devem estar por aí procurando flores ou insetos bonitos ou algo do tipo. O xerife ama tanto a natureza quanto Kephart.

Os dois saíram do carro, e Galloway abriu a porta de trás. A velha estava imóvel a não ser pelas bochechas inflando e murchando como um fole a cada chupada no doce. Galloway deu a volta e abriu a outra porta traseira.

— Assim ela pode sentir uma boa brisa — disse ele. — Era isso que ela queria. Não tem como sentir brisa alguma naqueles casebres.

Seguiram pelo caminho por uns cem metros até as árvores se abrirem, revelando uma pequena cabana. O xerife McDowell e Kephart estavam sentados no alpendre em cadeiras de vime. Um barril de madeira de trinta litros se encontrava entre os dois, e sobre ele havia um mapa topográfico, estendido como uma toalha de mesa. McDowell observava com atenção enquanto Kephart assinalava o mapa com um lápis de carpinteiro. Pemberton colocou um pé no degrau do alpendre e viu que o mapa abrangia as montanhas ao redor e as do leste do Tennessee. Marcas cinza e vermelhas cobriam-no, algumas sobrepostas, outras parcialmente apagadas, como um palimpsesto.

— Planejando uma viagem? — perguntou Pemberton.

— Não — respondeu Kephart, finalmente tomando conhecimento da presença dele desde que Pemberton pisara na clareira. — Um parque nacional.

Kephart pôs o lápis sobre o barril. Tirou os óculos de leitura e os deixou no mesmo lugar.

— O que está fazendo nas minhas terras?

— Suas terras? — perguntou Pemberton. — Achei que você já tivesse doado suas terras para esse parque que tanto deseja. Ou o parque vai pegar só as terras dos outros?

— O parque vai ter todas as minhas terras — afirmou Kephart. — Já deixei isso claro no meu testamento, mas no momento você está invadindo minhas posses.

— Estamos só de passagem — explicou Galloway, que se posicionou ao lado de Pemberton. — Ouvimos dizer que pode haver uma pantera rondando a área. Só estamos ajudando a protegê-lo.

McDowell olhou para o rifle nas mãos de Pemberton, que apontou para o mapa com o cano da arma.

— Também é a favor desse parque, xerife?

— Sou — respondeu McDowell.

— Por que será que isso não me surpreende? — indagou Pemberton.

— Vá embora antes que eu prenda você por invasão de propriedade — ameaçou McDowell. — E, se eu escutar um disparo dessa arma, prendo você por caçar fora da temporada.

Galloway sorriu e ia dizer algo, mas Pemberton falou primeiro:

— Vamos embora.

Os dois contornaram a cabana e passaram por um galpão de madeira, atrás do qual uma peneira improvisada com uma tela de janela enferrujada estava apoiada sobre dois cavaletes. Sobre ela, havia pontas de flechas e de lanças, além de outras pedras de várias cores e tamanhos, inclusive algumas que mal passavam de pequenos seixos. Galloway parou para examinar as pedras, erguendo uma delas contra a luz para observar sua tonalidade turva e avermelhada.

— Onde será que ele encontrou essa coisinha? — murmurou Galloway.

— O que é isso? — perguntou Pemberton.

— Rubi. Esses não são grandes o suficiente para valerem alguma coisa, mas se alguém encontrar um maior, com certeza vai nadar na grana.

— Você acha que Kephart encontrou essas pedras por aqui?

— Duvido — respondeu Galloway, jogando a pedra de volta na peneira. — É mais provável que as tenha encontrado perto de Franklin. Mesmo assim, vou ficar de olho bem aberto enquanto estivermos explorando o riacho. Deve ter mais coisa escondida aqui além de uma pantera.

Seguiram em frente, pegando a trilha que adentrava na floresta. Poucas árvores se erguiam no local, e as que havia eram pequenas. Algum tempo depois, Pemberton ouviu o som do riacho, depois o avistou através das árvores, maior do que tinha imaginado; estava mais para um pequeno rio do que para um ribeirão. Os olhos de Galloway estavam focados na areia e na lama. Ele apontou para uma série de pequenos rastros no chão arenoso.

— Marta. Vou voltar aqui e preparar uma armadilha quando estiver com a pelagem mais grossa.

Seguiram correnteza acima, Galloway parando para examinar rastros, às vezes ajoelhando para contornar as marcas com o indicador. Chegaram, por fim, a uma piscina funda; acima, um trecho alagadiço exibia rastros maiores do que os que já tinham visto impressos na lama.

— Felino? — perguntou Pemberton.

— Sim, é um felino.

— Achei que haveria marcas de garras.

— Não. Eles só mostram as garras no momento do ataque.

Com um gemido, Galloway se apoiou em um dos joelhos. Colocou um dedo ao lado da pegada e apertou a lama naquele ponto, para drenar a água da pegada.

— Lince — disse depois de um tempo. — Mas um dos grandes.

— Tem certeza de que não é um leão-da-montanha?

Galloway ergueu os olhos, uma expressão ao mesmo tempo irritada e divertida no rosto.

— Se quiser, a gente pode espetar um rabo nele e dizer que é uma pantera — brincou ele. — Tem muito idiota por aí que não sabe a diferença.

O montanhês então se levantou e olhou para o sol a fim de calcular a hora.

— Está na hora de ir embora — disse ele, voltando para a margem. — Pena que mamãe está com a gente, senão poderíamos ficar mais tempo. Se essa fera estiver mesmo por aqui, quando chegasse a noite daria para escutar alguma coisa.

— Como é o som que ela faz? — perguntou Pemberton.

— Igualzinho ao choro de um bebê — respondeu Galloway —, mas depois de uns segundos se transforma em um grito como se viesse de uma criatura que teve o pescoço cortado. Só é preciso ouvir uma única vez para identificar o que é. Deixa a nuca de qualquer um arrepiada que nem um porco-espinho.

Subiram de volta ao espinhaço, o som das águas agitadas do riacho diminuindo atrás deles. Em poucos minutos, a cabana de Kephart surgiu novamente à vista.

— Quer descobrir se esse xerife é homem de verdade ou só conversa fiada? — perguntou Galloway.

— Em outra ocasião.

— Tudo bem — concordou Galloway, virando à direita e atravessando um pequeno riacho. — Então vamos por aqui. Mas vou pegar um pouco de água dessa nascente. Mamãe deve estar com sede depois de comer aquele doce.

Quando chegaram à nascente, Galloway tirou uma lata de tabaco do bolso traseiro da calça e jogou fora o que restava no fundo. Enquanto o supervisor enchia a lata, Pemberton olhou por entre as árvores para a cabana. Um tabuleiro de xadrez tinha substituído o mapa, e Kephart e McDowell observavam as peças com atenção. Um dos companheiros de esgrima de Pemberton em Harvard o tinha apresentado ao jogo, alegando que assim também exercitariam a mente em vez do corpo, mas Pemberton achara o ritmo lento e a falta de movimento tediosa.

A partida estava próxima do final, restando menos de uma dúzia de peças no tabuleiro. Com o polegar e o indicador, McDowell movimentou seu último

cavalo e fez sua jogada, avançando para a frente e para a esquerda, não somente visando o rei de Kephart como também se interpondo no caminho de sua torre. Pemberton achou que o xerife tinha cometido um erro, mas Kephart viu outra coisa, que Pemberton não percebera, e renitentemente tomou o cavalo com sua torre. O xerife moveu a rainha para o outro lado do tabuleiro, e só então Pemberton percebeu a estratégia. Com um movimento final, Kephart encerrou o jogo.

— Vamos embora — disse Galloway, segurando a lata com cuidado para não derramar a água. — Tenho mais o que fazer além de ficar vendo dois homens adultos brincando com pecinhas.

Continuaram andando e encontraram a mãe de Galloway exatamente como a tinham deixado. O único sinal de que havia feito um pequeno movimento era o saco de papel amassado no chão.

— Trouxe uma água fresca da fonte, mamãe — anunciou Galloway, levando a lata de tabaco aos lábios rachados e arroxeados da velha.

Ela bebeu ruidosamente, o filho lhe dando na boca, inclinando o recipiente aos poucos, depois o afastando para que ela pudesse engolir e então levando-o aos lábios dela outra vez. Fez isso várias vezes, até toda a água ter sido consumida.

Enquanto dirigiam de volta para o acampamento, Galloway observava as montanhas Smoky pela janela.

— Não se preocupe — disse ele. — Ainda vamos pegar sua pantera.

Ficaram em silêncio pelo resto do caminho, seguindo a escarpa por um circuito tortuoso que passava por inúmeras curvas e saliências da paisagem. Na saída de Bryson City, as montanhas cresciam, como se tomassem um último fôlego antes de exalar na direção do vale do ribeirão Cove.

Quando chegaram à madeireira, Pemberton viu uma picape verde estacionada em frente ao depósito. Na caçamba equilibrava-se uma estrutura de madeira, alta e de portas amplas, mais parecendo um enorme canil ou uma pequena igreja. Nas laterais, em letras pretas, lia-se R. L. FRIZZELL — FOTÓGRAFO. Pemberton observou o dono da picape tirar um tripé e uma câmera da carroceria e montar o equipamento com a destreza de alguém bastante experiente em seu ofício. O fotógrafo parecia ter uns sessenta anos e usava um terno preto amarrotado e uma gravata larga e sóbria. Uma lupa pendia de uma corrente prata em seu pescoço, o instrumento ostentado com a mesma autoridade com que um médico usaria um estetoscópio.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Pemberton.

— Ledbetter, o serrador que morreu ontem — respondeu Galloway. — Vão tirar uma foto dele de lembrança.

Pemberton então entendeu. Mais um dos costumes locais que tanto fascinava

Buchanan: tirar uma foto do falecido, uma lembrança para o parente desolado pendurar na parede ou acima da lareira. Campbell estava atrás do fotógrafo, mas Pemberton não conseguiu identificar por que razão, se é que havia uma.

— Guarde isso no escritório — ordenou Pemberton, entregando o rifle a Galloway e depois seguiu em direção ao armazém para falar com Campbell.

Um caixão de pinho sem tampa estava apoiado na parede lateral do depósito, com o falecido dentro. Uma plaqueta com as palavras DESCANSE EM PAZ tinha sido afixada na parte retangular da frente do caixão, mas a rigidez do morto e seus ombros encolhidos traíam essa ideia, como se mesmo na morte Ledbetter continuasse temendo a queda de mais uma árvore. Frizzell apertou o gatilho do obturador. Ao lado do caixão postavam-se uma mulher abatida que Pemberton supôs ser a esposa do falecido e ao lado dela, um garoto de seis ou sete anos. Assim que um clique confirmou que a foto havia sido batida, dois serradores se aproximaram para encaixar a tampa no caixão, encapsulando Ledbetter na mesma matéria que o havia matado.

— Onde está minha mulher? — perguntou Pemberton a Campbell.

Campbell apontou com a cabeça na direção do monte Noland.

— Lá em cima, com a águia.

O fotógrafo submergiu da cobertura de pano, piscando com a forte luz da tarde. Encaixou o negativo em sua capa de metal protetora, foi até a picape e pegou uma sacola de vime, que jogou no ombro antes de pegar outra chapa fotográfica. Inseriu-a antes de desmontar a câmera e o tripé e saiu empurrando o equipamento de forma desajeitada na direção do refeitório, onde a congregação do reverendo Bolick, aproveitando o dia quente, tinha colocado algumas mesas do lado de fora para desfrutar ao ar livre a refeição após o trabalho. A comida já tinha sido consumida e os pratos retirados, mas muitos continuavam lá. As mulheres usavam vestidos baratos de algodão estampado e os homens, calça e camisa branca amassada, alguns com casacos surrados. As crianças vestiam de tudo, desde roupas costuradas em casa até agasalhos confeccionados com sacos de batatas.

Frizzell preparou a câmera, apontando a lente para uma criança com uma blusa azul de algodão listrado. O fotógrafo desapareceu sob o pano preto, tentando manter a atenção da criança com diversos badulaques tirados do cesto de vime. Quando um pássaro de brinquedo azul, chocalhos e ventarolas fracassaram, ele saiu de sob o pano e exigiu que fizessem a criança ficar quieta. Rachel Harmon emergiu de trás de outros fiéis da missa. Pemberton não a tinha visto até aquele momento. Ela falou calmamente com o garoto. Ainda abaixada, recuou devagar, como se temesse que qualquer movimento súbito pudesse fazer a criança voltar a ficar agitada. Pemberton olhou para o garoto, procurando um

sentimento, um pensamento que pudesse abranger o que via diante de si.

Quando Campbell fez menção de ir embora, Pemberton pegou-o pelo braço.

— Fique aqui um minuto.

O fotógrafo desapareceu embaixo do pano outra vez. A criança não se mexeu. Nem Pemberton. Tentou distinguir as feições do garoto, mas estava longe demais para sequer enxergar a cor dos olhos. Um clarão de luz e a foto estava tirada. Rachel Harmon ergueu a criança nos braços. Ao se virar e ver Pemberton, não desviou o olhar. Levantou o menino para que fitasse Pemberton. Com a mão livre, colocou o cabelo da criança para trás das orelhas. Logo depois, chegou uma mulher mais velha e o garoto virou para o outro lado, e os três encaminharam-se para o trem que os levaria a Waynesville.

Pemberton pegou a carteira, deu uma nota de cinco dólares a Campbell e disse a ele o que desejava.

Naquela noite, Pemberton sonhou que ele e Serena estavam caçando no mesmo local onde tinham matado o urso. Alguma coisa escondida mais adiante no bosque deu um gemido choroso. Pemberton pensou que fosse uma pantera, mas Serena disse que não, que era um bebê. Quando ele perguntou se não deveriam resgatá-lo, Serena sorriu para ele. O bebê é de Galloway, não nosso, explicou ela.

TREZE

Rachel tinha se esquecido de que os lenhadores comiam tanto. Era como alimentar uma enorme fogueira que queimava lenha mais depressa do que se podia repor. Ela trabalhava no primeiro turno, o mais difícil, pois o café da manhã era a principal refeição do acampamento. Acendia o lampião e deixava Jacob com a viúva Jenkins toda manhã, depois andava até a estação e ia de trem para o acampamento, chegando às cinco e meia para ajudar a preparar as longas mesas, primeiro arrumando os garfos de latão e colheres e canecas de café, grandes bandejas de caulim e tigelas que logo receberiam comida. As fornalhas rugiam o tempo todo, abertas e estufadas de nogueira, o calor passando através de partições de ferro fundido até os fogões Burton de quinhentos quilos. Dentro dos fornos, poças de massa de pão cresciam e douravam enquanto panelas matraqueavam e fumegavam como máquinas superaquecidas nas bocas dos fogões. A cozinha se adensava de calor e fumaça, logo ficando mais quente e úmida que as piores tardes de julho. O suor recobria com uma oleosidade lustrosa a pele dos funcionários, que entravam e saíam a toda hora. Depois, a comida era transportada das enormes bancadas do fogão, tirada com conchas e despejada em caldeirões de vinte e quarenta litros, raspada de enormes caçarolas negras, grandes como covas de plantio. Enchiam grandes tigelas com maçãs cozidas, batatas fritas, farinha de aveia grossa e mingau de aveia, cestos de palha cheios até a boca de pães e biscoitos, bandejas empilhadas com panquecas e pães de toucinho, pires de manteiga e jarros de geleia de amora. Por último, o café, os bules fumegantes dispostos nas bandejas com canecas de leite e açúcar, apesar de quase todos os homens o tomarem puro.

Por alguns minutos ficavam todos e tudo à espera — os funcionários da cozinha, os compridos bancos de madeira, os pratos, garfos e canecas. Até o cozinheiro-chefe pegar sua pesada marreta e bater no trilho de trem de um metro de comprimento pendurado do lado de fora da porta principal. As equipes de lenhadores entravam, e durante quinze minutos os homens mal falavam entre si, muito menos com Rachel e os outros funcionários da cozinha. Erguiam as mãos

e apontavam para tigelas e pratos vazios, as bocas ainda mastigando. Passados os quinze minutos, tocava o sinal do trabalho. Os homens saíam tão depressa que parecia que seus garfos e colheres abandonados continuavam retendo uma leve vibração, como ondas concêntricas em uma poça d'água onde uma pedra caiu.

As mesas eram limpas imediatamente, mas a lavagem dos pratos e os preparativos para a refeição seguinte esperavam até que os próprios funcionários da cozinha comessem. Rachel sempre achou aqueles os melhores momentos do expediente. A oportunidade de recuperar o fôlego da correria de alimentar os homens e poder conversar com os colegas de trabalho era algo de que sentia muita falta depois de meses quase sem falar com nenhum outro adulto além da viúva Jenkins. Mas Bonny tinha se casado e ido morar na Carolina do Sul, e Rebecca fora demitida. As mulheres mais velhas não tinham muito a ver com ela, nem antes e ainda menos agora. A substituta de Rebecca, uma mulher chamada Cora Pinson, de Grassy Bald, não era exatamente simpática, porém era mais nova que as outras e também recém-contratada. Depois de três semanas comendo sozinha, Rachel levou seu prato à mesa em que estavam sentadas Cora e Mabel Sorrels.

— Tudo bem se eu me sentar com vocês? — perguntou Rachel.

A Sra. Sorrels apenas olhou para ela, como se não valesse a pena responder. Foi Cora Pinson quem disse:

— Eu não me sento com prostitutas.

As duas então pegaram seus pratos, viraram as costas para Rachel e mudaram para outra mesa.

Rachel sentou-se e olhou para seu prato. Podia ouvir várias outras mulheres falando dela, sem nem se dar o trabalho de cochichar. Vá em frente e coma como se isso não a abalasse, disse a si mesma. Ela deu uma mordida no pão, mastigou e engoliu, embora descesse como serragem. Espetou o garfo em um pedaço de maçã cozida, mas não o levou à boca, só ficou olhando. Ainda não tinha visto Joel Vaughn até ele pôr o prato em frente ao dela. Ele tirou o casaco de lã preto e azul e jogou-o na cadeira vazia ao lado.

— Não ligue para essas velhas tabaqueiras — disse Joel, puxando uma cadeira e se sentando. — Toda manhã eu vejo essas duas lá atrás lavando a boca. Não querem que o reverendo Bolick veja a gosma de tabaco nojenta escorrendo pelo queixo delas como uma baba marrom.

Joel disse essas palavras alto e bom som para as mulheres ouvirem. Rachel abaixou a cabeça, mas um sorriso se desenhou em seus lábios. Cora Pinson e Mabel Sorrels se levantaram depressa e foram para a cozinha com suas bandejas.

Joel tirou o gorro cinza, revelando o tufo de cabelo crespo e ruivo que sempre fora um emaranhado impossível de pentear desde que Rachel o conhecia.

— O seu menino está crescendo mais que milho em junho — disse Joel. — Esse domingo, na missa, eu nem o teria reconhecido se você não estivesse com ele no colo. Não sabia que bebês cresciam tão depressa, mas acho que nós homens não sabemos muito dessas coisas mesmo.

— Eu também não sabia — replicou Rachel. — Na verdade, acho que não sei quase nada sobre bebês.

— Ele parece forte e saudável; acho que isso mostra que você sabe o suficiente. — Joel apontou com a cabeça para o prato de Rachel enquanto pegava o garfo. — É melhor você comer também.

Joel baixou os olhos e comeu com a mesma concentração fixa dos outros trabalhadores. Rachel o fitou, surpresa em ver como ele tinha mudado e como não tinha mudado nada. Quando criança, Joel era menor que a maioria dos outros garotos, mas tinha dado uma esticada na adolescência, ficando não só mais alto como também mais largo e com músculos definidos. Agora era homem feito e tinha até um bigodinho. Mas o rosto era o mesmo, sardento e de sorriso fácil, ainda aquela cara de garoto travesso. Era muito inteligente e também bondoso, de uma bondade que transparecia em seus olhos verdes, assim como em suas palavras. Joel largou o garfo e levou o café aos lábios; deu um gole, depois outro.

— Você tem feito um bom trabalho — disse Rachel. — Pelo que o pessoal comenta, daqui a pouco vai virar supervisor, que nem o Sr. Campbell. Mas isso não é surpresa alguma. Você sempre foi o mais inteligente dos garotos da nossa escola.

Joel corou. Até suas sardas pareceram ficar mais escuras.

— Faço o que eles me pedem, só isso. Além do mais, vou sair daqui assim que encontrar outro trabalho.

— Por que você quer ir embora? — perguntou Rachel.

Joel a olhou bem nos olhos.

— Porque eu não gosto dessa gente — disse ele, voltando a se concentrar em sua comida.

Rachel olhou para o relógio perto da porta e viu que era hora de voltar ao trabalho. Ela já podia ouvir o tinir da louça e dos metais sendo lavados e enxaguados nas imensas tinas de madeira, mas não queria se levantar. Percebeu que sentir fome de palavras era o mesmo que ter fome de comida, pois as duas coisas deixavam um vazio interior, um vazio que era preciso tapar para se conseguir sobreviver mais um dia. Pensou em como, durante sua infância e adolescência, ela achava que crescer em uma fazenda só com o pai era o máximo de solidão possível.

— Bons tempos, aqueles da escola — disse ela enquanto Joel terminava de

comer. — Só percebi como era bom quando acabou, mas acho que a vida é assim mesmo, não é?

— A gente se divertia à beça — concordou Joel —, mesmo com aquela velha resmungona da professora Stephens.

— Eu me lembro daquela vez que ela perguntou a qual lugar dos Estados Unidos a gente tinha vontade de ir. E você respondeu que o mais longe possível dela e da escola. Aquilo a deixou furiosa.

O refeitório de repente ficou em silêncio quando Galloway abriu a porta lateral e entrou, a cabeça ligeiramente inclinada para a direita, enquanto examinava todo o recinto. Localizando Joel, ele apontou com a cabeça para o escritório.

— É melhor eu ir lá ver o que ele quer — disse Joel, levantando-se.

Rachel também se levantou, perguntando baixinho por cima da mesa:

— Alguma vez você ouviu o Sr. ou a Sra. Pemberton falarem de mim?

— Não — respondeu Joel, fechando a cara.

Ele pareceu querer dizer mais alguma coisa, e, fosse o que fosse, não seria dito em tom de brincadeira e com um sorriso no rosto. Mas ele não disse mais nada. Pôs o gorro de volta na cabeça e vestiu o casaco de lã.

— Obrigada por se sentar comigo — agradeceu Rachel.

Joel assentiu.

Assim que ele saiu pela porta, Rachel viu a Sra. Pemberton pela grande janela do refeitório, passando resoluta e rápida a cavalo pelas últimas equipes que se encaminhavam para a floresta. Ficou olhando até ela começar a subida até o espinhaço. Então levantou-se da cadeira, prestes a desviar os olhos da janela, quando viu o próprio reflexo. Em vez de se abaixar para recolher o prato, continuou a fitar o vidro. Apesar do avental e do cabelo preso em um coque, Rachel notou que continuava bonita. Suas mãos estavam ressecadas e enrugadas pelo trabalho na cozinha, mas seu rosto era jovem e viçoso. O corpo ainda não tinha adquirido a flacidez amorfa das outras mulheres ali. Nem o avental manchado conseguia esconder isso.

Você é bonita demais para se esconder debaixo dessas roupas, dissera o Sr. Pemberton mais de uma vez quando Rachel só tirava o vestido e as anáguas depois de estar na cama sob as cobertas. Ela lembrava que, depois das primeiras vezes, também começara a sentir prazer ao fazer amor, não só ele, tendo que morder os lábios para não se envergonhar. Recordou o dia em que andara pela casa enquanto ele dormia, tocando o refrigerador, as cadeiras e o espelho dourado, e se lembrou também do que não havia ali: nenhuma fotografia de uma namorada afixada na parede ou em um porta-retratos sobre a cômoda. Também não havia mulher alguma vindo de Boston para visitá-lo, como a Sra. Buchanan

fizera uma vez. Pelo menos não até a chegada de Serena.

Alguém a chamou da cozinha, mas ela não se afastou da janela. Lembrou-se mais uma vez daquela tarde na estação de trem, quando Serena Pemberton, segurando a faca de caça pela lâmina, estendera-lhe o cabo de madrepérola. Rachel pensou que teria sido muito fácil pegar a faca, com a lâmina que acabara de matar seu pai apontada para o coração daquela mulher. Enquanto continuava encarando o próprio reflexo, de repente reconsiderou se de fato tivera apenas uma única escolha real na vida, se naquele momento na estação Serena Pemberton não havia lhe oferecido uma segunda chance, uma chance de escolha que afinal teria justificado ter se deitado com o Sr. Pemberton, mesmo ao custo da vida do pai. *Não pense uma coisa tão terrível*, disse a si mesma.

Rachel finalmente se virou e se dirigiu à cozinha, levando o prato e o garfo para a mesa de carvalho onde se deixava a louça suja, e depois se posicionou ao lado da tina de madeira perto da porta dos fundos. Pegou a bucha com a mão direita e o sabão Octagon com a esquerda, mergulhou as mãos na água cinzenta e esfregou a escova de madeira no sabão amarronzado para fazer espuma. Quando pegou o primeiro prato para lavar, outra funcionária da cozinha abriu a porta de trás com o ombro. Trazia nas mãos uma tina de metal cheia de pratos do café da manhã e as baixelas do escritório.

— O Sr. Pemberton quer mais café — disse a mulher a Beason, o cozinheiro-chefe.

Beason olhou ao redor da cozinha, passando os olhos por Rachel antes de se decidir por Cora Pinson.

— Leve um bule de café até lá — ordenou ele.

Quando Cora Pinson saiu pela porta dos fundos, Rachel se lembrou da Sra. Pemberton em seu grande cavalo, ereta e de ombros largos, olhando fixo para a frente. Sem nem prestar muita atenção, pois não precisava se preocupar com alguém na sua frente ou na frente do cavalo. Ela passaria com o animal por cima de qualquer um que aparecesse em seu caminho e nem notaria se alguém fosse pisoteado.

É esperto da parte dela, pensou Rachel, não me deixar chegar perto da comida dela mesmo.

CATORZE

A reunião com a delegação do parque estava marcada para as onze da manhã de segunda-feira, mas às dez horas Pemberton, Buchanan e Wilkie já estavam no escritório, fumando charutos e discutindo a folha de pagamento. Harris também estava à mesa, lendo a edição matinal do *Asheville Citizen* com uma irritação visível. Campbell ficou de pé em um canto até Pemberton consultar o relógio e fazer um sinal para ele, indicando que estava na hora de ir buscar Serena.

— Chegaram cedo — disse Buchanan minutos depois quando a porta do escritório se abriu.

Mas eram o Dr. Cheney e o reverendo Bolick. Eles foram logo entrando, Cheney se acomodando na cadeira mais próxima. Bolick segurava seu chapéu preto de pregador na mão, mas se sentou sem ter sido convidado e pôs o chapéu na mesa. Pemberton não pôde deixar de admirar o atrevimento do homem.

— O reverendo Bolick quer dar uma palavra com você — disse o Dr. Cheney. — Falei que estávamos ocupados, mas ele foi insistente.

A manhã estava quente. O pastor enxugou a testa e a têmpora direita com um lenço de algodão, sem tocar no lado esquerdo do rosto, onde a pele era seca e granulosa, parecendo até mais fina, como se tivesse sido barbeada com uma plaina. Resultado de um incêndio em sua casa durante a infância, Pemberton tinha ouvido falar. Bolick guardou o lenço no bolso do paletó e cruzou as mãos à frente.

— Como os senhores estão esperando visitas, serei breve — começou o reverendo Bolick, falando para todos mas olhando especificamente para Wilkie. — É sobre o aumento salarial que discutimos. Até mesmo meio dólar a mais por semana já faria uma enorme diferença, principalmente para os trabalhadores que têm uma família.

— Você não viu aqueles homens nos degraus do depósito? — perguntou Wilkie, o tom de voz mudando rapidamente de enfado para irritação. — Você deveria ser grato por sua congregação ter trabalho, quando muitos não têm. Guarde o seu proselitismo para os seus fiéis, reverendo, e não se esqueça de que

está aqui por condescendência nossa.

Bolick olhou para Wilkie. O lado do rosto do pastor que era marcado pelo fogo pareceu irradiar uma reminiscência daquela antiga violência.

— A única condescendência de que preciso é a de Deus — disse ele, pegando o chapéu.

Pemberton, que olhava pela janela, falou:

— Aí vem minha esposa.

Os outros também se viraram para olhar pela janela. Serena parou no alto da encosta antes do início da descida. Uma névoa espessa encobria o chão e a montanha, mas a luz da manhã brilhava forte no cume. Filamentos da luz do sol pareciam entretecidos no cabelo curto de Serena, dando-lhes a aparência de metal polido. Ela estava sentada com a postura ereta sobre o cavalo, a águia empoleirada na manopla de couro em seu braço. Quando Bolick empurrou a cadeira para trás para se levantar, Wilkie desviou o olhar da janela e fitou o pastor bem nos olhos.

— Isso, sim, é uma manifestação divina — disse Wilkie, com admiração. — Foram imagens assim que deram aos gregos e aos romanos suas divindades. Olhe para ela, reverendo. Nunca será crucificada pela plebe.

Por alguns instantes ninguém falou nada. Ficaram observando Serena entrar na névoa ondulante e desaparecer.

— Não vou ouvir mais essas blasfêmias — vociferou Bolick.

O pastor pôs o chapéu e saiu rapidamente da sala. O Dr. Cheney continuou sentado até Pemberton falar que sua presença ali não era mais necessária.

— É claro — retorquiu Cheney secamente, já se levantando para sair. — Esqueci que minha interferência só é necessária em questões de vida ou morte.

Pemberton foi até o bar e trouxe uma garrafa de conhaque para a mesa, depois voltou e pegou alguns copos de cristal. Buchanan olhou para a garrafa e franziu a testa.

— O que foi? — perguntou Pemberton.

— A bebida. Pode ser vista como uma provocação.

Harris ergueu os olhos do jornal.

— Achei que fôssemos nos reunir com o secretário do Interior, não com Eliot Ness.

. . .

A delegação chegou vinte minutos atrasada, na hora em que Wilkie tinha ido até

o depósito tomar um antiácido. Todos se cumprimentaram, e os visitantes não se surpreenderam quando Serena também estendeu a mão. Pemberton deduziu que já deviam ter sido informados de que ela não era uma mulher de deferências e que seria útil para a causa reconhecerem esse fato. Com exceção de Kephart, que usava uma camisa de flanela clara e calça de lã escura, os visitantes estavam de terno escuro e gravata, conferindo à reunião um clima formal, apesar da rusticidade da sala. Albright e Pemberton sentaram-se às duas pontas da mesa; Davis, o advogado de Rockfeller, à direita de Albright; Kephart e Webb, mais ao centro da mesa. Charutos cubanos e conhaque foram passados entre eles. Vários dos recém-chegados aceitaram um charuto, mas quase todos recusaram educadamente o álcool exceto Kephart, que encheu seu copo. Nuvens azuladas de fumaça de charuto logo subiram, emaranhando-se em uma nuvem diáfana acima do centro da mesa.

Harris dobrou o jornal e o deixou sobre a mesa.

— Vejo que dobrou o jornal no meu editorial mais recente, Sr. Harris — observou Webb.

— Sim. E tão logo meu organismo permitir, vou limpar a bunda com ele.

Webb sorriu.

— Pretendo escrever muitos artigos sobre esse parque, para mantê-lo bem fornido, Sr. Harris. E não estarei sozinho. O secretário Albright me informou que um repórter do *New York Times* está chegando esta semana para escrever sobre as terras já adquiridas, bem como um perfil completo sobre o papel de Kephart na criação do parque.

— Talvez o artigo possa discutir a questão do Sr. Kephart ter abandonado a família — disse Serena, virando-se para Kephart. — Quantos filhos o senhor deixou em Saint Louis para que sua esposa os criasse sozinha, quatro ou cinco?

— Isso não é nem um pouco relevante — contestou Albright, olhando para a mesa como que à procura de um malhete.

— É muito relevante — insistiu Serena. — Minha experiência tem revelado que o altruísmo quase sempre é uma forma de se esconder os fracassos pessoais.

— Sejam quais forem os meus fracassos pessoais, não estou fazendo isso por mim — disse Kephart a Serena. — Estou fazendo pelo futuro.

— Que futuro? Onde está esse futuro? — inquiriu ela com sarcasmo, olhando ao redor da sala. — Eu só vejo o aqui e o agora.

— Com todo o respeito, Sra. Pemberton — replicou Albright —, estamos aqui para discutir uma realidade, a criação de um parque nacional, não para nos envolver em sofismas.

— Os sofismas estão do nosso lado — observou Harris. — Mesmo com as terras que os senhores já adquiriram, esse parque ainda não é nada além de um

conto de fadas em uma encosta cheia de cabras.

— Os cinco milhões de Rockfeller são bastante reais — contrapôs Webb. — A lei dominante neste país também é bastante real.

— E assim começam as ameaças — disse Harris.

A porta se abriu e Wilkie entrou. Pediu muitas desculpas a todos, embora Pemberton tenha notado que seus olhos se fixavam em Albright enquanto falava. O secretário se levantou e estendeu a mão.

— Não precisa se desculpar, Sr. Wilkie — disse ele enquanto se cumprimentavam. — É um prazer conhecê-lo pessoalmente afinal. Henry Stimson fala muito bem do senhor, tanto como homem de negócios como cavalheiro.

— É muita gentileza da parte dele — respondeu Wilkie. — Henry e eu nos conhecemos há muitos anos, desde os tempos de Princeton.

— Também estudei em Princeton, Sr. Wilkie — disse Davis, estendendo a mão.

Pemberton falou antes que Wilkie pudesse responder:

— Senhores, temos muito o que fazer. Por favor, nos digam qual é a proposta.

— Muito bem, então — disse Albright enquanto Wilkie se sentava. — A oferta inicial que fizemos à Companhia Madeireira de Boston pelos catorze mil hectares foi, admito, muito baixa, mas agora, graças à generosa ajuda do Sr. Rockfeller, podemos fazer uma oferta bem mais substancial.

— Quanto? — perguntou Pemberton.

— Seiscentos e oitenta mil.

— Nosso preço é oitocentos mil — replicou Pemberton.

— Mas as terras foram avaliadas em seiscentos e oitenta mil — contestou Davis. — Este país está em uma depressão potencialmente de longo prazo. No mercado atual, nossa oferta é mais do que justa.

— E quanto aos meus oito mil hectares? — interveio Harris.

— Trezentos e sessenta mil, Sr. Harris — respondeu Davis. — Representa quarenta e cinco dólares por hectare e, assim como em relação à madeireira, houve um substancial aumento da nossa oferta inicial.

— Não chega nem perto do que seria uma boa oferta — replicou Harris.

— Mas pense em quanto o senhor já lucrou aqui — disse Webb, exasperado. — Será que não pode dar um pouco em retribuição às pessoas da região?

Serena levou o indicador até o queixo e ficou assim por um instante, como se estivesse refletindo.

— Há mesmo necessidade desse pretexto, senhores? — perguntou ela. — Sabemos o que está acontecendo com esses confiscos de terras. Vocês já expulsaram dois mil fazendeiros de suas terras, e isso de acordo com as próprias

estimativas. Não podemos fazer as pessoas trabalharem para nós nem podemos comprar as terras delas a não ser que queiram vender, mas vocês as obrigam a abandonar suas casas e seu sustento.

Davis ia falar alguma coisa, mas Albright levantou a mão. A expressão do secretário assumiu uma grave solenidade que Pemberton desconfiava ser um talento inato dos agentes funerários e dos diplomatas de carreira.

— Um aspecto infeliz do que teve que ser feito — disse Albright. — Mas, assim como o Sr. Webb, acredito ser essencialmente para o bem comum de toda a população destas montanhas.

— E portanto todos deveríamos nos sacrificar igualmente, certo? — concluiu Serena.

— Com certeza — concordou Albright enquanto Davis fazia uma careta.

Serena tirou alguns papéis do bolso e os colocou em cima da mesa.

— Isto é parte do projeto de lei aprovado pelo legislativo do Tennessee. Há provisões afirmando que inúmeros grandes proprietários estarão isentos de desapropriação com vistas à utilidade pública. Vão poder manter suas terras, mesmo que seja dentro do parque proposto. Talvez o seu repórter do *New York Times* possa escrever um artigo a respeito.

— Precisávamos do apoio deles na época — replicou Davis. — Caso contrário, o parque estaria condenado desde o início. Isso foi em 1927, não hoje.

— Só esperamos que nos tratem como a outros grandes proprietários — afirmou Serena.

— Não podemos fazer isso agora — retrucou Davis, balançando a cabeça.

— Não podem ou não querem? — zombou Harris.

— Vamos conseguir essas terras de qualquer jeito — ameaçou Davis, com a voz estridente —, e, se isso for feito por ordem de desapropriação, vocês terão sorte se conseguirem metade do que estamos oferecendo agora.

Albright suspirou fundo e recostou-se na cadeira.

— Não é necessário darem uma resposta final ainda hoje — disse ele, olhando para Buchanan e Wilkie, que até então tinham ficado em silêncio. — Discutam o assunto entre vocês. E considerem o fato de o Sr. Rockefeller ser um homem de negócios como todos vocês, e que até agora ele doou cinco milhões de dólares. Pensem no pouco que estamos pedindo à Madeireira Boston em comparação.

Buchanan concordou com a cabeça.

— Com certeza vamos discutir a questão.

— Sim — ratificou Wilkie. — Apreciamos o fato de terem vindo até aqui para falar conosco pessoalmente.

— Foi um prazer — disse Albright, levantando as mãos abertas em um gesto de abrandamento. — Como eu disse, nada precisa ser decidido hoje. Estaremos

no Tennessee este fim de semana, mas voltaremos para Asheville na segunda. Estamos iniciando negociações com o coronel Townsend, também madeireiro. A gleba de Elkmont tem mais florestas virgens de madeira de lei do que qualquer região das montanhas Smoky, e mesmo assim estamos oferecendo a vocês o mesmo preço por hectare que oferecemos a ele.

— E ele levou a proposta dos senhores a sério? — perguntou Serena.

— Muito a sério — confirmou Davis. — Ele é inteligente, sabe que um pequeno lucro é melhor que um grande prejuízo.

O secretário Albright levantou-se, assim como o restante da delegação. Wilkie e Buchanan os acompanharam até o trem.

— Uma perda de tempo total — reclamou Harris no alpendre do escritório.

— Eu discordo, Sr. Harris — disse Serena. — Acredito que ficamos sabendo de uma boa gleba em que podemos investir juntos.

— Ah! — exclamou o velho, o sorriso tão aberto que chegou a deixar à mostra o ouro das obturações. — Seria uma jogada e tanto, não é? Comprar as terras de Townsend antes deles realmente seria como jogar areia nesse negócio do parque.

Harris fez uma pausa para observar o trem partindo da estação em direção a Waynesville. Pegou as chaves do carro e sacudiu-as na palma da mão antes de fechar o punho, como se pretendesse jogar um dado.

— Vamos entrar em contato com Townsend. Eles já extraíram cobre daquelas terras. Não sei quanto, mas posso descobrir. Esse pode ser um bom negócio para todos, madeira virgem para vocês e cobre para mim.

Harris andou até o seu Studebaker e foi embora. Quando estava indo para o estábulo com Serena, Pemberton viu que Buchanan e Wilkie continuavam perto dos trilhos, embora o trem já tivesse desaparecido por trás da serra McClure.

— Acho que Buchanan está hesitante.

— Não, não está hesitante — disse Serena. — Ele já se decidiu.

— Como você sabe?

— Pelos olhos dele. Não olhou para nós nem uma vez. — Ela sorriu. — Vocês homens não percebem quase nada, Pemberton. A força física é a única vantagem do seu sexo.

Os dois entraram no estábulo, parando por um momento para que os olhos se ajustassem à pouca luz. O árabe bateu o casco no chão com impaciência ao notar a aproximação de Serena. Ela abriu a porta de madeira da baia e o deixou sair.

— Wilkie também está menos resoluto que o normal — observou Pemberton.

— Sem dúvida. Ficaram massageando o ego dele, e ele caiu direitinho.

Serena pegou a sela e a jogou no lombo do cavalo.

— Se Buchanan nos deixar para trás, você acredita que Wilkie também vai

mudar de lado? — conjeturou Pemberton.

— Acho.

— E o que devemos fazer?

Ela levou o árabe até a escadinha e entregou as rédeas a Pemberton.

— Vamos nos livrar de Buchanan.

Serena afivelou a manopla no braço direito e abriu a baia adjacente, onde a águia esperava, imóvel e em silêncio, como um soldado em posição de sentido. É uma berkute, dissera ela a Pemberton uma semana depois da chegada da ave, muito parecida com as águias-reais com que ela caçava com o pai no Colorado, só que maior e mais forte, mais feroz. Os cazaques caçavam lobos com ela, e Serena afirmava que as berkutes atacavam até mesmo leopardos-das-neves se tivessem oportunidade. Olhando para aquelas enormes garras e o peito musculoso da ave, Pemberton acreditava que era mesmo possível.

Serena saiu do estábulo com o pássaro no braço. Subiu no degrau de apoio, encaixou o pé esquerdo no estribo e alçou-se à sela. Suas pernas e seu quadril se ajustaram ao corpo do cavalo enquanto ela se equilibrava. Era um movimento preciso, que envolvia doses equivalentes de força e agilidade. A águia abriu as asas por um instante, depois as recolheu, como se também estivesse se equilibrando.

— Ainda pretende caçar com Harris no domingo? — perguntou Serena.

— Sim.

— Convide Buchanan para ir junto. Diga que será uma oportunidade para vocês dois discutirem a proposta do secretário. No caminho até lá, fale um pouco mais com Harris sobre as terras de Townsend, talvez seja bom mencionar também a gleba do condado de Jackson de que Luckadoo lhe falou. Você provavelmente não vai ter a chance de fazer isso na volta.

Por quê?, quase perguntou Pemberton, mas logo entendeu. Serena olhou fixamente para ele, as pupilas dilatando à luz difusa do celeiro.

— Preciso botar aquela segunda empilhadeira para funcionar no domingo de manhã, mas posso encontrar vocês à tarde. Posso me encarregar da tarefa se quiser.

— Não, pode deixar comigo.

— Então eu faço em uma próxima vez — disse Serena.

QUINZE

Reuniram-se no domingo de manhã em frente ao depósito. Galloway sugeriu que fossem caçar em um terreno abandonado perto da nascente do ribeirão Cook, um pomar de maçãs que tinha atraído animais o outono inteiro. Rastros recentes indicavam que ainda havia muitos veados por lá. O suficiente para atrair qualquer puma que pudesse estar por perto, acrescentou Galloway, insistindo para que Pemberton levasse a moeda de ouro de vinte dólares no bolso da frente, só por via das dúvidas. Vaughn, Galloway e os cães de caça foram na carroça enquanto os outros seguiram a cavalo.

Atravessaram o monte Noland e depois a serra Indian, deixando para trás as áreas de extração. Buchanan e Harris cavalgavam lado a lado. Pemberton ia atrás. Logo a mata os cercou, folhas recém-caídas amaciando a trilha. Algumas árvores maiores atraíram a atenção de Pemberton, mas quase tudo por que passaram era pinheiro branco e abeto, com uma bétula de rio próxima ao riacho. Ele comentou com Buchanan, que apenas aquiesceu em resposta, os olhos fixos no caminho à sua frente. Começaram a descida para o desfiladeiro. A trilha seguia um riacho; os olhos de Harris examinavam o leito rochoso.

— Acha que pode haver algo de valor aqui? — perguntou Pemberton.

— Lá no alto já vi granito, talvez suficiente para uma pedreira, mas isto aqui é mais interessante.

Harris amarrou o cavalo a um plátano e entrou no riacho. Passou o dedo pela faixa mais clara de um afloramento.

— Cobre — disse Harris. — Embora seja impossível dizer quanto sem algumas explosões e amostras sedimentares.

— Não será carvão? — perguntou Pemberton.

— Lado errado dos Apalaches — respondeu Harris. — Platô de Allegheny: é lá que está o carvão. Só indo à Pensilvânia para encontrar carvão nas encostas do leste.

Ele se ajoelhou na margem do regato e remexeu na areia e no lodo com os dedos. Pegou algumas pedrinhas e examinou-as por um momento antes de jogá-

las de volta na água.

— Procurando alguma coisa em especial? — perguntou Pemberton.

— Não — respondeu Harris, levantando-se e tirando a areia molhada da calça de cotelê.

— Falei com o coronel Townsend ontem à noite — avisou Pemberton quando Harris voltou a montar no cavalo. — Ele está disposto a vender tanto para nós quanto para Albright.

— Ótimo — disse Harris. — Conheço um geólogo que trabalhou para Townsend. Vou pedir a ele que me mande um relatório.

— Encontramos também quatro mil hectares no condado de Jackson que parecem promissores, de uma hipoteca executada recentemente.

— Promissores para *quem*? — perguntou Harris com rispidez. — Aquela gleba na serra de Glencoe também era "promissora", mas só para você e sua esposa.

Continuaram cavalgando. A trilha estreitou, obrigando-os a formar uma fila única atrás da carroça, Buchanan na frente, depois Pemberton. Harris ia atrás, ainda estudando a geologia da paisagem. Buchanan usava uma casaca de caça preta de pele de raposa encomendada em Londres; enquanto passavam pelos trechos mais estreitos da trilha, Pemberton mantinha os olhos nela, inspirando-se naquele tecido preto para melhor relembrar uma imagem do passado.

O casamento de Buchanan ocorrera na Igreja de São Marcos, no centro de Boston. Ao contrário da cerimônia civil de Pemberton, fora um evento grandioso e elegante: o noivo, os padrinhos e o pai da noiva estavam todos de smoking, a recepção fora realizada no hotel Touraine. Buchanan e a noiva se postaram na entrada do salão de festas para receber os convidados que chegavam. Pemberton apertara a mão de seu sócio e dera um abraço em Elizabeth. Ele se lembrava de, ao abraçá-la, ter sentido como a cintura dela era fina — um tronco em formato de ampulheta —, coisa que, a julgar pela fotografia recente que se via no escritório de Buchanan, ela mantinha.

Pemberton fechou os olhos por um momento, tentando se lembrar da imagem de quem estava ao lado de Buchanan na entrada do salão. Os pais dele já tinham morrido, então aqueles deviam ser os de Elizabeth. Um rosto indistinto surgiu e logo desapareceu, nada mais do que cabelo branco e óculos. Já da mãe da noiva ele não se lembrava de nada, muito menos dos irmãos de Buchanan. Era um bom sinal que não tivessem deixado impressão alguma, pensou Pemberton, que sempre acreditara ser bom em reconhecer aspectos extraordinários nas pessoas.

— Você tem irmãos, Buchanan? — indagou ele. — Alguma irmã ou irmão?

Buchanan passou as rédeas para a mão direita e virou-se.

— Dois irmãos.

— E trabalham em quê?

— Um é professor de história em Dartmouth. O outro estuda arquitetura na Escócia.

— E o pai da Sra. Buchanan? Em que trabalha?

Buchanan não respondeu. Olhou para Pemberton com um misto de curiosidade e desconfiança. Harris, que os ouvia, entrou na conversa:

— Pela reticência dele, deve ser contrabandista ou dono de um bordel. Seja o que for, vou fazer questão de experimentar o produto do seu sogro da próxima vez que for a Boston.

— Claro que não é nada impróprio — disse Pemberton. — Imagino que talvez seja um banqueiro ou advogado.

— Ele é médico — replicou Buchanan em tom ríspido, sem se virar.

Pemberton anuiu. As negociações futuras seriam mais fáceis do que esperavam — uma boa notícia para dar a Serena. Ele telefonaria aquela noite mesmo para o advogado Covington a fim de pedir que preparasse os documentos necessários para fazer uma oferta pela parte de Buchanan. Com a mão direita ele sentiu o rifle no coldre da sela. Um tiro certeiro. E então seriam só ele e Serena.

Logo as árvores se dissiparam e os homens entraram em uma antiga pastagem. As estacas de alfarrobeira continuavam ali, segurando fios de arame farpado amarronzados. Os traços esvanecidos de ordenha ficaram mais fracos, mas ainda eram visíveis, desnivelando o terreno íngreme como os grandes degraus de algumas ruínas astecas. Embora nuvens de neblina continuassem presentes nas enseadas e nos vales, a luz do sol brilhava na pastagem.

— Um bom dia para caçar — comentou Harris, dando uma olhada no céu. — Eu estava com medo de que voltasse a chover, mas pelo jeito vamos poder ficar aqui até a noite.

Pemberton concordou, mesmo sabendo que não ficariam tanto tempo assim. Ele estaria de volta em casa com Serena no começo da tarde. *Basta fazer isso*, disse a si mesmo, recitando as palavras como um mantra, como vinha fazendo desde que acordara à primeira luz daquela manhã.

Depois de atravessarem o ribeirão Cook, não demoraram muito para chegar. Nenhum veado pastava no pomar, por isso Galloway e Vaughn soltaram os cães, que saíram correndo em uma linha ondulante pela plantação, logo avançando no desfiladeiro. Vaughn descarregou a carroça e juntou lenha para fazer uma fogueira.

— Vamos deixar Harris com a parte mais alta do terreno — disse Pemberton a Buchanan. — Nós dois podemos ficar na mais baixa.

Os dois foram caminhando até a esquálida sede da fazenda onde terminava o pomar. Ao lado da casa havia um celeiro e um poço, cujo balde balançava em

uma corda apodrecida; havia uma concha enferrujada ao lado da mureta. Pemberton jogou-a na escuridão do poço, surpreendendo-se ao não ouvir respingo de água.

— Você fica com esse lado — orientou Pemberton. — Vou ficar perto do celeiro.

Ele deu alguns passos, depois parou e se virou.

— Quase ia esquecendo, Buchanan. A Sra. Pemberton mandou lhe dizer que você está enganado quanto à origem do termo “empenar”.

— Como assim?

— Ela disse que a expressão vem mesmo da Inglaterra. Mas referindo-se às penas de uma flecha. Quando você empena o seu oponente, quer dizer que a flecha enterrou tão fundo que até as penas penetraram o corpo.

Buchanan concordou com um leve aceno de cabeça.

Pemberton voltou a andar em direção ao celeiro, o cheiro de feno e esterco ainda pairando no espaço contido pelas paredes de madeira acinzentada. A frente tinha desabado, mas a viga dos fundos continuava nivelada. Visto de lado, o celeiro parecia os restos petrificados de um imenso animal ajoelhado. Ao se aproximar, Pemberton viu alguma coisa na parede dos fundos. Apenas alguns fragmentos esbranquiçados de pele de animal, presos por unhas apodrecendo, mas Pemberton sabia o que era aquilo. Tocou uma bola de pelo amarelada.

Meia hora se passou até os longos intervalos entre os uivos dos cães praticamente sumirem. Pouco depois, um veado apareceu na linha de tiro de Harris. Ele disparou duas vezes, e em instantes o macho cruzou, vacilante, o centro do pomar em direção a Pemberton e Buchanan. O animal fora atingido nos quartos, e, ao vê-lo cair, Pemberton soube que não iria mais se levantar. Buchanan avançou para o pomar.

— Economize sua munição — disse Pemberton. — Os cães vão acabar com ele.

— Tenho dinheiro para comprar munição — replicou Buchanan, parando para cravar os olhos em Pemberton.

Pemberton soltou a trava de segurança, o clique tão audível na manhã imaculada que por um momento achou que Buchanan pudesse ter ouvido. Mas os olhos de Buchanan estavam fixos no veado. O animal levantou a cabeça, revirando os olhos escuros. As patas dianteiras chutavam o ar, o torso espirrando sangue enquanto o animal tentava em vão se levantar. Buchanan apontou, mas as convulsões do veado não permitiam um tiro certeiro na cabeça. Ele tirou a elegante casaca de caça inglesa e a deixou atrás de si. Ele a colocou na grama, mas dobrada com cuidado, percebeu Pemberton, mostrando ser um homem de boas maneiras até o fim. Alguma coisa na meticulosidade de Buchanan extinguiu

as últimas dúvidas de Pemberton.

Buchanan encostou o cano da arma no crânio do veado, pressionando o cano para imobilizar a cabeça do animal. Pemberton entrou no pomar de maçãs e também apontou o rifle.

. . .

Vaughn chegou ao acampamento antes dos outros, tendo voltado correndo no cavalo de Buchanan, mas o Dr. Cheney apenas confirmou o que o rapaz e o restante da expedição de caça já sabiam. Era começo de tarde quando a carroça passou pela última elevação no caminho para o acampamento. Parecia uma cena do antigo Egito, o corpo de Buchanan enrolado em um encerado, os plotts e redbones reunidos em torno do cadáver como os animais dos antigos faraós, que acompanhavam seu dono até a outra vida. Pemberton e Harris seguiam a carroça, a casaca preta de Buchanan amarrada como uma bandeira fúnebre na trave mais alta da portinhola traseira. Pararam em frente ao escritório.

Mal a procissão parou, a picape verde de Frizzell estacionou com um solavanco ao lado do depósito. Pemberton desconfiou de que o fotógrafo ouvira falar que houve um acidente e imaginara que o morto fosse um montanhês. Wilkie e o Dr. Cheney saíram ao alpendre do escritório. O xerife McDowell, sentado no cepo do freixo abatido, levantou-se e foi também até a carroça.

Por algum tempo, os três homens não fizeram nada a não ser olhar para o cadáver amortalhado. Galloway então se aproximou, abriu a portinhola e tirou os plotts e redbones da carroça. Quando o último cachorro saiu, o Dr. Cheney subiu no veículo. Desembrulhou o corpo de Buchanan e o deitou de costas no piso de madeira, examinando a trajetória da bala, que tinha atravessado o coração antes de despedaçar a coluna. *Rifle*, disse Cheney em voz baixa, tanto para si mesmo como para McDowell. O médico pegou alguma coisa do piso da carroça e limpou o sangue do objeto ovalado, revelando uma testemunha inanimada. O xerife McDowell apoiou as mãos na lateral da carroça e inclinou o corpo para a frente.

— Isso é um botão?

— Não — respondeu o Dr. Cheney. — Um pedaço de vértebra.

O rosto de Wilkie empalideceu. O xerife McDowell se virou para Pemberton e Harris, que ainda estavam montados no cavalo.

— Quem atirou?

— Fui eu — respondeu Pemberton. — Ele estava no pomar. Deveria estar

mais afastado, perto do celeiro. Se eu soubesse, não teria atirado.

— Havia mais alguém com vocês? — perguntou o xerife.

— Não.

McDowell olhou para o morto.

— Interessante o seu tiro ter acertado bem no coração. Eu diria que foi um acidente bem peculiar.

— Eu diria que foi um acidente especialmente infeliz — falou Pemberton enquanto ele e Harris desmontavam.

O xerife ergueu os olhos, não para Pemberton, mas para Serena, que observava do alpendre da casa deles, com uma bota que estava engraxando na mão direita, um trapo manchado de preto na outra.

— A Sra. Pemberton não parece muito perturbada com a morte do seu sócio.

— Não é da natureza dela demonstrar sentimentos — disse Pemberton.

— E quanto a você, Wilkie? — perguntou McDowell. — Alguma suspeita de como o seu sócio possa ter levado esse tiro se não por acidente?

— Nenhuma — apressou-se em responder Wilkie e então voltou para o alpendre do escritório, pisando em uma poça de lama no caminho. Só pareceu notar isso quando a barra da perna direita de sua calça já estava ensopada.

O xerife McDowell cobriu a cabeça e o torso de Buchanan com o oleado, deixando apenas as pernas visíveis. Vários lenhadores tinham se aproximado para espiar dentro da carroça. Olhavam para o cadáver de Buchanan de forma impassível.

— Levem o corpo para o trem — ordenou McDowell aos lenhadores. — Vou mandar fazer uma autópsia.

Enquanto os homens tiravam o cadáver da carroça, o xerife olhou para Galloway, que estava no meio dos cães.

— Tem algo a acrescentar?

— Foi um acidente — disse Galloway.

— E como você sabe disso? — questionou McDowell.

Galloway apontou para Pemberton com a cabeça, abrindo um sorriso desdentado pontuado por uns poucos cacos marrons e amarelados.

— Ele não atira tão bem para ter feito isso de propósito.

McDowell virou-se então para Vaughn, que nem tinha saído da carroça. O jovem parecia assustado.

— E você, Joel?

— Nada, não, senhor — respondeu Vaughn, olhando para o piso do automóvel. — Fiquei com os cavalos e a carroça.

— Algo mais, xerife? — perguntou Pemberton.

McDowell ignorou o comentário, mas pouco depois entrou em seu carro e foi

embora. Assim como Harris. Galloway conduziu os cães de volta para dentro da carroça, pegou as rédeas das mãos de Vaughn e foi seguindo a poeira levantada pelos carros da frente. O Dr. Cheney ficou mais alguns minutos por ali, depois seguiu para casa. Quando Pemberton se virou para se juntar a Wilkie no alpendre, viu que a picape do fotógrafo também não estava mais lá.

Wilkie estava sentado em uma cadeira de espaldar alto. Enxugava a testa com um lenço azul de seda que normalmente só lhe servia de adorno. Pemberton se juntou a Wilkie no alpendre, puxando uma cadeira e se sentando em frente ao sócio.

— Deve dar o que pensar, ver alguém três décadas mais novo morrer tão subitamente — começou Pemberton. — Na verdade, imagino que isso o convenceria a vender a sua terça parte e voltar para Boston, viver a vida que lhe resta confortavelmente, longe destas montanhas inóspitas.

Pemberton chegou a cadeira mais para perto, os joelhos dos dois agora se tocando. Podia sentir o perfume do creme de barbear que chegava de Boston pelo correio todos os meses, podia ver um pequeno corte da navalha abaixo do lóbulo esquerdo de Wilkie.

— Talvez já estivesse pensando em algo semelhante quando os políticos flertaram com você naquela quinta-feira de manhã.

Wilkie não olhava para Pemberton, mas para o lenço azul de seda no colo. Seus dedos nodosos esfregavam o tecido como que fascinados por sua textura. Era um gesto estranhamente infantil, e Pemberton se perguntou se Wilkie não estava sucumbindo à senilidade naquele exato momento.

— Eu e a Sra. Pemberton vamos pagar metade do que o pessoal do parque ofereceu pela sua parte.

— Metade? — repetiu Wilkie, a injustiça da proposta fazendo com que finalmente olhasse Pemberton nos olhos.

— É mais que suficiente para viver os anos que lhe restam com muito conforto. Veja como uma espécie de abdicação em nome da utilidade pública.

— Mas metade? — questionou Wilkie, o tom de voz hesitando entre o desalento e a raiva.

O velho olhou para além de Pemberton e viu um vira-lata saindo de um dos casebres. O cachorro parou e se abaixou no local onde antes estava estacionada a carroça, a língua comprida lambendo o pó umedecido pelo sangue de Buchanan. Outro vira-lata se aproximou, farejou o chão e também começou a lamber.

— Tudo bem — disse Wilkie, com amargura.

— Vamos preparar a documentação esta noite — continuou Pemberton. — O Dr. Cheney é notário, e Campbell pode ser uma testemunha. Vou mandar Campbell levar os papéis para o advogado Covington hoje à noite mesmo.

Podemos concluir a transação no escritório dele amanhã. Com um aperto de mão, é claro. Afinal, somos cavalheiros, mesmo aqui nesta paisagem desolada.

Pemberton estendeu a mão. Wilkie também ergueu a sua, mas muito devagar, como se levantasse um peso invisível. A palma da mão do velho estava úmida, e ele não se esforçou para corresponder à firmeza confiante do cumprimento de Pemberton.

Pemberton deixou Wilkie no alpendre e foi para casa. Encontrou Serena olhando pela janela do quarto, fitando os tocos e galhos quebrados que cobriam uns quinhentos metros antes de subir pela encosta até o cume. As botas engraxadas secavam em um canto, em cima de um pedaço de jornal. A meia-calça de algodão cinza que ela antes estava usando tinha sido despida. À luz mortiça, os pés e tornozelos de Serena eram brancos como alabastro.

Pemberton aproximou-se, e por trás dela enlaçou sua cintura com o braço, a cabeça perto da dela. Serena não se virou, mas aconchegou-se a ele. Ao sentir a curva de seus quadris na virilha, o desejo pareceu preencher não só o corpo de Pemberton como o quarto todo. O ar parecia galvanizado por uma corrente elétrica, minúscula porém discernível. A pouca luz que entrava pela janela conferia uma tonalidade cor de mel ao ambiente.

— Então está feito — disse Serena, a mão direita pegando a dele e a aconchegando em sua coxa.

— Sim.

— E o xerife?

— Desconfiado, mas ele não tem evidências nem testemunhas que provem que não foi um acidente.

— E o nosso sócio mais velho concordou em vender a parte dele?

Pemberton aquiesceu.

— O que você descobriu sobre os irmãos de Buchanan?

— Um é estudante, o outro é professor.

— Quantas notícias boas — disse Serena, olhando pela janela. — Você vai ter que passar mais tempo na serraria, pelo menos no começo, mas vamos promover alguém ao cargo de supervisor e contratar mais alguns homens. Pelo que sei, eram os supervisores que tocavam as operações diárias até mesmo quando Wilkie e Buchanan estavam lá. Campbell também pode ajudar às vezes, mas ele precisa primeiro visitar as terras do condado de Jackson e a gleba de Townsend.

A mão de Serena deslizou alguns centímetros, seus dedos levando os dele a contornar a curva da coxa dela. O anel de ouro dela pousou sobre o de Pemberton. A eletricidade que ele sentia desde que entrara no quarto se intensificou, como se o contato do ouro propiciasse um conduto para a energia fluir diretamente de Serena para ele. Parte de Pemberton ansiava para afastar a

mão dela e enfim poder levá-la para a cama, mas a outra não queria se mover, nem de leve, com medo de que se o toque de anéis fosse interrompido, a corrente se dispersaria. Serena parecia sentir a mesma energia, pois sua mão permaneceu onde estava. Fez apenas um leve movimento, aconchegando-se ainda mais.

— Você não atirou nele pelas costas, atirou?

— Não — respondeu Pemberton.

— Eu sabia que não faria isso. Mas esse tipo de preocupação não importa. Estamos além dessas questões, Pemberton.

— Ele está morto. É tudo o que importa. Está consumado, temos o que queríamos.

— Pelo menos por ora — disse Serena. — Um começo, um verdadeiro recomeço.

Pemberton abaixou a cabeça e sentiu o perfume da colônia francesa que tinha encomendado no Natal, que Serena só usava depois de tomar seu banho no fim de tarde, e só por causa dele. Deixou que o perfume e o toque de seus lábios no pescoço dela superassem tudo o mais.

Ela soltou a mão dele e descolou o corpo de seu abraço. Começou a se despir, deixando a roupa cair no chão. Quando estava completamente nua, virou-se e apertou o corpo todo contra o dele. A calça que Pemberton usava ainda estava molhada, por ter ajudado a carregar Buchanan até a carroça, e, quando ela recuou um passo, Pemberton viu que deixara uma pequena mancha de sangue em sua barriga. Serena também viu, mas nem considerou ir até o banheiro buscar uma toalha.

Pemberton sentou-se na cama e tirou as botas e a roupa. Abriu a gaveta da mesa de cabeceira para pegar um preservativo, mas Serena agarrou seu pulso, trazendo a mão dele até seu quadril.

— Está na hora de fazermos nosso herdeiro — afirmou ela.

DEZESSEIS

Em dezembro do ano anterior, Buchanan tinha sugerido que todos os funcionários recebessem presentes de Natal. Ao menos para levantar o moral, argumentara com os sócios. Campbell, que ficara encarregado das compras, fora a Waynesville na véspera do Natal, com Vaughn. Agora, nesse Natal, Campbell fez a mesma coisa, por iniciativa própria. Ele e Vaughn encheram um vagão com diversos presentes da loja Scott's, parando na serraria para pegar alguns itens já adquiridos antes. Assim que o trem chegou ao acampamento, a carga do vagão encheu várias prateleiras improvisadas no alpendre do depósito. Campbell e Vaughn descarregaram e arrumaram os presentes, terminando bem depois da meia-noite. De manhã, os funcionários subiram ao alpendre. Campbell tinha escolhido os presentes com empatia, bom gosto e imaginação, encomendando no catálogo da Sears Roebuck o que não encontrara na Scott's, bem como de uma destilaria clandestina em Soco Gap, por isso os trabalhadores puderam escolher entre tantas opções com o que gastar seus cinquenta centavos de bônus. Os que tinham filhos foram os primeiros. Seguindo as ordens de Campbell, gastaram pelo menos metade da quantia esvaziando a prateleira que continha balas de laranja e alcaçuz, assim como a de bonecas, ursinhos de pelúcia, armas de brinquedo e carros e locomotivas de metal brilhante. Enquanto Vaughn conferia os nomes, Campbell tabulava de cabeça o rateio de cada trabalhador.

O restante dos funcionários foi em seguida. Escolheram entre linhas de pesca e anzóis, chapéus mais festivos que funcionais, papel de seda para enrolar cigarro, cachimbos e canivetes e, dispostos discretamente na prateleira de baixo, garrafas de bebida ilegal. Em outra série de prateleiras havia itens para as esposas e namoradas e para as mulheres da cozinha: pedaços de tecidos e rendas, lenços e perfumes, tiaras e braceletes. Espalhados entre esses presentes mais tradicionais estavam as escolhas mais esotéricas de Campbell. Eram objetos de natureza mais específica, como uma flauta de madeira de teca, um par de meias de beisebol listradas de verde e vermelho, um quebra-cabeça formando o mapa dos Estados Unidos. Embora fosse permitido, nenhum funcionário entrou no

depósito, para não se sentir tentado a usar seus cinquenta centavos para comprar coisas mais úteis, como luvas e ceroulas, um machado novo ou meias de lã. Preferiram ficar no alpendre, pegando um dos itens expostos, possuindo-o por um momento para então deixá-lo de lado e escolher outro. Às vezes uma moeda era ocasionalmente jogada para o alto e apanhada com as costas da mão, deixando a decisão final para algum outro poder.

No meio da manhã, a metade das prateleiras já estava vazia, mas o fluxo pelos degraus do depósito continuava constante, agora predominando os trabalhadores que vinham de trem de Waynesville ou moradores dos casebres que consideravam as poucas e raras horas de sono a mais como o melhor dos presentes. Snipes e sua equipe tinham sido alguns dos primeiros a chegar. Com exceção de Stewart, ausente por causa de um almoço de Natal na casa do pastor McIntyre, os outros ficaram por lá, observando o subir e descer na escadaria do refeitório. Seus presentes já estavam sendo usados. As meias de beisebol subiam das botinas pesadas de Snipes, cobrindo-lhe o macacão até os joelhos. Dunbar usava seu chapéu de feltro, que, apesar da tonalidade marrom terrosa, ostentava um enfeite engraçado na aba. Ross tinha escolhido uma bebida como presente, a maior parte já em seu estômago àquela altura.

Ross ergueu a garrafa e tomou mais um gole. Seus olhos lacrimejaram e seus lábios formaram um O, exalando uma vigorosa nuvem de vapor.

— Fiquei impressionado que o Papai Noel tenha tido coragem de visitar o acampamento — disse ele —, ainda mais depois do que aconteceu com Buchanan.

— Não teria acontecido se não fosse por Campbell, que não perguntou antes de agir — opinou Snipes.

— Se fosse qualquer outro homem, isso seria motivo para demissão — observou Dunbar. — Comprar presentes sem perguntar antes, quero dizer.

— Ele sabe que precisam dele mais do que nunca, agora que não têm mais Buchanan e Wilkie — explicou Ross. — Campbell é um homem bom e não é nada bobo e vai é salvar a própria pele quando as coisas começarem a pesar para o lado dele.

— Mesmo assim — comentou Dunbar —, poucos supervisores teriam feito isso por nós.

— Não tenho como discordar — concedeu Ross.

Os homens dirigiram o olhar para a entrada do depósito, onde Rachel Harmon colocava seus presentes diante de Campbell.

— Parece que ela só pegou tecidos de brim e um brinquedinho para o pequerrucho — disse Snipes. — Lembro que ano passado ela escolheu um sabonete cheiroso e um belo laço de cabelo.

— Naquela época ela vivia dando risada e fazendo palhaçada com as outras meninas da cozinha — disse Dunbar —, mas ultimamente não tem rido muito.

— Criar um filho sem pai é uma coisa que acaba com o riso de uma garota — acrescentou Ross.

— Achei que Pemberton fosse assumir seu papel e dar uma pequena ajuda — disse Dunbar. — Não sei como um homem pode fazer uma coisa dessas sem se matar de culpa.

— Eu diria que a patroa dele tem parte nisso — resumiu Ross.

— Mas lá está um sujeito que trata bem a garota — afirmou Dunbar quando Joel Vaughn apareceu na escada.

Ficaram observando Vaughn conversar com Rachel Harmon por um momento, antes que ele entregasse a ela uma locomotiva de brinquedo, o metal brilhante refletindo a luz do final da manhã. Os dois conversaram um pouco mais antes de ela ir embora, o trenzinho de brinquedo colocado com os outros presentes. Por alguns minutos, restaram apenas Campbell e Vaughn na entrada do depósito. Dunbar fitou a grande janela do refeitório e se avaliou com seu novo chapéu.

— É um chapéu arrumadinho — opinou ele —, mas eu queria que tivesse uma fita amarela brilhante.

— Se tivesse, Snipes teria pegado — disse Ross. — É só na cabeça que você ainda precisa de um pouco de cor, não é mesmo, Snipes?

— Na cabeça e nos sapatos.

Dunbar puxou um pouco mais a aba do chapéu e voltou a se sentar.

— O que você acha que Galloway ganhou do Papai Noel? — perguntou Dunbar. — Algumas presas para usar junto com o guizo no alto da cabeça?

— Talvez um pouco de veneno de rato para temperar a comida dele — sugeriu Snipes.

— Isso é o que eu provavelmente deveria ter ganhado, em vez deste chapéu — disse Dunbar. — Desde o começo do inverno que os ratos praticamente se apossaram da minha casa. Parece que não param de se reproduzir.

— Não ia adiantar nada — falou Ross. — Usei um pouco daquele Paris Green na minha casa e o veneno deve ser gostoso. Os ratos comeram como se fosse só um salzinho a mais na pipoca.

— E aquelas armadilhas que vendem no depósito, que usam queijo como isca? — perguntou Dunbar. — Já tentaram usar?

— São uns baitas de uns ratos grandões — disse Ross. — Aposto que iam arrastar a armadilha até o depósito e pedir bis, que nem você faz com uma garrafa.

— A melhor coisa para acabar com ratos são cobras — afirmou Snipes, examinando suas botas —, mas aquela águia perturbou o equilíbrio entre o que

os orientais chamam de yin e yang.

— O que é isso? — perguntou Dunbar.

— A maneira como as coisas se equilibram. Tudo no mundo tem seu lugar natural, e, se você tirar uma coisa do lugar e pôr outra onde não deveria estar, tudo fica de ponta-cabeça e fora de propósito.

— Mais ou menos como não ter diferentes estações no ano — disse Dunbar.

— Exatamente. Se fosse só inverno o ano inteiro ia todo mundo morrer congelado, e, se fosse verão o ano todo, a água secaria e as plantações morreriam.

— Eu não me importaria se fosse primavera o ano todo — comentou Dunbar. — Faz calor, mas também chove, e tudo brota e se sente vivo, os pássaros todos ficam cantando.

— Esse seria o problema — observou Snipes. — Seria tudo muito vivo. Tudo estaria brotando o tempo todo, e logo as árvores, as trepadeiras e a grama estariam cobrindo cada centímetro de terra. A gente teria que usar o machado toda manhã só para conseguir abrir um espaço para ficar de pé.

Ross terminou o resto da bebida e olhou para o terreno marrom e cinzento do fundo do vale, as encostas escalpeladas do monte Noland.

— E o que acontece quando não sobrar mais vida nenhuma? — perguntou ele.

. . .

Na manhã seguinte, o acampamento voltou ao seu ritmo de trabalho normal. Alguns homens estavam descansados, outros de ressaca, e alguns no meio-termo. Serena saiu com uma equipe que ia trabalhar na serra Indian. Estava grávida, apesar de ninguém no acampamento saber disso, a não ser Pemberton. Quando ele lhe perguntara se não seria arriscado andar a cavalo, ela sorrira e respondera que um filho deles seria capaz de aguentar alguns solavancos.

Harris ligou para o escritório no começo da tarde. Ele ficou duas semanas fora do estado e ao voltar encontrou um telegrama de Albright repreendendo a ele e aos Pemberton por terem comprado a gleba de Townsend. Ainda mais considerando que o parque era inevitável, assim como a desapropriação por motivo de utilidade pública para os que não quisessem vender.

— Ele desistiu de usar a diplomacia — comentou Harris, furioso. — Acha que é só arreganhar os dentes que vamos enfiar o rabinho entre as pernas como Champion fez. Também recebi um recado de Luckadoo, da Savings and Loan, dizendo que Webb e Kephart estiveram lá perguntando sobre aquela gleba que

lhe interessou no condado de Jackson. Só Deus sabe do que se trata, mas não pode ser boa coisa.

Quando Harris desligou, Pemberton foi ao estábulo e saiu a cavalo em direção ao leste, para a serra Indian. Ao cavalgar pelo campo, viu que algumas guirlandas ainda adornavam os casebres. Alguns montanheses acreditavam que o verdadeiro Natal era só dia seis de janeiro. O velho Natal, como chamavam, acreditando que aquele era o dia em que os magos visitaram o menino Jesus. Outra pequena informação que Buchanan havia anotado em seu caderno. A lembrança do caderno trouxe junto a lembrança do homem, mas só por alguns instantes, pois Pemberton logo voltou a pensar em Serena e na vida que ela agora carregava dentro de si.

Encontrou-a ajudando uma equipe a fazer a demarcação para a nova linha férrea, os quatro examinando um carvalho branco maciço que bloqueava o caminho do trem. Serena fez uma última sugestão e cavalgou até o marido. Ele lhe contou sobre o telegrama.

— Se o parque fosse mesmo inevitável, Albright não se preocuparia com isso — disse ela. — A gleba de Townsend deve ser mais valiosa para eles do que gostariam que soubéssemos, provavelmente por conta dos bosques virgens. Vão usar isso para influenciar o público, da mesma forma que John Muir usou suas sequoias no Yosemite. Deixe-os esperneando enquanto continuamos cortando.

Um silêncio momentâneo cobriu a floresta ao redor quando o lenhador-chefe concluiu seu entalhe e se afastou. Os dois serradores se ajoelharam no solo congelado, onde ainda restava neve do dia anterior, entre eles a serra de quatro metros usada apenas nas maiores árvores. Quando a levantaram para encaixá-la no entalhe, a luz do sol da tarde bateu diretamente na lâmina polida, dando a impressão de que o aço estava sendo forjado outra vez para enfrentar o carvalho branco. Serena e Pemberton ficaram observando enquanto os homens ganhavam ritmo depois de alguns trancos e escorregões. O chefe de equipe então ergueu a mão, sinalizando para Serena que, fosse qual fosse o problema inicial, estava resolvido.

— Webb e Kephart foram à Savings and Loan — prosseguiu Pemberton. — Luckadoo disse a Harris que eles perguntaram sobre a gleba do condado de Jackson. Mais terras para o parque, é o que Harris acredita. Disse que eles estão começando a achar que podem fazer qualquer coisa.

Serena continuava observando os serradores, mas então se virou para Pemberton.

— Mas isso não faz sentido, quando todas as outras terras do parque ficam a pelo menos trinta quilômetros.

— Vamos deixar que façam o que quiserem por lá — disse Pemberton. —

Campbell garante que a terra de Townsend é a melhor aquisição para nós. De qualquer forma, Harris está tão desconcertado com esse parque que pode ter se enganado quanto ao interesse de Webb e Kephart.

— Mas eles estão ficando mais confiantes — comentou Serena, voltando a observar a lâmina da serra, a caminho de atingir o cerne da árvore. — Quanto a isso, Harris tem razão.

DEZESSETE

No primeiro domingo do ano-novo, os Pemberton e Harris seguiram de carro para o leste até o condado de Jackson para conhecer as terras que a Savings and Loan de Waynesville havia retomado seis meses antes, terras que o magnata de repente insistia em ver antes de se comprometer com a gleba de Townsend. Harris estava no banco de trás, com um sobretudo de lã e um cantil de bolso de uísque para se manter aquecido. No dia anterior caíra granizo, e embora no momento restasse apenas uma garoa manchando o para-brisa, ainda havia crostas de gelo nas pontes e nas curvas onde o penhasco sombreava o asfalto. Pemberton dirigia com cuidado, permanecendo no meio da estrada sempre que possível, desejando que Serena não tivesse insistido em ir junto.

Harris inclinou-se para a frente e ofereceu o cantil de uísque, mas os Pemberton declinaram. Harris o guardou de volta no bolso, pegou a edição de quarta-feira do *Asheville Citizen* e começou a ler em voz alta:

— "Enquanto nossa intenção de criar um parque nacional é crucial para o futuro da região, devemos também estar atentos para assegurar nossas imensas, porém ameaçadas, belezas naturais. A recente execução hipotecária de quatro mil hectares de terras férteis na região do ribeirão Caney, no condado de Jackson, ainda que seja uma tragédia para os proprietários dessas terras, oferece uma rara oportunidade para se adquirir uma gleba intocada na nossa região e a um preço muito razoável. Essa joia escondida é rica em florestas com madeiras de lei e lindas nascentes, assim como em profusão de plantas e vida animal. O Sr. Horace Kephart, a maior autoridade nessas questões da nossa região, acredita que o terreno seja tão rico em recursos naturais quanto as terras que conheceu ao sul dos Apalaches. O Sr. Kephart argumenta, contudo, que o momento de agir é agora. Devido à proximidade dessas terras com Franklin, a propriedade está começando a despertar o interesse de especuladores que não se preocupam com a região oeste da Carolina do Norte, mas apenas em encher os bolsos. Visto que a Carolina do Norte, assim como o resto do país, está com os recursos financeiros no limite, agora é o momento de os moradores mais ricos do nosso

estado assumirem a liderança e contribuírem para garantir um legado para toda a população da Carolina do Norte.”

Harris dobrou o jornal e bateu no banco com ele.

— Eu sabia que esses canalhas estavam armando algo assim. Webb e Kephart voltaram à Savings and Loan na sexta-feira. Estavam sendo muito reservados sobre o assunto, mas Luckadoo acha que alguém daqui está interessado em ajudá-los, alguém com muito dinheiro.

— Quem poderia ser? — perguntou Pemberton.

— Acho que é Cornelia Vanderbilt e Cecil, aquele janota inglês do marido dela — respondeu Harris. — A doida da mãe dela doou dois mil hectares para aquela Floresta de Pisgah. Esse tipo de loucura deve ser de família. Além disso, eles são amigos de Rockfeller.

Ele fez uma pausa para tomar um gole de uísque, sua raiva aumentando.

— Só podem ser eles — vociferou Harris. — Ninguém mais tem tanto dinheiro assim. Por que não podem ficar apenas brincando de rei e rainha naquele maldito castelo sem se meter nos negócios alheios? Todos eles, de Webb a Rockefeller, são uns bolcheviques. Não vão ficar satisfeitos enquanto o governo não se apossar de cada hectare dessas montanhas.

— Quando perceberem que é uma questão de escolher entre geração de empregos e paisagem bonita, as pessoas vão entender — disse Pemberton.

— Empregos ou paisagem bonita — repetiu Harris. — Gostei dessa. Podemos sugerir como título para o próximo editorial do Webb. Imagino que você tenha lido a suposta carta aberta dele ao coronel Townsend.

— Nós lemos — afirmou Serena —, mas Townsend é um homem de negócios esperto demais para ser influenciado pelos versos malfeitos de Webb ou pelas ameaças de Albright.

— Eu devia ter impedido essa porcaria de parque em 1926, quando tudo começou — disse Harris. — Se não tivesse tanto dinheiro comprometido com novas máquinas, compraria essas duas glebas só para espezinhar todos eles.

— Apesar da descrição floreada de Webb, duvido que essas terras sejam melhores que as de Townsend — observou Pemberton.

— Talvez — disse Harris —, mas vale a pena reservar algumas horas para verificar, principalmente se o pessoal do Franklin está metendo o nariz nisso. Eles costumam ter pouco interesse por algo assim tão ao norte.

Harris tomou mais um gole do cantil e o guardou no bolso do casaco. O sol rompeu as nuvens baixas. Por pouco tempo, desconfiou Pemberton, mas talvez o suficiente para derreter parte do gelo que cobria o asfalto e assim facilitar a viagem de volta. Depois de mais alguns quilômetros, chegaram a uma encruzilhada. Pemberton parou para examinar um mapa desenhado à mão que

Luckadoo tinha lhe dado meses antes. Entregou-o a Serena e virou à direita. A estrada fazia uma curva aberta, e logo o rio Tuckaseegee apareceu à esquerda. A água parecia tranquila e morosa, como se o frio a deixasse indolente. O rio começou a se aproximar da via, e uma ponte de metal de mão única apareceu à frente deles. Outro automóvel vinha na direção contrária. Quando chegaram mais perto, Pemberton viu que era um Pierce-Arrow.

— É o carro daquele filho da puta do Webb — cuspiu Harris. — Se cruzarmos com ele na ponte, jogue o maldito na água.

Parecia que os dois veículos chegariam à ponte ao mesmo tempo, mas então o Pierce-Arrow freou. A estrutura de ferro da ponte estremeceu quando o Packard a atravessou.

— Pare — ordenou Harris a Pemberton.

Pemberton parou ao lado do Pierce-Arrow. Webb não estava sozinho; Kephart estava sentado ao lado do jornalista, que aparentava estar com uma ressaca brava, os olhos injetados, o cabelo despenteado. Encolhido em um casaco de lã puído e com as botas encharcadas no colo, o escritor olhava direto para a frente, sem dúvida com inveja do caro sobretudo Ulster de lã do companheiro. Harris abaixou o vidro, e Webb fez o mesmo.

— Não esperava encontrar ninguém na estrada hoje — disse Webb. — O que traz você e seus confederados ao condado de Jackson?

— Só viemos conferir uma dica a respeito de umas boas terras — respondeu Harris. — Não que isso seja da sua conta.

— Eu diria que é da conta do povo da Carolina do Norte — replicou Webb.

— Representamos os negócios da Carolina do Norte, seu merda — disse Harris. — Quando o povo deste estado estiver catando raízes nos seus parques para não morrer de fome, eles vão entender isso e começar a usar essas suas árvores para enforcar vocês. Pode dizer isso aos seus amigos também, e que é melhor construírem um fosso e uma ponte levadiça no castelo deles.

— Não faço ideia do que você está falando — disse Webb.

— Não, é claro que não. Assim como não tem razão nenhuma para você ter vindo ao condado de Jackson esta manhã.

— Existe uma razão — replicou Webb, pegando uma câmera Hawkeye no banco. — Kephart conhece uma catarata especialmente impressionante, e viemos tirar algumas fotos. Vou publicar uma delas na primeira página de amanhã.

— Parece que ele se molhou nessa sessão de fotos — comentou Harris, indicando as botas de Kephart. — Que pena que não caiu e se afogou.

— Foi um prazer conversar com você — disse Webb, já subindo o vidro —, mas temos uma semana de muito trabalho pela frente.

Webb soltou o freio de mão, e o Pierce-Arrow saiu ressoando pela ponte.

— Cataratas — resmungou Harris.

Passaram por um denso aglomerado de nogueiras e freixos, depois por uma pastagem onde só havia uma bétula no centro, o prateado do tronco descascando como papiro. Ao lado da árvore havia uma pedra de sal para animais lamberem e uma manjedoura de madeira. A estrada terminou abruptamente na sede de uma fazenda, e eles saíram do carro. Um aviso de execução hipotecária estava pregado na porta da frente. Alguém tinha escrito na tabuleta *Vai pro inferno, Hoover*, com o que parecia carvão. Ainda pairava no ar uma sensação de casa recém-habitada — achas de álamo empilhadas, um saco de sementes de abóbora na varanda, uma vara de pesca com linha e anzol. Uma concha pendurada em um galho acima do regato refletia a luz do meio-dia como um espantalho.

— Eles estiveram aqui — disse Harris, apontando para algumas marcas recentes de pneus.

Harris abaixou-se e pegou umas pedras ao lado dos rastros de pneu, examinou-as por um momento e jogou-as de volta no chão. Então, pegou uma pedra menor e a observou com mais atenção.

— Parece que há um pouco de cobre — comentou ele, guardando a pedrinha no bolso.

Serena subiu a escada para o alpendre da casa e espiou o interior do local por uma janela.

— Acho que é tudo feito em carvalho maciço — comentou ela, com ar de aprovação. — Se derrubarmos algumas paredes, pode ser usada como refeitório.

— Encontro vocês aqui às cinco? — perguntou Harris.

— Tudo bem — confirmou Pemberton. — Só não vá perder a noção do tempo contemplando a beleza da catarata do Kephart.

— Pode deixar — disse Harris, com uma careta. — Vou é dar uma mijada naquilo lá.

Ele enfiou a barra da calça nas botas e saiu andando riacho acima, logo desaparecendo em um emaranhado verde de rododendros viçosos. Pemberton e Serena subiram a colina por uma trilha. O sol do meio da tarde espalhava uma luz fria pela encosta. A neve da semana anterior ainda se acumulava entre as árvores maiores, e os dois passaram por uma nascente coberta de gelo. Pemberton andava devagar, obrigando Serena a fazer o mesmo. Do alto, conseguiram ver a gleba inteira inclusive uma parte com diversas castanheiras bem altas.

— Campbell tem razão — disse Pemberton. — É um bom negócio a quarenta e oito por hectare.

— Mas não tão bom quanto o preço de Townsend, mesmo a dois dólares a

mais por hectare — replicou Serena —, principalmente se levarmos em conta a despesa que teríamos na construção de uma estrutura que passasse por cima do rio. Fora que é um trabalho lento, e sempre se perdem alguns homens.

— Eu não tinha pensado nisso.

Serena levou a mão ao tecido de lã do casaco, no ponto em que cobria sua barriga. Pemberton apontou para uma pedra lisa e achatada como um banco.

— Sente-se ali e descanse um pouco.

— Só se você se sentar comigo — respondeu ela.

Acomodaram-se, e ficaram olhando para a vasta paisagem de montanhas, algumas já desmatadas, mas a maior parte ainda cheia de árvores. O Tuckaseegee corria para o oeste, uma névoa baixa obscurecendo suas margens. Mais para o norte, bem distante dali, o monte Mitchell tocava um céu cinzento que prometia neve. Uma madeixa de fumaça azulada subia da floresta mais perto dali, provavelmente uma fogueira que um caçador acendera.

Pemberton enfiou a mão dentro do casaco de Serena. Pôs a palma sobre o ventre dela, de leve, e a deixou ali por um tempo. Ela abriu um sorriso seco, mas não afastou a mão dele; em vez disso cobriu-a com a sua, e as palavras saíram esfumaçadas pelo frio quando ela falou:

— O mundo todo está diante de nós, Pemberton.

— Sim — concordou ele, apreciando a paisagem. — Até onde nossa vista pode alcançar.

— E mais além — acrescentou Serena. — Brasil. Florestas de mogno da mesma qualidade que as de Cuba, com a diferença de que teremos tudo só para nós dois. Não existe nenhuma madeireira por lá, apenas plantações de borracha.

Era a primeira vez que Serena mencionava qualquer detalhe sobre o Brasil desde que eles saíram de Boston, e nesse momento, assim como antes, Pemberton reagiu às fantasias dela com uma ironia bem-humorada:

— Impressionante como ninguém pensou em explorar aquelas árvores até agora.

— Já pensaram, sim — retrucou ela —, mas não tiveram coragem. Não há estradas. Quilômetros e quilômetros que nunca foram mapeados. Um país tão grande quanto os Estados Unidos, e vai ser nosso.

— Primeiro temos que terminar o que começamos aqui.

— O dinheiro de investidores que levantarmos para as operações no Brasil também pode nos ajudar a acelerar a produção por aqui.

Pemberton não disse mais nada. Esperaram um pouco mais, em silêncio, a tarde se esvaindo diante deles, depois desceram a encosta devagar, Pemberton indo na frente de Serena nos trechos congelados do terreno, segurando o braço dela. Eram quase cinco horas quando chegaram à sede da fazenda, mas Harris

continuava explorando o riacho e seus afloramentos.

— Ele está demorando muito — comentou Serena enquanto esperavam nos degraus do alpendre. — Certamente isso é um sinal de que encontrou alguma coisa.

Como se convocado por essas palavras, Harris emergiu dos rododendros naquele momento. Suas botas estavam encrostadas de lama, e pequenos cortes em suas mãos mostravam que ele tinha caído. Mas ele saiu do riacho com um sorriso enigmático sob o bigode bem aparado.

— E então, o que acha, Harris? — perguntou Pemberton já no carro, voltando para o acampamento.

— Para os meus interesses, essa gleba é melhor. Não muito, mas o suficiente para me atrair. Definitivamente tem mais caulim aqui. Talvez um pouco de cobre também.

Serena virou-se para o banco de trás.

— Gostaria de dizer o mesmo, mas Campbell tem razão. As madeiras daqui são boas, mas não se comparam com as árvores das terras de Townsend.

— Talvez a gente consiga que Luckadoo reduza o preço para quarenta e quatro por hectare — disse Harris —, ainda mais se oferecermos fechar o negócio rápido.

— Pode ser — concordou Serena —, mas quarenta seria melhor.

— Vou falar com ele amanhã — prometeu Harris. — Acho que podemos negociar um preço mais baixo.

Já passava das sete horas quando chegaram à madeireira. Pemberton estacionou em frente ao escritório, perto de onde Harris tinha deixado o Studebaker. O magnata saiu devagar do banco traseiro, mais por conta do cantil que esvaziara do que pela idade.

— Quer comer alguma coisa antes de voltar a Waynesville? — perguntou Pemberton.

— Arre, quero sim — respondeu Harris. — De tanto subir e descer aquele riacho fiquei com uma fome de leão.

Pemberton fitou Serena e viu que seus olhos estavam pesados.

— Por que não vai para casa e descansa um pouco? Vou providenciar alguma coisa para Harris comer e depois levo o nosso jantar.

Ela concordou com a cabeça e se afastou. Apesar de ser sete horas, as luzes do refeitório estavam acesas. Dentro do recinto, um coro maltrapilho cantava “Thy Might Set Fast the Mountains”.

— Deixamos Bolick fazer umas missas extras de Natal e ano-novo — explicou Pemberton. — Acho que vale a pena gastar uns dólares a mais em eletricidade para manter os trabalhadores satisfeitos, mas vou contratar um

pastor menos exigente da próxima vez.

Harris assentiu.

— Um grande investimento, a religião. Sempre melhor do que títulos do governo, em qualquer época.

Os dois chegaram ao alpendre e abriram a porta. A cozinha estava vazia, apesar das panelas sobre o fogão, dos pratos sujos empilhados ao lado dos enormes barris cheios de água cinzenta. Pemberton apontou para a porta do salão principal, onde a voz sonora de Bolick tinha substituído a cantoria.

— Vou buscar um cozinheiro e alguém para servir.

— Vou com você. Para receber minha dose anual de religião.

Os dois entraram pelos fundos do salão, os passos de suas botas ressoando no assoalho de tábuas. Os trabalhadores e suas famílias lotavam os bancos dispostos em frente às compridas mesas de madeira, mulheres e crianças na frente, homens atrás. O reverendo Bolick postava-se atrás de dois engradados de vegetais pregados um no outro, formando um instável púlpito. Sobre ele, havia uma imensa Bíblia encadernada em couro, as páginas largas despontando dos dois lados da superfície de madeira.

Pemberton examinou com atenção os bancos mais próximos e localizou seu cozinheiro. Entrando pelos corredores improvisados, fez sinal para o homem, depois contornou mais algumas mesas e finalmente encontrou uma garçonete, mas a mulher estava tão enlevada que Pemberton já estava quase em cima de Bolick quando conseguiu chamar a atenção dela. Por fim, ela saiu do lugar e percorreu vagarosamente um corredor atulhado de joelhos e traseiros. Mas Pemberton não a olhava mais.

O garoto estava sentado no colo da mãe, envolto em uma manta cinza. Segurava uma locomotiva de brinquedo, girando as rodas na perna, para a frente e para trás, com um ar solene. Pemberton examinou as feições do menino com atenção. Tinha crescido muito desde o dia da fotografia, mas isso era o de menos. Mais surpreendente para ele era como o rosto do garoto tinha ficado mais fino, mais definido; o que antes eram chumaços de cabelo ficaram mais densos. E, mais do que tudo, os olhos escuros como mogno. Os olhos de Pemberton. O reverendo Bolick parou de falar e o salão ficou em silêncio. O garoto parou de mexer o trenzinho e olhou para o reverendo, e depois para o grande homem parado ali perto. Por alguns instantes olhou diretamente para o pai.

A congregação se agitou nos bancos, incomodada, e muitos olhares pousaram em Pemberton enquanto o reverendo Bolick virava as largas páginas da Bíblia em busca de uma passagem. Ao perceber que o encaravam, Pemberton encaminhou-se para a porta dos fundos, onde Harris e os funcionários da cozinha o esperavam.

— Por um minuto achei que você fosse subir lá e fazer o seu sermão — comentou Harris.

O cozinheiro e a garçonete entraram na cozinha, mas Harris e Pemberton ficaram por mais um tempo no salão. Bolick encontrou a passagem que procurava e fixou os olhos em Pemberton. Por alguns segundos, o único som que se ouvia era o clique abafado do canivete de um lenhador que se preparava para aparar as unhas.

— Do Livro de Obadias — começou o reverendo Bolick e se pôs a ler: — *O orgulho de teu coração te iludiu, tu que habitas a fenda de uma rocha, cuja morada é alta, que diz de coração, quem me abaterá*.

Harris sorriu.

— Creio que esse reverendo convincente está se referindo a nós.

— Vamos — disse Pemberton, dando um passo em direção à cozinha enquanto Bolick continuava a ler.

Harris o pegou pelo braço.

— Não acha que deveríamos ouvir o sujeito, Pemberton?

— Serena está esperando o jantar — respondeu ele, conciso, soltando o braço enquanto Bolick terminava a passagem.

O pastor fechou a Bíblia com uma delicadeza lenta e reverente, como se a tinta no papel fino pudesse manchar.

— Palavra do Senhor — concluiu o reverendo.

Depois que Harris comeu e partiu, Pemberton foi para casa com o seu jantar e o de Serena. Depois de arrumar os pratos na mesa, foi até o quarto. Ela estava dormindo, e Pemberton não a acordou. Em vez disso, fechou a porta do quarto com cuidado. Não foi à cozinha para comer, preferindo ir até o armário do corredor e abrir o baú do pai. Remexeu nas apólices e ações e diversos outros documentos legais até encontrar o álbum de fotografias de capa de couro de bezerro que sua tia insistira que ele trouxesse na bagagem. Fechou o baú delicadamente e foi até o escritório.

Campbell estava na sala da frente, trabalhando na folha de pagamento. Saiu sem dizer palavra alguma quando Pemberton disse que queria ficar sozinho. Brasas amarelas e alaranjadas cintilavam na lareira; Pemberton reavivou o fogo, deixando um tronco pesado encostado na grade. Ele sentiu o calor aquecer suas costas enquanto pegava a fotografia de Jacob na gaveta de baixo. As labaredas rosadas subiram e logo iluminaram o tampo da mesa. Pemberton desligou a luminária e, pela primeira vez em anos, recordou-se de uma sala com uma grande lareira. Sua primeira lembrança era daquele canto da casa, o calor o envolvendo como um cobertor invisível, a luz bruxuleando no painel de mármore que adornava a lareira, onde homens estranhos com pernas lanudas

tocavam flautas e mulheres de cabelo comprido dançavam em vestidos esvoaçantes. Sempre que ficava olhando por muito tempo para o painel, as figuras começavam a se mexer na ondulação das chamas e das sombras. Enquanto abria cuidadosamente o álbum, Pemberton teve a sensação de estar entrando em um sótão em um dia de chuva. A lombada ressecada estalava a cada página de papel-cartão que ele virava, emanando o cheiro de coisas havia muito guardadas. Quando encontrou uma foto sua com dois anos, parou de virar as páginas.

DEZOITO

Voltou a cair granizo no meio da noite, mas pela manhã o céu surgiu azul e limpo. O gelo se agarrava às últimas grandes árvores do monte Noland em lascas quebradiças; uma impressionante gama de tonalidades dançantes surgia quando o sol batia diretamente ali. A maioria dos lenhadores cobria os olhos durante o penoso percurso montanha acima, mas alguns contemplavam até os olhos arderem com o clarão, tamanha a beleza daquilo. Quando o último homem chegou ao cume, o gelo já começava a se despegar dos galhos aquecidos pelo sol. Primeiro os pedaços menores, tilintando como sinetas ao caírem no solo congelado. Depois os maiores, em uma cascata límpida que logo cobria o sedimento do solo, rachando e estalando sob cada passo. Os homens pisavam neles como que caminhando sobre fragmentos de um espelho estilhaçado.

Pemberton tinha acabado de pôr a xícara de café na mesa do escritório quando Harris ligou, a voz ainda mais ríspida que o normal:

— Webb e Kephart fizeram uma oferta pelas terras do condado de Jackson. Chegaram assim que Luckadoo abriu o escritório e estão querendo pagar o preço cheio.

— Os Cecil estavam com eles?

— Claro que não. Acha que iam se dignar a sair do castelo para uma coisa dessas? Vão esperar até estar tudo fechado, só para aquela maldita catarata receber o nome deles.

— Mas você ainda acredita que são os Cecil que estão por trás de tudo isso?

— Não importa quem é o bosta que está por trás disso! — gritou Harris. — Aquele filho da puta do Luckadoo acha que Webb e Kephart têm esse dinheiro. Ele teve a *delicadeza* de me ligar.

— A quantas anda a transação?

— Já assinaram tudo para o adiantamento. Só o que resta é a soma da transferência em si. — Harris fez uma pausa. — Mas que merda, eu sabia que devia ter ligado para Luckadoo ontem à noite.

— É uma boa gleba, mas a de Townsend também é. Você mesmo disse isso

ontem.

— Aquela é a que eu quero.

Pemberton ia responder, mas então hesitou, sem querer atrair a ira de Harris para si mesmo; no entanto, aquela era uma questão para a qual ele e Serena precisavam de resposta.

— Tem certeza de que não está querendo isso só para irritar Webb e Kephart?

Harris demorou a responder. Pemberton podia ouvir a respiração do velho diminuir o ritmo. Quando Harris falou, suas palavras foram mais comedidas, mas não menos beligerantes:

— Pemberton, se não fecharmos esse negócio, não vamos fechar nenhum outro, e isso inclui as terras de Townsend.

— Mas se a transação já está assim tão adiantada...

— Ainda podemos conseguir aquelas terras se cobrirmos a oferta. Foi só por isso que Luckadoo me ligou. Só vai sair mais caro.

— Quanto mais?

— Trezentos — respondeu Harris. — Ele nos deu uma hora para decidir. Como eu disse, se não fecharmos esse negócio, não vamos fechar outro. É assim que as coisas funcionam, por isso é melhor você se decidir logo.

— Preciso conversar com Serena primeiro.

— Então fale com ela — disse Harris e baixou o tom de voz por um momento. — Ela é inteligente e sabe o que é melhor para os seus interesses a longo prazo.

— Ligarei de volta para você o mais rápido possível.

— Faça isso. Mas que esse *rápido* seja em menos de uma hora.

Pemberton desligou e foi até o estábulo. Serena estava na cocheira dos fundos, com a águia, os dedos avermelhados pela carne crua com que alimentava o pássaro. Ele lhe contou sobre o telefonema. Serena deu à ave o último naco de carne e recolocou o capuz.

— Nós precisamos do dinheiro de Harris — disse ela. — Vamos ter que fazer a vontade dele desta vez, mas diga a Covington para botar no contrato que Harris não pode começar nenhuma mineração até extrairmos toda a madeira do local. Harris encontrou algo mais lá, além de caulim e um pouco de cobre, alguma coisa que não quer nos contar. Vamos contratar nosso próprio geólogo para descobrirmos o que é, depois nos recusamos a cortar as árvores até Harris nos dar uma percentagem, uma boa percentagem.

Ela saiu do estábulo. Entregou a Pemberton o prato de estanho, levantou a tranca de madeira e fechou a porta. Havia pequenos restos fibrosos de carne no prato. Muitos trabalhadores comentavam que Serena também alimentava a águia com corações de animais, para deixar o bicho mais feroz, mas Pemberton nunca a tinha visto fazer isso, e ele acreditava que era apenas mais um dos mitos que

contavam sobre ela no acampamento.

— É melhor eu ligar para Harris.

— Ligue para Covington também — recomendou Serena. — Quero que ele esteja lá quando Harris for falar com Luckadoo.

— Sem dúvida nosso adiamento da compra das terras de Townsend vai deixar Albright contente — disse Pemberton —, mas ao menos isso vai cuidar de Webb e Kephart.

— Não estou muito certa disso.

. . .

Com a compra de um segundo trator, os homens passaram a trabalhar em duas frentes. Na primeira segunda-feira de abril, as equipes do norte tinham atravessado Davidson Branch e estavam a caminho do monte Shanty enquanto as do sul seguiam o ribeirão Straight para o oeste. Chuvas recentes tinham atrasado o progresso, não apenas obrigando os homens a patinhar na lama, mas também provocando mais acidentes. As equipes de Snipes trabalhavam na ponta oeste do Shanty. Como McIntyre ainda não havia se recuperado do incidente da queda da serpente, um homem chamado Henryson fora contratado em seu lugar. Henryson e Ross eram primos de segundo grau e tinham crescido juntos em Bearpen Cove. Os dois viam o mundo e seus habitantes com uma sagacidade de viés pessimista. Snipes tinha notado esse traço em comum, encontrando nele um tema que levaria a algum futuro discurso filosófico.

Uma chuva fria tinha caído durante todo o dia, de forma que no meio da manhã os lenhadores já pareciam Adões recém-criados, saídos da lama, mas ainda não moldados na forma humana. Quando Snipes fez sinal para um intervalo, os homens nem se deram o trabalho de procurar o abrigo que as árvores mais grossas poderiam propiciar. Simplesmente largaram as ferramentas e se sentaram na terra encharcada. Todos olharam ao mesmo tempo em direção ao acampamento e viram a promessa de um ambiente seco e aquecido no final do dia com ansiedade e certo grau de ceticismo, como se inseguros de que a existência do acampamento não fosse uma ilusão conjurada por suas cabeças encharcadas.

Ross tirou do bolso tabaco e papéis de enrolar cigarros, mas percebeu que estavam molhados demais para serem acesos, isso na improvável eventualidade de conseguir achar um fósforo seco.

— Tem tanta terra na minha bunda que daria para plantar um pé de milho —

disse Ross, com a voz infeliz.

— E tem tanta lama no meu cabelo que daria para calafetar uma cabana inteira — complementou Henryson.

— Dá vontade de ser um daqueles javalis bem grandões, assim pelo menos eu gostaria de chafurdar nessa lama — reclamou Steward, com um suspiro. — Emprego pior no mundo não há.

Dunbar apontou com a cabeça para o acampamento, onde vários candidatos a vagas de trabalho se postavam na escada do armazém, resistindo sob a chuva, esperando assim demonstrar suas qualidades de funcionários em potencial.

— Mas bem que tem gente querendo este emprego.

— E cada dia aparece mais gente — completou Henryson. — Saltam dos trens que passam por Waynesville que nem pulgas abandonando um vira-lata.

— E vêm tanto de perto quanto de longe — acrescentou Ross. — Eu antes achava que aqui nestas montanhas vivíamos um tempo de vacas magras, mais que no resto do país, mas parece que com essa depressão está todo mundo na mesma.

Os homens não falaram mais nada por alguns minutos. Ross continuou a olhar emburrado para seu cigarro encharcado enquanto Snipes raspava a lama do macacão, tentando revelar algum resquício colorido debaixo da sujeira. Stewart pegou a Bíblia que guardava no bolso embrulhada em um pedaço de oleado, o plástico protegendo o livro da chuva. Sua boca ia formando as palavras enquanto ele lia em silêncio.

— McIntyre está melhor? — perguntou Dunbar quando Stewart guardou a Bíblia de volta no bolso.

— Que nada — respondeu Stewart. — A mulher dele o levou de novo para o hospital de nervos, e por um tempo pensaram em dar uns choques nele.

— Dar uns choques? — exclamou Dunbar.

Stewart anuiu.

— Foi o que os médicos disseram. Eles alegam que é uma coisa nova que estão fazendo em Boston e Nova York. Pegam uns cabos, que nem aqueles que a gente usa para fazer faísca na bateria dos carros, pregam nas orelhas e passam eletricidade pelo corpo todo do sujeito.

— Meu pai do céu! — exclamou Dunbar. — Eles acham que McIntyre é um homem ou uma lâmpada?

— A mulher dele também não gostou nada da ideia, e eu concordo com ela — prosseguiu Stewart. — Como uma coisa dessas pode fazer bem a alguém?

— Existe um princípio científico envolvido nisso — argumentou Snipes, manifestando-se pela primeira vez desde que pararam para descansar. — O corpo precisa de certa quantidade de eletricidade para funcionar, igual a um

rádio ou a um telefone ou até ao próprio universo. Um homem como McIntyre, é como se ele estivesse com a bateria baixa e precisasse de uma faísca para ligar de novo. A eletricidade, assim como o cão, é um dos melhores amigos do homem.

Stewart ponderou sobre as palavras do colega por um momento.

— Então por que eles usam isso lá em Raleigh para matar assassinos e pessoas assim?

Snipes olhou para Stewart e balançou a cabeça, mais ou menos como um professor que sabe que o seu destino sempre será ter um Stewart na sala de aula.

— Eletricidade é como quase tudo o mais que existe na natureza, Stewart. Existem dois tipos de seres humanos, os bons e os maus, assim como existem dois tipos de clima, o bom e o mau, certo?

— Mas tem dia que chove e é bom para a plantação de feijão de um homem, mas é ruim porque outro sujeito queria ir pescar — interpôs Ross.

— Isso não é relevante para essa discussão específica — retorquiu Snipes, voltando-se novamente para Stewart. — Você entendeu aonde eu quero chegar, que existe o bom e o mau em todas as coisas?

Stewart concordou com a cabeça.

— Pois bem — continuou Snipes. — Esse é o nosso princípio científico em ação. De qualquer maneira, o que eles usariam em McIntyre é o tipo bom de eletricidade, porque passa por você e deixa tudo fluindo bem. O que eles usam nos criminosos frita o cérebro e as vísceras. Portanto, esse é o tipo mau.

. . .

A chuva não tinha diminuído à tarde, mas, apesar dos protestos de Pemberton, Serena montou o árabe e saiu para supervisionar a frente do sul, onde a equipe de Galloway cortava a encosta acima do ribeirão Straight. Se já seria difícil caminhar naquele terreno inclinado em um dia de sol, na chuva os homens trabalhavam como marujos em um convés escorregadio. E, para dificultar ainda mais as coisas, a equipe de Galloway tinha um novo lenhador-chefe, um garoto de dezessete anos, forte o suficiente para a função, mas pouco experiente. Galloway estava mostrando onde fazer o corte básico em um carvalho branco da grossura de um barril quando o joelho do jovem bambeou no momento em que o machado balançou para a frente.

O movimento da lâmina produziu um som suave e suculento, como de uma fruta sendo fatiada quando Galloway foi separado de sua mão esquerda. Ela caiu

primeiro, alcançando o chão com a palma para baixo, os dedos curvados como as perninhas das aranhas quando estão morrendo. Galloway recuou e encostou no carvalho branco, o pulso erguido jorrando sangue, manchando a sua camisa e a calça jeans. O outro serrador olhou para o pulso de Galloway e depois para a mão decepada como se incapaz de reconciliar que uma parte tivesse pertencido à outra. O jovem deixou o cabo do machado escorregar das mãos. Os dois lenhadores pareciam incapazes de se mover, mesmo quando as pernas de Galloway se dobraram. Com as costas ainda apoiadas na árvore, ele escorregou até se sentar no chão, a casca do carvalho fazendo um ruído audível contra sua camisa de flanela.

Serena desmontou e tirou o casaco, revelando a condição que vinha escondendo daquela forma havia meses. Tirou um canivete do alforje, cortou um pedaço da rédea do árabe e o amarrou no antebraço ferido de Galloway. Apertou a tira de couro e o sangue parou de jorrar do pulso. Os homens então levantaram o supervisor ferido e o ampararam no cavalo até Serena montar atrás dele. Ela voltou para o acampamento galopando, um braço ao redor da cintura de Galloway, apertando o homem contra a barriga proeminente.

No acampamento, Campbell e outro homem tiraram Galloway do cavalo e o levaram até o vagão do Dr. Cheney. Pemberton chegou alguns minutos depois e acreditou ver um homem morto. Galloway estava branco como a neve, os olhos se revirando como se soltos nas órbitas, a respiração entrecortada. Cheney esvaziou uma garrafa de iodo no ferimento. Limpou o sangue do antebraço para examinar o torniquete.

— Muito bom trabalho, quem quer tenha feito isso — disse ele, virando-se para Pemberton. — Você vai ter que levar esse homem ao hospital se quiser que ele tenha uma chance de sobreviver. Quer ter esse trabalho ou não?

— Precisamos do trem aqui — disse Pemberton.

— Eu o levo no meu carro — ofereceu-se Campbell.

Pemberton virou-se para Serena, que assistia à cena da porta do vagão. Ela aquiesceu. Campbell fez sinal para os lenhadores que tinham ajudado a trazer Galloway. Eles o levantaram da mesa, puseram os braços ao redor dos ombros do homem ferido e o arrastaram até o Dodge de Campbell, a ponta das botas de Galloway formando dois pequenos sulcos na terra encharcada. Só quando foi posto no carro é que Galloway se aprumou o suficiente para falar, virando a cabeça na direção da porta do vagão, de onde Pemberton e o Dr. Cheney observavam.

— Eu vou viver — gemeu ele. — Isso foi profetizado.

Quando o carro partiu, Pemberton foi procurar Serena. Viu-a montada no árabe, novamente a caminho do ribeirão Straight. Seu casaco tinha ficado na

floresta, e Pemberton notou que vários homens fitavam a barriga dela com surpresa. Ele desconfiava de que os homens a consideravam acima de qualquer gênero, como consideravam alguns fenômenos da natureza tais como chuva e trovão. O Dr. Cheney também não havia notado a gravidez, assim como todos no acampamento, reafirmando a convicção de Pemberton de que seus conhecimentos médicos eram rudimentares, na melhor das hipóteses.

Pemberton estava para retornar ao escritório quando olhou para os casebres e viu a mãe de Galloway na varanda, seus olhos enevoados voltados na direção de onde tudo tinha acontecido.

. . .

Uma semana depois, Galloway voltou ao acampamento. Ele já tinha testemunhado diversos casos de funcionários feridos para saber que a Companhia Madeireira de Pemberton não fazia caridade, ainda mais com homens chegando todos os dias implorando por trabalho. Pemberton imaginou que Galloway tivesse vindo buscar a mãe e levá-la para sua antiga residência no ribeirão Cove. Mas Galloway passou direto por seu casebre, não parou, continuou andando, o corpo pendendo ligeiramente para a direita, como se não quisesse reconhecer a perda da mão. Saiu do vale e passou pela elevação onde as equipes madeireiras trabalhavam. Por um tempo Pemberton considerou a possibilidade de ele estar planejando se vingar pela perda da mão esquerda, o que não era necessariamente algo ruim, pois faria com que os outros lenhadores tomassem mais cuidado no futuro.

Pemberton estava na sala dos fundos com o Dr. Cheney quando Galloway voltou, andando ao lado de Serena e do garanhão. Já era quase noite fechada, e Pemberton estava espiando pela janela à espera da esposa. Serena e Galloway passaram pelo escritório e entraram no estábulo, o homem ajustando o passo para ficar ao lado do traseiro do árabe.

Saíram alguns minutos depois, ele ainda atrás de Serena como um cão amestrado. Ela trocou algumas breves palavras com ele. Depois Galloway se dirigiu a sua casa, onde estava sua mãe.

— Precisamos mantê-lo na folha de pagamento — disse Serena enquanto se sentava e fazia seu prato.

— Que utilidade ele pode ter com apenas uma das mãos? — perguntou Pemberton.

— Qualquer coisa que eu pedir. Qualquer coisa.

— O homem vai ser a sua mão direita e só tem a mão direita — disse o Dr. Cheney, erguendo os olhos do prato. — E para uma mulher canhota, ainda por cima.

— Você ficaria surpreso com o que Galloway pode fazer com só uma das mãos, doutor. Ele é muito desenvolto e muito determinado.

— Só porque salvou a vida dele? — perguntou Cheney. — Como alguém que já salvou inúmeras vidas, minha senhora, posso assegurar que essa atitude é passageira.

— Não nesse caso. A mãe dele profetizou que em algum momento ele iria sofrer uma grande perda, mas que seria salvo.

O Dr. Cheney sorriu.

— Sem dúvida em referência a algum momento em que a vida dele seria salva pelo conteúdo de sua carteira.

— Seria salvo por uma mulher — acrescentou Serena —, e assumiria um compromisso de honra de proteger essa mulher e cumprir suas ordens pelo resto da vida.

— E a senhora acredita que é essa mulher — concluiu o Dr. Cheney, com um debochado desapontamento na voz. — Eu imaginava que uma mulher esclarecida como a senhora não acreditasse em augúrios.

— Não importa se eu acredito ou não — replicou Serena. — Galloway acredita.

DEZENOVE

Ocorreram mais dois acidentes no monte Shanty na semana seguinte. Um tronco se soltou de um cabo de aço e matou um lenhador, e dois dias depois um guincho cravou um gancho de metal de vinte e cinco quilos no crânio de um homem. Alguns lenhadores começaram a usar cordões com cruzes de madeira que eles mesmos talharam, enquanto outros levavam patas de coelho e magnetitas, sal, castanhas-da-índia, pontas de flechas e até ferraduras de duzentos e cinquenta gramas. Outros portavam talismãs para perigos específicos — pedra-ume para extrair veneno, visco para não ser atingido por relâmpagos, ágatas para evitar quedas, todos os tipos de moedas da sorte, cartas de baralho, do dois ao ás, presas nas fitas dos chapéus. Vários lenhadores eram cherokees e usavam os próprios amuletos, cruzes e penas mágicas, ou certas plantas. Alguns acreditavam que a melhor resposta para a onda de acidentes era uma garrafa de uísque escondida. Outros adotaram as cores variadas e brilhantes de Snipes e podiam ser vistos a grandes distâncias enquanto subiam as encostas, parecendo mais uma tribo de arlequins depostos a caminho de locais mais hospitaleiros. Muitos ameaçaram se demitir. A maioria ficou mais cautelosa, mas outros ficaram menos cuidadosos ainda, resignados a ter um fim violento.

A equipe de Snipes trabalhava em uma depressão na serra de Big Fork que parecia um bloco monolítico dividindo a escarpa em duas seções, como uma cunha. Um pequeno riacho corria por ali, e árvores ladeavam a passagem, alguns álamos amarelos, mas a maioria plátanos, bétulas e cicutas. Snipes e Campbell achavam que as árvores não valiam todo aquele trabalho. Era uma tarefa de progresso lento e particularmente perigosa, pois os homens estariam trabalhando muito próximos uns dos outros. Mas Pemberton insistira.

Depois de escaparem por um triz de mais um incidente, quando um tronco escapou das tenazes, Snipes deu um intervalo para os homens. Mesmo que ainda não fosse hora, ele achou que aqueles quinze minutos custariam menos à Companhia Madeireira de Pemberton do que o tempo de transportar um homem ferido ao acampamento. Os lenhadores se reuniram à margem do riacho.

Apesar de ser início da tarde, pouca luz incidia sobre aquela depressão. Árvores de folhas esparsas erguiam-se tristes e esqueléticas ao redor, principalmente os plátanos, cujos troncos o inverno tinha embranquecido. Os homens estavam naquela passagem desde o meio-dia do dia anterior, e Snipes acreditava que o infalível crepúsculo os lançava em um estado de espírito ainda mais sombrio e fatalista, tornando-os menos cuidadosos do que em outros momentos. Sentiu que seria prudente alertar a equipe sobre isso.

— Existe uma razão filosófica para que uma atitude positiva seja chamada de uma disposição "ensolarada" — começou ele, o rosto coberto pelo jornal que estava folheando. — Quem vive em um lugar onde o sol brilha o dia inteiro não tem preocupações neste mundo.

Ross terminou de despejar tabaco em seu papel de enrolar cigarro e ergueu os olhos.

— Então, se eu estivesse no meio de um deserto, sem água, a quilômetros de distância, não teria nada com que me preocupar no mundo — disse ele e logo voltou a se concentrar na elaboração do cigarro.

— Não é exatamente essa a ideia — replicou Snipes, baixando o jornal e olhando também para Henryson. — O que quero dizer é que a quantidade de sol que tomamos pode afetar a maneira como nos sentimos. Quando estamos em um lugar escuro como este, é como se essa escuridão de fora entrasse em nós.

— Talvez esse tenha sido o problema com o pastor McIntyre — disse Stewart. — Ele cresceu no buraco mais escondido desse país. Uma vez ele me disse que o lugar era tão escuro que eles tinham que usar um pé de cabra para fazer com que alguma luz entrasse.

— Como vai McIntyre, aliás? — perguntou Dunbar.

— Bem — respondeu Stewart. — Foi liberado do hospital de nervos lá de Morganton na sexta-feira. Agora passa quase a maior parte do tempo na cama, debaixo das cobertas, sem falar uma palavra.

— Diga para a mulher dele o colocar numa plantação de milho preso numa estaca — zombou Ross. — Assim ele pode adquirir uma disposição ensolarada e ao mesmo tempo espantar os corvos do milharal.

Henryson levantou-se e alongou as costas. Olhou para o seu supervisor, ainda sentado.

— Estou vendo que você encontrou um remendo para cobrir aquele buraco no bolso da sua calça, Snipes — disse ele. — É roxo ou vermelho? Para mim está parecendo algo entre uma dessas cores.

Os homens se viraram todos de uma vez e contemplaram o arco-íris delirante que agora recobria cada centímetro do macacão de Snipes.

— É malva — respondeu ele.

— Nunca ouvi falar dessa cor — disse Dunbar.

— Bom — retrucou Snipes —, você está olhando para ela.

— Com todo o respeito, Snipes, mas eu ainda não vejo sentido em usar uma roupa dessas — comentou Dunbar. — Parece que você foi costurado em uma colcha de retalhos maluca.

— Já cansei de explicar a ciência por trás disso, assim como já expliquei o que a escuridão pode fazer com um homem — disse Snipes, com um suspiro profundo. — Sempre foi assim com homens de ciência e filosofia. A maior parte das pessoas prefere continuar na escuridão e depois se queixa de não conseguir enxergar nada.

Ele dobrou o jornal e se levantou, todas as suas cores à plena vista. Não olhou para sua equipe, mas para o leste, como se comungasse com os espíritos de seus antepassados intelectuais, que, como ele, tinham levado a luz do esclarecimento aos que só queriam extingui-la. Ross riscou um fósforo no salto da bota e acendeu o cigarro. Segurou o fósforo a sua frente e ficou olhando o palito queimar até o polegar e o indicador, depois o apagou com um rápido movimento do pulso, soprando um fiapo de fumaça na direção de Snipes.

— Galloway voltou — informou Dunbar.

— Um pouco mais de escuridão para você, Snipes — disse Ross. — É como se uma mortalha preta recobrisse tudo onde ele passa.

— Só Deus sabe como isso é verdade — concordou Dunbar.

— Ou o diabo — emendou Henryson.

— Ouvi dizer que quando a mão dele caiu no chão ela ficou abrindo e fechando como se quisesse estrangular alguém — comentou Dunbar. — E que isso durou quase cinco minutos.

— Não duvido nada — disse Stewart.

— E ninguém tocou naquela mão mesmo depois que ela parou de se mexer — acrescentou Dunbar. — Até onde eu sei, ainda está lá na mata onde caiu.

— Eu não pegaria aquilo — disse Henryson. — A não ser com pinça e luva.

— Eu preferia acariciar um cachorro louco a tocar naquela mão — comentou Dunbar. — O que Galloway tem é pior que raiva.

— Longe de mim contestar isso — disse Ross, batendo a cinza do cigarro. — Mas fico feliz que ele agora esteja trabalhando em outra frente. E que bom que quem achou que valia a pena salvar esse sujeito está lá com ele.

Vários homens murmuraram em aprovação.

— Andam dizendo por aí que não foi o torniquete que acabou com o sangramento — observou Dunbar. — Ela simplesmente mandou o sangue parar, e depois disso não caiu nem mais uma gota.

Stewart fez uma careta.

— Eu não precisava saber que a mão do Galloway ficou abrindo e fechando nem o resto dessa história. Agora isso vai me assombrar o resto do dia.

— Bem, se trabalharmos bastante conseguiremos ir embora desta depressão amanhã, e aí vamos todos nos sentir melhor — disse Snipes, olhando para o relógio. — Hora de voltar ao trabalho.

Dunbar e Ross seguiram o supervisor pelo riacho até um álamo amarelo, que era a maior árvore daquele local. Snipes chanfrou a árvore de modo a cair para o lado oposto ao lugar onde os homens trabalhavam, fazendo pontaria para impedir que escorregasse no beiral de uma escarpa. Dunbar e Ross usaram a serra de quase três metros e Snipes, sua maior cunha. Quando o álamo tombou, os galhos atingiram um plátano próximo e quebraram um pedaço de um galho comprido e grosso como um mourão. Durante alguns minutos, ele pendeu a vinte metros de altura na forquilha mais alta do plátano, uma ponta dividida em galhos menores, a outra formando uma ponta aguda. Depois se soltou, mas só para se prender novamente a alguns centímetros abaixo, a extremidade afilada apontada para o leste, onde o galho ficou suspenso por alguns instantes, como se estivesse tomando uma decisão.

Por fim, ele caiu na direção de Dunbar, que estava com as costas arqueadas, usando o machado e foi atingido entre a coluna e a clavícula. Seu rosto ficou esmagado na terra quando seus joelhos cederam, e o resto do seu corpo dobrou-se para dentro. O pedaço de madeira esbranquiçada não quebrou nem se soltou da carne. Ficou cravado nas costas de Dunbar como um relâmpago imóvel, e quando o peso angular do galho cedeu à gravidade, o corpo do operário ergueu-se sobre os joelhos, devagar, de forma quase reverente, como se lhe permitissem dar uma última olhada no mundo. Snipes se ajoelhou e pôs a mão no ombro do moribundo. Os olhos de Dunbar se movimentaram de forma consciente com a presença de Snipes, mas ao partir deste mundo ele não disse uma última palavra, nem ao menos soltou um último alento, vertendo apenas uma única lágrima pelo canto do olho direito, que rolou lentamente por sua face. E então estava morto.

. . .

— Parece que os homens estão morrendo em um ritmo prodigioso nestas últimas semanas — comentou o Dr. Cheney no jantar daquela noite. — Tenho a impressão de que havia menos mortes quando Wilkie e Buchanan estavam aqui.

— Os lenhadores estão trabalhando em encostas mais íngremes — disse Serena —, e as chuvas pesadas deixam o solo mais escorregadio.

— Tem chovido muito mais do que nos anos anteriores — acrescentou Pemberton.

O Dr. Cheney pegou o garfo e a faca e cortou uma beirada de gordura do seu pedaço de pernil.

— Ah, então essa é a diferença. De qualquer forma, com a depressão contínua que estamos vivendo temos a pronta substituição da mão de obra. Homens viajam trezentos quilômetros em um vagão de carga ao simples boato de uma possiblidade de emprego. Vi uns vinte e tantos desses na estação ainda ontem. Estavam tão esfarrapados quanto espantalhos e quase tão magros também.

Alguém bateu na porta, e duas jovens entraram com xícaras de café e um bule. Quando elas saíram, o Dr. Cheney viu Galloway de pé perto da janela do escritório. A luz estava apagada, o homem muito imóvel, parecendo uma sombra mais densa entre outras sombras.

— Pela maneira como a segue, Sra. Pemberton, essa última adição à sua coleção parece mais um cachorro que um homem — disse o Dr. Cheney, pegando um pedaço de pernil com os dedos e segurando-o como se fosse jogar no chão. — A senhora permite que ele coma restos da mesa?

Serena levou a xícara de café aos lábios e inclinou-a ligeiramente para beber. Pemberton viu as raias douradas de suas pupilas faiscarem. Ela pousou a xícara na mesa e só então se virou para demonstrar que ouvira o comentário de Cheney.

— Primeiro uma águia, depois um cão de duas pernas — continuou o médico. — Tem um gosto estranho para animais de estimação, Sra. Pemberton, mas são muito bem-treinados. Acha que conseguiria ensinar uma dessas graciosas moças que servem nossos pratos a me acompanhar até a cama todas as noites?

— Com que propósito, doutor?

— Com o propósito de curar a solteirice.

Serena fechou os olhos por um momento e depois os reabriu, como se para focar melhor sua visão em Cheney antes de falar. Seu olhar ficou plácido, suas pupilas revelavam apenas um desdém contido.

— Mas essa cura está além de qualquer panaceia que o senhor possa ter.

— Minha senhora, seu gracejo é muito injusto — retorquiu Cheney, adotando um tom antiquado e zombeteiro. — E não tem graça.

— A falta de graça é um defeito seu, doutor, não meu. Seu humor é colérico enquanto o meu é fleumático.

— Uma forma de diagnóstico bem antiquada — disse Cheney.

— De certa forma — concordou Serena —, mas acredito que ainda se aplique à essência de nossas naturezas. O fogo encontrou fogo quando eu e Pemberton nos conhecemos, e esse vai ser o humor do nosso filho.

— Como pode estar tão certa? — perguntou Cheney. — Seus próprios pais já

alteraram a sua natureza.

— De que forma?

— Com o seu nome cristão.

— Mais um gracejo que sua falta de humor não entendeu. Meus pais me deram esse nome quando eu ainda estava no útero, porque eu chutava de forma violenta para sair.

— Mas como eles sabiam que seria uma menina?

— A parteira lhes contou.

— Uma parteira contou — refletiu o Dr. Cheney. — Parece que o Colorado é ainda mais medieval que o oeste da Carolina.

Cheney limpou a boca com um guardanapo e se levantou. Olhou pela janela.

— Ainda está suficientemente claro para procurar sanguessugas em algum riacho — comentou ele, secamente. — Talvez depois disso eu volte a ler minha frenologia. E vá dormir mais cedo. Sem dúvida haverá mais baixas na segunda-feira.

O médico se levantou, tomou um último gole de café e saiu da sala. Bom cãozinho, disse Cheney a Galloway ao passar pelo escritório. Pemberton olhou para a barriga proeminente de Serena. O fogo encontrou fogo, pensou, repetindo as palavras dela para si mesmo.

— Quais as novidades do dia, Pemberton? — perguntou Serena.

— Nada de mais, a não ser o telefonema de Harris — respondeu ele. — Acontece que não eram os Cecil que estavam por trás de Webb e Kephart naquelas terras do condado de Jackson.

— Como Harris descobriu isso?

— Conseguiu a informação com o banqueiro de Cecil em Asheville. Mas Harris ainda jura que vai encontrar quem está apoiando esses dois.

— Não acho que tenha alguém apoiando — disse Serena. — Acho que é tudo uma encenação para deixar Harris interessado naquela gleba e não na de Townsend. E funcionou.

VINTE

A cabana precisava de consertos, coisas que deveriam ter sido feitas nos primeiros dias da primavera, quando estava mais quente, mas Rachel andava tão exausta do trabalho no acampamento e dos cuidados com Jacob que vinha adiando o trabalho havia meses. Ao virar a folha do calendário da cozinha para junho, percebeu que os reparos não podiam esperar mais, por isso no domingo seguinte ela não foi a Waynesville pegar o trem para o acampamento. Em vez disso, vestiu o menino com a roupinha que a viúva Jenkins tinha feito com macacões que Rachel encontrara na cômoda do pai e envergou seu mais desgastado vestido xadrez de algodão.

Ela deixou Jacob sentado na grama com o trenzinho de brinquedo que recebera de Joel de presente de Natal e apoiou a escada na parede da cabana. Couro de vaca estendia-se nos degraus nas duas vigas da estrutura de alfarrobeira, e o couro ressecado da escada rangia a cada passo que ela dava. Quando chegou ao telhado, Rachel começou a vasculhar em busca dos sinais que o pai tinha lhe ensinado a procurar. Na extremidade da empena, onde o sol da última tarde de inverno tinha derretido o gelo da noite, a viga mostrava sinais de deterioração precoce. Ela pegou o machado e equilibrou seu peso nas mãos.

Ergueu o machado com cuidado para desbastar a viga, apoiando o mais firme que podia os pés no chão. A ferramenta era pesada, e seu peso aumentava a cada golpe. Ela acordaria na manhã seguinte com os músculos doloridos. Depois de dez minutos, se ajoelhou para descansar e viu um sinal do encaixe da empena bifurcada, a regulagem. O pai tinha construído aquela cabana com esmero, escolhendo bem o local, procurando até encontrar uma laje de granito liso para a lareira e uma fonte no pasto que nunca secava, o que os mais velhos chamavam de água eterna. E o material usado na construção tinham sido troncos de carvalho branco e telhas de cedro. Porém o que ela mais gostava era de o pai ter escolhido a encosta oeste, onde o sol chegava mais tarde, mas a luz permanecia por mais tempo durante o dia e o começo da noite.

Rachel pegou o machado outra vez. Seus braços pesavam como chumbo e

suas mãos já estavam cheias de bolhas. Pensou em como seria bom estar na igreja, não só por causa das amigas e do consolo das palavras do reverendo Bolick como pela facilidade de ficar sentada lá sem ter que fazer nada a não ser segurar Jacob, às vezes nem isso, pois a viúva Jenkins sempre ficava com ele no colo durante parte da missa. Mais sete dias até poder desfrutar isso de novo, pensou.

Rachel não parou até ter finalizado o retoque, quando afinal desceu pela escada e sentou-se ao lado do filho. Examinou a cabana no momento em que o sol finalmente passava por cima das colinas do leste, engolfando as últimas sombras da manhã. A calafetagem estava rachada em alguns pontos, laivos de luz passando pelas poucas frestas. O que não era nenhuma surpresa, fazia parte do desgaste que ocorria normalmente, intensificado pelo longo inverno de congelamento e degelo. Rachel foi até o depósito e pegou espátulas e um balde de ordenha. Juntou estrume velho de cavalo e misturou com o barro de uma poça abaixo da nascente, até obter a consistência de uma massa de pão de milho, os mesmos caroços e o mesmo peso. Deu uma das espátulas a Jacob.

— Pode ser que um dia você precise saber fazer isso — disse ao filho. — Então veja como a mamãe faz.

Ela mergulhou a espátula no balde e jogou alguns montinhos em uma tábua de madeira. Segurando a tábua com a mão esquerda, rebocou uma fresta entre os troncos como se aplicasse uma pomada.

— Agora é sua vez.

Pegando a mão de Jacob, ela o ajudou a mergulhar a espátula no balde e equilibrar um pelote na parte achatada da lâmina.

— Vai com tudo — disse Rachel, levando a mão dele até um vão entre dois troncos.

Quando chegou a hora do almoço, Rachel parou e entrou em casa. Preparou um mingau de leite e pão de milho para Jacob. Comeu um pedaço do pão, mas só bebeu água. Leite sempre deixava o pão de milho mais saboroso, e Rachel tinha esperanças de que na primavera seguinte tivesse dinheiro para comprar uma vaca e assim obter todo o leite que ela e Jacob quisessem tomar. Parecia possível, pois a lata de café na prateleira em cima da despensa aos pouquinhos ficava cada vez mais cheia, a maior parte moedas, mas também algumas notas de um dólar. Havia também oito potes de mel guardados na despensa, sendo que a metade ela venderia ao Sr. Scott.

Quando Jacob acabou de comer, ela saiu de novo. Pôs o menino no pequeno espaço sombreado ao lado da cabana e armou a escada para alcançar os troncos mais altos. Às vezes observava o oeste para ver se havia nuvens carregadas prometendo chuva, pois alterações na umidade do ar poderiam mosquear o

resultado do trabalho. Durante todo o tempo Jacob ficou no chão se divertindo, rebocando mais troncos do que frestas. Uma galinhola cacarejou na mata atrás da cabana, e um bando de pintassilgos passou por cima logo depois, confirmando que o auge do verão estava próximo.

Passou-se uma hora. A fralda de Jacob sem dúvida estava molhada, mas ele não parecia se incomodar, por isso Rachel decidiu continuar os trabalhos e passou para os reparos da chaminé. Os turbulentos ventos do inverno tinham deslocado quatro pedras. Uma estava quebrada, caída perto da base. Rachel pegou um saco de estopa no depósito, colocou-o ao lado das três pedras ainda preservadas e depois foi até o riacho pegar uma quarta pedra. Encontrou uma que se encaixava no laguinho sombreado, a aspereza da superfície suavizada por musgos verdes que descascavam como uma pintura antiga. Penstêmones cintilavam na margem do riacho, e Rachel sentiu o aroma fresco dos botões das flores, um cheiro ideal para dias mais quentes, pois dava a sensação de refrescar o corpo por dentro. Ficou ali por algum tempo. Olhou para a água do laguinho, vendo primeiro seu reflexo e, mais abaixo, os girinos deslizando como lágrimas negras pelo fundo arenoso do regato. O tipo de coisa que se podia interpretar como um presságio, Rachel sabia, mas preferiu ver um presságio nos penstêmones em flor, que tinham sobrevivido a um inverno difícil, assim como ela. Pegou a pedra escolhida e seguiu o caminho de volta para casa.

Carregando o saco de estopa no ombro, subiu a escada com uma única mão, percorrendo o telhado íngreme com o corpo inclinado, até alcançar a chaminé. Assentar as pedras era como montar um quebra-cabeça pouco preciso: era necessário buscar as que melhor se acomodavam em cada uma das cavidades da chaminé. Finalmente a última pedra se encaixou no lugar e a chaminé estava como nova outra vez.

Ela não desceu do telhado de imediato, preferindo ficar ali mais um tempo observando a paisagem do oeste. Deixou o olhar atravessar o horizonte em direção às montanhas mais altas, que se erguiam no trecho em que a Carolina do Norte se transformava no Tennessee. Pensou no mapa das aulas da professora Stephens, não do dia em que Joel fizera sua piada boba no sexto ano, mas em uma manhã no primeiro ano, poucos meses depois que sua mãe partira, quando a professora ficou ao lado do mapa com diferentes cores que pareciam uma colcha de retalhos. O primeiro estado que aprenderam fora a Carolina do Norte, comprido e estreito como uma bigorna, tudo verde dentro de seus limites. Aquilo fizera sentido para Rachel aos seis anos, pois mesmo depois da chegada do inverno ainda havia arbustos de abetos, azevinhos e rododendros, e até tufos verdes e brilhantes de visco nas árvores acinzentadas. Mas quando a professora Stephens mostrara o Tennessee, o tom vermelho não lhe parecera correto.

Quando o pai de Rachel apontava para as montanhas do Tennessee, eram sempre azuis. Menos no pôr do sol, quando elas se tingiam de vermelho. Talvez fosse por isso, pensara Rachel na época enquanto a professora Stephens começava a apontar para outros estados.

Rachel fez uma última inspeção na chaminé e depois desceu a escada com cuidado. De volta ao chão, pegou Jacob no colo e examinou a cabana por algum tempo.

— Isso vai nos abrigar por mais um inverno — disse ela e já estava para entrar quando viu a viúva Jenkins vindo pela estrada, ainda vestida em seus trajes de domingo e trazendo na mão encarquilhada um cesto cor de pêssego coberto por um pano de prato.

Rachel foi ao encontro dela, Jacob já acenando para a velha senhora.

— Como imaginei que você tivesse que trabalhar no seu dia de folga, preparei um jantar — explicou a viúva Jenkins, mostrando o cesto. — Quiabo empanado com toucinho, e um pouco de canjica também.

— Muito gentil da sua parte — disse Rachel. — Eu estava mesmo trabalhando.

A viúva olhou para o teto e para a chaminé e os examinou por algum tempo.

— Bom trabalho — elogiou ela. — Nem seu pai teria feito melhor.

As duas foram até o alpendre. Rachel se sentou em um degrau, mas a viúva apenas colocou o cesto no chão e permaneceu de pé.

— O pano deve manter a comida aquecida por enquanto para eu poder segurar esse maroto um minutinho — disse a viúva Jenkins, pegando Jacob e balançando-o até ele dar risada. — Do jeito que esse menino está crescendo, os meus braços velhos não vão mais aguentar fazer isso por muito mais tempo.

Ela deu uma última fungada em Jacob antes de devolver o garoto à mãe.

— É melhor eu ir para deixar você comer e descansar um pouco.

— Sente-se com a gente um pouquinho — convidou Rachel. — Eu gostaria de ter companhia.

— Tudo bem, mas só um pouquinho.

O sol já estava baixo e o ar começava a esfriar, a primeira brisa do dia penteando os galhos mais altos do carvalho branco. A rã-touro que morava perto da cabana emitiu seus primeiros coaxados. Rachel sabia que os grilos e gafanhotos logo entrariam no coro. Todos esses sons confiáveis e tranquilizadores que sempre a ajudavam a pegar no sono, mas ela não precisaria deles naquela noite.

— Joel Vaughn perguntou de você hoje na missa — disse a viúva Jenkins. — Estava preocupado, achando que você ou o menino podiam estar doentes. Eu disse a ele que você tinha trabalho a fazer.

A viúva fez uma pausa e olhou para a frente, como se observasse alguma coisa no bosque além do celeiro.

— Joel virou um rapagão bem bonito, não acha?

— Sim, senhora — respondeu Rachel. — Acredito que sim.

— Acho que ele seria um bom namorado para você.

Era o típico comentário que normalmente a deixaria bastante corada, mas não foi o que aconteceu dessa vez. Rachel pegou o filho no colo, passou os dedos pela suave penugem de sua nuca.

— Estou começando a acreditar que nós Harmon não nos damos muito bem no amor — disse Rachel. — Não deu certo com meus pais, também não deu certo para mim.

— Você é jovem, ainda pode ter uma surpresa — retorquiu a viúva Jenkins —, e estou torcendo para que tenha.

Por algum tempo nenhuma das duas falou nada.

— Você sabe para onde minha mãe foi quando abandonou a gente? Papai nunca me contou, nem quando eu perguntei.

— Não — respondeu a viúva Jenkins. — Ele conheceu sua mãe no Alabama, quando estava no Exército. Talvez ela tenha voltado para lá, mas não tenho certeza. Na única vez que o seu pai falou sobre isso, ele disse que a sua mãe não chegou a contar aonde ia. Só disse que a vida aqui era difícil demais.

— Como assim, difícil demais?

— O terreno da fazenda é íngreme e pedregoso, os invernos são longos, e tem também a solidão. Mas ela falava que o mais difícil era que as montanhas tapam a luz do sol. Ela achava que morar neste vale era como viver numa mina de carvão.

— Ela quis me levar junto?

— Ela tentou. Disse ao seu pai que se ele realmente a amava, que deixasse você ir com ela, para ter uma vida melhor. Muita gente foi contra ele por não deixar que ela levasse você, concordavam com a sua mãe, que se ele a amava mesmo devia deixar você ir. Disseram que ele fez isso só de raiva da sua mãe.

A viúva tirou os óculos e limpou as lentes na saia preta. Era a primeira vez que Rachel a via sem eles. Seus olhos, que geralmente pareciam saltados, estavam recuados em seu rosto. A velha senhora nunca lhe parecera tão jovem quanto naquele momento: normalmente embaçados pelas lentes grossas, seus olhos assumiram uma vívida tonalidade azul, seus cílios pareciam longos, os malares altos se suavizavam sem a armação de metal para enrugá-los. Ela já teve a minha idade um dia, pensou Rachel com certo espanto.

— Por que a senhora acha que meu pai quis que eu ficasse com ele? — perguntou Rachel.

— Eu não gosto de falar mal dos mortos — disse a viúva depois de um tempo. — Tudo o que vou dizer é que ele tinha um temperamento difícil e guardava rancores, como todos os Harmon que já conheci. Seu avô era igual. Mas seu pai amava você. Nunca duvidei disso, e você também não deve duvidar. Vou dizer outra coisa que eu acho: teria sido errado levar você embora destas montanhas, porque já que você nasceu aqui, isto tudo faz parte de você. Nenhum outro lugar vai parecer seu lar.

A viúva pôs os óculos de novo. Virou-se para Rachel e sorriu.

— Pode ser só coisa da cabeça de uma velha... Isso que falei sobre estas montanhas, sabe. O que acha?

— Não sei. Como posso saber se nunca saí daqui?

— Bem, eu também não, mas você é jovem, e os jovens de hoje são irrequietos — respondeu a viúva, levantando-se lentamente dos degraus. — Por isso, se um dia você descobrir, vai ter que me contar.

Ela se abaixou e bagunçou o cabelo de Jacob.

— Vejo você amanhã de manhã, garotão.

Mesmo depois de a viúva ter ido embora, Rachel ficou um pouco mais ali no alpendre. O sol já tinha se escondido atrás das montanhas e o vale parecia afundar na terra, como um animal se enfiando entre as folhas para fazer um ninho antes de dormir. Durante todo o tempo, as sombras cada vez mais densas davam a impressão de que as montanhas dobravam-se sobre si mesmas. Rachel tentou imaginar como teria sido para sua mãe morar ali, mas era impossível, porque o que para sua mãe parecia uma prisão era para Rachel um abrigo, como se as montanhas fossem mãos imensas, ríspidas, porém delicadas, que a amparavam, protegiam e confortavam, como imaginava que seriam as mãos de Deus. Ela supôs que a viúva Jenkins tinha razão, que era preciso nascer ali para sentir aquilo.

Ela pegou Jacob nos braços.

— Está na hora de comer alguma coisa — disse ao bebê.

VINTE E UM

Homens à procura de trabalho chegavam ao acampamento em uma constante procissão nos últimos tempos. Alguns acampavam na clareira em meio aos tocos das árvores, aguardando dias e dias para que algum lenhador morto ou aleijado chegasse carregado da floresta, na esperança de substituí-lo. Esses e outros, mais transitórios, se reuniam seis dias por semana, pela manhã, na porta do depósito, cada um tentando se destacar a sua maneira quando Campbell passava por eles. Alguns já iam sem camisa, para mostrar o físico poderoso, enquanto outros portavam machados trazidos de fazendas ou de outros campos madeireiros, prontos para começar a trabalhar à primeira oportunidade. Outros, ainda, levavam consigo a Bíblia, que liam com grande ardor, para transparecer um bom caráter e mostrar que não eram salafrários ou comunistas, mas homens de Deus. Alguns exibiam pedaços de papel desgastados com referências escritas a seus talentos e a sua confiabilidade como lenhadores, ou documentos de dispensa do serviço militar, e todos traziam consigo histórias de filhos e irmãos famintos e pais e esposas doentes, histórias que Campbell ouvia com solidariedade, embora ninguém conseguisse saber se ele se deixava influenciar por essas narrativas.

Serena continuava a sair todas as manhãs com as equipes da dianteira. Galloway ia obedientemente atrás dela, o braço amputado pendendo como um fruto podre ainda preso ao galho. Enquanto Serena transitava de uma equipe a outra, ninguém falava com ela sobre o bebê que estava para nascer ou fixava o olhar no seu ventre. Mas todos percebiam que sua barriga aumentava, alguns lhe oferecendo cuias de água fresca ou chapéus cheios de amoras e framboesas e suculentos favos de mel de aveleira. Outros entregavam a Galloway jarros cheios de tônicos gasosos feitos de asclépias e sassafrás, raízes de mandrágora e valeriana. Um lenhador ofereceu um grande machado de dois gumes para Serena deixar embaixo da cama onde ela fosse dar à luz e assim diminuir as dores do parto enquanto outro lhe deu um jaspe para evitar hemorragia. Supervisores vinham correndo quando Serena aparecia, para que não precisasse desmontar do cavalo nem perdesse tempo com isso. Nos dias mais quentes, os chefes de

equipe levavam o árabe para baixo das árvores ainda não abatidas para que ela ficasse na sombra.

Algumas vezes Serena tomava água das fontes, às vezes comia algumas frutinhas e aceitava o mel. Galloway guardava os tônicos em seu alforje. Ninguém sabia se ela os tomava ou não. Ele a seguia de uma equipe a outra, os potes tilintando baixinho, como carrilhões ao vento.

A equipe de Snipes trabalhava sozinha, já no cume do monte Shanty. De manhã, durante o intervalo, os homens observaram Serena se movimentando entre as equipes mais ao sul. Stewart balançou a cabeça, espantado.

— Se estivesse aqui, o pastor McIntyre diria que estar prenhe desse jeito não é nada menos que idolatria.

— Diria mesmo — concordou Snipes. — Aliás, ele está melhor, McIntyre?

— Um pouquinho — respondeu Stewart. — Pelo menos o suficiente para que a mulher não deixasse os médicos darem choque nele.

— Que pena — comentou Ross. — Eu tinha esperança de que a gente pudesse jogá-lo no rio para que ele eletrocutasse os bichos e assim conseguiríamos pegar uns bagres. A gente tiraria os peixes do rio girando uma manivela, que nem telefone.

Snipes abriu o jornal e deu uma olhada na primeira página.

— Qual o assunto do momento, Snipes? — perguntou Henryson.

— Bem, parece que o pessoal do parque está de olho nas terras do coronel Townsend no Tennessee. Diz aqui que estão para fechar um acordo.

— Essa é a maior terra que eles arranjaram desde que conseguiram comprar a da Champion, não é? — perguntou Henryson.

— Diz aqui que é.

— Achei que os Pemberton é que fossem comprar — continuou Henryson. — Eles estavam doidos por aquelas terras, até Harris desviar a atenção para o condado de Jackson.

— Ouvi falar que Harris mandou uns geólogos até Jackson para tentar descobrir um grande veio de cobre — disse Stewart.

— Cobre? — repetiu Henryson. — Ouvi dizer que ele estava procurando carvão.

— Já ouvi de tudo, de prata a ouro, da arca de Noé até uma Grande Montanha de Chocolate — comentou Ross.

— O que você acha que é? — perguntou Stewart a Snipes.

— Bem — respondeu Snipes, em tom reflexivo —, pode ser uma busca por um dos tesouros imortais do mundo, pois são muitos os homens ricos que gostariam de registrar seu nome na história, mas, conhecendo Harris, não acredito que ele se importe muito com isso.

Ele fez uma pausa, pegou um pedregulho e o esfregou entre o polegar e o indicador, como se fosse uma moeda que ele não tinha certeza se queria gastar.

— O que estou pensando é que, pelo menos em linha reta, Franklin fica só a cinquenta quilômetros — concluiu Snipes. — Daí vocês podem montar o resto do quebra-cabeça e chegar a uma conclusão.

Os homens ficaram em silêncio por algum tempo. Snipes voltou a se concentrar no jornal, e os outros continuaram a observar o sul. Viram Serena seguindo a nova linha de trem pela floresta.

— Ouvi dizer que ela só come bife sangrando, no café da manhã e no jantar — disse Stewart. — Para fazer o filho ficar bem feroz. E não é só isso. Quando anoitece ela fica de barriga para a lua, absorvendo todo o seu poder.

— Eu diria que alguém está gozando da sua cara, Stewart — zombou Henryson.

— Pode ser que sim — interveio Ross —, mas, se há um ano alguém dissesse que ela ia treinar uma águia para sair por aí caçando cascavéis do tamanho do seu braço, você também acharia que era loucura.

— É verdade — admitiu Henryson. — Ninguém nunca viu uma mulher assim aqui por estas montanhas.

. . .

Serena estava no oitavo mês de gravidez quando acordou com dor no ventre. Pemberton encontrou o Dr. Cheney em seu vagão, cuidando de um lenhador com uma lasca de madeira de sete centímetros cravada na esclera do olho. O médico usou uma pinça para retirá-la, depois lavou o ferimento e deixou o homem voltar ao trabalho.

— Deve ter sido alguma coisa que ela comeu e não fez bem — disse o Dr. Cheney enquanto se dirigiam à casa.

Galloway estava esperando no alpendre, o cavalo de Serena selado e amarrado no balaústre.

— A Sra. Pemberton não vai sair hoje — avisou-lhe Pemberton.

Galloway não respondeu nada, apenas olhou atento para a pesada valise preta de Cheney enquanto Pemberton conduzia o médico para dentro da casa.

Serena estava sentada na beira da cama. Seu rosto estava pálido, os olhos cinza pareciam focados em um ponto distante, a respiração curta como alguém que manipula algo frágil ou perigoso. Seu penhoar de seda azul-escura estava aberto para revelar a barriga redonda.

— Deite-se de lado — ordenou o médico, pegando um estetoscópio da valise.

Ele encostou o instrumento na barriga de Serena e ficou ouvindo com atenção por um tempo. Anuiu para si mesmo, depois afastou o estetoscópio da pele dela e o pendurou no pescoço.

— Está tudo bem, madame. É normal mulheres terem pequenas dores, às vezes até inexistentes, ainda mais durante a gravidez. Provavelmente o que você está sentindo é um pequeno distúrbio gastrointestinal, ou, falando de forma menos educada, excesso de gases.

— A Sra. Pemberton não é de inventar mal-estar — disse Pemberton enquanto Serena voltava a se sentar devagar.

O Dr. Cheney guardou o estetoscópio na valise e travou o fecho de metal.

— Não quis insinuar isso. A mente é seu próprio lugar, como nos diz o poeta, e tem sua realidade peculiar. As pessoas sentem o que sentem.

Pemberton viu que Cheney esticava a mão, como que se preparando para dar um tapinha no ombro da paciente, mas sabiamente reconsiderou o gesto e deixou a mão pender ao lado do corpo.

— Garanto que ela vai estar melhor amanhã de manhã — assegurou ele, já saindo para a varanda.

— Mas há algo que se possa fazer até lá? — perguntou Pemberton, e, apontando para Galloway sentado nos degraus da entrada, acrescentou: — Galloway pode ir ao armazém, ou até a cidade, se for necessário.

— Sim — disse o Dr. Cheney e dirigiu-se a Galloway: — Vá até o armazém e traga um saco de balas de hortelã para a sua patroa. Descobri que é uma maravilha para estômagos enjoados.

Serena passou o dia inteiro na cama. Insistiu em que Pemberton fosse ao escritório, mas ele só atendeu seu pedido quando ela concordou em deixar Galloway de prontidão na sala. Quando Pemberton voltou para ver como ela estava, ao meio-dia e depois mais tarde, Serena disse que estava se sentindo melhor. Mas continuava pálida. Foram dormir cedo, e pouco antes de pegarem no sono, Serena pressionou as costas e o quadril no peito e na virilha de Pemberton, pegando a mão direita dele e a colocando na curvatura de sua barriga, como que para ajudar a segurar o bebê no lugar. Do alpendre do refeitório vinha uma música fraquinha. Pemberton adormeceu enquanto um lenhador cantava sobre uma mulher chamada Mary que andava por brejos silvestres.

Na manhã seguinte, Pemberton acordou com Serena sentando-se na cama, as cobertas empurradas até os pés, a mão esquerda entre as pernas. Quando perguntou qual era o problema, ela não respondeu. Em um gesto de quem faz uma promessa, ergueu para ele uma das mãos coberta de sangue até o pulso.

Pemberton enfiou a calça, calçou a bota e vestiu uma camisa que nem se deu o trabalho de abotoar. Enrolou Serena no penhoar e ergueu-a nos braços, pegando uma toalha ao passar pelo banheiro. O trem estava prestes a sair em sua primeira viagem matinal até a serraria, e alguns homens estavam perto dos trilhos. Pemberton gritou para vários lenhadores pedindo que desengatassem todos os vagões da Shay menos o de passageiros. Buracos de lama pontilhavam o chão, mas Pemberton seguia direto, mesmo tropeçando, enquanto os lenhadores se apressavam para separar os vagões e o foguista despejava carvão na fornalha desesperadamente. Campbell saiu correndo do escritório e ajudou a colocar Serena no vagão e a deitá-la em um banco. Pemberton pediu a ele que ligasse para o hospital e mandassem um médico e uma ambulância para a estação, depois que fosse dirigindo o Packard até lá. Campbell saiu do vagão, deixando Pemberton e Serena sozinhos em meio aos berros dos homens e ao motor da locomotiva a aquecer.

Pemberton sentou-se na beirada do banco e pressionou uma toalha contra a virilha de Serena para tentar estancar o sangramento. Ela estava de olhos fechados, seu rosto já assumindo uma tonalidade marmórea quando o maquinista levou a mão à alavanca de ré, soltou os freios e acionou a abertura das válvulas. Pemberton ficou ouvindo o trem passar pelo que pareceu uma interminável gradação até ganhar movimento, o vapor entrando na válvula de borboleta até os tubos de admissão e os cilindros, antes de acionar os pistões na haste, que girou o virabrequim, e depois a alavanca de linha rodando pelas roscas universais e o pinhão se entrosando com as rodas dentadas do eixo. Só então lentamente as rodas ganharam vida.

Pemberton fechou os olhos e imaginou as engrenagens metálicas do motor como o mecanismo de um relógio, trazendo de volta um tempo que fora suspenso desde que ele vira o sangue na mão de Serena. Quando o trem alcançou um ritmo estável, ele abriu os olhos e contemplou o lado de fora, e era como se o vagão estivesse atravessando o fundo de um lago profundo e cristalino. Tudo atrás parecia reduzido pela densidade da água — Campbell entrando no escritório para telefonar para o hospital, os funcionários saindo do refeitório para ver a locomotiva e o vagão de passageiros se afastando, Galloway surgindo do estábulo, correndo atrás do trem com seu braço maneta inútil.

A locomotiva começou a subir a serra McClure, o vale ficando para trás. Chegando ao cimo, ganhou velocidade, os trilhos agora atravessando uma floresta mais densa. Pemberton se lembrou de Serena lhe dizendo certa vez que só o presente era real. Não existe nada que não o agora, disse ele a si mesmo, ao segurar o pulso dela, sentindo a pulsação fraca por sob a pele. Enquanto o trem descia para Waynesville, Pemberton pressionou os lábios no pulso frouxo da

mulher. Fique viva, murmurou ele, como se falasse com o que restava de sangue nas veias dela.

Quando o trem parou na estação, a toalha estava encharcada. Serena não tinha emitido som algum durante toda a viagem. Poupando suas forças para continuar viva, pensou Pemberton, mas agora ela estava inconsciente. Dois auxiliares de branco a tiraram do trem e a levaram para uma ambulância à espera. Pemberton e o médico do hospital entraram junto. O médico, que tinha cerca de oitenta anos, ergueu a toalha encharcada e praguejou:

— Em nome de Deus, por que ela não foi trazida antes? — perguntou ele, voltando a pressionar a toalha entre as pernas de Serena. — Ela vai precisar de sangue, muito, e rápido. Qual é o tipo sanguíneo dela?

Pemberton não sabia, e Serena não estava em condições de responder a ninguém.

— O mesmo que o meu — respondeu ele.

Já na emergência do hospital, Pemberton e Serena foram colocados deitados lado a lado em duas padiolas, com travesseiros baixos de penas sob a cabeça. O médico arregaçou a manga da camisa de Pemberton e espetou uma agulha em seu antebraço, depois fez o mesmo com Serena. Ficaram ligados por um metro de tubo de borracha, a bomba oval como uma protuberância no meio do tubo. O médico apertou-a. Satisfeito, fez sinal para a enfermeira removê-la e entrou no espaço apertado entre as duas macas.

— A cada trinta segundos — orientou o médico. — Se for mais depressa, a veia pode estourar.

O médico contornou a maca para cuidar de Serena enquanto a enfermeira apertava a bomba de borracha, verificando no relógio da parede a passagem de cada meio minuto para então apertar outra vez.

Pemberton ergueu o braço com a agulha e pegou o pulso da enfermeira.

— Pode deixar que eu aperto a bomba.

— Não acho que...

Ele apertou o braço da mulher com mais força, o suficiente para fazê-la arfar. A enfermeira abriu a mão e deixou que ele pegasse a bomba.

Pemberton olhou para o relógio. Quando se passaram quinze segundos, apertou a bomba. E mais uma vez, tentando ouvir o chiado e a sucção de seu sangue passando pelo tubo. Mas não havia som algum, assim como não tinha como ver seu sangue correndo pelo tubo cinza-escuro. Mesmo assim, toda vez que apertava a bomba, ele fechava os olhos para imaginar o sangue sendo sugado de seu braço para o de Serena, chegando até a veia e o átrio esquerdo do coração dela. Pemberton imaginava o coração em si, um órgão enrugado expandindo-se lentamente a cada vez que era preenchido pelo sangue.

Havia uma escola primária do outro lado da rua e, pela janela aberta da sala de emergência, Pemberton ouvia as crianças gritando na hora do recreio. Um auxiliar do hospital veio ajudar a erguer as pernas de Serena e a segurá-las abertas para o médico fazer o exame pélvico. Pemberton fechou os olhos outra vez e apertou a bomba. Não olhava mais para o relógio, apertava assim que sentia a borracha se encher de sangue. Soou o sinal da escola, e os sons das crianças foram sumindo à medida que elas voltavam às salas de aula. O médico terminou o exame, se afastou de Serena e fez sinal para o auxiliar baixar as pernas da paciente.

— Pegue a bandeja de instrumentos e um gerador — ordenou o médico.

A enfermeira colocou uma máscara no rosto de Serena e despejou clorofórmio no tecido e no fio metálico. O auxiliar puxou a bandeja, colocando-a ao lado da maca, e abriu o invólucro de algodão, revelando um instrumento de aço esterilizado. Pemberton viu o médico pegar o bisturi e abrir o corpo de Serena do púbis ao umbigo. Ele apertou mais uma vez a bomba quando a mão direita do doutor desapareceu na incisão, puxando um cordão umbilical arroxeado e logo inserindo-o de volta. Em seguida, o médico mergulhou ambas as mãos na barriga de Serena e tirou de lá algo tão cinza e gosmento que não parecia feito de carne, mas de barro úmido. O sangue manchando o pequenino corpo era para Pemberton a única indicação de que aquela criatura poderia algum dia ter contido vida. O cordão umbilical estava enrolado no peito do bebê. Pemberton não sabia se ainda estava ligado a Serena.

Por alguns instantes, o médico observou o bebê com atenção. Depois se virou e o entregou ao auxiliar.

— Ponha ali — disse o médico, sinalizando uma mesa no canto.

O médico voltou sua atenção novamente a Serena, mas antes perguntou à enfermeira quanto sangue fora transferido do corpo de Pemberton.

— Mais de quinhentos centímetros cúbicos. Quer que eu tente interrompê-lo?

O médico olhou para Pemberton, que balançou a cabeça.

— Acho que não. Logo ele vai estar fraco demais para bombear, ou vai acabar desmaiando.

Quando o médico começou a costurar a pele de Serena com um fio escuro, Pemberton virou a cabeça na direção dela. Ficou ouvindo-a inspirar o ar suavemente e sincronizou sua respiração perfeitamente com a dela. Sentiu a cabeça ficar mais leve e não conseguia se concentrar o suficiente para consultar o relógio ou acompanhar as palavras que o médico e a enfermeira trocavam. Outro grupo de crianças saiu para o pátio, mas seus gritos logo se evaporaram no silêncio. Pemberton apertou a bomba, mas já não conseguia mais fechar completamente a mão ao redor. Ouviu a própria respiração e a de Serena como

uma só, mesmo quando sentiu a agulha sendo retirada de seu braço e escutou as rodinhas da maca de Serena girarem para longe.

. . .

Pemberton continuava deitado na maca quando acordou. O médico o olhava de cima, com o auxiliar ao lado.

— Vamos ajudar você a se levantar — disse o médico, e os dois o puseram sentado.

Ele sentiu a sala escurecer por um instante, mas depois voltou a se iluminar.

— Onde está Serena?

As palavras saíram ásperas e entrecortadas, como se ele não falasse havia dias. Pemberton fitou o relógio, os ponteiros gradualmente entrando em foco. Se houvesse um calendário na parede, ele iria conferir o dia e o mês. Fechou os olhos por um tempo e levou o indicador e o polegar à ponte do nariz. Quando voltou a abri-los, as coisas pareciam mais claras.

— Onde está Serena? — perguntou ele outra vez.

— Na outra ala.

Pemberton agarrou a lateral da padiola e se preparou para se levantar, mas o auxiliar pôs a mão firme em seu joelho.

— Ela está viva?

— Está — respondeu o médico. — A constituição física da sua esposa é notável, ela vai se recuperar, a não ser que haja algum imprevisto.

— Mas o bebê está morto — disse Pemberton.

— Sim, e há outra questão que preciso discutir com você e sua esposa mais tarde.

— Diga agora.

— O útero da sua esposa. Está lacerado na cerviz.

— E isso significa o quê?

— Que ela não pode mais ter filhos.

Pemberton ficou alguns instantes mudo.

— Qual era o sexo do bebê?

— Era um menino.

— Se tivéssemos conseguido chegar antes, o bebê teria sobrevivido?

— Agora isso não faz diferença.

— Faz, sim.

— Sim, é provável que o bebê tivesse sobrevivido.

O auxiliar e o médico o ajudaram a descer da padiola. A sala oscilou por um instante, depois se firmou.

— Você doou muito sangue — disse o médico. — Sangue demais. Pode desmaiar se não tomar cuidado.

— Qual é o quarto?

— Quarenta e um — respondeu o médico. — O auxiliar pode acompanhar você.

— Eu consigo encontrar sozinho.

Pemberton andou devagar em direção à porta, passando pela mesa de canto agora vazia.

Saiu da sala de emergência para o corredor. Ao passar pelo saguão principal, que ligava as duas alas do hospital, Pemberton viu Campbell perto da porta. Ele se levantou da cadeira quando Pemberton se aproximou.

— Deixe o carro aqui comigo e volte de trem ao acampamento — disse Pemberton. — Veja se estão todos trabalhando e passe pela serraria para se certificar de que não há algum problema por lá.

Campbell tirou as chaves do Packard do bolso e as entregou a Pemberton. Quando Pemberton se virou para seguir seu caminho, Campbell perguntou:

— Se alguém perguntar como estão a Sra. Pemberton e o bebê, o que deseja que eu diga?

— Que a Sra. Pemberton vai ficar bem.

Campbell aquiesceu, mas não se moveu.

— O que mais? — indagou Pemberton.

— O Dr. Cheney, ele veio à cidade comigo.

— E onde ele está? — perguntou Pemberton, tentando não alterar o tom de voz.

— Não sei. Disse que ia comprar umas flores para a Sra. Pemberton, mas ainda não voltou.

— Quanto tempo faz que ele saiu?

— Quase duas horas.

— Tenho assuntos a tratar com ele mais tarde.

— Não só o senhor — disse Campbell, abrindo a porta para sair.

Pemberton o deteve com uma mão firme no ombro.

— Quem mais?

— Galloway. Passou por aqui uma hora atrás perguntando onde o Dr. Cheney estava.

Pemberton tirou a mão do ombro de Campbell, que então saiu pela porta. Pemberton atravessou o saguão e seguiu pelo corredor do outro lado, lendo os números pretos nas portas até encontrar o quarto de Serena.

Ela ainda estava inconsciente quando ele entrou, por isso Pemberton puxou uma cadeira, sentou-se ao lado da cama e esperou. Enquanto o restante da manhã e a tarde transcorriam, ficou ouvindo a respiração dela, vendo a cor gradualmente voltar ao seu rosto. As drogas a mantinham em um estupor instável, seus olhos se abriam às vezes, mas desfocados. Uma enfermeira trouxe o almoço para Pemberton, depois o jantar. Só quando a derradeira luz do sol sumiu da única janela do quarto é que os olhos de Serena se abriram e encontraram os de Pemberton. Pareceu consciente, o que surpreendeu a enfermeira, pois a agulha ministrando morfina ainda estava em seu braço. A mulher verificou o dispositivo para ver se estava funcionando e saiu. Pemberton se virou na cadeira para ficar de frente para a esposa. Deslizou a mão direita sob seu pulso e fechou os dedos como se formassem um bracelete.

Ela virou a cabeça para enxergá-lo melhor, suas palavras saindo em um murmúrio:

— O bebê morreu?

— Sim.

Serena examinou o rosto dele por um tempo.

— O que mais?

— Não vamos poder ter outro.

Ela ficou em silêncio por quase um minuto, e Pemberton se perguntou se as drogas não a estariam dominando. Depois, Serena deu um suspiro, a boca aberta como se fosse falar, mas não disse nada, não naquele momento. Ela fechou os olhos e exalou lentamente, e ao fazer isso seu corpo pareceu afundar mais no colchão. Então abriu novamente os olhos.

— É como se meu corpo soubesse desde o início.

Pemberton não perguntou o que ela queria dizer com isso. Serena ficou com os olhos fechados por algum tempo, depois abriu-os devagar.

— Mas...

Pemberton balançou a cabeça e apertou o pulso de Serena, sentindo mais uma vez a pulsação do seu sangue. Os olhos dela se fixaram na junção arroxeada do braço de Pemberton, o quadrado de gaze preso por esparadrapo.

— O seu sangue se misturou ao meu — disse ela. — Era tudo o que queríamos, afinal.

PARTE 3

VINTE E DOIS

Serena deixou o hospital antes do que os médicos e Pemberton desejavam. Preciso voltar à madeireira, alegou ela. Foi levada da mesma forma como chegara: Campbell e Pemberton carregaram-na até o vagão de passageiros do trem, a padiola instalada dentro do veículo sobre uma pilha de cobertores bem grossos, para protegê-la dos sacolejos. Quando o trem chegou ao acampamento, levaram-na até em casa. Estava na hora do jantar e os trabalhadores largaram seus garfos e facas e se aglomeraram à entrada do refeitório. A maioria ficou observando a distância, mas alguns, principalmente os chefes de equipes com quem ela trabalhava, aventuraram-se a chegar mais perto, segurando o chapéu enquanto a padiola passava diante deles. Serena estava pálida, mas com os olhos cinzentos abertos, fitando o céu que ela não via fazia sete dias. Os funcionários observavam surpresos em silêncio enquanto Campbell e Pemberton atravessavam o acampamento carregando-a até em casa, em especial os homens cujas mães, irmãs e esposas tinham morrido pelas mesmas causas a que Serena tinha sobrevivido.

Vaughn abriu a porta da casa e Campbell e Pemberton a levaram até o quarto. Acomodaram Serena na cama, e o marido fechou as cortinas, na esperança de que isso ajudasse sua esposa a dormir. O início da noite era o momento em que os lenhadores brincavam e cantavam suas músicas ou às vezes, mesmo cansados, organizavam jogos de beisebol e torneios de luta livre, reunidos em torno de uma saraivada de socos. Mas naquela noite o acampamento estava em silêncio, em uma estranha vigília, como se tivessem acabado de enfrentar uma violenta tempestade.

Pemberton verificou a gaze de algodão sobre o ferimento em busca de algum vazamento de sangue ou fluido ictérico e deu a Serena um pouco de água e o Feosol receitado pelo médico para sua anemia. Os dias passavam e Pemberton a alimentava com uma leve dieta de ovos e purê de carne até ela conseguir levantar o garfo e a colher sozinha. Ele esvaziava a comadre e tentava, em vão, fazer Serena tomar a codeína para as dores. Ela ficava mais forte a cada dia e

logo conseguiu sair da cama para usar o banheiro e fazer pequenas caminhadas ao redor da casa, com Pemberton segurando seu braço. Serena insistiu em que ele continuasse trabalhando, em especial na busca de novos investidores, mas Pemberton só a atendeu depois de instalar seu escritório no cômodo em frente ao quarto em que Serena estava. Enquanto ela descansava no quarto escurecido, Campbell cuidava dos negócios rotineiros no escritório com sua eficiência habitual enquanto Vaughn tratava dos assuntos menos importantes.

Durante todo esse tempo, Galloway permaneceu no alpendre, sem deixar ninguém se aproximar, levando ele mesmo a comida, os remédios ou as recomendações de melhora ofertadas. Quando anoitecia, ele armava um catre junto à porta. Certa noite, Pemberton olhou pela janela e o viu insone no catre, com as mesmas roupas que vinha usando desde o dia em que Serena voltara para casa, os joelhos dobrados junto à barriga, a cabeça pendendo para baixo, o pulso nodoso encostado à boca como uma criança enquanto a mão apertava o cabo de um canivete de mola automático.

Enquanto se recuperava, Serena falava sobre o Brasil, sobre irem para lá assim que terminassem a extração no condado de Jackson. Obcecada pela ideia, achava Pemberton, ainda mais depois de ele ter encontrado potenciais investidores em Asheville. Homens que estariam interessados apenas em investimentos locais, dissera ele, mas Serena não acreditava nisso. Posso convencê-los, afirmou ela. Quando Pemberton ficava com a esposa naquele quarto escuro, sentado numa cadeira colocada ao lado da cama, Serena falava sobre os recursos inexplorados do Brasil, a atitude de *laissez-faire* em relação aos negócios, sobre como deveriam ir para lá e explorar novas terras assim que as instalações do condado de Jackson estivessem ativas. Não só um império, Pemberton, um mundo, dizia ela, e falava com tal fervor que no início ele chegara a pensar que uma infecção pudesse ter elevado sua temperatura. Pemberton guardava para si as reservas que tinha em relação ao projeto. Nunca falavam sobre o bebê morto.

Na segunda semana, Serena levantou-se da cama e sentou-se em uma cadeira, mandando Vaughn a cavalo para monitorar o progresso de uma das equipes de trabalho e levar e trazer mensagens entre os supervisores. Documentos, estatísticas e relatórios sobre o Brasil, dos quais Pemberton desconhecia a existência, foram exumados do baú Saratoga de Serena. Além de um mapa da América do Sul encerado que, quando desdobrado, ocupava metade do quarto. O mapa ficou ali cobrindo o piso por dias, uma cadeira de junco sobre ele para que Serena pudesse examinar todos os detalhes com mais atenção, a cadeira se movendo como uma peça de xadrez pelos diferentes quadrados do desenho.

Ela vinha planejando aquilo havia anos, Pemberton agora percebia. Serena enviava cartas e telegramas para fontes e contatos em Washington e na América

do Sul, assim como para possíveis investidores em locais tão distantes como Chicago e Quebec. Fazia tudo isso em um ritmo frenético, como se precisasse compensar com a mente a inatividade do corpo. Os minutos e horas pareciam passar mais depressa, como se ela tivesse engatado uma marcha mais alta no próprio tempo. Ao final da segunda semana, ela insistiu para que Pemberton voltasse ao escritório, onde, por mais eficiente que Campbell fosse, as faturas, ordens de serviço e folhas de pagamento se acumulavam.

Com a ajuda de uma primavera amena, eles conseguiram cumprir o planejamento e terminar o vale do ribeirão Cove em outubro, permitindo que um número cada vez maior de lenhadores fosse mandado para o condado de Jackson para assentar as linhas férreas e erguer as construções do novo acampamento. Harris também mandou seu pessoal para lá, equipes lideradas por geólogos que retiravam amostras exploratórias em penhascos e margens de riachos. Ele se mantinha em silêncio quanto ao que esses homens procuravam, mas comprou centenas de hectares adjacentes que fechavam o divisor de águas do planalto. Essas montanhas são como as damas mais refinadas, disse Harris a Pemberton. Só nos dão o que queremos depois de investirmos nelas muito tempo e dinheiro.

No primeiro sábado de trabalho depois de Pemberton ter voltado ao escritório, um supervisor veio de carro da serraria com seu rol de pagamentos. Pemberton colocou uma caneta-tinteiro e uma caixa de envelopes em sua mesa, abriu o cofre e tirou uma bandeja de notas de um e de cinco dólares e um saco de pano contendo moedas menores. Quando abriu o livro-caixa, Pemberton viu um nome diferente escrito na última linha. *Jacob Ballard, quinze anos*. Só depois de um tempo ergueu os olhos para a primeira linha do livro. Escreveu um nome em um envelope e dentro colocou duas notas de cinco e duas de um. Mas, enquanto selava o envelope, os olhos de Pemberton desceram para a última linha da página, incapaz de descartar a sensação de estar vendo o nome do filho escrito a caneta. Examinou as cinco letras, a maneira como o *J* em pé e o *b* formavam a palavra que parecia uma cuia esperando ser enchida. Minutos se passaram até que, pela primeira vez desde o aborto sofrido por Serena, Pemberton pegou o álbum de fotografias na última gaveta. Colocou-o ao lado do livro-caixa e abriu nas últimas duas páginas. A foto de si mesmo aos dois anos estava à esquerda, mas foi a foto na outra página que chamou sua atenção. Pemberton aproximou mais o livro-caixa, de forma que o *Jacob* e a foto da criança ficassem lado a lado.

. . .

Naquela tarde, a equipe de Snipes estava desmatando a serra de Big Fork quando o cabo principal do guincho de arraste se soltou de um toco. Como a equipe de tração teria um intervalo, Snipes considerou que seus homens também poderiam ter, e assim todos se sentaram nos tocos que tinham acabado de cortar. De repente ouviram um grito agudo, *uííí uííí*, vindo do alto. Os homens avistaram um pássaro passar bem acima deles, o corpo e a cauda afilada verde-esmeralda, a cabeça de um amarelo vibrante. A ave bateu as asas uma vez e desapareceu atrás das árvores ainda não abatidas.

Henryson lançou um olhar pensativo em direção à floresta onde o pássaro havia desaparecido.

— Bem que podia ter soltado uma pena — disse ele.

Agora a equipe de Snipes era um grupo multicolorido, pois após a morte de Dunbar todos haviam adotado a heráldica de seu supervisor, em variados graus. Henryson enchera a fita de seu chapéu com penas de pintassilgo, gaio e cardeal, para criar um halo de várias asas ao redor da cabeça, enquanto Stewart usava nos ombros remendos verdes, como divisas, e, costurado ao peito do macacão, um lenço branco com uma cruz vermelha borrada pintada com giz de cera no meio. Ross ostentava um único remendo laranja na altura da virilha — se por deboche ou por uma legítima crença, ninguém além dele mesmo sabia. O próprio Snipes tinha colorido ainda mais seu guarda-roupa, substituindo os cadarços de couro da bota por um pavio de dinamite laranja.

A maioria dos homens enrolava cigarros e fumava enquanto esperava. Snipes tirou seu cachimbo e seus óculos do macacão antes de pegar uma seção do *Asheville Citizen* do bolso traseiro. Ajeitou o jornal no colo e pegou os óculos, limpando as lentes com o lenço com todo o cuidado, para então começar a ler.

— Diz aqui que eles ainda não têm um suspeito pela morte do Dr. Cheney — disse Snipes. — O xerife de Asheville aposta que foi algum vagabundo vagando pela estação de trem que fez isso e saiu da cidade no primeiro trem. Diz ele que o mais provável é que não consigam encontrar o assassino.

— O brilhante xerife não achou meio estranho que o vagabundo não tenha levado a passagem para Kansas City que encontraram no bolso do Dr. Cheney, aliás, nem a carteira dele com dinheiro? — questionou Henryson. — Ou por que um vagabundo deixaria um bom médico num banheiro público com a língua cortada e uma bala de hortelã em cada mão?

— Nem imaginou que o sujeito que ficou com o carro do finado doutor poderia estar minimamente envolvido? — acrescentou Ross.

— Não, senhor — respondeu Snipes. — Isso é o que a lei chama de prova imaterial.

Ross levantou a cabeça e olhou para o céu azul, soltando uma lenta baforada

de fumaça pela boca enrugada antes de falar:

— Duvido que estejam procurando qualquer outro tipo de prova, já que o xerife faz parte da folha de pagamento da Companhia Madeireira de Boston.

— Está falando do xerife de Asheville, não do xerife McDowell, imagino — comentou Stewart.

— Isso — concordou Ross.

— Duvido que o xerife McDowell possa ser comprado — disse Stewart.

— Logo vamos saber — replicou Ross. — Essa gente pelo visto não está se preocupando muito em disfarçar seus crimes. Nem se deram o trabalho de fazer esse parecer um acidente, como fizeram com Buchanan. No ritmo que estão indo, vão precisar molhar a mão de todos os homens da lei do estado.

— Eles ainda não conseguiram nada com McDowell, e todo mundo aqui sabe que não foi por falta de tentativa. Não acho que é agora que vão conseguir — opinou Henryson, com um otimismo pouco característico.

O pássaro que tinha dado um rasante em suas cabeças soltou um guincho lá de dentro da floresta. Henryson inclinou a cabeça para calcular melhor a localização da ave, mas o piado parou e a mata ficou outra vez em silêncio.

— Tem alguma novidade sobre o parque aí nesse seu jornal? — perguntou Ross.

— Só diz que o coronel Townsend vendeu mesmo suas terras para o governo — respondeu Snipes. — A matéria traz muitos elogios a Townsend e ao pessoal do parque por isso.

— Má notícia para o meu cunhado — observou Henryson, balançando a cabeça e olhando para o oeste, na direção do Tennessee. — Ele trabalha como serrador para Townsend há quase dez anos. Ele e minha irmã têm quatro filhos pequenos para sustentar.

— Ele faz um bom trabalho? — indagou Snipes.

— Sabe usar um machado como ninguém.

— Vou falar dele para Campbell — disse Snipes —, mas tem tanta gente nos degraus do depósito agora que eles precisam sortear lugar para conseguir se sentar. Já tem gente indo até procurar trabalho no novo acampamento, que ainda nem abriu.

— Quem disse isso? — perguntou Henryson.

— Ninguém me disse — respondeu Snipes. — Eu mesmo vi, no domingo passado. Um sujeito pegou o machado e disse que estava indo ao condado de Jackson, e pelo menos uma dúzia de homens se levantou e foi atrás, como se ele fosse Moisés levando todo mundo à Terra Prometida.

— O seu cunhado não entende nada de medicina, não é? — perguntou Ross. — Para isso tem vaga.

— Não — respondeu Henryson. — E mesmo se entendesse eu ia dizer para ele ficar como lenhador mesmo. Pelo menos assim ele teria uma chance: seria só se desviar de uma árvore caindo ou da lâmina de um machado. Não sei se ele conseguiria fazer o mesmo com Galloway.

VINTE E TRÊS

Serena deveria ficar seis semanas de cama, mas depois de um mês retomou o trabalho de supervisionar as equipes de corte. Quando ela saiu ao alpendre, Galloway já estava a sua espera. Foram juntos até o estábulo, de onde Serena saiu montada no árabe, a águia empoleirada em seu braço. Ela deixou o acampamento cavalgando devagar, sendo seguida por Galloway em seu andar bamboleante, uma sombra constante e resoluta. A terra tinha sido descampada desde Rough Fork até a serra de Wash. A distância, as florestas do vale mais pareciam ter sido niveladas por uma imensa geleira do que cortadas. Apesar de as chuvas terem diminuído, os riachos entupidos de serragem continuavam tornando a travessia pelo fundo do vale uma trabalhosa empreitada. Os homens cambaleavam e escorregavam, levantavam-se xingando, limpando a lama do rosto e da roupa. Dois lenhadores tiveram fraturas assim e vários outros perderam ferramentas. Um lenhador que já tinha trabalhado perto da costa disse que a única diferença entre o vale e um charco do condado de Charleston era a ausência de cobras-d'água.

Pemberton ficou observando, da entrada do escritório, Serena e Galloway seguirem chafurdando pelo descampado até desaparecerem na direção do ribeirão Cove. Com o passar da manhã, ele conferiu faturas e conversou com Harris sobre a ideia de fazer uma reunião com dois potenciais investidores. A cada meia hora Pemberton se levantava da mesa e olhava em direção ao oeste, para onde Serena tinha ido. Às onze tinha marcado de ir falar com Scruggs, o homem que supervisionava as operações da serraria desde a morte de Buchanan, mas Pemberton estava relutante em deixar o acampamento, e não só porque estava preocupado com Serena — pelo que se lembrava, era a primeira vez que Campbell não aparecia para trabalhar. Pemberton foi atrás de Vaughn e pediu-lhe que ficasse no escritório atendendo aos telefonemas. No momento em que saía do acampamento em seu carro, viu Serena e o cavalo subindo a serra de Half Acre. Lembrou-se de como os lenhadores ficavam surpresos pelo fato de o ar menos denso não afetá-la, nem mesmo nos primeiros dias em que subira as mais

altas elevações daquela área. Eles se esquecem de onde eu vim, comentara ela.

Quando chegou à serraria, Pemberton encontrou Scruggs na represa, orientando dois lenhadores que colocavam troncos na empilhadeira. Usando os bastões de mais de dois metros de comprimento para se equilibrar, os homens movimentavam-se rapidamente pela superfície da represa, saltitando de um tronco para outro com uma confiança que não condizia com o perigo do trabalho. Pemberton viu que o homem mais velho era Ingledew, um supervisor que trabalhava na serraria desde que as operações ali tiveram início. Ele usava botas de lenhador, com pontas de aço que aderiam à madeira como garras, mas o jovem ao seu lado trabalhava descalço, apesar de já estar ali havia um mês.

— Aquele é Jacob Ballard?

— Sim, senhor — confirmou Scruggs, com certa surpresa na voz. — Eu não sabia que o senhor o conhecia.

— Lembro-me de ter visto o nome dele na folha de pagamento — explicou Pemberton. — Por que ele ainda não está usando botas apropriadas?

— Já falei sobre isso com ele — respondeu Scruggs —, mas é que o rapaz anda visitando uma garota em Sevierville todo domingo. E pelo visto o jovem Ballard prefere gastar seu dinheiro comprando bugigangas para ela.

Pemberton e Scruggs ficaram observando o jovem andar descalço pela superfície da represa, manuseando o bastão como um arpão, cutucando e tangendo a madeira para posicioná-la na empilhadeira. Atrás dele, Ingledew também conduzia a madeira. A maioria dos blocos se separava logo, mas alguns estavam emaranhados como pontos de costura, a maçaroca flutuando como um só tronco, o que obrigava os dois homens a se abaixar e soltar as toras com as mãos.

— Mas ele é bom nisso, não é, apesar de ainda ser novo no trabalho? — observou Scruggs. — Consegue flutuar nessa piscina como uma aranha-de-água.

Pemberton aquiesceu, observando Jacob pular para outro tronco e empurrar mais madeira em direção à empilhadeira, onde um terceiro trabalhador esperava para transportá-la para a esteira. O rapaz era magro, mas Pemberton podia ver pela forma como remexia os troncos na água que, assim como tantos montanheses, era rijo e forte.

Pemberton estava prestes a ir embora quando viu Ingledew desemaranhar mais um bloco, liberar um grande tronco de álamo e empurrá-lo na direção da tábua estreita de madeira em que Jacob estava montado. O tronco trombou em um menor apenas poucos metros atrás do jovem, e este, por sua vez, trombou no tronco de Jacob. Apenas um esbarrão, mas foi o suficiente. O tronco girou, e Jacob escorregou. Mergulhou primeiro o pé por uma pequena brecha no madeirame como se fosse um alçapão. Pernas, tronco e depois cabeça afundaram

e desapareceram com exceção de uma das mãos e alguns centímetros do pulso. Mas de alguma forma Jacob conseguiu se segurar no emaranhado com a mão direita. Por um momento Pemberton achou que aquilo poderia salvá-lo, pois as duas pontas do seu bastão se enroscaram na madeira. Viu a mão do rapaz agarrar o bastão, torcendo para que ele se mantivesse firme enquanto Ingledew contornava os troncos flutuantes para ajudá-lo. Mas a aproximação do outro fez com que os troncos perto de onde estava o jovem se reacomodassem, e a brecha pela qual Jacob tinha caído ficou tão estreita quanto o punho que saía da água no meio da maçaroca.

Mais cinco segundos e Ingledew teria conseguido retirá-lo de lá, mas a mão de Jacob soltou o bastão para tentar agarrar um tronco, e seus dedos quebraram um pedaço de casca lascada. A última abertura na superfície desapareceu junto com a mão afundando. Ingledew tentou desesperadamente abrir um buraco na madeira, mas Pemberton sabia tão bem quanto os lenhadores que, sob a superfície tranquila daquela piscina represada, as perenes correntezas do riacho ainda se agitavam. Ingledew insistia e continuava se movendo, abrindo novos espaços perto de onde Pemberton e Scruggs remexiam na água, em busca do bastão que Jacob poderia ainda estar segurando abaixo da superfície. O homem que operava a empilhadeira também entrou na água, mas o rapaz tinha desaparecido. Depois de vinte minutos, Ingledew e os outros desistiram e voltaram para a terra.

Scruggs, o único católico do acampamento, e talvez de todo o condado, abaixou a cabeça e fez o sinal da cruz.

— Os troncos se fecharam sobre o garoto como a tampa de um caixão — disse ele em voz baixa.

Pemberton ficou olhando a superfície da água, recoberta de madeira e tão calma naquele momento que os troncos pareciam estar em terra firme em vez de flutuando. De repente, para ele, a distância entre a terra e o céu pareceu aumentar, e em seguida Pemberton sentiu uma tontura semelhante à que o tinha feito desmaiar na padiola do hospital. Por um momento temeu que as pernas falhassem. Dobrou levemente os joelhos e abaixou a cabeça, apoiando as mãos nas coxas enquanto esperava aquela sensação passar.

— Tudo bem com o senhor? — perguntou Scruggs.

— Só me dê um segundo — respondeu Pemberton, erguendo a cabeça devagar.

Percebeu que não só Scruggs, mas também Ingledew e o outro funcionário olhavam para ele. Scruggs fez menção de ampará-lo, mas Pemberton afastou seu braço. Inspirou devagar várias vezes, deixando o espaço entre o céu e o mundo se ajustar, ficar estável.

— Quer se sentar um pouco no escritório, Sr. Pemberton? — indagou Scruggs.

Ele negou com a cabeça. A tontura tinha sido substituída por uma náusea, e ele queria sair daquele lugar antes que piorasse.

— Vá até o acampamento amanhã que arranjaremos outro funcionário para você — disse Pemberton, já se encaminhando para o carro —, e dessa vez o obrigue a comprar botas apropriadas com o primeiro salário.

— Sim, senhor.

Pemberton entrou no Packard e dirigiu até ficar fora da visão da serraria. Então estacionou na beira da estrada e abriu a porta, torcendo para que seu estômago fosse forte o bastante para reter seu transtornado conteúdo.

Quando voltou ao acampamento, Pemberton ficou sabendo que Campbell ainda não tinha aparecido, por isso mandou Vaughn em seu lugar ir verificar um problema com a segunda escavadeira. Voltou às faturas que o esperavam sobre a mesa, mas, na terceira vez que se levantou para olhar pela janela, guardou o talão de cheques no cofre Mosler e foi até o estábulo. Montou seu cavalo e cavalgou por entre a lama e o emaranhado de galhos até a serra de Wash, onde encontrou Serena falando com um supervisor. A cabeça encapuzada da águia virou-se na direção de Pemberton quando ele se aproximou.

— Veio ver como estou, Pemberton? — perguntou Serena quando ele parou ao seu lado.

— Você faria o mesmo por mim.

— É verdade — concordou ela, levantando a mão para tocar no rosto dele. — Mas é você quem parece um pouco pálido. Está tudo bem?

— Tudo ótimo.

Enquanto o supervisor fazia uma última pergunta a Serena, Pemberton pensou na mão de Jacob agarrada ao bastão. Imaginou o garoto se debatendo na água turva, decidindo se deveria ou não largar o bastão, se seria melhor tentar se salvar sozinho ou esperar um possível resgate. Aqueles segundos devem ter parecido minutos, Pemberton sabia, pois havia sentido o mesmo quando o urso o abraçara. Fecharam-se sobre o garoto como a tampa de um caixão, dissera Scruggs. Fora essa a sensação, Pemberton sabia, a mesma escuridão e desesperança.

O supervisor fez um sinal de anuência para Serena, pôs de novo o chapéu de feltro e voltou para seus subordinados. Enquanto isso, Pemberton emparelhava seu cavalo com o árabe.

— Harris ligou — disse ele. — Vamos nos encontrar com nossos possíveis investidores na casa dos Cecil este fim de semana.

— Então finalmente vou conhecer o castelo — observou Serena. — O que

mais Harris falou sobre eles?

— Os Calhoun são uma antiga família rica de Charleston. Passam o verão em Asheville, hospedando-se parte do tempo com os Cecil; por isso é que vamos nos encontrar lá. Lowenstein é um homem de negócios de Nova York, muito bem-sucedido, aliás.

— E por que ele veio até aqui?

— A mulher dele tem tuberculose.

Pemberton fez uma pausa; ficou observando os lenhadores seguirem em direção à mata fechada e continuou olhando para eles quando voltou a falar:

— Quanto ao Brasil, Harris disse que eles só estão considerando investimentos aqui na região.

— Então vamos ter que fazer com que mudem de ideia.

Por algum tempo nenhum dos dois falou nada. A águia abriu as asas, seus tirantes e piós rangendo com o movimento. Serena coçou o peito do pássaro com as costas do dedo indicador e a ave se acalmou.

— Perdemos um homem hoje na serraria — disse Pemberton. — Um dos novos contratados de que Scruggs falava bem.

— Se Scruggs gostava dele, então deve ter sido uma perda. Ele é bom em avaliar os trabalhadores — comentou Serena, fazendo uma pausa enquanto olhava para o leste, na direção do acampamento. — Campbell já apareceu?

— Não.

— Então é verdade.

— O quê?

— Um lenhador falou que ele abandonou o trabalho — disse Serena. — Vamos esperar até amanhã de manhã antes de mandar Galloway atrás dele.

— Por quê? Para trazê-lo de volta? Se ele não quer trabalhar com a gente, que vá para o inferno.

— Ele sabe quem nós subornamos e por quê, e isso pode ser um problema — replicou Serena. — Além do mais, os funcionários precisam entender a necessidade de serem leais.

— Campbell vai ficar de boca fechada. Se Galloway o trouxer de volta, os homens vão pensar que não conseguimos dirigir esse negócio sozinhos.

— Galloway não vai trazê-lo de volta — retrucou Serena, dirigindo-se não só a Pemberton, mas também ao homem atrás dela.

Galloway estava encostado em uma castanheira de tronco mais largo que seus ombros estreitos. Apesar da camisa azul-celeste que vestia, estava tão imóvel que Pemberton nem o vira. Não cumprimentou o patrão, mas ele sabia que Galloway escutara tudo. E continuava escutando. Pemberton olhou para baixo por um instante. Sua mão esquerda estava levemente fechada, e ele viu que o

polegar esfregava o anel de ouro do indicador. Recordou-se de uma imagem da infância, de um gênio de turbante esfregando uma lâmpada. Fechou totalmente a mão e ergueu os olhos.

— Tudo bem — concordou Pemberton.

. . .

— McIntyre está um pouco melhor — disse Stewart aquela tarde, quando os homens largaram as ferramentas ao fim do dia de trabalho para descansar um minuto antes da caminhada de quase um quilômetro para voltar ao acampamento. — Eu e a mulher dele fizemos o que todos vocês sugeriram.

— Penduraram o pregador numa estaca? — perguntou Ross.

— Não, pusemos o homem para pegar sol. Ele não queria sair da cama, por isso eu e a mulher dele tivemos que arrastá-lo para fora. Pusemos McIntyre com cama e tudo no pasto das vacas, onde não tem nenhuma sombra.

— E ajudou? — perguntou Henryson.

— No começo parecia que sim. Ele não falou nada, mas chegou a pegar o machado e a cortar um pouco de lenha para a lareira. Depois uma baita de uma coruja piou na pastagem e ele ficou apavorado de novo. Achou que fosse o presságio de que alguma coisa ruim ia acontecer.

Ross pigarreou e cuspiu, apontando com a cabeça para o monte de tocos e galhos emaranhados ao sul de onde os Pemberton e Galloway tinham aparecido. Galloway estava a pé, mas o casal vinha a cavalo, com a águia rígida como uma sentinela empoleirada no braço de Serena.

— Se vocês querem um presságio de que alguma coisa ruim vai acontecer, olhem aquilo — comentou Ross.

Henryson aquiesceu.

— Dizem que a morte vem sempre em três, e, se esse não é o caso, então eu sou o rei da Inglaterra.

Os homens pararam de falar, ficaram observando o descampado e viram o trio passar abaixo deles, o corcel branco de Serena resplandecendo na paisagem escura do fundo, Galloway seguindo a procissão, a aba do seu chapéu abaixada como proteção contra o sol da tarde.

— Vejam só os guizos no chapéu do Stub — disse Ross. — Dá a impressão de que a cascavel está prestes a cravar as presas na gente.

Henryson se abaixou e levantou uma perna da calça para examinar um hematoma do tamanho de um punho deixado pela chicotada de um galho no

local.

— Tenho para mim que é bom Stub usar esses guizos — opinou ele —, especialmente se eles chacoalharem de vez em quando. Senão, ninguém ia saber que ele está por perto. Esse sujeito é capaz de se esconder da própria sombra.

Os homens ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Campbell não veio trabalhar hoje — comentou Henryson.

— E ele não é disso — acrescentou Stewart.

— E também não é de sair levando um monte de roupas e deixar a porta da frente aberta — continuou Henryson, abaixando a perna da calça. — Vaughn levantou essa noite para dar uma mijada e viu Campbell colocando tudo no carro e caindo fora. Acho que ele percebeu que era hora de ir. Sempre foi um sujeito inteligente.

— Como eu disse a vocês — observou Ross —, Campbell não ia querer estar por perto quando as coisas ficassem pretas. Ninguém ia.

— Acho que ele estava enojado de fazer parte de toda essa maldade — disse Stewart. — Dava para ver que ele não concordava com eles, mesmo nunca tendo aberto o bico para falar sobre isso.

— Eles não vão aceitar o fato de ele ter ido embora desse jeito — comentou Henryson, os olhos nos Pemberton e em Galloway ao falar.

— Não — concordou Ross. — O guarda-livros sempre sabe para onde vão os cheques, inclusive os que vão para os senadores de Raleigh que estão enchendo os bolsos.

— Quanto tempo vocês acham que leva até ela colocar o Maneta atrás de Campbell? — perguntou Henryson.

— Eu diria que um dia — respondeu Ross —, só pelo prazer da caçada.

— Tem quem diga que a mãe de Galloway ajuda o filho nos assassinatos — comentou Stewart. — Ela só precisa dar uma boa olhada no sujeito. Depois fala para o filho o que ele precisa fazer. Isso é o que dizem.

— Existe alguma verdade nessa ideia — observou Snipes, entrando na discussão. — Até alguns cientistas e tal argumentam que algumas pessoas têm um jeito esquisito de saber das coisas.

— É por isso que vocês nunca vão me ouvir chamando ele de Maneta — disse Ross a Henryson. — E aconselho vocês também a não chamá-lo assim, a não ser que estejam querendo ter o mesmo fim que outros desafetos dele tiveram.

Os homens ficaram observando a comitiva entrar na passagem de terra onde o ribeirão Rough Fork desaguava no vale. As silhuetas evanescentes pareciam ondular, embaçadas como uma miragem. Depois desapareceram como que consumidas pelo próprio ar.

VINTE E QUATRO

No final da tarde de sábado, Pemberton seguiu pelo asfalto que descia as colinas e foi até o vale do rio Pigeon. Um mês antes, os últimos botões dos cornisos tinham murchado e caído por toda a floresta, e o caminho do bosque estava marcado pelo verde vívido das folhas dos cornisos e raspas de carvalho, com predominância do verde mais denso dos loureiros e dos rododendros da montanha. Pemberton imaginou que em breve haveria um veneno para erradicar essas árvores e arbustos sem valor, facilitando assim o corte e o transporte das madeiras boas.

Ele ergueu o indicador até o colarinho e afrouxou o nó da gravata de seda. Era a primeira vez desde o casamento que se vestia de forma tão elegante. De algodão branco indiano, o terno pesava pouco em seu corpo, embora incomodasse, restringindo os movimentos. Mas valia a pena ver Serena com o mesmo vestido que ela estava usando na noite em que se conheceram. Hoje, assim como naquela noite, a roupa parecia estar em movimento, revelando as curvas e contornos de seu corpo, a delicada seda verde descendo do pescoço até o tornozelo. Pemberton repousou a mão direita no joelho dela. Ao sentir a pele suave sob a maciez da seda, tentou eclipsar suas preocupações concentrando-se na perspectiva de prazeres posteriores. Mas não conseguiu. Quando a estrada começou a subir levando-os para fora do vale, Pemberton tirou a mão para engatar uma marcha mais reduzida.

— Fiquei sabendo que McDowell esteve no depósito ontem à noite — disse Pemberton, mantendo a mão na alavanca do câmbio. — Fazendo perguntas a respeito de Campbell.

— Se ele está fazendo perguntas, é porque não sabe as respostas — replicou Serena, virando-se para o marido. — Como Meeks está se saindo?

— Considerando que essa foi sua primeira semana, muito bem. Ele tem dificuldade em entender o sotaque daqui, mas se sai muito bem com a folha de pagamento.

O terreno ficou plano e depois desceu quando eles passaram pelo rio French

Broad, caudaloso e amarronzado depois de uma chuva vespertina. Anoitecia, e os postes de luz das ruas bruxuleavam enquanto o Packard se aproximava de Asheville. Atravessaram o rio Swannanoa, depois passaram pelo portão principal da fazenda de Biltmore e começaram o caminho sinuoso de quase cinco quilômetros em direção à mansão. A mata ficava próxima da estrada, obscurecendo qualquer outra iluminação exceto a dos faróis do Packard.

A via se encurvou e depois seguiu em linha reta, revelando uma esplanada coberta de grama. Pemberton fez a última curva, e a mansão apareceu diante deles como um penhasco de luzes. Torres e pináculos elevavam-se, despontando como silhuetas. Gárgulas debruçavam-se dos parapeitos, as janelas acesas deixando entrever suas feições carrancudas. O verniz da pedra calcária transmitia solidez, atestando que o lugar que a família Vanderbilt ocupava no mundo estava além das incertezas do mercado de ações e da indústria.

— O castelo de Chambord foi transportado para o interior — observou Serena, com um ar zombeteiro, quando Pemberton freou, colocando o Packard em seu lugar atrás de uma fila de outros automóveis.

Na entrada principal da mansão, um criado de casaca preta e cartola abriu a porta para Serena e pegou as chaves do carro. Os Pemberton juntaram-se a outros convidados que subiam a larga escadaria. Quando passaram pelos leões de mármore, Serena pôs a mão no antebraço de Pemberton e segurou com firmeza, aproximando-se para beijá-lo na bochecha. Ao fazer isso, o marido sentiu parte de sua inquietação começar a se dissipar.

Esperaram três casais à frente deles entrarem. Pemberton pôs a mão na nuca de Serena e alisou suas costas. Sentiu a seda fria nos dedos e na palma da mão ao acariciar o quadril dela. Surgiu então em sua mente uma imagem tão vívida que poderia estar emoldurada por um vidro à sua frente: Serena na luz difusa do amanhecer no apartamento da rua Revere, pendurando o casaco Ram’s Head na *chaise longue* enquanto Pemberton entrava atrás dela. Ela não lhe oferecera algo para beber, não o convidara a se sentar nem sequer pegara seu casaco. Ela oferecera apenas a si mesma, virando-se com a mão esquerda já na alça do vestido verde, puxando-o pelo ombro e deixando-o cair, expondo a esfera clara de seu seio, o mamilo intumescido pelo frio. A fila à frente deles andou, interrompendo os devaneios de Pemberton.

No hall de entrada, um mordomo de smoking deu um passo à frente e ofereceu taças de champanhe em uma bandeja de prata. Pemberton pegou uma para Serena e outra para si mesmo, e então os dois seguiram em frente para cumprimentar os anfitriões.

— Sejam bem-vindos à nossa morada — disse John Cecil, fazendo uma mesura depois das devidas apresentações.

O braço esquerdo do anfitrião abriu-se para a amplidão às suas costas. Cecil apertou a mão de Pemberton e beijou Serena recatadamente no rosto. Cornelia aproximou-se e deixou os lábios roçarem pela face de Pemberton, depois se virou para abraçar Serena.

— Sinto muito, querida. Lydia Calhoun me contou sobre o seu recente infortúnio. Carregar um filho por tanto tempo e depois perdê-lo, que coisa terrível. — A Sra. Cecil desfez o abraço, deixando apenas a mão no pulso de Serena. — Mas você está aqui e parece ótima. Devemos ser gratos por isso.

Os ombros de Serena foram se retesando à medida que várias outras mulheres se aproximavam para oferecer as condolências. Pemberton apressou-se em pegá-la pelo braço, dizendo aos outros que precisava da esposa por alguns minutos. Foram até o fundo da sala. Assim que ficaram a sós, Serena tomou um longo gole da taça de cristal.

— Vou precisar de mais uma dessas — disse ela enquanto se dirigiam ao salão de música.

No salão, uma banda de jazz tocava “Saint Louis Blues”. Vários casais dançavam, mas a maioria mantinha-se afastada do centro, com drinques nas mãos. Serena e Pemberton se demoraram à entrada.

— Meus sócios! — exclamou Harris, ao aparecer por trás deles.

Estava acompanhado de um homem de smoking que parecia ter cinquenta e poucos anos. Os dois andavam com passos incertos, uísque na mão. Harris apertou o ombro de Pemberton com a mão livre.

— Bradley Calhoun — apresentou Harris, acenando para o homem ao seu lado. — Vou buscar Lowenstein.

Quando Harris se afastou, Pemberton estendeu a mão. O aperto de Calhoun era firme e confiante, mas não conseguia disfarçar o fato de sua mão ser roliça. Bradley pegou a mão de Serena e a beijou, espirrando bebida de seu copo ao fazer isso. Ele levantou a cabeça e, com um floreio, jogou para trás uma mecha de cabelo um tanto comprida, de um grisalho levemente dourado.

— A domadora de águias — disse Calhoun, em um cultivado sotaque sulista. — Sua reputação a precede, Sra. Pemberton.

— Espero que também como sócia nos negócios — replicou ela.

Harris retornou com Lowenstein, um homem mais jovem do que Pemberton esperava. O nova-iorquino usava um terno de gabardine azul-escuro, que Pemberton imaginou ter sido feito em uma das lojas de roupa de propriedade de Lowenstein. Em comparação com o impetuoso Calhoun, o homem mantinha a cuidadosa compostura de um *self-made man*. Harris, o rosto já afogueado pelo álcool, ergueu o copo. Os outros o acompanharam.

— Às fortunas nestas montanhas — disse Harris, e todos beberam um gole.

— Mas por que nos limitarmos apenas ao que está aqui? — acrescentou Serena, com a taça de champanhe ainda erguida. — Especialmente quando há tanto mais a se ganhar em outros lugares.

— E que outros lugares seriam esses, Sra. Pemberton? — perguntou Lowenstein, as palavras pronunciadas com precisão, talvez para contrabalançar os vestígios de uma inflexão europeia.

— Brasil.

— Brasil? — repetiu Lowenstein, lançando a Harris um olhar de espanto. — Achei que os planos de investimentos fossem em terras locais.

— Eu e meu marido somos mais ambiciosos que isso — disse Serena. — Acho que os senhores também serão assim que souberem das possibilidades.

Lowenstein balançou a cabeça.

— Eu esperava que fosse algo aqui, não no Brasil.

— Eu também — concordou Calhoun.

— Senhores, as aquisições locais também são uma possibilidade, certamente — disse Pemberton e ia continuar quando foi interrompido por Serena:

— Oito dólares por cada dólar investido no Brasil, em comparação aos dois para um nos seus investimentos aqui.

— Oito dólares para um — repetiu Lowenstein. — Acho difícil acreditar nisso, Sra. Pemberton.

— E, se eu puder convencê-lo do contrário, mostrando os preços da terra, os custos de maquinário e do salário dos trabalhadores? — replicou Serena. — Tenho documentos que comprovam tudo. Vou trazê-los a Asheville amanhã e deixar que os examinem.

— Santo Deus, Sra. Pemberton! — exclamou Harris, seu tom variando entre o jocoso e o aborrecido. — Mal deixou esses senhores bebericarem seus drinques e já está tentando convocá-los para um empreendimento na América do Sul.

Calhoun ergueu a mão a fim de interromper os protestos de Harris.

— Estou disposto a ouvir tal proposta, amanhã ou qualquer outro dia, só pelo prazer da companhia da Sra. Pemberton.

— E de sua parte, Sr. Lowenstein? — indagou Serena.

— Não consigo me imaginar investindo no Brasil — respondeu ele —, sob nenhuma circunstância.

— Vamos ouvir o que a Sra. Pemberton tem a dizer, Lowenstein — insistiu Calhoun. — O Harris aqui afirma que ela entende mais de madeira do que qualquer homem que já conheceu. Certo, Harris?

— Sem dúvida — confirmou o magnata.

— Mas e quanto às novas instalações no condado de Jackson? — perguntou Lowenstein. — Isso não vai mantê-los na Carolina do Norte por um bom tempo?

— Já estamos prontos para começar a cortar a madeira — replicou Serena. — Podemos concluir o trabalho em um ano no máximo.

— Brasil — ponderou Lowenstein. — E quanto a você, Harris? Está interessado no Brasil, no ouro dos incas, talvez?

— Não. Por mais convincente que a Sra. Pemberton possa ser, acho que vou ficar aqui na Carolina do Norte mesmo.

— Que pena — disse Calhoun. — A maneira como você e os Pemberton têm lucrado com mineração e extração de madeira nas mesmas terras me parece brilhante.

— É, sim — concordou Harris, acenando a um garçom para pedir mais uma bebida. — Os Pemberton pegam o que está em cima do solo, e eu pego o que está embaixo.

— E o que encontrou embaixo? — perguntou Lowenstein. — Não sei bem o que se pode minerar nesta região.

— O Sr. Harris tem sido muito reticente a esse respeito — disse Serena.

— É verdade — admitiu Harris —, mas como já comprei os quarenta hectares adjacentes e detenho o riacho até a nascente, já posso ser mais explícito quanto a isso.

— Não está falando de ouro, está? — perguntou Calhoun.

Harris esvaziou o copo e abriu um largo sorriso.

— Melhor que ouro. Perto de Franklin foram encontrados rubis cujo peso se mensura em quilos. Eu mesmo já vi um tão grande quanto uma maçã. Safiras e ametistas também. Tudo em uma área de cinquenta quilômetros das nossas terras no condado de Jackson.

— Então isso quer dizer que sua gleba promete achados semelhantes? — perguntou Lowenstein.

— Na verdade — disse Harris, enfiando a mão no bolso —, mais do que promete.

Ele abriu a mão como um mágico mostrando que a moeda desaparecera, mas em vez do sumiço revelou uma pequena lata de rapé prata. Desatarraxou a tampa e despejou o conteúdo na palma da mão.

— O que é isso? — perguntou Lowenstein, examinando uma dúzia de pedras do tamanho e em forma de lágrimas, todas cor de sangue coagulado.

— Rubis — respondeu Harris. — Estas são pequenas demais, valem só alguns dólares, mas podem apostar que há mais, especialmente desde que encontrei estas dentro e ao redor do riacho.

— Levadas correnteza abaixo desde um grande aglomerado, é o que está dizendo? — questionou Calhoun.

— Exato. E em geral são as pequenas que descem pela correnteza.

Harris colocou as pedras de volta na latinha, pôs a mão no bolso outra vez e tirou uma pedra do mesmo tamanho das outras, só que violeta.

— Ametista — disse ele. — A maldita estava bem ao lado da sede da fazenda, dá para acreditar? Havia granadas de rodolita em toda parte também, um sinal seguro de que estamos no lugar certo para encontrar mais do que isso que acabei de mostrar.

— Safiras e rubis! — exclamou Calhoun. — Pelo visto deve ser um verdadeiro Eldorado.

— Eu nunca imaginaria que coisas tão ricas pudessem ser encontradas nessas terras — observou Lowenstein.

— Era tão difícil acreditar que nem fazia sentido mencionar o fato antes de assinarmos os papéis — comentou Serena. — Não foi, Harris?

Harris riu.

— Agora você me pegou, Sra. Pemberton.

Serena virou-se para o marido.

— Sem dúvida o Sr. Harris não esqueceu que nosso contrato só permite que suas atividades de mineração comecem depois que toda a madeira tiver sido extraída.

— Claro — concordou Pemberton. — E podemos decidir que as árvores de certos sítios devem permanecer intocadas por toda uma década.

O rosto de Harris se desmanchou por um instante, mas logo se recuperou, abrindo-se em um esgar malicioso.

— Droga, eu deveria grampear minha língua quando bebo — murmurou ele. — Não posso oferecer mais do que dez por cento.

Calhoun balançou a cabeça, admirado.

— Poucos homens conseguem ser mais espertos que essa velha raposa. Eu insistiria em vinte por cento, Sra. Pemberton, só para fazê-lo pagar pela língua.

— Duvido que faça diferença — replicou Serena. — Esses rubis, Harris, a que distância rio acima você os encontrou?

— Não muito longe. Mal tinha chegado ao riacho quando vi este primeiro.

— A que distância você chegou naquele primeiro dia? — insistiu Serena. — Rio acima, quero dizer.

— Uns quinhentos metros, mas depois percorri todo o caminho até a nascente. Deve se estender a mais de um quilômetro.

— Mas a que distância rio acima você achou esses rubis?

— Aonde está querendo chegar, Sra. Pemberton? — perguntou Lowenstein.

— Não muito longe — respondeu Harris, levantando um pouco o nariz como se tivesse detectado o primeiro bafejo de um odor desagradável.

— Imagino que a uns cinquenta metros da sede da fazenda — disse Serena.

— Você não está insinuando... — gaguejou Harris. — Mas as pedras não estavam lapidadas nem lavadas. A maioria das pessoas não reconheceria que eram rubis.

Harris não falou mais nada por alguns instantes. Seus olhos azuis se arregalaram quando ele entendeu a insinuação, sua cabeça balançando para a frente e para trás, como se parte de seu corpo ainda quisesse dissuadi-lo de aceitar a verdade.

— O filho da mãe do Kephart semeou aquele riacho — disse ele por fim, erguendo o copo de cristal como se pretendesse atirá-lo na parede. — Malditos.

Harris xingou de novo, dessa vez bem alto, atraindo olhares de vários casais ali por perto. Serena manteve a expressão plácida, exceto por seus olhos. Pemberton pensou em Buchanan e Cheney, que haviam recebido um olhar semelhante. Em seguida, como se tivessem baixado a cortina, o autocontrole de Serena se reafirmou.

— Vi Webb no salão de bilhar — comentou Harris, o rosto afogueado. — Vou dizer algumas verdades a ele esta noite. Depois me entendo com Kephart.

Pemberton encarou Calhoun, que parecia estar se divertindo, e Lowenstein, que parecia não saber se deveria ficar ouvindo aquilo ou se afastar.

— Isso são águas passadas — disse Serena. — Temos muitos empreendimentos novos e promissores pela frente.

Harris terminou sua bebida e enxugou uma gota cor de âmbar de uísque do bigode. Olhou para Serena com uma admiração indisfarçável.

— Se eu tivesse me casado com uma mulher como você, Sra. Pemberton, hoje estaria mais rico que J. P. Morgan — disse ele, virando-se para Lowenstein e Calhoun. — Nunca ouvi uma só palavra sobre esse negócio no Brasil, mas se a Sra. Pemberton acha que pode dar certo, eu compro a ideia, e vocês deveriam fazer o mesmo.

— Vamos todos conversar sobre isso amanhã em Asheville — disse Calhoun.

Lowenstein concordou com a cabeça.

— Ótimo — disse Serena.

A banda começou a tocar “The Love Nest”, e vários casais foram de mãos dadas para a pista de dança. Ao avistar Webb no saguão, a expressão de Harris azedou.

— Com licença — disse ele. — Vou trocar uma palavra com aquele homem.

— Nada de trocar socos com ele, Harris — recomendou Calhoun.

Harris aquiesceu de forma não muito convincente e saiu do salão.

Quando a música terminou, Cecil subiu ao palco onde estava a banda de jazz e anunciou que o jantar logo seria servido.

— Mas antes vamos até a Sala Chippendale para que eu possa lhes mostrar o

Renoir — acrescentou a anfitriã. — Recém-emoldurado, para destacar as cores da pintura.

O Sr. e a Sra. Cecil conduziram os convidados pela escadaria de mármore até a sala de estar do segundo andar. Ao passarem por um retrato de Cornelia em tamanho real, Serena parou para examinar a pintura mais de perto. Balançou a cabeça ligeiramente e virou-se para Pemberton, que a aguardava ao seu lado enquanto os outros seguiam em frente.

— Não consigo entender como ela aguentou.

— O quê? — perguntou Pemberton.

— Ficar imóvel durante tantas horas.

Os Pemberton seguiram pelo amplo corredor, passando por um retrato de Frederick Olmsted e depois por um impresso pela Currier & Ives. Um carpete vinho suavizava seus passos, e o corredor fez uma curva à esquerda, revelando outra fileira de aposentos. Na terceira porta, encontraram os Cecil e os outros convidados reunidos ao redor do Renoir.

— É magnífico — declarou uma mulher em um vestido de gala azul e adornada por pérolas. — A moldura mais escura realmente realça as cores, sobretudo o azul e o amarelo da echarpe.

Vários convidados respeitosamente recuaram um passo para permitir a aproximação de um homem mais velho, de cabelo branco. Seus pés se movimentavam em passos curtos e rígidos, como os de um brinquedo mecânico, semelhança que era acentuada pela fita de metal ao redor de sua cabeça, com arames pendurados ligando o metal a um fone de ouvido de borracha. Ele tirou um pincenê do bolso do paletó e examinou a pintura com atenção. Alguém atrás dos Pemberton cochichou que ele era um ex-curador da National Gallery of Art.

— O mais puro exemplo do modernista francês que temos em nosso país — proclamou ele bem alto e depois deu um passo para trás.

Serena chegou mais perto de Pemberton e sussurrou algo. Harris, que estava ali perto, deu uma risada.

— E então, Sra. Pemberton — disse Cecil —, também tem alguma opinião sobre Renoir?

Ainda contemplando o quadro, Serena falou:

— Para mim, Renoir é um pintor para quem conhece pouco de arte. Eu o considero fraco e sentimental, ao contrário da impressão da Currier & Ives que vi no outro aposento.

Cecil enrubesceu e virou-se para o ex-curador como que solicitando uma contestação, mas o dispositivo de audição do velho evidentemente não havia transmitido a troca de palavras.

— Entendo — disse Cecil, juntando as mãos na frente do corpo. — Bem, está

na hora do jantar, vamos descer.

Foram todos para o salão de banquetes. Serena examinou a grande mesa de mogno e avistou Webb no lado oposto, perto da lareira. Pegou a mão de Pemberton e o conduziu até os lugares bem em frente ao jornalista, que se virou para a esposa assim que os Pemberton se sentaram.

— O Sr. e a Sra. Pemberton — apresentou ele. — Os barões da madeira de quem tanto já lhe falei.

A Sra. Webb abriu um pequeno sorriso, mas não falou nada.

Os garçons trouxeram lentilhas e sopa de aipo como primeiro prato, e o salão ficou em silêncio enquanto os convidados erguiam suas colheres. Quando Pemberton terminou a sopa, contemplou a tapeçaria flamenga, as três lareiras de pedra, os dois grandes candelabros, o órgão na sacada.

— Com inveja, Pemberton? — indagou Webb.

Pemberton continuou examinando a sala por mais algum tempo e então balançou a cabeça.

— Por que alguém teria inveja disso? — perguntou Serena. — É apenas um monte de bugigangas. Bugigangas caras, mas para que servem?

— Vejo como uma maneira impressionante de deixar a própria marca no mundo — observou Webb —, não muito diferente das pirâmides dos grandes faraós.

— Há maneiras melhores — retrucou Serena, levantando a mão do marido com a dela para os dois acariciarem o mogno envernizado. — Certo, Pemberton?

A Sra. Webb falou pela primeira vez:

— Sim, como ajudar a viabilizar a criação de um parque nacional.

— Assim a senhora contradiz o seu marido — observou Serena. — Deixar algo desse tipo é não deixar marca alguma.

Os garçons substituíram as terrinas de sopa e os pequenos pratos por *sorbet* de limão enfeitado com folhas de hortelã. Em seguida, foram trazidos filés de robalos recém-pescados, servidos em porcelana de ossos com círculos cor de vinho e as letras GWV gravadas em ouro no centro. Serena pegou uma peça de cristal Bacarrat e ergueu-a contra a luz para ver melhor as iniciais gravadas no vidro.

— Mais uma grande marca deixada no mundo — comentou ela.

Uma crescente reverberação vinha do saguão, e pouco depois um piano de cauda surgiu na frente de todos, dois homens posicionando-o perto da entrada principal. O pianista da orquestra de jazz se sentou na banqueta enquanto o cantor esperava atento, aguardando o sinal da Sra. Cecil. O instrumentista começou a tocar e o cantor o acompanhou em seguida.

Uma coisa é certa e nada é mais certo
O rico ganha sempre mais dinheiro e o pobre ganha... filhos
Enquanto isso,
Entrementes...

— Essa não é uma de suas canções favoritas, Sra. Pemberton? — perguntou a Sra. Webb.

— Na verdade, não.

— Achei que talvez a Sra. Cecil tivesse pedido para tocá-la em sua homenagem. Uma forma de agradá-la depois de seu recente infortúnio.

— Está se mostrando mais sagaz do que pensei, Sra. Webb. Imaginei-a tão boçal quanto o seu marido.

— Boçal — repetiu Webb, considerando a palavra. — Imagino o que seria Harris, então. Ele me abordou no saguão. Parece que comprou uma gleba batizada.

— Se ele tivesse sido franco conosco, teríamos percebido — retorquiu Serena com severidade.

— Talvez tenha razão, Sra. Pemberton — disse Webb —, mas obviamente alguém considerou o fato de que Harris trairia um sócio em vista dos próprios interesses.

— Acho que traição é uma palavra um tanto forte para o que ele fez — observou Pemberton.

— Eu não acho — discordou Serena.

Webb abanou a mão, descartando o assunto.

— De qualquer forma, o coronel Townsend aceitou a proposta de Albright, e todos os documentos foram assinados. Essa região era a peça-chave, vocês sabem. Todo o projeto poderia ter desabado sem ela, mas agora todas as terras do parque no lado do Tennessee já foram adquiridas.

— Então isso deveria ser o suficiente — disse Pemberton. — Você e seus parceiros podem fazer o parque no Tennessee e deixar a Carolina do Norte em paz.

— Receio que não funcione dessa forma, Sr. Pemberton — retrucou Webb. — Isso nos libera para voltarmos nossa atenção para a Carolina do Norte. Com dois terços das terras do parque assegurados, será mais fácil caracterizar a utilidade pública, talvez já no próximo outono, segundo me informou o secretário Albright.

— Até lá todas as árvores da área já terão sido abatidas — afirmou Serena.

— Talvez — admitiu Webb —, e pode demorar quarenta ou cinquenta anos

até essa floresta crescer outra vez. Mas, quando isso acontecer, será parte do Grande Parque Nacional das montanhas Smoky.

— A essa altura eu e Pemberton já teremos extraído as árvores de um país inteiro.

Por alguns instantes ninguém falou nada. Pemberton procurou Harris e o encontrou a cinco cadeiras de distância, rindo de alguma observação feita por uma jovem dama.

— Mas não dessas terras — replicou Webb. — Como observou Cícero, *ut sementem feceris ita metes.*

— O senhor sabe como Cícero morreu? — indagou Serena. — Certamente é algo que um escriba como o senhor deve saber.

— Conheço a história. E não me intimido com facilidade, Sra. Pemberton, se é essa a sua intenção.

— Eu não a conheço — disse a Sra. Webb a Serena. — Prefiro que suas ameaças sejam explicadas.

— Cícero tornou-se inimigo de Antônio e Fúlvia — respondeu Serena. — Ele poderia ter saído de Roma antes que os dois chegassem ao poder, mas acreditou que suas belas palavras seriam suficientes para protegê-lo. Como bem sabe o seu marido, não foi o que aconteceu. A cabeça de Cícero foi exposta no rostro do Fórum de Roma, onde Fúlvia espetou os grampos de ouro de seu cabelo na língua dele. Deixou-os ali até a cabeça ser jogada aos cães.

— Uma lição que a história nos dá e que não se deve ignorar — comentou Pemberton, dirigindo-se a Webb.

— Não mais do que a maneira como o próprio Antônio morreu, Sr. Pemberton — replicou Webb.

. . .

Os Pemberton só voltaram para casa depois de uma da manhã, mas Galloway ainda esperava nos degraus da entrada.

— Pelo menos não vamos nem precisar acordá-lo — disse Serena quando o viu.

Pemberton desligou o motor. A luz do alpendre do escritório não era suficiente para que pudesse ver a expressão do rosto de Serena ao dizer aquilo.

— Não sei bem se não teríamos feito o mesmo que Harris sob essas circunstâncias. E quanto ao dinheiro, não perdemos tanto assim.

— Ele nos deixou vulneráveis — disse Serena. — É como uma infecção,

Pemberton. Se não cauterizar logo, ela se espalha. Não vai ser assim no Brasil. Nossos investidores estarão em outro continente. — Após uma pausa, ela concluiu: — Nunca deveríamos ter permitido que chegasse a esse ponto. Deveríamos ser só nós.

Por algum tempo nenhum dos dois falou mais nada.

— Não é isso o que queremos? — perguntou Serena.

— Você tem razão — respondeu ele depois de mais um momento de silêncio.

— Eu não perguntei se tinha razão — retrucou ela, com suavidade, mas com um tom quase de tristeza na voz. — Não é isso o que queremos?

— Sim — disse ele, contente por seu rosto estar velado pela escuridão.

Pemberton abriu a porta do carro e entrou em casa enquanto Serena conversava com Galloway no alpendre. Serviu-se de uma boa dose de uísque e sentou-se na poltrona Coxwell que ficava de frente para a lareira. Embora ainda faltassem meses para a chegada do frio, um grosso tronco de carvalho branco tinha sido posto na lareira, com folhas de jornal e o atiçador ao lado. A voz de Serena atravessava a parede; as palavras soavam abafadas, mas seu tom estava calmo e comedido dizendo a Galloway o que desejava que fizesse. Pemberton sabia que, se pudesse ver o rosto de Serena, sua expressão estaria plácida, como se mandasse Galloway ir a Waynesville pôr uma carta no correio. Percebeu também algo mais, que Serena seria capaz de convencer Lowenstein e Calhoun a investir no empreendimento no Brasil. Assim como seu marido, eles a julgariam capaz de qualquer coisa.

VINTE E CINCO

Antes mesmo de o primeiro casebre ser construído na serra de Bent Knob, bem como o depósito, o refeitório e primeiro trilho de trem, um hectare entre o ribeirão Cove e o monte Noland foi reservado para tornar-se um cemitério. Como que para reconhecer a fácil transição da vida para a morte no campo madeireiro, o local não tinha portão nem era cercado. Os únicos delimitadores eram quatro estacas de madeira. Quando apodreceram, já haviam crescido arbustos ao redor, que tornavam desnecessárias futuras marcações dos limites da área. Ocasionalmente, um trabalhador morto tinha seu corpo transportado do vale para um túmulo de família, mas a maioria era enterrada ali. A madeira, que os tinha atraído até lá e os matado, e que agora guardava seus corpos, também marcava a maior parte das covas. As cruzes de madeira variavam em sofisticação entre pouco mais que dois galhos amarrados a ripas de cerejeira e cedro cuidadosamente entalhadas, com nomes e datas gravados a fogo. Sobre essas tumbas, e às vezes nas próprias cruzes, os enlutados sempre deixavam algumas recordações. Algumas evocavam uma ironia fatalista, como o cabo do machado usado para acabar com a árvore que no final acabara com seu portador, o capacete Kaiser rompido usado pelo homem atingido pelo relâmpago. Mas quase tudo que adornava os túmulos era uma tentativa de iluminar aquela paisagem sombria, não apenas com flores silvestres e grinaldas fúnebres como também com objetos mais duráveis — talismãs de penas amarelas, ornamentos de Natal, medalhas militares presas em fitas coloridas, na própria cova havia cacos de vidro índigo, embalagens de goma de mascar e pedras de quartzo rosadas, que às vezes eram jogadas na terra fofa das sepulturas como sementes de plantio, outras vezes em elaborados estampados soletrando o que poderia ser discernido como um nome ou algo obscuro como um petrógrafo.

Era esse cemitério que Ross e seus companheiros contemplavam durante o intervalo vespertino da equipe. Chovera sem parar o dia inteiro e os homens estavam molhados, com frio e cobertos de lama; o céu baixo e cinzento só fazia aumentar ainda mais a melancolia.

— O garoto que morreu ontem na represa — disse Ross. — Que azar dos diabos. Não completou nem uma semana de trabalho e já está debaixo da terra. Antigamente os homens chegavam a receber pelo menos um pagamento antes de morrer.

— Ou viviam o bastante para barbear mais do que uma simples penugem no queixo — acrescentou Henryson. — Aquele garoto não devia ter mais que dezesseis anos.

— Imagino que não vai demorar muito para que eles comecem a encomendar os nossos caixões antes do tempo — disse Ross. — A gente pode ser plantado na terra antes de enrijecer de vez.

— Chegaram a descobrir alguma coisa sobre a família do garoto? — perguntou Stewart.

— Nada — respondeu Henryson. — Ele veio em um desses trens que passam por aqui, não tem como saber. Só tinha uma foto na carteira dele, mais nada. De uma mulher bem mais velha, provavelmente sua mãe.

— Nada escrito no verso? — perguntou Stewart.

Henryson balançou a cabeça.

— Nem uma palavra.

— A própria família não sabe onde o sujeito está enterrado — comentou Stewart em tom sombrio. — Que coisa mais horrível. Nunca terá uma flor ou uma lágrima na tumba.

— Ouvi dizer que na Guerra de Secessão os soldados prendiam no uniforme o nome e o lugar de onde tinham vindo — disse Henryson. — Para que a família descobrisse o que tinha acontecido com eles.

Snipes, que vinha tentando desdobrar seu jornal encharcado sem rasgar as páginas, concordou com a cabeça.

— Isso é verdade — confirmou ele. — Foi assim que descobriram onde o meu bisavô estava enterrado. Ele morreu no Tennessee, lutando pelo pessoal do Lincoln. Foi enterrado bem no lugar onde tombou, mas pelo menos assim a mãe dele ficou sabendo onde seu filho estava.

— Há algo mais sobre Harris no seu jornal? — perguntou Ross.

Snipes abriu delicadamente as páginas no colo.

— Tem, sim. Diz aqui que o legista do condado teve a coragem de afirmar que a morte de Harris foi um acidente, mesmo depois de o artigo do Webb afirmar que o médico foi comprado pelos Pemberton.

— Faz a gente se perguntar quem vai ser o próximo, não é? — ponderou Henryson.

— Eu não ficaria surpreso se Webb alterasse um ou dois pontos desse editorial — observou Ross. — Tomara que a casa dele não tenha dois andares. Senão é

bem capaz que ele leve o mesmo tombo que Harris levou.

Os homens ficaram em silêncio. Stewart desdobrou o plástico que mantinha sua Bíblia seca e começou a ler. Ross enfiou a mão no bolso e tirou o saco de tabaco. Pegou o papel de enrolar, porém viu que estava tão ensopado quanto o jornal de Snipes. Henryson, que também estava ansiando por um cigarro, notou que seu papel estava nas mesmas condições.

— Achei que ao menos o meu pulmão fosse ficar quente e seco por um minuto — reclamou Ross.

— E a gente pensando que podia ter um pequeno prazer, mesmo num dia funesto como o de hoje — disse Henryson. — Você não tem papel de enrolar, tem, Stewart?

Stewart balançou a cabeça, sem levantá-la.

— Que tal algumas páginas dessa sua Bíblia aí? — perguntou Ross. — Esse papel é ótimo para enrolar cigarro.

Stewart olhou para cima, incrédulo.

— Seria um sacrilégio fazer uma coisa dessas.

— Não estou pedindo nenhuma página que tenha coisas importantes escritas — insistiu Ross. — Só duas folhinhas com umas coisas do tipo Fulano filho de Beltrano que era filho de Sicrano. Não vai fazer falta.

— Ainda não me parece certo.

— Pois eu acho que seria um belo ato de caridade cristã — contrapôs Henryson —, ajudar dois sujeitos infelizes que só querem fumar um cigarrinho.

Stewart virou-se para Snipes.

— O que você acha?

— Bem — começou Snipes —, os mais ilustres acadêmicos vêm argumentando há anos que é possível encontrar na Bíblia motivos para se fazer ou não fazer quase qualquer coisa. Portanto, acho que a solução seria você se concentrar em um determinado versículo que prevaleça sobre os outros.

— Mas qual seria esse versículo? — perguntou Stewart.

— Que tal aquele que diz para amar o próximo? — logo sugeriu Henryson.

Stewart mordeu o lábio inferior, perdido em pensamentos. Quase um minuto se passou antes de ele abrir a Bíblia em Gênesis, examinar algumas páginas e arrancar duas delas com todo o cuidado.

. . .

Na tarde do domingo seguinte, os Pemberton foram a cavalo ao monte Shanty.

Pemberton não queria muito ir, mas, como Serena tinha dado sua companhia como certa, ele a seguiu até o celeiro. Na manhã de sábado, um cabo de aço partido matara um serrador, e, ao saírem do acampamento, o casal deparara-se com um cortejo fúnebre indo para o cemitério, onde havia uma cova aberta entre tocos e galhos partidos. Liderando os enlutados ia um jovem com uma fita preta na manga da camisa, levando nas mãos uma cruz de carvalho de quase um metro de altura. Os dois lenhadores que carregavam o caixão vinham atrás, depois uma mulher em trajes de viúva. O reverendo Bolick e mais uma dúzia de homens e mulheres seguiam atrás. Dois dos homens levavam pás apoiadas no ombro direito, como soldados com armas. O reverendo Bolick carregava consigo sua Bíblia, a capa preta do livro voltada para o céu como que para defletir o brilho do sol. Por último vinham as mulheres, com flores silvestres de cores vívidas nas mãos. Caminhavam devagar pela paisagem desolada, parecendo mais refugiadas do que enlutadas.

Pemberton e Serena estavam indo para o oeste, o terreno subindo rapidamente, o ar ficando mais frio. Uma hora depois, após virarem na última curva da estrada, viram-se no alto do monte Shanty. Não se falaram durante todo o caminho. Ficaram olhando para o vale e as cordilheiras, avaliando quanto de árvores restava.

— O que Harris fez foi um lembrete necessário — disse Serena, quebrando o silêncio.

— Um lembrete do quê? — perguntou Pemberton, ainda olhando para o vale.

— Que outros também podem nos deixar vulneráveis e que quanto antes sanarmos essa vulnerabilidade, melhor.

Pemberton virou-se para ela e viu em seu olhar uma certeza clara e inabalável, como se pensar de outra forma não fosse apenas errado como também inimaginável. Ela afagou o flanco do árabe e deu alguns passos para inspecionar se um dos cabos de aço estava bem preso a um cepo de nogueira. Pemberton olhou para baixo, na direção do acampamento. O sol brilhava forte sobre os trilhos do trem, refletindo as juntas do metal. Logo chegaria o momento de desfazer aqueles, começando pelos dormentes, removendo tudo o que haviam fixado no solo.

Mas lembre-se de que avisei ao senhor, dissera a Sra. Lowell aquela primeira noite em Boston. Serena lhe contara, depois, que só tinha ido à festa porque ouvira falar que um madeireiro chamado Pemberton estaria presente. Após fazer algumas perguntas a pessoas do ramo, ela decidira que valia a pena gastar seu tempo para conhecê-lo. Depois que a Sra. Lowell os apresentou, Pemberton e Serena logo se afastaram dos outros e ficaram conversando na varanda até a meia-noite. De lá, foram para o apartamento dela na rua Revere, onde Pemberton

ficou até de manhã. Naquela primeira noite, você não teve medo de que eu a considerasse uma prostituta, tamanha a sua ousadia?, brincou ele depois. Não, respondeu Serena. Eu já acreditava em nós dois. Pemberton lembrava-se de Serena abrindo a porta do apartamento sem dizer nada. Ela simplesmente entrara, deixando a porta aberta. Depois se virara e fixara os olhos nele. Naquela noite, como agora, seus olhos mostravam uma certeza absoluta de que Pemberton a seguiria.

. . .

No percurso de volta, os últimos raios de sol avermelhavam o alto das cordilheiras do oeste. Uma brisa refrescava o ar no Shanty, mas, à medida que Pemberton e Serena desciam a encosta, o ar ia ficando estagnado, úmido. No cemitério restava agora só um lenhador, ajeitando metodicamente as últimas pás de terra sobre o caixão.

Os dois jantaram sozinhos no salão de refeições, como sempre faziam agora, depois voltaram para casa. Às onze horas, Pemberton foi para o quarto se preparar para deitar. Serena o acompanhou, mas não começou a se despir. Em vez disso, sentou-se em uma cadeira do outro lado do quarto e ficou observando-o com atenção.

— Por que não está se trocando? — perguntou ele.

— Tenho mais uma coisa a fazer esta noite.

— Não pode esperar até de manhã?

— Não, prefiro fazer hoje mesmo.

Ela se levantou da cadeira de espaldar alto, aproximou-se dele e o beijou na boca.

— Só nós dois — sussurrou ela, os lábios ainda tocando os dele.

Pemberton acompanhou-a até a porta. Quando ela saiu para o alpendre, Galloway emergiu das sombras, aparentemente sem ter sido chamado.

Pemberton viu os dois se encaminharem ao escritório. Vaughn saiu pouco tempo depois e foi buscar o carro de Galloway, que estava atrás do estábulo. Quando Galloway e Serena chegaram ao alpendre do escritório, Pemberton notou que ela carregava alguma coisa na mão, um objeto que refletiu uma luz prata quando ela passou sob a luz amarelada da lâmpada do alpendre.

Galloway entregou uma caneta e um bloco a Vaughn, e o jovem começou a escrever, parando por um momento para gesticular com o indicador quando o maneta pediu mais alguma coisa. Pemberton então viu Serena e Galloway saírem

de carro e acompanhou os faróis com o olhar enquanto o automóvel atravessava o vale até desaparecer de vista. Vaughn também ficou observando os faróis sumirem na distância para só então entrar no escritório e fechar a porta; minutos depois, voltou a sair. Apagou a luz do alpendre e foi andando rapidamente em direção ao casebre onde morava.

Pemberton entrou em casa, mas não foi se deitar. Espalhou faturas a sua frente sobre a mesa da cozinha, tentando se distrair com cálculos de metragem de tábuas e custos de frete. Desde o momento em que Serena e Galloway tinham saído de carro ele tentava não imaginar aonde os dois estariam indo. Se não soubesse, não poderia fazer nada a respeito.

Mas sua mente insistia em fazer seus pensamentos seguirem essa direção, matutando se Serena não tinha sussurrado "só nos dois", mas, sim, uma única palavra. Ele percebeu que só conseguiria interromper aquela linha de pensamento com a garrafa de uísque canadense ainda pela metade, guardada no armário da cozinha. Dispensou o copo. Preferiu beber no gargalo até ficar sem ar, o álcool escaldando-lhe a garganta. Depois bebeu mais, até esvaziar a garrafa. Pemberton se sentou em uma das poltronas Coxwell e fechou os olhos, aguardando que o uísque fizesse efeito. Ele esperava que a metade da garrafa fosse suficiente, mas tentou ajudar um pouco. Imaginou que os pensamentos que buscavam conexões em sua cabeça eram como dezenas de fios ligados a um painel de controle, fios que a bebida começaria a afrouxar até impossibilitar todas as conexões.

Em poucos minutos ele sentiu o álcool se expandir dentro de seu crânio, os fios se libertando, um de cada vez, o alarido diminuindo até não haver mais nada, só um zunido mortiço. Fechou os olhos e se deixou afundar na poltrona.

Quando o relógio na lareira soou à meia-noite, foi até o alpendre. O uísque tinha deixado seus passos instáveis, e ele segurou no parapeito enquanto observava o acampamento mais abaixo. Nenhuma luz passava pela janela do escritório, e o carro de Galloway ainda não tinha voltado. Um cachorro latiu perto do depósito, mas logo se calou. Alguém em um dos casebres tocava um violão, não arpejando, mas ferindo as cordas lentamente, deixando a nota desaparecer por completo antes de tocar outra. Em poucos minutos o som do instrumento cessou e o acampamento ficou completamente em silêncio. Pemberton levantou a cabeça, sentindo uma pequena vertigem ao fazer isso. Logo o último lampião a carvão nos casebres foi apagado. A oeste, apenas alguns espasmos de luzes esmaecidas brilhavam. A escuridão avolumou-se, mas não ofereceu estrelas, apenas uma lua pálida como um osso.

VINTE E SEIS

O xerife McDowell chegou de carro ao acampamento no meio da manhã. Não bateu antes de entrar no escritório. Pemberton considerou os modos do xerife tipicamente insolentes, lembrando-se de que fora Wilkie quem defendera sua permanência no cargo na abertura das instalações da empresa. Vai apaziguar os habitantes do local ter um deles na posição, argumentara Wilkie. Pemberton não convidou o xerife a se sentar, tampouco o homem pediu. Pemberton ainda sentia os efeitos do uísque, não só a ressaca como também um resíduo de embriaguez.

— O que o traz aqui que um telefonema não poderia resolver? — perguntou Pemberton, examinando as faturas em sua mesa. — Tenho muito trabalho a fazer, não posso receber visitas não convidadas.

McDowell só falou quando os olhos de Pemberton se focaram nele.

— Houve um assassinato na serra de Colt ontem à noite.

Os olhos do xerife absorveram a surpresa de Pemberton. O único som da sala vinha do relógio Franklin no bufê. Aos ouvidos de Pemberton, o tique-taque do relógio pareceu ficar mais alto. Os fios que o álcool tinha cortado se reconectaram e ele sentiu alguma coisa se mexer dentro de si mesmo, algo pequeno porém definido, como uma leve torção na maçaneta que faz uma porta ser escancarada.

— Um assassinato — ecoou Pemberton.

— Um assassinato — repetiu o xerife, enfatizando a segunda palavra. — De Adeline Jenkins, uma velha viúva que nunca fez mal a ninguém. Cortaram o pescoço dela. Da esquerda para a direita, o que significa que quem fez isso era canhoto.

— Por que está me contando isso, xerife?

— Porque quem quer que tenha feito isso não se deu o trabalho de se desviar do sangue no chão. Encontrei dois tipos de marcas de botas. Uma delas é uma comum, nada especial, afora ser um pouco pequena para um homem, mas a outra era diferente. Bico fino, nada que se possa comprar por aqui. Pelo tamanho e formato, estou apostando que é de uma mulher. Só preciso agora encontrar o par,

e o fato de estar aqui deveria deixar claro que sei onde procurar.

— Eu tomaria cuidado com suas acusações — disse Pemberton. — Não faço ideia de quem seja essa Sra. Jenkins. Ela não trabalha para mim.

— Sua esposa e aquele capanga dela acharam que ela lhes diria onde encontrar a garota Harmon e o filho dela. Isso é o que eu penso. Foram primeiro à cabana da garota. A porta estava escancarada hoje de manhã, e sei que estava trancada ontem à noite. Havia tocos de cigarro no celeiro também. Só não sei de quem eles estavam atrás. — McDowell fez uma pausa. — Qual deles? A criança ou a mãe? Ou os dois?

— A garota Harmon e o filho — afirmou Pemberton. — Está dizendo que não aconteceu nada com eles?

— Pergunte à sua esposa.

— Não preciso fazer isso — retrucou Pemberton, a voz não tão assertiva como ele gostaria. — Seja o que for que tenha acontecido, ela não está envolvida. Qualquer vagabundo passando de trem pode ter matado a velha. Se você está procurando por um suspeito, é melhor ir à estação ferroviária.

McDowell observou o assoalho por algum tempo, como se examinasse os grânulos da madeira. Ergueu o olhar devagar e encarou Pemberton.

— Vocês acham que podem fazer qualquer coisa? — perguntou McDowell. — Eu estive em Asheville semana passada e apurei mais fatos sobre a morte do Dr. Cheney. Há pelo menos cinco possíveis causas da morte, e todas vagarosas. Ao menos Campbell foi morto rapidamente, diz o xerife de Nashville. Harris também.

— Harris caiu e quebrou o pescoço — disse Pemberton. — O próprio legista disse que foi um acidente.

— O seu legista, não o meu — replicou McDowell. — Não sou eu quem o paga todo mês.

O uniforme do xerife estava amarrotado, como se ele tivesse dormido com a roupa. De repente McDowell pareceu tomar consciência disso e enfiou a camisa dentro da calça. Quando ergueu o olhar, seu semblante estancou em um ricto de desprezo.

— Não posso fazer nada a respeito de Campbell, Cheney ou Harris, mas juro que vou fazer alguma coisa quanto ao assassinato dessa senhora e não vou deixar uma mãe e um filho serem mortos — disse McDowell, para então concluir, em tom mais baixo: — Mesmo sendo um filho seu.

Por alguns instantes, nenhum dos dois falou mais nada. O xerife abriu os dedos e passou a mão pelo cabelo, que claramente não fora penteado aquela manhã, revelando alguns laivos cinzentos que Pemberton nunca tinha notado. McDowell baixou a mão até a face direita, esfregou a testa como se tivesse

batido a cabeça em uma maçaneta ou na esquadria de uma janela. Tirou a mão e voltou a deixá-la ao lado da perna.

— Quando foi a última vez que você viu esse garoto?

— Em janeiro — respondeu Pemberton.

— Incrível como ele se parece com você. Os mesmos olhos, a mesma cor do cabelo.

Pemberton apontou para uma fatura sobre a mesa.

— Tenho trabalho para fazer, xerife.

— Cadê sua mulher?

— Está fora, com as equipes de corte.

— A que distância daqui?

— Não sei — respondeu Pemberton. — Ela pode estar em qualquer lugar desta área até o Tennessee.

— Muito conveniente.

McDowell olhou para o relógio, sustentou o olhar nele por alguns segundos.

— Eu vou voltar — avisou ele, dando meia-volta e indo em direção à porta —, e da próxima vez vai ser com um mandado de prisão.

Pemberton viu pela janela o xerife entrar no carro e sair pelo vale em direção a Waynesville. Foi até o armário de armas e abriu a gaveta que ficava embaixo das espingardas expostas. A faca de caça estava no mesmo lugar, mas, quando ele tirou a arma da bainha pelo cabo de chifre de alce, notou que a lâmina estava suja de um sangue preto, coalhado. Raspou de leve e esfregou a mancha entre o polegar e o indicador. Sentiu um resquício de umidade.

O telefone tocou, mas Pemberton quase não atendeu, só pegando o telefone depois do oitavo toque. Era Calhoun, fazendo perguntas sobre o contrato que Serena havia mostrado a ele e a Lowenstein. Pemberton quase não reconheceu a própria voz quando lhe disse que a papelada estava quase pronta.

Nem repôs o fone no gancho. Aproveitou para ligar para Saul Parton, em Waynesville, e deixou um recado com a esposa do legista. A faca continuava em cima da mesa e Pemberton a pegou, considerando por um momento ir à serraria e jogá-la na represa. Mas era seu presente de casamento, lembrou a si mesmo. Por alguns instantes permitiu que aquele pensamento escaldante ressonasse dentro de si. Depois cuspiu em um lenço e limpou o sangue. Guardou a faca na bainha e colocou-a de volta na gaveta. Pegou o telefone outra vez, e disse à telefonista que queria fazer uma ligação para Raleigh.

Depois disso, Pemberton saiu do escritório em busca de Vaughn, mas não teve sucesso. Encontrou Meeks no refeitório, discutindo a folha de pagamento do mês seguinte com o chefe de cozinha. A conversa era uma troca de palavras hesitantes, um montanhês da Carolina do Norte e um ianque da Nova Inglaterra

lutando com o dialeto do outro como dois intérpretes mal treinados.

— Preciso ir a Waynesville — disse Pemberton a Meeks. — Fique no escritório e atenda ao telefone. Se Saul Parton ligar, diga para não mandar o relatório a Raleigh antes de eu falar com ele.

— Tudo bem — concordou Meeks, com exasperação —, apesar de eu ser guarda-livros, não linguista. Se quem ligar falar o mesmo idioma bárbaro que esse sujeito, não terei ideia do que estará dizendo.

— Se encontrar Vaughn, ele pode traduzir para você. Volto assim que puder.

Enquanto saía de carro do vale, Pemberton viu Galloway sentado nos degraus do depósito, uma maçã parcialmente comida na mão. Estava desfrutando de um dia de folga depois de ter trabalhado até tarde da noite. Pemberton se perguntou se Galloway teria visto o carro do xerife. Quando o Packard passou, os olhos cinzentos do sujeito se ergueram, mas estavam tão inexpressivos e insondáveis como os de sua mãe.

A patrulha de McDowell estava estacionada em frente à delegacia, um alívio para Pemberton, que não precisaria procurá-lo por toda a cidade. Pemberton encontrou uma vaga, seguiu pela calçada e atravessou o gramado da delegacia. Somente a luz acima da mesa estava acesa quando entrou, de forma que seus olhos demoraram um pouco para se ajustar à penumbra. McDowell estava na única cela, tirando um colchão encardido do estrado de molas. Ao fazer isso, nuvens de pó subiram, pairando entre as grades da janela do recinto e barrando a luz como uma teia.

— Procurando alguma coisa, xerife?

— Percevejos — respondeu McDowell, sem erguer os olhos. — Imagino que você e a Sra. Pemberton saibam o que é. Eles não são muito seletivos na hora de escolher com quem se deitar.

Pemberton sentou-se em frente à mesa do xerife, em uma cadeira cambaleante com o assento descascando. Um ventilador de teto agitava o ar sem efeitos perceptíveis. McDowell tirou o colchão da cela, arrastou-o pelo estreito corredor até a porta dos fundos aberta e deixou-o lá fora. Depois voltou e mudou a data no calendário. Só então sentou-se em seu lugar à mesa.

— Veio denunciar sua esposa? — perguntou ele.

— Vim fazer uma oferta em troca da sua cooperação — disse Pemberton —, uma última proposta.

— Você sabe qual é a minha resposta. Já sabe há três anos.

Pemberton se recostou na cadeira, que ele desconfiava ser propositalmente desconfortável, abrindo as pernas para equilibrar melhor seus noventa quilos.

— Desta vez não é só dinheiro. A questão é se você quer mesmo continuar a ser xerife.

— Ah, eu vou continuar — replicou McDowell. — Encontrei um pescador que viu o Ford de Galloway atravessando a ponte perto da serra de Colt ontem à noite. Como Galloway não tem a mão esquerda, acho que isso mais ou menos indica quem de fato cometeu o assassinato.

— Acabei de falar ao telefone com um senador estadual que pode destituí-lo em uma semana. Você quer manter o seu cargo ou não?

McDowell olhou incisivamente para Pemberton.

— O mais interessante para mim foi a sua surpresa hoje de manhã. Isso bem que dá margem a interpretações, não acha?

— Não sei do que você está falando — respondeu Pemberton.

— É, talvez não saiba — disse o xerife depois de um tempo. — Talvez você seja um filho da mãe tão imprestável que, embora quisesse que isso acontecesse tanto quanto ela, não teve colhões de tomar parte.

McDowell se levantou, arrastando a cadeira ruidosamente para trás no piso de madeira. Ele não se equiparava a Pemberton em tamanho, não tinha mais que um metro e oitenta de altura, mas ainda assim a força de seu corpo era visível, nos bíceps e braços esguios, porém musculosos, e no pulso mais grosso do que se esperaria de alguém do seu porte. Não se via nenhum revólver em um coldre preso a sua cintura. Pemberton também se levantou. Seria uma boa luta, pensou ele, pois os montanheses consideravam uma desonra fugir se desafiados ou desistir de uma briga já iniciada. Ele poderia surrar McDowell por uns dez ou quinze minutos. A adrenalina percorreu suas veias, e com isso Pemberton sentiu reviver a sensação da própria força, que estava dormente havia muito tempo. De repente o mundo se tornou mais simples do que vinha sendo fazia algum tempo.

Mas antes que os dois começassem, alguém bateu na porta, e não demorou muito para bater de novo, uma batida leve porém insistente. McDowell olhou na direção da entrada. Pemberton achou que ele fosse até lá trancar a porta, e talvez até tivesse feito isso se naquele momento a maçaneta de latão não tivesse girado, abrindo a porta. Uma senhora entrou, o cabelo grisalho amarrado em um coque apertado, seguida por Rachel Harmon com o filho nos braços.

Ao olhar para Jacob, Pemberton viu que o xerife estava certo quanto aos seus traços, ainda mais óbvios agora do que quando o vira em janeiro. Lembrou-se da sua fotografia quando pequeno e imaginou se Serena não a teria encontrado na noite anterior enquanto procurava a faca de caça. Poderia ter aberto a gaveta da escrivaninha e encontrado o álbum, virado as páginas até chegar às duas últimas. De repente ocorreu-lhe que ela poderia ter levado não só a faca, mas também a fotografia.

Era muita loucura imaginar uma coisa dessas, disse Pemberton a si mesmo, mas seus pensamentos continuaram a processar sua lógica febril. Pemberton

lembrou-se do brilho da lâmina da faca quando vira Serena sair ao alpendre do escritório na noite anterior. Tentou recordar se havia alguma outra coisa na mão direita dela. Poderia muito bem ser uma fotografia, para comparar com uma criança que, até onde Pemberton sabia, ela jamais tinha visto. Como uma espécie de confirmação — só que não seria a fotografia de Jacob ainda bebê, percebeu Pemberton subitamente. Pois mesmo se Serena tivesse encontrado a foto de Jacob, ela precisaria de outra que mostrasse como estava a criança no momento *atual*, aos dois anos. Ela devia ter levado o retrato do próprio Pemberton.

Pemberton continuou olhando fixo para Jacob. Era impossível não fazer isso. Os olhos castanho-escuros o observavam solenemente. A garota Harmon percebeu e virou o menino para o outro lado. Por alguns instantes ninguém se mexeu, como se todos esperassem que alguém entrasse ali e disparasse sabe-se lá qual processo. O único som era o *tec-tec-tec* da corrente de latão trepidando no motor do ventilador de teto.

McDowell abriu a gaveta da mesa e pegou seu revólver. Apontou-o para Pemberton.

— Saia daqui.

Pemberton fez menção de dizer alguma coisa, mas McDowell puxou o percussor e mirou bem na testa dele. A mão e o braço erguido do xerife não tremiam quando o indicador repousou no gatilho.

— Se disser uma palavra, uma única palavra que seja, juro por Deus que eu mato você.

Pemberton acreditou nele. Afastou-se da mesa e atravessou a sala, a garota Harmon apertando o filho nos braços como se o pai dele pudesse tentar arrebatá-lo. Pemberton abriu a porta e saiu, piscando diante da luz do dia.

A cidade continuava lá, os postes de iluminação, as lojas e o não tão obsoleto palanque para amarrar cavalos, o relógio na torre do tribunal. Pemberton ficou observando o enorme ponteiro de minutos avançar e marcar mais um período de tempo. Ele se lembrou de uma das poucas ocasiões em que assistira a uma aula de física em Harvard, o professor discorrendo sobre uma ideia apresentada por um cientista austríaco sobre a relatividade do tempo. Era a sensação que ele estava tendo, como se o tempo não fosse mais composto de incrementos rápidos, mas algo mais fluido, com as próprias correntes e redemoinhos. Algo que poderia facilmente varrê-lo para longe.

Um Ford T passou buzinando e desviou dele. Só então Pemberton percebeu que estava no meio da rua. Foi até o seu carro e entrou, mas não girou a chave nem deu partida.

Minutos depois, a porta da delegacia se abriu. A idosa saiu para a rua, mas a garota e o menino entraram na patrulha. Pemberton deixou que se afastassem um

pouco antes de dar partida e ir atrás do carro que seguia em direção ao oeste. Depois de algum tempo, o asfalto se transformou em uma estrada de terra, o veículo da frente levantando uma poeira cinzenta em seu rastro. Pemberton ficou mais para trás, seguindo não mais o carro, e sim a nuvem de poeira. Logo o rastro deixou a estrada principal e foi para a ladeira que dava no ribeirão Deep. Pemberton já sabia para onde eles estavam indo.

Não seguiu mais o carro, parando quarenta e cinco metros depois. Deu meia-volta com o Packard e estacionou no acostamento gramado. O dia estava quente, mas ele não baixou o vidro da janela. Preferia culpar o calor pelo suor que empapava sua camisa. Vinte minutos depois, o carro do xerife voltou da estrada secundária e seguiu na direção de Waynesville.

Havia uma chave inglesa Stillson de sessenta centímetros de comprimento no porta-malas, e por alguns minutos Pemberton imaginou aqueles cinco quilos de ferro em sua mão. Seria suficiente. Ou poderia simplesmente ligar para Meeks, dizer algumas palavras a Galloway. Girou a chave e apertou o botão de partida. Deixou a mão sobre a alavanca de câmbio, sentindo a bola de borracha maciça. Pisou na embreagem e fez uma pausa mais longa, depois engatou a marcha no Packard. Quando chegou à saída para o ribeirão Deep, continuou em frente sem reduzir a velocidade. Dirigiu até Waynesville, passando pelo hospital, pela escola primária e pela estação de trem, depois seguiu para o vale do ribeirão Cove.

Ao passar pela serraria, lembrou-se do enterro do pai, embora “lembrar” não lhe parecesse uma palavra tão adequada quanto “recuperar”. Não conseguia recordar a última vez em que tinha pensado naquele funeral desde que voltara de Boston. Ou de quando tinha pensado na mãe ou nas duas irmãs. As cartas que recebera delas naqueles primeiros meses foram jogadas fora sem nem serem abertas. Em parte era para se livrar do passado, como apregoava Serena, mas também uma amnésia voluntária, um feitiço a que sucumbira de bom grado.

Estava na metade do caminho para o acampamento quando estacionou no aclive de onde tinha mostrado pela primeira vez as instalações da madeireira a Serena. Foi até a beira do precipício e contemplou lá embaixo a grande chaga escura em que tinha transformado aquela terra. Contemplou a paisagem por um bom tempo, desejando que fosse o suficiente. Então olhou para além do vale e dos penhascos e avistou o monte Mitchell. O ponto mais alto do leste dos Estados Unidos, de acordo com Buchanan, e parecia mesmo, era o pico mais perto das nuvens do que qualquer outro à vista. Observou-o por alguns instantes, depois deixou o olhar cair aos poucos, e era como se ele também estivesse caindo, devagar e deliberadamente, de olhos abertos.

VINTE E SETE

Rachel sentiu a luz do final da manhã antes mesmo de vê-la, o calor e a luminosidade do sol atingindo em cheio suas pálpebras fechadas. Ouviu a respiração ritmada de Jacob, e então alguma coisa, alguma coisa que ela não identificou naqueles primeiros momentos do despertar, fez com que entendesse como era importante o fato de ele estar *respirando*. Passou os braços ao redor do menino e o puxou para mais perto de si. Ele esboçou um fraco protesto, mas sua respiração logo retomou a tranquilidade do sono. Nesse momento ela se lembrou de tudo: do xerife na porta da cabana, de um vestido e um par de sapatos enfiados às pressas em uma valise, com os itens necessários de que Jacob precisaria. Talvez não fosse nada, apenas rumores, explicou o xerife, mas ele não queria correr o risco. Levou-a até a pensão, cedeu o próprio quarto para ela e Jacob passarem aquela noite. Rachel ficou escutando o carrilhão no corredor dando as horas até o amanhecer, incapaz de dormir até a chegada da primeira luz a entrar pela janela, quando Jacob choramingou e ela o amamentou. Só então conseguiu adormecer.

Agora, no começo da tarde, ela e Jacob estavam no banco traseiro do carro oficial do xerife McDowell, seguindo por uma pequena trilha ao longo do ribeirão Deep. Fizeram mais uma curva, a estrada se tornando pouco mais que um caminho sinuoso entre as árvores. Galhos novos arranhavam as laterais do carro, e as molas do assento rangiam e oscilavam embaixo dela e de Jacob. Após uma última curva acentuada, a estrada simplesmente sumiu. Não passava de um platô de bordos e um caminho de trinta centímetros de largura pelas árvores. O xerife deu marcha a ré e fez uma meia-volta. Desligou o motor, mas não fez menção de sair. Rachel não fazia ideia de onde estavam. Quando perguntou a MacDowell para onde estavam indo, as únicas palavras que falou desde que sua senhoria a levou com o filho até a delegacia, ele só respondeu que seria um lugar seguro. O xerife espiou pelo retrovisor, olhando para ela.

— Você vai ficar aqui por algumas horas com um homem chamado Kephart. Pode confiar nele.

— Pode ser só alguém pregando uma peça, não pode, como o senhor disse?

O xerife virou-se e apoiou o braço no encosto do banco.

— Adeline Jenkins foi assassinada ontem à noite. Acredito que quem fez isso achava que ela poderia informar onde você e a criança estavam.

Os metais e o estofamento do carro pareceram sair de foco, o assento se distanciando mais para baixo, uma sensação de ausência de peso, como o momento entre a subida e a queda em um balanço de corda. Rachel abraçou Jacob mais forte, fechou os olhos por alguns instantes e depois voltou a abri-los.

— Está falando da viúva? — perguntou ela, pois assim seria, por mais alguns instantes, apenas uma pergunta e não uma confirmação.

— Sim — respondeu McDowell.

— Quem faria uma coisa dessas?

— Serena Pemberton e um homem que trabalha para ela chamado Galloway. Você sabe quem ele é, não sabe?

— Sim, senhor.

Jacob se agitou no colo dela. Rachel olhou para baixo e percebeu que ele estava de olhos abertos.

— O Sr. Pemberton... — começou Rachel, mas não conseguiu pensar em mais nada para dizer.

— Ele não estava lá, disso eu sei. Talvez nem soubesse o que os dois planejavam fazer.

McDowell baixou o olhar para Jacob.

— Tenho uma ideia da razão por que ela faria isso, mas estou interessado em saber o que você acha.

— Acho que é por eu ter dado a ele a única coisa que ela não pôde — disse Rachel.

O xerife aquiesceu, tão levemente que Rachel entendeu mais como uma confirmação de que tinha escutado do que como um sinal de concordância. Virou-se para a frente outra vez, parecendo estar perdido nos próprios pensamentos. Em algum lugar entre as árvores Rachel ouviu um pica-pau bicando um tronco. Começou, parou, retomou, como alguém batendo em uma porta e esperando ser atendido.

— Tem certeza de que ela morreu? — perguntou Rachel. — Não está só muito ferida?

— Ela morreu.

Ficaram calados por um tempo. Jacob se agitou outra vez, mas Rachel verificou que a fralda não estava molhada.

— Se ele estiver com fome posso sair e deixar você mais à vontade — disse o xerife.

— Está muito cedo para ele sentir fome. Só está inquieto porque eu me esqueci de trazer os brinquedos dele.

— Vamos ficar aqui por mais alguns minutos — explicou McDowell, consultando o relógio —, só para garantir que não fomos seguidos. Depois vamos a pé até a casa de Kephart. Não é longe.

Jacob se contorceu um pouco mais. Ela pegou um pedacinho de pano embebido em açúcar da valise e pôs em sua boca. A criança se acalmou, emitindo um som suave de beijos ao sugar a gaze açucarada.

— O que aconteceu? — perguntou Rachel. — Eles fizeram isso na casa dela?

— Foi.

Rachel pensou na viúva Jenkins, em como a mulher adorava pegar seu filho no colo. Até onde ela sabia, era a única outra pessoa no mundo que o amava. Imaginou a velha senhora na cadeira junto à lareira, fazendo tricô ou só observando o fogo queimar e então ouvindo uma batida na porta; provavelmente pensara que só poderia ser Rachel, que Jacob estivesse resfriado ou com febre e que ela precisava de ajuda.

— Eles não tinham motivo para matá-la — disse Rachel, mais para si mesma do que para o xerife McDowell.

— Não, não tinham — concordou o xerife, botando a mão na maçaneta. — Agora já podemos ir.

McDowell levou a valise e Rachel foi carregando a criança. A trilha era íngreme e estreita, exigindo atenção às raízes, que poderiam fazê-la cair com Jacob. Frutas silvestres manchadas de roxo aglomeravam-se nas laterais do caminho, tão escuras como besouros-de-água. Assim que viesse a geada, Rachel sabia que os troncos se vergariam e as frutinhas murchariam. Para onde estou indo com meu filho?, perguntou-se ela. Passaram por uma calha de madeira vergada por um pequeno fluxo de água fresca, e o terreno ficou plano.

A cabana era pequena mas bem construída, a argamassa da taipa bem rebocada entre os troncos cortados à mão, não muito diferente da cabana em que ela morava com Jacob. Uma fumaça saía da chaminé e a porta estava entreaberta.

— Kephart — chamou o xerife, dirigindo-se não só à cabana mas também para o bosque ao redor.

Um homem que Rachel imaginou estar perto dos setenta anos apareceu à porta. Usava calça de brim e uma camisa esporte de cambraia amassada. Os suspensórios estavam caídos na cintura, e uma sombra cinza em seu rosto mostrava que ele não fazia a barba havia vários dias. A pele embaixo dos olhos estava inchada e amarelada, os olhos injetados. Pela convivência com o pai, Rachel sabia o que aquilo significava.

— Preciso de um favor — disse o xerife McDowell, indicando Rachel e Jacob com a cabeça. — Eles precisam ficar aqui, talvez só até a noite, no máximo até amanhã de manhã.

Kephart não olhou para Rachel, mas para a criança, que dormia. O rosto marcado e bronzeado do homem não revelou prazer nem irritação quando ele aquiesceu e disse que podiam ficar. O xerife então foi até o alpendre, onde largou a valise, depois virou-se e encarou Rachel.

— Volto assim que puder — disse ele, saindo pela trilha para logo desaparecer de vista.

— Tem uma cama aqui onde você pode acomodar seu filho se quiser — falou Kephart depois de um constrangedor minuto em silêncio.

A voz dele era diferente de qualquer outra que ela já tinha ouvido. Lisa e nivelada, como se cada palavra tivesse sido lixada até atingir uma uniformidade suave. Rachel tentou adivinhar de onde ele seria.

— Obrigada — disse ela, entrando na cabana atrás dele.

Levou alguns instantes para seus olhos se acostumarem à escuridão, mas ela logo viu uma cama junto à parede dos fundos. Rachel deixou o filho deitado ali e abriu a valise, pegando primeiro a mamadeira de Jacob e depois os alfinetes e as fraldas limpas. Sombras recobriam os cantos da cabana, e Rachel imaginou que, mesmo com os dois lampiões a óleo acesos, as sombras continuariam, como um celeiro que já tivesse acumulado tanta escuridão por tanto tempo que nunca mais poderia eliminá-la por completo.

— Quando foi a última vez que vocês comeram? — perguntou Kephart.

— Dei de mamar perto do meio-dia.

— E você?

Rachel demorou um tempo para se lembrar.

— Eu jantei ontem à noite.

— Tem feijão pronto naquele caldeirão — disse Kephart. — Não tenho muito mais que isso, mas pode se servir.

— Feijão está ótimo.

Ele encheu uma tigela e a botou na mesa, ao lado de uma fatia de pão de milho.

— Você prefere leite ou coalhada?

— Gosto mais de coalhada — respondeu Rachel.

Kephart foi lá fora levando dois potes de vidro. Voltou com um cheio de coalhada até a borda e o outro com leite fresco.

— Imagino que daqui a pouco esse camarada vai estar com fome — disse ele. — Tem outra panela para levar ao fogo se você quiser aquecer a mamadeira.

— Não precisa. Ele já aprendeu a beber leite frio.

— Então pode pegar a mamadeira. Vou enchê-la e deixar perto da cama, para estar à mão quando ele acordar. Tem algumas bolachas também se ele quiser mordiscar alguma coisa.

Rachel seguiu a sugestão de Kephart, percebendo que ele já tinha feito aquelas coisas em alguma época, talvez muitos anos antes. Imaginou onde estariam a mulher dele e o filho e quase perguntou.

— Sente-se — disse Kephart, apontando com a cabeça para a única cadeira da mesa.

3Rachel olhou ao redor. Havia mais uma mesa e cadeira no canto do outro lado da lareira. Sobre o móvel estava um dos lampiões a óleo, junto a folhas de papel e uma máquina de escrever com as palavras REMINGTON STANDARD em branco abaixo das teclas. Havia também um pote de vidro com a tampa aberta cheio de um líquido claro.

Enquanto ela comia, Kephart ficou em pé perto da porta. Rachel estava faminta e comeu até o último caroço de feijão da tigela. Kephart encheu outra vez o vidro de coalhada e ela bebeu metade, depois adicionou pedacinhos do pão. Era impressionante como a comida servia de consolo nos maus momentos, pois nos lembrava de que houvera outros dias, dias melhores, em que tínhamos comido as mesmas coisas. Fazia recordar que de fato *existiam* dias bons na vida, e pouquíssimas coisas — coisas preciosas — tinham esse mesmo poder.

Ao terminar, Rachel foi até o riacho com a tigela e a colher, deixou os utensílios na margem limosa e foi até o mato fazer suas necessidades. Voltou ao riacho, lavou a colher e a tigela com água e areia e levou tudo para dentro. Jacob acordara e segurava a mamadeira com a boca. Kephart estava sentado na cama ao lado dele.

— Ele não estava muito disposto a esperar você, por isso fiz esse favor ao menino.

Kephart ficou por ali mais algum tempo e então saiu. Quando Jacob terminou a mamadeira, Rachel trocou sua fralda. A cabana era aconchegante, mas ela não se sentiu bem ali dentro sem Kephart, por isso foi com o filho para fora. Sentou-se no primeiro degrau do alpendre e deixou o menino na grama. O anfitrião chegou e se sentou no último degrau. Rachel tentou pensar em algo para falar, na esperança de que isso desviasse pelo menos um pouco seus pensamentos da viúva Jenkins e do fato de que queriam fazer o mesmo com ela e Jacob.

— O senhor fica o tempo todo aqui? — perguntou ela.

— Não, eu tenho uma casa em Bryson City — respondeu Kephart. — Fico aqui quando estou cansado das pessoas.

Ele não disse com maldade, mas isso fez Rachel se sentir ainda mais um estorvo. Passou-se mais meia hora sem que os dois se falassem. Depois Jacob

começou a ficar agitado. Rachel verificou a fralda e pôs o menino no colo, mas ele continuou a choramingar.

— Tenho uma coisa no galpão, aposto que ele vai gostar — disse Kephart.

Rachel o seguiu até atrás da cabana. Kephart abriu a porta do galpão. Lá dentro, dois filhotes de raposa se aninhavam em um leito de palha.

— Algum bicho pegou a mãe deles. Tinha mais um, mas estava fraco demais e não sobreviveu.

Os filhotes se levantaram, gemendo, e foram até Kephart, que coçou atrás das orelhas deles como se fossem cachorrinhos.

— O que o senhor dá de comer a eles? — indagou Rachel.

— Agora, restos de comida. Nos primeiros dias, leite de vaca em um conta-gotas.

Jacob estendeu a mão na direção dos bichinhos, e Rachel deu um passo para dentro, ajoelhou-se e o segurou pela cintura.

— Seja delicado, Jacob — pediu, pegando a mão da criança e esfregando-a na pele de um deles.

O outro filhote chegou mais perto e também encostou o nariz preto na mão de Jacob.

— Já está quase na hora de saírem e se virarem sozinhos — disse Kephart.

— Eles já estão bem independentes e gordinhos — observou Rachel. — Parece que o senhor foi um bom pai.

— Então foi a primeira vez — comentou Kephart.

Depois de certo tempo, Rachel e Jacob voltaram para os degraus do alpendre e ficaram olhando a tarde cair sobre o vale. Era o tipo de dia de quase outono de que Rachel sempre gostou, nem quente nem frio, o céu de um azul profundo, sem nuvens e vento, as plantações viçosas e maduras e as folhas muito bonitas, quase nenhuma caída ainda — um dia tão perfeito que a própria terra parecia lamentar ter que acabar, desacelerando sua transição para a noite e deixando o tempo pairar. Rachel tentou se entregar àquela sensação, esvaziar a cabeça, e por alguns minutos até conseguiu. Mas então começava a pensar na viúva Jenkins, o que era o mesmo que estar debaixo de uma chuva de granizo, apesar de ter tido um dia aconchegante.

Logo as sombras manchavam o terreno e começavam a se espalhar. O ar esfriou e uma brisa agitou os ramos mais altos. Naquela brisa, Rachel sentiu a pungência do clima frio se aproximando. Kephart voltou para a cabana e o *ta-ta-ta* da máquina de escrever começou. Poucos minutos depois, como que em resposta, o pica-pau encontrou uma árvore ali perto para bicar. Aparentemente, o som da máquina de escrever acalmou Jacob, pois ele logo subiu no colo de Rachel e adormeceu.

. . .

Era começo da noite quando Rachel ouviu passos se aproximando pela trilha. O xerife surgiu na clareira com uma caixa de papelão na mão direita, um pouco menor e mais rasa que uma caixa de charutos.

— Isto é para quando ele ficar agitado — disse McDowell, entregando-a a Rachel. — Comprei na loja do Scott.

Rachel colocou a caixa entre ela e Jacob, o conteúdo se mexendo e chacoalhando lá dentro. Quando levantou a tampa, viu que eram bolinhas de gude.

— Scott disse que tem de várias cores e tamanhos. E até algumas esferas de chumbo de espingarda também.

Kephart, que tinha saído para o alpendre, balançou a cabeça e sorriu.

— O que foi? — perguntou McDowell.

— Normalmente eles só brincam com bolinhas de gude quando têm mais idade.

O xerife corou.

— Bem, imagino que ele vai crescer.

— Olhe só, Jacob — disse Rachel, levantando um pouco a caixa e fazendo as bolinhas rolarem e baterem umas nas outras.

O garoto enfiou a mão dentro da caixa, pegou tantas quantas conseguiu e as deixou cair de volta, em seguida repetiu a brincadeira. Rachel ficou atenta para que ele não acabasse colocando alguma na boca.

— É melhor irmos embora — disse o xerife, indo pegar a valise no alpendre.

— Só um minuto — pediu Kephart, desaparecendo dentro da cabana e voltando logo depois com uma meia de lã cinza. — Só existe uma coisa que serve para um garoto guardar suas bolinhas de gude: uma meia.

Kephart se ajoelhou ao lado de Jacob e encheu a meia com as bolinhas. Deu um nó na ponta.

— Pronto. Agora você não vai derrubar todas, como ia acontecer nessa caixa de papelão.

Rachel pegou a meia — pesava mais do que imaginara, pelo menos meio quilo. Levantou Jacob com um braço e a entregou a ele que a segurou como se fosse uma boneca.

— Obrigado por deixá-los ficar aqui — disse o xerife.

— Sim, muito obrigada — agradeceu Rachel. — Foi muita bondade sua.

Kephart aquiesceu.

Voltaram pela clareira e entraram na trilha. Rachel olhou para trás e viu

Kephart observando-os do alpendre, agora com o pote de vidro na mão, que ergueu lentamente até a boca.

— De onde é o Sr. Kephart? — perguntou Rachel assim que entraram no bosque.

— Do Meio-Oeste — respondeu McDowell. — Saint Louis.

Quando chegaram ao final da trilha, Rachel viu que o carro oficial do xerife tinha sido substituído por um Ford T.

— Esse carro vai chamar menos atenção — explicou ele.

— Eu só trouxe roupas e fraldas para mais dois dias — disse Rachel enquanto o veículo seguia pelo desfiladeiro. — Podemos passar na minha casa?

O xerife não disse nada, mas, quando a estrada se bifurcou, alguns quilômetros depois, ele seguiu em direção à serra de Colt. Passou a dirigir mais rápido, e a velocidade parecia fazer com que os pensamentos de Rachel se acelerassem também. Tanta coisa acontecera em tão pouco tempo que ela ainda nem tinha começado a assimilar direito. Enquanto estava na cabana de Kephart, nada lhe parecera muito real, mas naquele momento o que havia ocorrido com a viúva Jenkins e o que poderia ter acontecido com ela e Jacob por fim a impactaram, e era como se ela estivesse fugindo de uma tromba-d'água da altura de um celeiro. Correndo muito para não ser alcançada, pensou Rachel desesperada, porque quando tudo se estabilizasse ela não saberia como seria capaz de suportar aquela carga.

Estacionaram perto da cabana. Rachel pôs Jacob no chão ao lado dos degraus para o alpendre e o xerife abriu o porta-malas.

— Vamos colocar aqui as coisas de que você vai precisar — disse McDowell, acompanhando Rachel até o alpendre. — Posso ajudar a levar o que for necessário.

— O senhor acha que vai demorar muito até voltarmos?

— É provável. Isso se você quiser que seu filho fique em segurança.

— Tem um baú na sala. Se o senhor conseguir trazer, eu pego o resto.

Rachel entrou na cabana, que de alguma forma parecia diferente de quando tinha saído, na noite anterior. Dava a impressão de estar menor, e mais escura, as janelas deixando entrar menos luz. Nada fora mexido, pelo que ela podia notar, exceto pela escada do sótão, que tinha sido posta de pé. Pensaram que eu e Jacob estávamos escondidos lá em cima, deduziu Rachel. Ela pegou tudo o que precisava o mais rápido que pôde, inclusive o trenzinho de Jacob. Enquanto ia de um cômodo a outro enchendo a valise, tentava não pensar no que poderia ter acontecido.

— Eu ponho isso no porta-malas para você — disse o xerife quando ela saiu. — Vá pegar o garoto.

Rachel ajoelhou-se ao lado de Jacob. Pegou as mãozinhas dele e as esfregou na terra. O pai de Rachel tinha dito a ela que os Harmon estavam naquela terra desde a Guerra da Independência.

— Nunca se esqueça dessa sensação, Jacob — murmurou ela, esfregando também as próprias mãos na terra.

A porta do galpão estava aberta; uma andorinha saiu voando lá de dentro e desapareceu na escuridão do céu. Uma enxada descansava apoiada na parede do barracão, a lâmina sarapintada de ferrugem, ao lado de uma pilha de sacas de aniagem. Rachel deixou o olhar vagar pela paisagem, onde só cresciam funcho e capim-gordura entre as hastes de milho encolhidas pelo inverno, mortas como o homem que as havia plantado.

Voltaram para o carro. Ao passarem perto da casa da viúva Jenkins, Rachel se lembrou do berço construído pelo pai.

— Tem uma coisa que eu preciso pegar na casa dela — disse ela. — Só vai levar um segundo.

O xerife estacionou ao lado da casa.

— O que é?

— Um berço.

— Eu entro lá e pego — disse ele.

— Não precisa. Não é pesado.

— Não — insistiu McDowell. — É melhor eu ir.

Só então Rachel entendeu. Você ia entrar e não perceber nada até ver o sangue, ou seja lá o que for que ele não quer que você veja, disse a si mesma. Enquanto observava o xerife entrando pela porta da frente, era difícil acreditar que aquela casa ainda estivesse ali, pois um lugar onde uma coisa tão terrível tinha acontecido deveria deixar de existir no mundo. A própria terra não deveria conseguir mais suportar.

McDowell guardou o berço no porta-malas. Quando voltou para o carro, entregou um saco de papel pardo a Rachel.

— Vai demorar um pouco até chegarmos aonde estamos indo, por isso comprei um hambúrguer e um refrigerante. Já soltei um pouco a tampinha, para você não precisar de um abridor.

— Muito obrigada — disse Rachel, colocando o saco ao seu lado —, mas e o senhor?

— Não estou com fome — respondeu ele.

Rachel sentiu o cheiro da carne grelhada e percebeu que estava com fome de novo, apesar da tigela de feijão, do pão de milho e da coalhada. Ajeitou Jacob no colo e depois desembrulhou o papel fino úmido de gordura. A carne ainda estava morna e suculenta, e ela separou uns pedacinhos para Jacob. Pegou a garrafa,

apertou a tampa de metal e sentiu-a abrindo. Quanta bondade ele ter feito tudo isso por mim pensou Rachel, só de ter pensado em comprar comida para mim, e também por ter comprado as bolinhas de gude. Quando terminou, ela colocou a garrafa e o papel no saco e o deixou ao seu lado.

Contornaram Asheville e passaram por French Broad. Enquanto observava o rio, Rachel se forçou a não pensar em algo que não fosse inquietante, por isso lembrou-se do quarto do xerife, de como dava para saber que era de um homem, tanto pelo que havia dentro como pelo que não havia — nenhuma foto na parede ou cortinas rendadas nas janelas, nenhum vaso com flores. Mas era bem-arrumado, de um jeito que ela não podia ter imaginado. Sobre a mesa de cabeceira havia um cachimbo artesanal, um saquinho de tabaco de pano amarrado com um barbante, óculos de aros de metal e um pequeno canivete de madrepérola que ele usava para cortar as unhas. Do outro lado do cômodo havia um espelho e, sobre a cômoda, um pente de metal preto e um conjunto de navalha, caneca e pincel de barba. Sobre o gaveteiro, uma Bíblia, um *Almanaque do fazendeiro*, um livro grande chamado *Vida selvagem na América do Norte* e outro, *Acampamento e artesanato em madeira*, todos dispostos um ao lado do outro de forma organizada como em uma biblioteca. Cada coisa parecia ter seu lugar, estabelecido e determinado muito tempo antes. Um quarto um tanto solitário.

Pouco depois eles passaram por uma placa que anunciava Condado de Madison. As montanhas ao redor ficaram mais altas, tapando a maior parte do céu.

— Para onde estamos indo? — perguntou Rachel.

— Entrei em contato com uma parente — respondeu o xerife. — Uma senhora que mora sozinha. Tem um quarto sobrando na casa dela, você pode ficar lá.

— Ela é sua tia?

— Não, não é uma parente tão próxima. Prima de segundo grau.

— Onde ela mora?

— No Tennessee.

— O sobrenome dela também é McDowell?

— Não, Sloan. Lena Sloan.

Seguiram em direção ao oeste, a estrada subindo levemente para as montanhas, cujos picos estavam tingidos de vermelho pelas últimas luzes do dia. Jacob ficou acordado por alguns minutos, mas logo enfiou o rosto no peito da mãe e voltou a dormir. Estava escuro quando ela e o xerife McDowell retomaram a conversa.

— O senhor não tentou prender os dois?

— Não, mas acho que logo vou ter provas suficientes para isso — respondeu

ele. — Vou precisar da ajuda do legista de Raleigh. Mas até lá você vai ficar o mais longe deles possível.

— Como o senhor sabia que eles estavam atrás da gente?

— Recebi um telefonema.

— Ontem à noite?

— Isso.

— E disseram que Jacob também estava em perigo, não só eu?

— Sim, vocês dois.

— O senhor sabe quem telefonou?

— Joel Vaughn.

— Joel — repetiu Rachel.

Ela ficou em silêncio por um tempo.

— Eles vão matar Joel por isso, não é? — perguntou ela, baixinho.

— Vão tentar.

— O senhor sabe onde ele está?

— Levei Joel de carro até Sylva hoje à tarde para ele poder pegar um vagão de carga — respondeu o xerife. — Um que não fosse para os lados de Waynesville ou Asheville.

— E para onde ele foi?

— Se me deu ouvidos, para o mais longe possível destas montanhas.

A estrada se manteve nivelada por alguns metros antes de começar a descer. Lá embaixo havia algumas poucas aglomerações de luz. Rachel lembrou-se de que um mês antes estava em frente à lareira acesa ouvindo a respiração de Jacob, pensando que depois que a mãe fora embora, quando Rachel tinha cinco anos, a cabana ficara tão vazia que ela mal conseguia suportar estar lá dentro, pois para onde olhasse via sinais que a lembravam que sua mãe tinha ido embora. Mesmo as menores coisas, como uma agulha de costura deixada na cornija ou uma página aberta no catálogo da Sears. O mesmo tinha acontecido após a morte do pai. Mas naquela noite, um mês antes, enquanto ouvia a respiração de Jacob, a cabana lhe parecera cheia como havia muito tempo não parecia. Até mais viva, um lugar onde os vivos contavam mais do que os mortos ou os que tinham partido.

Agora tudo era um grande vazio, restando apenas a criança dormindo em seu colo. Ela pensou na viúva Jenkins e em Joel, que também tinha partido. Uma parte sua quase desejava que Jacob também tivesse ido, pois assim seria tudo muito mais fácil. Se só tivesse sobrado ela, nem precisaria ter medo, pois só o que poderiam lhe tirar era a vida, e isso parecia insignificante depois de tudo o que acontecera. Rachel pensou na faca Bowie guardada no baú, em como seria fácil escondê-la no bolso do vestido, esperar até a última luz apagar no

acampamento e entrar na casa dos Pemberton.

Mas Jacob estava vivo e ela precisava proteger o filho, pois não havia mais ninguém que pudesse fazer isso. Precisava temer pelos dois.

— Acabamos de entrar no Tennessee — avisou o xerife. — Eles não vão encontrar você aqui. Só não use o seu nome verdadeiro e nunca leve o garoto junto quando for à cidade.

— Além dos dois que o senhor me falou, tem alguém mais que acha que poderia vir atrás de mim?

— Talvez Pemberton, mas duvido. É provável que nem a esposa dele. O mais certo é que seja Galloway.

Rachel olhou pela janela.

— Eu nunca tinha saído do estado.

— Bem, agora você saiu. Mas não faz muita diferença, não é?

— Pelo que estou vendo, não.

O caminho de asfalto ficou mais íngreme e o xerife trocou a marcha. Uma última subida de leve e a estrada logo começou a descer. Seguiram mais meia hora antes de chegar a uma cidade. O Ford T fez uma curva e passou sacolejando por trilhos de trem, em seguida por uma estação e enfim parou em frente a uma casinha branca.

— Onde estamos? — perguntou Rachel.

— Em Kingsport.

VINTE E OITO

— Você parece sem apetite hoje — comentou Serena. — Está se sentindo mal?

Eles estavam sentados frente a frente no salão de refeições, a mesa entre os dois, as cadeiras vazias encostadas nas paredes. Pemberton ouvia o som dos talheres de prata de Serena batendo na porcelana de osso, pensando como aquilo acentuava ainda mais o vazio do cômodo. Serena pousou a faca.

— Não — respondeu ele, servindo-se da quinta taça de vinho tinto, observando o conteúdo através do cristal por alguns instantes antes de levá-la aos lábios e beber com gosto. Pôs a taça de volta na mesa já metade vazia.

— Você não costumava beber tanto.

As palavras não foram ditas de forma áspera ou repreensiva, nem mesmo havia um tom de desapontamento. Pemberton ergueu os olhos e só viu preocupação no rosto de Serena.

— Você não perguntou nada sobre aquela noite — disse ela. — Quando fui até a serra de Colt.

Pemberton estendeu a mão para pegar a taça, mas Serena inclinou o corpo para a frente e agarrou seu pulso com tanta força que espirrou vinho na manga da camisa dele. Aproximou o rosto o quanto pôde, sem afrouxar o aperto.

— Agora nós dois matamos alguém — disse ela com sofreguidão. — O que você sentiu na estação de trem, eu também senti. Estamos mais próximos, Pemberton, mais próximos do que jamais estivemos.

Loucura, pensou Pemberton, lembrando-se daquela primeira noite em Boston, a caminhada pelas ruas de paralelepípedos até o apartamento de Serena, o som oco dos passos deles. Lembrou-se do momento em que ficou no frio no alto da escada enquanto ela abria a porta e entrava, acendendo a luz da sala. Mesmo quando ela se virou e sorriu, Pemberton ainda hesitava. Alguma inquietação difusa, quase visceral, o mantinha lá nos degraus, no frio, do lado de fora da porta. Lembrou-se de como tirara as luvas e as guardara no bolso do sobretudo, removera flocos de neve dos ombros — retardando o momento de entrar. Só então deu um passo para dentro.

Serena soltou a mão dele e se recostou na cadeira. Não disse mais nada quando Pemberton encheu a taça de vinho outra vez.

O dia tinha sido quente, por isso a janela estava aberta. Alguém na entrada do depósito tocava um violão e cantava uma canção sobre uma grande montanha de doces. Pemberton ouvia atentamente os versos. Era a mesma melodia que ele ouvira o carregador assobiando no trem no dia em que chegara de Boston com Serena. Apenas vinte e seis meses antes, mas parecia muito mais. Os empregados entraram trazendo a sobremesa e o café. Pemberton finalmente sentiu o álcool preenchendo-lhe a cabeça com seu calor tranquilizante. Deixou que o vinho o transportasse, levando-o a paragens que não queria explorar.

Estavam terminando o café quando Galloway entrou. Ele só cumprimentou Serena.

— Tenho uma coisa para contar.

— A respeito do quê? — perguntou ela.

— Vaughn — respondeu Galloway. — Tive uma conversinha com a nossa telefonista. Imaginei que a velha fofoqueira andasse ouvindo as conversas. Foi Vaughn que informou McDowell, o que explica por que o maricas se mandou. — Ele fez uma pausa. — E não é só isso. Um lenhador viu McDowell indo em direção a Asheville na segunda à noite com a garota Harmon e o filho. Mas o imbecil do lenhador esperou até hoje para contar a alguém, porque antes achava que não valia a pena.

— Isso explica muita coisa — disse ela.

Quando Galloway saiu, Serena e Pemberton terminaram a refeição em silêncio e depois foram para casa. Com a luz do alpendre apagada, Pemberton tropeçou nos degraus e teria caído se a esposa não tivesse segurado seu braço.

— Cuidado, Pemberton — pediu ela e acrescentou, muito docemente: — Não quero perder você.

. . .

Edmund Wagner Bowden III chegou ao escritório da madeireira na manhã seguinte. Recém-formado na Universidade Duke e, segundo o senador que o tinha indicado, imaginava que o cargo de xerife poderia fazer por ele o que o comissariado de polícia de Nova York havia feito por Teddy Roosevelt. Porém, o senador tinha logo acrescentado, Bowden não se inspirava em Roosevelt de nenhuma outra forma. Ele era exatamente como Pemberton desejava: de modos refinados e floreados, um sorriso afetado cravado no rosto logo abaixo de alguns

pelos escassos que tentavam passar por um bigode. Mas o sorriso desapareceu quando Serena logo se cansou do palavreado latino do jovem.

Bowden saiu no meio da manhã para seu primeiro dia como novo xerife do condado de Haywood. Não fazia nem uma hora que se fora quando ligou para o escritório de Pemberton.

— O Sr. Luckadoo, da Savings and Loan, acaba de vir aqui para dizer que McDowell e um detetive da polícia de Nashville estão na cafeteria Higgabothom. Estão lá desde cedo, com o irmão de Ezra Campbell. O Sr. Luckadoo comentou que o senhor iria gostar de saber disso.

— O detetive foi falar com você antes?

— Não.

— Vá dizer a ele que está colaborando com um homem acusado de prevaricação — disse Pemberton. — Diga que, se ele tem perguntas a fazer, que é você o representante da lei nesta cidade, não McDowell.

Passaram-se alguns segundos e Pemberton só conseguiu ouvir estática.

— Fale alguma coisa, maldição.

— Esse tal de Campbell está dizendo ao detetive e a todo mundo que quiser ouvir para não confiar em mim. Está afirmando que o irmão dele disse que o Sr. e a Sra. Pemberton vão tentar matá-lo.

— Como se chama esse detetive?

— Coldfield.

— Vou dar alguns telefonemas. Depois passo aí. Se você achar que eles pretendem ir embora, diga a Coldfield que estou a caminho e quero falar com ele. — Pemberton hesitou por um instante. — Diga a McDowell que quero falar com ele também.

Pemberton desligou e foi até o cofre Mosler atrás da escrivaninha. Parou em frente e girou o dial preto devagar para a esquerda e para a direita e depois novamente para a esquerda, ouvindo o estalido dos roletes ao encontrarem as ranhuras. Puxou o trinco, e a imensa porta de metal se abriu. Durante quase um minuto, ficou só olhando as pilhas de cédulas, então encheu um envelope com notas de vinte. Fechou devagar a porta de metal, isolando o conteúdo do cofre outra vez na escuridão, ouvindo o estalo agudo quando a porta trancou.

Em seguida, pegou o álbum de fotografias na gaveta do armário. Vinha tentando descartar a ideia de que Serena havia usado a foto dele para identificar a criança, mas o pensamento colou em sua cabeça como um material grudento que insistia em não desgrudar. Pemberton ainda não tinha aberto a gaveta de baixo, embora tivesse levado a mão até o puxador diversas vezes nos últimos dias. Mas daquela vez abriu. Ao folhear o álbum, notou que sua fotografia continuava ali, assim como a de Jacob. Mas aquilo não provava nada, pensou

ele. Assim como a faca de caça, poderiam ter sido retiradas dali e devolvidas. Levou o álbum para casa e afastou papéis e livros para guardá-lo no fundo do baú.

Ao sair de carro do acampamento, viu Serena na serra de Half Acre, Galloway logo atrás. A águia estava solta, voando em amplos círculos sobre o vale. As serpentes acreditam que não serão notadas se não se moverem, dissera Serena, mas acabavam se mexendo, e, quando faziam isso, a águia sempre as avistava.

Quando Pemberton chegou ao gabinete do xerife, Bowden disse que o irmão de Campbell tinha ido embora, mas que McDowell e o detetive de Nashville continuavam na cafeteria.

— Quer que eu vá com o senhor?

— Não — respondeu Pemberton. — Não vai demorar.

Atravessou a rua em direção à cafeteria. Pensou que McDowell poderia ter ido embora sem causar problemas, pois no dia em que fora forçado a abdicar do cargo, simplesmente deixara as chaves, o distintivo e o revólver fornecido pelo Estado sobre a mesa do gabinete, o uniforme cuidadosamente pendurado no armário. Sem imprecações ou ameaças, sem apelações a um deputado ou senador. O homem simplesmente tinha partido, deixando a porta aberta.

Coldfield e McDowell estavam a uma mesa nos fundos, uma caneca verde cheia de café na frente de cada um. Pemberton puxou uma cadeira da mesa mais próxima e se sentou. Virou-se para o homem sentado em frente a McDowell.

— Detetive Coldfield, meu nome é Pemberton.

Estendeu a mão, mas o detetive a olhou como se estivessem lhe oferecendo um pedaço de carne podre.

— Conversei com o tenente Jacoby meia hora atrás — continuou Pemberton, recolhendo a mão. — Temos amigos em comum, ele e eu.

Uma garçonete se aproximou com lápis e bloco na mão, mas Pemberton a dispensou com um gesto.

— O tenente Jacoby pediu ao senhor que ligasse para ele imediatamente. Quer que eu anote o número do telefone dele?

— Eu tenho o número — disse Coldfield com frieza.

— Há um telefone no gabinete do xerife, do outro lado da rua. Diga ao xerife Bowden que tem minha permissão para fazer a ligação.

Coldfield levantou-se sem fazer comentários. Pemberton ficou observando pela janela o detetive atravessar a rua e entrar no gabinete do xerife. Então afastou a cadeira alguns centímetros e olhou para McDowell, que encarava o lugar que Coldfield acabara de deixar vago. Parecia examinar um pequeno rasgo no estofado. Pemberton colocou as mãos unidas em cima da mesa e perguntou calmamente:

— Você sabe onde estão a garota Harmon e o filho dela, não sabe?

McDowell virou-se para encarar Pemberton. Os olhos cor de âmbar do ex-xerife transpareciam incredulidade.

— Você acha que eu diria se soubesse?

Pemberton pegou o envelope do bolso traseiro e o botou na mesa.

— Aqui tem trezentos dólares. É para ela e a criança.

McDowell ficou olhando para o envelope, mas não o pegou.

— Não quero saber onde eles estão — disse Pemberton, empurrando o objeto na direção de McDowell como se fosse uma carta de baralho. — Pegue isto. Você sabe que eles vão precisar.

— Por que devo acreditar que isso não é um truque para descobrir onde eles estão? — perguntou McDowell.

— Você sabe que eu não tive nada a ver com o que aconteceu na serra de Colt.

McDowell hesitou por mais alguns instantes, mas acabou pegando o envelope e o guardou no bolso.

— Isso não muda nada entre nós dois.

— Não, nada muda entre mim e você — disse Pemberton, de olho na entrada. — Logo você vai ver o quanto isso é verdade.

A sineta da porta da cafeteria tocou. Coldfield entrou e foi até eles, mas não se sentou nem olhou para nenhum dos dois.

— O tenente Jacoby decidiu que o xerife Bowden vai assumir a investigação a partir daqui.

Coldfield ergueu o olhar e encontrou o de Pemberton.

— Vou lhe dizer uma coisa, Sr. Pemberton. O irmão de Campbell tem ido à delegacia todos os dias desde que o irmão morreu, e é por essa razão que estou aqui. Ele não vai desistir.

— Não vou esquecer isso — respondeu Pemberton.

O detetive jogou uma moeda ao lado da sua xícara de café. A prata fez um ruído seco contra a superfície de fórmica da mesa.

— Estou indo — concluiu Coldfield.

Pemberton aquiesceu e se levantou para sair também.

. . .

— E a gente achando que pelo menos mãe e filho estavam a salvo — comentava Henryson no domingo à tarde, sentado com o restante da equipe de Snipes nos degraus do depósito.

— Não bastou matar a velha — disse Snipes. — Agora estão atrás da garota e da criança.

Henryson aquiesceu.

— Não sei como não nos matam só para praticar.

— Eles se contentam em deixar os serrotes, machados e galhos fazer isso — opinou Ross. — Assim Galloway fica livre para dar as suas saidinhas.

Os homens ficaram em silêncio por um tempo, ouvindo o violão tocar as últimas notas de “Barbara Allen”. O pungente refrão da música os deixou pensativos.

— O irmão de Campbell está na cidade — disse Ross. — Eu o vi outro dia.

— Era com ele que Campbell ficava em Nashville, não era? — perguntou Henryson.

— Esse mesmo, o que toca violão. Estava na porta da delegacia, contando que chegou em casa depois de uma apresentação e encontrou Campbell na cama com uma machadinha cravada na cabeça. Pelo que ele descreveu, a lâmina estava tão enterrada que a cabeça de Campbell deve ter virado purê de abóbora.

— Que jeito horrível de morrer — comentou Henryson.

— O Dr. Cheney teve um fim pior — disse Snipes.

— Pelo menos Campbell bateu o recorde. Foi quem chegou mais longe antes de ser alcançado por Galloway — disse Ross. — Diabos, chegou a sair do estado! Acho que isso é uma espécie de vitória.

— Sem dúvida — concordou Henryson. — Harris não conseguiu nem sair da própria casa.

— Mas isso prova uma coisa — disse Ross. — Que sair na frente com um dia de vantagem não é suficiente.

— Não, não é — admitiu Henryson. — Acho que é preciso pelo menos uma semana de antecedência, para fazer alguma diferença.

— Acho difícil que a garota Harmon e o filho cheguem tão longe — opinou Ross. — Mas talvez Vaughn consiga. Nem Galloway consegue estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Aquele garoto sempre teve a cabeça boa — disse Snipes. — Ele conseguiu perceber a hora certa de cair fora.

— Que nem as codornas — comparou Ross —, que acham que se todas fugirem ao mesmo tempo, alguma vai ter chance de sobreviver.

— Galloway já saiu atrás de algum deles? — perguntou Stewart.

— Não, mas acho que vai fazer isso logo — respondeu Snipes. — Ele estava no depósito ontem à noite, procurando algumas pessoas que aceitassem ajudar a entender que cidade a mãe dele estava visualizando. Disse que pagaria um dólar a quem desse o nome.

— E que tipo de visão aquela velha bruxa teve? — perguntou Henryson.

— Ela diz que a garota Harmon e o filho estão no Tennessee, numa cidade onde passa um trilho de trem. O que não diz muita coisa, é claro, mas ela também contou a Galloway que o lugar era uma coroa no meio das montanhas.

— Uma coroa? — perguntou Ross, retornando à conversa.

— É, uma coroa. Uma coroa no meio das montanhas. Foram as palavras dela.

— De repente é um lugar no pico de uma serra, tipo coroando as montanhas, sabe? — opinou Henryson.

— Mas ela disse que fica *no meio* das montanhas — observou Ross —, não *nas* montanhas.

— Vai que é uma coroa tipo aquelas dos reis? — acrescentou Snipes.

— Alguém conseguiu descobrir? — perguntou Henryson. — Ontem à noite, quero dizer.

— Um dos cozinheiros disse que tem uma serra da Coroa lá perto de Knoxville. Não conseguiram pensar em mais nada, e Galloway já tinha ido lá nessa serra no dia anterior e não encontrou nem rastro deles.

Ross olhou para o oeste, na direção da fronteira com o Tennessee, anuindo lentamente para si mesmo.

— Eu sei onde eles estão — disse ele. — Consigo pensar em duas possibilidades até.

— Você não vai contar a Galloway, vai? — perguntou Stewart.

— Não — respondeu Ross. — Não posso fazer nada para impedir, mas de jeito algum vou ajudar. Prefiro dar mais algumas horas de vantagem para a garota.

Henryson balançou a cabeça.

— Mesmo assim eu não aposto um tostão que eles consigam passar desta semana.

Ross ia começar a concordar quando viu uma espantosa comitiva entrando no acampamento.

— Santo Deus, o que é aquilo? — perguntou ele.

Três carroças cobertas de lona puxadas a cavalo lideravam a procissão. Faixas de musseline encardidas transpassavam os arcos de metal, cada encerado ostentando uma proclamação diferente. CIRCO DE HAMBYS DIRETO DE PARIS, dizia o primeiro; o segundo anunciava VISTO PELA REALEZA EUROPEIA; e o terceiro, ADULTOS DEZ CENTAVOS. CRIANÇAS PAGAM CINCO. Atrás das carroças seguia um cortejo de animais acorrentados, com uma placa de madeira pendurada nos pescoços trazendo o nome de cada espécie. Eles andavam aos pares, liderados por dois pôneis Shetland de corcova. Logo atrás vinham dois avestruzes, os pescoços serpentinados recurvados como se sentissem vergonha de fazer parte

de tal *entourage*, depois dois cavalos brancos listrados com o que parecia graxa de sapato. ZEBRA, proclamavam as tabuletas. Uma carroça aberta encerrava a parada, com uma jaula de aço afixada no assoalho de madeira. A CRIATURA MAIS PERIGOSA DO MUNDO, dizia a placa que escondia a parte de trás da carroça.

A primeira carroça parou em frente à escadaria do depósito. Um homem imponente, envergando um terno bege amassado de algodão, tirou a cartola com um floreio e desejou boa tarde a Snipes e seus companheiros. Ele falava com uma voz anasalada que nenhum deles tinha ouvido antes, mas Snipes de imediato desconfiou de que havia sido cultivada em alguma universidade europeia.

— Acho que vocês estão no caminho errado — disse Ross, apontando para os animais emparelhados. — Imagino que estejam procurando aquela tal arca, mas ela não está aqui por essas bandas, não. E, mesmo se estivesse, vocês chegaram um pouco atrasados para conseguir um lugar.

— Nosso destino é a sede da Companhia Madeireira — informou o homem, sem entender. — Não é aqui?

Snipes se levantou.

— Sim, senhor, é aqui, e, ao contrário do Sr. Ross, sou um homem de certa cultura e sei respeitar outros homens cultos também. Em que posso ajudá-lo?

— Preciso falar com os proprietários da madeireira. Vim pedir permissão para nos apresentarmos esta noite.

— Então deve procurar o Sr. e a Sra. Pemberton — disse Snipes. — Eles gostam de sair a cavalo aos domingos, mas já devem estar voltando. Vão passar bem por aqui, portanto o melhor a fazer é se sentar e esperar um pouco.

— Sua sugestão parece bem razoável — disse o homem, saltando do estribo e aterrissando no chão com uma surpreendente leveza, apesar do seu físico volumoso. Sua cartola oscilou de leve, mas permaneceu na cabeça. — Meu nome é Hamby, sou o dono deste circo.

Ele amarrou as rédeas do cavalo na grade do alpendre e bateu palmas duas vezes. Os outros três homens, que até aquele momento pareciam mais estátuas, também ataram suas carroças. Imediatamente começaram a realizar várias tarefas, um dando de beber aos animais enquanto o outro buscava possíveis locais onde armar a tenda. O terceiro, um baixinho moreno, despareceu dentro de uma carroça.

— Diz aí que vocês andaram se apresentando do outro lado do oceano — comentou Henryson, apontando para a segunda carroça.

— Sim, senhor — afirmou o dono do circo. — Só estamos neste país para uma pequena temporada. Estamos a caminho de Nova York, depois retornaremos à Europa.

— É um caminho meio tortuoso passar por estas montanhas quando se quer chegar em Nova York — observou Ross.

— É mesmo — concordou Hamby, com certo enfado na voz —, mas, como profissionais do entretenimento, sentimos a necessidade, ouso até dizer a obrigação moral, de trazer cultura a pessoas como vocês, exiladas no interior.

— Quanta generosidade da sua parte — debochou Ross.

Naquele momento, o homem que tinha entrado na carroça reapareceu usando uma meia-calça preta, uma camisa xadrez preta e branca do mesmo material elástico que a meia e quatro pinos de boliche nas mãos. Mas foi o enfeite em sua cabeça que mais intrigou Snipes e sua equipe, um adorno elaborado com feltro verde e vermelho e sininhos prateados, dispostos na cabeça do homem como um polvo cansado.

— Como se chama essa coisa na sua cachola? — perguntou Snipes.

— Um chapéu com sininhos — respondeu o homem, com um sotaque pesado e começou a fazer malabarismos com os pinos de boliche.

— Chapéu com sininhos — repetiu Snipes. — Já tinha lido sobre isso, mas o seu é o primeiro que vejo. Não fazia ideia de que tivesse tantas cores.

Snipes foi até a última carroça, em volta da qual haviam se reunido os outros membros da equipe. O sujeito que cuidava dos animais também foi ver, com uma galinha bantam cacarejando e se debatendo na sua mão. O homem então levantou a lona e, com um nítido tremor, jogou a ave por entre as barras de ferro, evitando ao máximo expor a própria mão. Puxou o braço de volta e olhou para as mãos com ar de dúvida, como que surpreso por ainda estarem ali. Alguma coisa muito grande e muito forte arremeteu contra a grade com tanta força que a carroça inteira estremeceu, fazendo as rodas deslizarem alguns centímetros para a frente. Uma rajada de penas foi lançada até o teto da jaula, parecendo pairar no ar alguns instantes antes de cair lentamente. Uma delas escapou pela grade, e Henryson estendeu a mão para pegá-la. Examinando-a, falou:

— Esse bicho gosta de galinha, hein?

O funcionário do circo abriu um sorriso enigmático que não combinava com seu olhar faiscante.

— Ele gosta de qualquer coisa que tenha carne.

Hamby aproximou-se do grupo. Por alguns instantes o único som que se ouvia era o que vinha de dentro da jaula, um rápido triturar de ossos.

— Tem que pagar para saber que espécie de criatura vocês têm aí? — perguntou Henryson.

— Mas é claro que não, senhor — respondeu Hamby, abrindo as mãos e os braços em um gesto de transparência. — É um dragão-de-komodo.

Ross apontou para as zebras, uma delas lambendo uma listra da omoplata, a

língua comprida e preta como alcaçuz.

— Espero que seja mais convincente do que essas aí.

— Convincente. — Hamby pronunciou a palavra como tivesse um sabor agradável. — Este é o principal propósito do nosso espetáculo: convencer que nossa plateia viu, em carne e osso, a criatura mais perigosa do mundo. Meu dragão já lutou com um jaguar no Texas, um crocodilo na Louisiana, um orangotango em Londres, inúmeras espécies caninas e diversos homens, todos hoje falecidos.

— E nunca perdeu? — perguntou Stewart.

— Nunca — respondeu Hamby. — Portanto, sejam quais forem os animais ferozes que estas montanhas ofereçam, podem trazê-los esta noite, senhores. Apostas também serão bem-vindas, para animar ainda mais o evento.

Henryson examinou a jaula com atenção.

— Quanto o senhor cobra para a gente dar uma olhada? Quero dizer, agora mesmo?

— Para vocês é de graça, para poderem contar aos seus amigos sobre essa maravilha aterrorizante que viram aqui com os próprios olhos.

Hamby fez um sinal para o sujeito que tinha alimentado a criatura, que puxou uma corda de cânhamo desfiada, fazendo a lona de musseline descer pela jaula e então revelar uma criatura muito parecida com um crocodilo, embora a pele fosse cinzenta e coberta de terra. Uma língua rósea bifurcada fustigava o ar enquanto a cabeça balançava lentamente para a frente e para trás.

— Dois metros e noventa quilos de músculos e maldade reptilianos — disse Hamby. — Capturado na ilha de Komodo, seu habitat natural.

Enquanto os homens se aproximavam da jaula, Hamby gesticulou atrás deles.

— Senhor, venha também ver a criatura mais perigosa do mundo, gratuitamente.

Galloway aproximou-se e encarou o réptil, impassível.

— Quer dizer que ele pode lutar contra qualquer coisa? — perguntou ele depois de um tempo.

— Qualquer coisa — confirmou Hamby, sinalizando para seu ajudante erguer a lona. — Traga seu campeão esta noite, e sua carteira, para o teste final contra o contendor final.

. . .

Ao cair da noite, a tenda de lona estava erguida, lâmpadas e tochas acesas. No

centro, uma rede de arame na altura da cintura cercava uma área circular dentro da qual o homem de meia-calça preta fazia malabarismo e depois engolia fogo, pedaços de vidro colorido e, finalmente, o mais dramático: uma espada. Então, os animais começaram a andar em torno do ringue enquanto Hamby, agora de casaca vermelha, a cartola no braço, enunciava com muita originalidade os diversos atributos e origens dos animais. Só depois disso o dragão foi apresentado, uma parte da cerca de arame sendo aberta para deixar entrar a jaula. Um funcionário do circo subiu no alto dela e abriu a portinhola, ao que o dragão entrou coleando no círculo. Quando a língua dardejante do animal começou a sondar o novo ambiente, vários homens verificaram o metal entrelaçado que prendia a criatura e então preferiram assistir à cena a certa distância. Hamby tinha posto uma mesa ao lado da jaula. Cédulas e tiras de papel com nomes e iniciais cobriam a superfície, em alguns casos marcadas com X, embora a maior aposta já tivesse sido feita em Serena. Apostas paralelas com funcionários do circo corriam mais informalmente, inclusive uma entre Snipes e o malabarista.

Vários homens vibraram quando Serena entrou na tenda, com a águia no braço. Ela então ergueu a mão livre, e os homens ficaram em silêncio. Serena pediu que todos ficassem o mais parados e quietos que pudessem e fez sinal para os que estavam mais perto da cerca recuar alguns centímetros. Ela pôs a ave no pulso, ainda encapuzada. Falou com o pássaro em uma voz calma, acariciando suavemente o peito do animal com as costas de dois dedos. O dragão compassava na arena, mas tinha ido para o canto oposto, como um pugilista esperando o gongo tocar.

Galloway estava junto à jaula, que fechava o acesso ao ringue. Serena fez sinal para ele, que empurrou com força as grades até conseguir uma abertura, pequena porém suficiente. Quando Hamby e outros espectadores perceberam o que estava acontecendo, Serena já estava dentro da arena.

— Tire aquela mulher de lá — gritou Hamby a um dos seus funcionários, mas Galloway sacou uma faca.

— É ela que decide quando vai sair, não você — ameaçou ele.

Depois de falar com o pássaro uma última vez, Serena tirou-lhe o capuz. O dragão e a águia se olharam no mesmo momento. O réptil, que tinha andado até o centro do círculo, parou de avançar. A cabeça da ave inclinou-se para baixo. Enquanto as duas criaturas se encaravam, algo que evocava um mundo muito antigo se passou entre elas.

Serena ergueu a mão, e a águia bateu asas desajeitadamente, indo pousar na parte de trás da cerca, onde não havia lâmpadas ou tochas e as sombras dominavam. Quando o pássaro passou voando, o dragão alçou o corpo e deu um bote com uma velocidade e uma destreza surpreendentes para seu peso.

— Mais uns quinze centímetros e a luta teria terminado antes de começar — cochichou Snipes com Stewart.

A águia ficou novamente sem se mover por quase um minuto. Seu olhar, no entanto, permanecia fixo no dragão, que voltou a andar pelo centro do ringue. Serena continuava ali, bloqueando a única saída do ringue, mas o réptil parecia não notar sua presença.

— Achei que os dragões cuspissem fogo — cochichou Stewart, agora dirigindo-se a Snipes.

— E cuspiam mesmo, há muito tempo — replicou Snipes, baixinho —, mas tiveram que evoluir para sobreviver e não fazem mais isso.

Stewart aproximou-se mais do ouvido de Snipes.

— Como assim? Cuspir fogo é uma arma muito poderosa.

— Poderosa até demais — explicou Snipes. — Eles acabavam carbonizando a carne das suas presas. Quase não sobrava o que comer.

Da terceira vez que o dragão passou por baixo da águia, o pássaro atacou, as asas abertas enquanto as garras prendiam o focinho do réptil. O dragão balançou a cabeça para a frente e para trás, livrando-se não só da ave como também de algumas de suas penas, mas não antes que as garras dela furassem seus olhos. O pássaro então voltou para o braço de Serena em um voo que mais parecia um salto enquanto seu adversário arremetia cegamente contra a cerca de arame, fazendo toda a estrutura estremecer. O dragão deu meia-volta e atacou na outra direção, a cauda coleante levantando nuvens de poeira do chão de terra. Chocou-se contra o outro lado da cerca, a pouca distância de onde estava Serena, tanto ela como a águia em uma postura plácida diante da agitação frenética do dragão. A cerca estremeceu outra vez.

— Isso aí não vai aguentar — gritou um dos operários, provocando uma fuga desabalada que quase derrubou a tenda, já que todo mundo se empurrou para sair ao mesmo tempo.

Hamby apoiou seu peso considerável na cerca, o que fez o arame ceder e a desestabilizou ainda mais. Debruçado sobre a estrutura, o dono do circo levantava os braços, implorando que seu campeão voltasse a lutar.

Os botes do dragão estavam enfraquecendo, uma espuma branca cobrindo as beiradas de sua boca. Ele virou-se em direção ao centro do ringue, fazendo círculos cada vez mais lentos, arrastando o ventre no chão. Serena esperou mais alguns instantes e então ergueu o braço. A águia mergulhou e pousou no pescoço do dragão, cravando sua garra hálux na cabeça de sua presa, perfurando o crânio com a mesma força e o mesmo resultado de um bom prego. Então ela alçou voo e dessa vez aterrissou em um dos suportes da tenda, enquanto o dragão rolava na terra, aprumando-se com dificuldade. Hamby entrou cambaleando no ringue, a

cartola caindo da cabeça. Viu seu campeão usar a pouca vida que lhe restava para se arrastar até o ponto mais extremo do ringue.

Hamby pediu mais luz, e o malabarista lhe passou uma tocha. O dono do circo se ajoelhou ao lado do réptil, a tocha erguida, e todos puderam ver que o dragão estava de fato morto, a língua bipartida caída como uma bandeira sinalizando a derrota. Hamby continuou debruçado sobre a criatura por quase um minuto antes de erguer os olhos. Então enfiou a mão no bolso da casaca e tirou um elegante lenço branco com as iniciais D. H. bordadas no centro. Abriu-o com grande solenidade e o estendeu sobre a cabeça do dragão, com toda a delicadeza.

Henryson dirigiu-se até a saída, seguido por Snipes, que usava o chapéu com sininhos.

— Não estou vendo Ross pegar o dinheiro dele — observou Henryson quando passaram pela mesa onde as apostas estavam sendo acertadas. — Essa é a primeira vez que o vejo perder uma aposta.

Snipes acenou com a cabeça para a Sra. Pemberton, que levava a águia de volta ao estábulo. Galloway ia atrás, com um grosso maço de notas na mão.

— Mas ela parece que se deu muito bem nessa.

— Com certeza — concordou Henryson. — E digo mais: deve ter levado o pobre circo à falência. Não duvido nada que amanhã todos eles vão estar na escadaria do depósito pedindo emprego.

Saíram da tenda e, com outros operários, foram caminhando até o alto da encosta. Acima deles, a estrutura de alfarrobeira fazia os casebres parecerem instáveis docas secas suspensas.

— Aposto que se dessem um puxão numa dessas vigas era capaz de derrubar todas essas casas da encosta — disse Henryson. — Seria uma aposta quase tão certa quanto a aposta na águia esta noite.

Henryson fez uma pausa e olhou para a tenda atrás deles.

— O que será que deu na cabeça de Ross para achar que ela e a águia seriam derrotadas?

— Não foi na cabeça dele — disse Snipes.

VINTE E NOVE

Rachel não conseguiu dormir bem nas primeiras noites em Kingsport. Cada trem que passava a despertava, e, depois que acordava, só conseguia pensar em Serena e em seu capanga. Tinha pegado do baú a faca de caça e a deixado embaixo do travesseiro. Toda vez que a casa rangia, ela agarrava o macio cabo de madrepérola. Jacob dormia ao seu lado, mais perto da parede.

Só no quinto dia Rachel saiu de casa com o filho. Em uma de suas primeiras incursões ao empório, ela encontrara um canteiro de ruibarbos do outro lado dos trilhos, ali perto da casa da Sra. Sloan. Pelo menos posso fazer uma torta para ela, pensou Rachel, um pequeno gesto de agradecimento por sua generosidade. Atravessou os trilhos com Jacob, a mão livre segurando a faca de caça e um saco de estopa vazio. Os ruibarbos estavam perto de um vagão enferrujado, abandonado havia tanto tempo que as rodas tinham afundado na terra. Passou por uns arbustos de amora-silvestre, os espinhos arranhando seu vestido. Rachel acomodou o filho no quadrado de sombra projetado pelo vagão, tirou a meia do bolso do vestido e espalhou as bolinhas de gude na frente dele. Mas nada de pôr isso na boca, alertou ela. Jacob reuniu as bolinhas em pequenos grupos, organizando-os separadamente.

Rachel começou a cortar os ruibarbos, empilhando as plantas da mesma forma que faria com folhas de tabaco no começo do verão. Não era o tipo de trabalho do qual ela pensava que poderia sentir falta, e os caules arroxeados estavam tão emaranhados que era como cortar uma corda, mas era bom sair e fazer algo ao ar livre, alguma coisa cujo ritmo ela conseguia acompanhar por ter feito a vida toda. No ano que vem vou fazer um jardim, disse a si mesma, onde quer que a gente esteja.

Logo, pequenos ramalhetes de folhas amassadas espalhavam-se à volta dela. Rachel pegou um punhado de caules e os guardou no saco como se fossem gravetos. Jacob brincava contente, parecendo tão feliz quanto Rachel de estar ao ar livre. Um trem surgiu pelos trilhos, partindo vagarosamente da estação. Ao passar um sinaleiro acenou do vagão de carga. Dois cardeais vermelhos e

brilhantes voaram baixo pelos trilhos, e Jacob apontou para os pássaros para depois voltar a atenção às bolinhas de gude.

Quando ela terminou de cortar os últimos caules e guardou tudo no saco, o sol tinha diminuído a sombra formada pela carroça. Aquilo seria o suficiente para fazer umas cinco tortas, avaliou Rachel, mas certamente ela e a Sra. Sloan poderiam encontrar algum uso para o que sobrasse. Ao atravessar os trilhos de volta com Jacob, ela avistou o Ford T do xerife estacionado em frente à casa.

— Parece que temos companhia — disse a Jacob.

McDowell estava sentado à mesa da cozinha com a Sra. Sloan, segurando um copo suarento de chá gelado na mão direita. Havia um envelope sobre a mesa a sua frente. Rachel deixou os ruibarbos no balcão da cozinha e sentou-se também, mas Jacob se agitou e começou a choramingar.

— Deve precisar trocar a fralda — disse Rachel, mas a Sra. Sloan se levantou antes dela e pegou a criança nos braços.

— Deixe que eu faço isso — ofereceu ela. — Depois vou com ele até a varanda. Você e o xerife precisam conversar.

— Leve isso — pediu Rachel, entregando-lhe a meia com as bolinhas de gude. — Vai que ele fica muito agitado.

A Sra. Sloan balançou Jacob nos braços, e ele abriu um sorriso.

— Vamos trocar essa fralda — disse ela, desaparecendo com a criança no quarto dos fundos.

McDowell tomou um gole de chá e colocou o copo na mesa.

— Ele gostou das bolinhas, não foi?

— Brinca com elas todos os dias.

— E nunca tentou comer uma?

— Não. Pelo menos ainda não.

A Sra. Sloan voltou com Jacob do quarto e seguiu para a varanda.

— O que aconteceu? — perguntou Rachel ao ver que McDowell não dizia nada.

Ele olhou pela janela da frente, por onde podia ver a Sra. Sloan com Jacob no colo, a criança tentando alcançar um sino de vento pendurado no teto.

— Não sou mais xerife. Eles me destituíram, arranjaram um homem da lei que pudessem controlar.

— Então não resta mais nada a fazer a não ser fugir e se esconder deles — concluiu Rachel.

— Não estou fugindo — explicou McDowell. — Existem maneiras de vencer essa luta sem um distintivo de xerife.

— Se o senhor conseguir vencer, vamos poder voltar para casa?

— Sim.

— Quanto tempo até o senhor conseguir fazer alguma coisa a respeito?

— Estou tentando — respondeu McDowell, com desânimo. — Meu erro foi acreditar que a lei poderia ajudar. Mas cheguei ao fim desse caminho. Se for para mudar alguma coisa, vou ter que fazer isso sozinho.

O ex-xerife fez uma pausa. Continuava olhando pela janela, mas seu olhar parecia estar em algo mais distante, além da Sra. Sloan e do bebê.

— O senhor vai tentar matá-los, não vai? — perguntou Rachel.

— Ainda espero que haja outra maneira.

— Eu os mataria se não precisasse cuidar do Jacob — disse Rachel. — Eu mataria.

— Eu acredito — afirmou ele, encontrando os olhos de Rachel.

Um trem apitou ao sair da estação; ao passar por trás da casa, fez o copo de chá gelado estremecer. McDowell o segurou enquanto o trem matraqueava para o sul em direção a Knoxville. Ele ficou olhando para o copo enquanto dizia:

— Se as coisas não saírem do jeito que eu espero, você e o garoto terão que ir para mais longe daqui.

— Mais longe quanto?

— O máximo que puderem. — McDowell empurrou o envelope na direção dela. — Tem trezentos dólares aí.

— Eu não me sentiria bem aceitando o seu dinheiro — disse Rachel.

— Não é meu.

— De quem é, então?

— Isso não importa. É seu e do garoto agora, e talvez só isso possa impedir que eles encontrem vocês dois.

Rachel pegou o envelope e o guardou no bolso do vestido.

— O senhor acha que ainda estão procurando a gente? Quer dizer, neste momento?

— Sei que estão. Quando for seguro voltar, eu venho buscar vocês. — McDowell empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Mas até lá não saia mais de casa com seu filho. Acho que não vão conseguir descobrir que vocês estão aqui, mas eles não são o tipo de gente que podemos subestimar.

Rachel o acompanhou até a porta e ficou observando-o entrar no carro e ir embora. Depois voltou para dentro da casa e preparou um mingau de aveia para Jacob. Ela o acomodou no chão e começou a cortar os talos de ruibarbos em pedaços compridos. Levou um pedaço à boca: pelo azedume que sentiu ia precisar de um bocado de açúcar. Um trem de carga fez estremecer a casa, e ela sentiu as tábuas trepidarem sob seus pés. A louça tremeu no armário.

Rachel ficou imaginando para onde o trem estava indo, recordando-se de algo de seu último ano na escola. Para onde vocês mais gostariam de ir, perguntara a

professora Stephens, se pudessem escolher qualquer lugar deste mapa? Um dos alunos levantou a mão e disse Washington; outro, Nova York e mais outro, Raleigh. Bobby Orr disse Louisiana, pois tinha ouvido que as pessoas de lá comiam lagostins e ele queria ver uma coisa dessas. Joel Vaughn, metido a espertalhão, respondeu que gostaria de ir para o mais longe possível da escola. E onde seria isso, Joel?, perguntou a professora Stephens, chamando-o para a frente da classe. Pegando uma régua na gaveta, ela fez Joel ir até o mapa e medir as distâncias até encontrar o ponto mais longe dali, que seria Seattle, em Washington. Eu estive lá uma vez, disse a professora Stephens. É um belo lugar. Tem um rio e um atracadouro azul e bonito e montanhas tão altas que atravessam o ano inteiro cobertas de neve.

TRINTA

No começo de outubro, os trilhos que levavam às novas instalações no condado de Jackson estavam assentados e interligados à linha de Waynesville. Engrenagens brotavam da mata ao redor, e o local havia sido limpado por trabalhadores vindos do ribeirão Cove poucas semanas antes, os casebres montados em vagões abertos e mandados para o leste com eles. A sede da fazenda fora transformada em refeitório, e o trabalho de construção das casas de Meeks e dos Pemberton já tinha começado. Pouco mudaria a não ser o próprio local.

A equipe de Snipes estava entre as que ficaram na sede no ribeirão Cove. Naquelas últimas manhãs, eles subiram as encostas mais a oeste do monte Shanty e da serra de Big Fork, os poucos hectares por explorar que restavam. Ainda estavam com um lenhador a menos, desde a morte de Dunbar. Um substituto chegara a assumir seu lugar, mas na segunda manhã um galho se desprendera de uma nogueira e fraturara seu crânio, fazendo de Snipes tanto serrador quanto lenhador-chefe. Quando os homens pararam para almoçar, ao meio-dia, ele estava tão exausto que deitou no chão, fechando os olhos.

Henryson deu uma mordida em seu sanduíche. Torceu o nariz ao mastigar o pão molhado e o lombo de porco salgado, engolindo aquilo com o mesmo prazer que teria comendo um bocado de tachinhas. Deixou o sanduíche de lado.

— Ouvi dizer que o seu pastor esteve na plantação outro dia — disse Henryson a Stewart. — Ele já deve estar melhor.

— Está, mas ainda não consegue dizer muita coisa. A tia dele arranjou um funeral para ele presidir lá em Cullowhee, achou que isso o deixaria um pouco mais animado, mas ele só ficou balançando a cabeça para ela.

— Nada melhor que alguém numa cova para animar um homem — debochou Ross.

— Pois antigamente funcionava — disse Stewart. — Uma vez ele me falou que o que mais detestava na morte era não poder estar presente para pregar no próprio enterro.

De olhos fechados, Snipes falou:

— O que você está dizendo é outro exemplo da dualidade do homem, Stewart. Queremos o que existe neste mundo, mas também o que não existe.

— Não entendi muito bem — disse Henryson.

Snipes virou a cabeça alguns centímetros para se dirigir a Henryson, suas pálpebras piscando por um momento, como asas de um inseto tentando voar em vão.

— Bem, estou cansado demais para explicar agora.

E voltou a deitar a cabeça no chão. Cobriu os olhos com um pedaço do chapéu com sininhos em forma de galhardete, para se proteger do sol, e não demorou muito para começar a roncar.

— Se não conseguirmos um substituto logo, Snipes vai morrer de exaustão — comentou Henryson.

— Talvez eles contratem McIntyre de volta — opinou Ross. — Um homem não precisa ser tagarela para ser um bom lenhador.

— O que acha, Stewart? — perguntou Henryson. — Será que McIntyre pode voltar?

— Talvez.

— Se ele gosta de enterros, aqui é o lugar ideal — observou Ross. — Os homens estão caindo mortos quase tanto quanto as árvores.

Uma brisa agitou os galhos mais altos de um carvalho branco. Era a última árvore da serra, e algumas folhas escarlates caíam como uma rendição precoce. Uma caiu perto de Ross, que a pegou e a examinou com a maior atenção, virando-a de um lado para o outro como se fosse algo que nunca tivesse visto.

— Aposto que vão surgir duas novas covas no Tennessee daqui a um ou dois dias — disse Henryson. — Galloway e sua mãe afinal descobriram que não era exatamente uma coroa que ela estava vendo.

— E o que era? — perguntou Stewart.

— Era quem usa coroa. Tem uma Kingston e uma Kingsport, e as duas ficam nas montanhas.

— E as duas têm linha férrea — acrescentou Ross, ainda examinando a folha enquanto falava.

— Era nesses lugares que você estava pensando no outro dia quando disse que sabia onde eles estavam? — perguntou Stewart.

Ross concordou com a cabeça.

— Isso aí. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde eles iam decifrar a charada.

— Aonde Galloway vai primeiro? — perguntou Stewart a Henryson.

— Ele não falou. Tudo o que sei é que vai hoje à noite.

— Acho que logo mais vamos saber se Galloway fez a escolha certa — disse

Ross.

— Acha mesmo? — perguntou Henryson. — Ele pode deixar os dois na floresta para os vermes comerem, ou jogar num poço seco, e ninguém nunca vai saber de nada.

— Pode, mas não vai fazer isso. Essa gente quer deixar bem claro a maldade que é capaz de fazer. Querem deixar tudo às claras.

— É, acho que você tem razão — concordou Henryson. — Ficou sabendo que acharam o gorro do jovem Vaughn na ponte junto com aquele bilhete, não? A mãe dele disse que era a letra do filho.

— E o que dizia o bilhete? — perguntou Stewart.

— Que estava arrependido, só isso.

— Acho que quis poupar Galloway do trabalho de ir atrás dele — disse Ross.

— Eu entendo por que ele fez isso — comentou Henryson. — Seria uma coisa terrível passar o resto da vida sem conseguir nem respirar por ter que se preocupar com Galloway atrás de você. Eu me sentiria tentado a fazer o mesmo.

— Mas ainda não acharam o corpo — observou Stewart. — Ainda há uma esperança.

— Ele sempre foi um garoto esperto — disse Henryson. — Talvez estivesse tentando enganar todo mundo para não ser perseguido.

— Não — contestou Ross, com um cansaço perceptível na voz. — O que sobrar depois que as lagostas e os bagres acabarem com aquele garoto vai aparecer boiando em algum lugar rio abaixo. É só esperar alguns dias.

. . .

— Meeks me falou que Albright ligou — comentou Serena aquela noite enquanto ela e Pemberton se preparavam para deitar.

— Vai iniciar o processo de desapropriação semana que vem — contou Pemberton — se não aceitarmos a oferta dele.

— E a oferta dele é a mesma de antes?

Pemberton concordou com a cabeça enquanto tirava as botas, sem erguer o olhar.

— Então vamos aceitar — disse Serena. — Com catorze mil hectares de tocos e gravetos podemos comprar quarenta mil hectares de mogno no Brasil.

Ela terminou de tirar a roupa. Pemberton notou que a cicatriz atravessada na barriga não tinha alterado sua naturalidade. Postou-se à frente do armário com a mesma graça e elasticidade felina daquela primeira noite em Boston. Pemberton

lembrou-se da noite que voltaram do hospital, como ela ficara nua na frente do espelho, examinando a cicatriz com atenção, passando o dedo e olhando o reflexo. Minha *Fechtwunde*, dissera a Pemberton, pegando a mão dele e fazendo com que também percorresse a cicatriz.

— Então o pessoal de Chicago está pronto para assinar? — perguntou Serena enquanto guardava a blusa e a calça no armário.

— Está.

— Imagino que Garvey não venha até aqui para isso, não é?

— Não, vai mandar o advogado para assinar o contrato.

— Mesmo no norte, imagino que ele tenha dificuldade de encontrar investimentos — disse Serena. — Ele pode vir a ser o nosso melhor sócio de longo prazo. E quanto aos nossos investidores de Quebec?

— Têm mais perguntas a fazer antes de assinar.

— Eles vão assinar — afirmou Serena. — Você falou com eles sobre a sua festa de aniversário?

— Falei — respondeu ele secamente.

— Não seja tão austero com isso, Pemberton. Pode ser a última vez que a gente veja qualquer um deles. Quando estivermos no Brasil, serão só nomes assinados nos cheques.

Serena foi até a janela e abriu a cortina, olhando em direção à cordilheira.

— Conversei com a Sra. Galloway hoje. Nunca tínhamos nos falado antes, mas ela estava no depósito. Eu diria que ela deixa a desejar como vidente. — Sua voz tornou-se mais reflexiva. — O que talvez explique por que a lâmpada de sua casa continua apagada.

Ela abriu mais a cortina. Esticou a cabeça e espiou pela vidraça de cima, como que se emoldurando com as esquadrias.

— Hoje vai ter um eclipse lunar — disse ela. — Sempre achei fantástico, não só a luminosidade como a mudança das tonalidades. Galloway chama de lua do caçador. Diz que é a melhor noite para se caçar.

Serena não se virou ao falar. Ela fitava além dos casebres e da cordilheira, em um céu que ainda não tinha revelado a lua ou as estrelas. Os dedos de Pemberton pararam em um botão da camisa quando seu olhar se deteve na linha em forma de meia-lua que delimitava onde a brancura das costas e dos ombros dela ganhava um tom mais escuro na nuca. Suas mãos e boca já tinham traçado muitas vezes aquela demarcação entre a parte de seu corpo que Serena permitia que outros vissem e a que era vista apenas por ele. Percorreu com a vista a curva dos músculos das costas quando ela se virou para olhar pela janela, depois a cintura afilada, o quadril, as pernas musculosas e os tornozelos até finalmente chegar aos pés, os calcanhares erguidos, o peso equilibrado na ponta dos pés. Ela

não se mexia na janela, como que mantendo a pose para ele. Uma postura que, mesmo em sua imobilidade, incorporava também movimento, como uma corrente de água abaixo de uma superfície tranquila.

Pemberton sabia que ela estava esperando que ele se aproximasse, encostasse o peito em suas costas, pegasse seus seios, sentisse os mamilos intumescerem nas mãos enquanto ela pressionava o quadril contra sua virilha e virava o rosto para buscar sua boca. Mas ele não fez isso. Depois de um tempo ela enfim se afastou da janela, deixando a cortina aberta. Deitou-se na cama e puxou as cobertas enquanto Pemberton terminava de desabotoar a camisa.

— Venha para a cama — chamou ela, com uma voz doce. — Deixe que eu termino de tirar sua roupa.

Pemberton se deitou e sentiu as penas e as molas do colchão cederem sob suas costas. Serena montou nele, um joelho ao lado de cada coxa dele, e se debruçou, puxando a camisa pelos ombros, libertando um braço de cada vez. Com ambas as mãos, ela percorreu um caminho acima de sua caixa torácica enquanto se aproximava e encostava a boca na dele, deitando seu corpo sobre o de Pemberton. Ele não correspondeu.

Afinal ela o soltou e se deitou ao seu lado, a mão repousando de leve no peito dele.

— Qual é o problema? — perguntou ela. — Está com a cabeça em outro lugar?

TRINTA E UM

Rachel atravessou os trilhos e logo chegou à calçada, levando no bolso uma das notas de vinte dólares para comprar mantimentos. No meio-fio, uma carroça passou rangendo, trazendo uma vaca holandesa malhada com a cabeça enfiada entre as barras de madeira. Rachel sentiu o cheiro de esterco e palha, tão mais nítido e familiar do que a mistura de odores de Kingsport. Deve virar a vaca leiteira de alguém, pensou ela, dando um passo para a rua. Mas não deu o próximo passo.

O que ela viu primeiro foi a ausência, uma lacuna no corpo onde deveriam estar o pulso e a mão. Ele estava parado em frente à agência dos correios, um palito de fósforo no canto da boca. Mesmo a certa distância, ela não teve a menor dúvida. O cabelo preto esticado e o porte pequeno e musculoso, a maneira como a cabeça pendia levemente para um lado. A luz evanescente do sol de repente ficou mais espessa, mais contida, parecendo que iria tingir sua pele de amarelo se ela balançasse a mão no ar. Rachel recuou lentamente, com medo de que qualquer movimento mais brusco o fizesse desviar a atenção dos que passavam mais perto dele e avistá-la.

Ao se ver fora do alcance da visão dele, Rachel saiu correndo, primeiro em direção à casa da Sra. Sloan. Depois seu corpo e sua mente desviaram como se fossem um só, levando-a à estação de trem. Quando chegou ao portão, parou um pouco para se acalmar antes de entrar. Ele não viu você e não sabe onde está hospedada, disse a si mesma. Temos tempo.

Na bilheteria, um funcionário encorpado com rosto de lua cheia examinava números em um caderno de espiral. Quando ele ergueu o olhar, Rachel procurou algo em seu aspecto que despertasse confiança e encontrou isso nos óculos e na gravata-borboleta. Como um médico se vestiria, pensou.

— Pois não, senhora — disse ele, em um tom que não era nem amistoso nem hostil.

— Um homem com uma mão só, não muito mais alto que eu, passou por aqui?

— Quer dizer hoje?

— Hoje ou ontem.

O homem negou com a cabeça.

— Não que eu me lembre.

— Tem certeza? É importante.

— Eu vejo muita gente — disse ele —, mas acho que me lembraria de alguém assim.

Rachel virou a cabeça e olhou pela janela. Em seguida pôs a nota de vinte dólares no balcão.

— Até onde isso me leva, eu e uma criança?

— Em que direção quer ir?

Por alguns instantes Rachel não respondeu. Na parede atrás do bilheteiro havia um mapa dos Estados Unidos, linhas negras se cruzando por cima como uma teia de aranha. Ela localizou o Tennessee, depois deixou os olhos seguirem a malha de linhas para o noroeste.

— Quero ir para Seattle, em Washington.

— Com vinte dólares a senhora só vai chegar até Saint Louis.

Por algum tempo ela considerou voltar para casa e pegar mais dinheiro.

— De dentro do trem eu posso comprar outras passagens para o resto do caminho?

O bilheteiro fez que sim.

— Então vou pegar esse mesmo — disse Rachel. — Sai que horas?

— Em uma hora e meia.

— Não tem nenhum saindo antes?

— Só trens de carga.

Rachel fez uma pequena pausa, depois entregou o dinheiro.

— Isso vale até Saint Louis — disse o homem, colocando duas passagens à sua frente e duas moedas de vinte e cinco centavos de troco.

Rachel pegou os bilhetes, mas deixou as moedas.

— O tal sujeito de que lhe falei... Se ele aparecer por aqui fazendo perguntas...

O homem pegou as moedas do balcão e as guardou no bolso do colete.

— Eu não vendi nenhuma passagem para uma moça e um bebê — disse ele.

Ela parou por um instante na entrada da estação, olhando ao redor antes de atravessar os trilhos e entrar na casa. A Sra. Sloan estava à mesa da cozinha descascando maçãs, Jacob dormindo no quarto dos fundos.

— Sabe aquele sujeito que o xerife pediu para que eu ficasse de olho? — disse Rachel. — Eu bem vi esse homem na cidade.

Ela correu para o quarto dos fundos. Pegou o dinheiro e a faca debaixo do travesseiro e guardou tudo na valise, com alguns dos itens mais essenciais. A

Sra. Sloan entrou no quarto.

— O que posso fazer para ajudar você?

— Vá para a casa da sua cunhada e fique lá — respondeu Rachel, pegando Jacob da cama. — Ligue para o xerife e diga que Galloway está aqui.

A mulher chegou mais perto, o trenzinho e a meia com as bolas de gude em suas mãos marcadas pelas veias.

— Não vá se esquecer desses — disse a Sra. Sloan, enfiando o brinquedo na meia e dando um nó. — Ele vai ficar muito zangado se você não levar.

Rachel guardou a meia no bolso do vestido e saiu rapidamente da casa com Jacob, atravessando os trilhos em direção à carroça abandonada, o melhor lugar para esperar, pois de lá poderia ver tanto a casa como a estação de trem. Ver sem ser vista, disse ela a si mesma. Atravessou o último trilho, olhou para a cidade por cima do ombro e não viu ninguém. Jacob choramingou.

— Quietinho — pediu ela.

Passou depressa pelos arbustos de amora, sem parar quando os espinhos se agarravam em seu vestido. Colocou Jacob e a valise na carroça abandonada antes de entrar também.

Nos primeiros momentos só conseguiu ver a escuridão da cabine. Quando os olhos começaram a se adaptar, Rachel divisou um colchão de palha de milho entre duas colchas puídas, ao lado de jornais amarelados e de uma lata de sardinha vazia. Seja quem for, não vai voltar tão cedo, pensou ela. Acomodou o filho e a mala, depois foi até a parte de trás da carroça, afastou as colchas com o indicador e o polegar e levou o colchão até mais perto da porta. Um vulto cinzento saiu correndo do catre, o corpo e a cauda comprida roçando seu tornozelo e passando pelo meio de suas pernas, seguindo em direção à entrada. Depois ela ouviu um farfalhar no arbusto e nada mais.

Rachel cutucou o catre com o sapato. Não saiu mais nada dali, então ela continuou arrastando o colchão. Sentou-se, o forro do piso cascalhando quando ela se debruçou para pegar Jacob no colo. A carroça estremeceu com a passagem de um trem de carga avançando lentamente, tão lentamente que dava para ler as palavras e os números em cada vagão que passava, enorme e largo à sua frente. Vários vagões estavam com as portas de metal abertas. Um vagabundo espiou de dentro de um deles.

Depois que a composição se afastou, Rachel fixou o olhar na casa. Logo a Sra. Sloan saiu, com uma mala na mão, seguindo a passos firmes e rápidos em direção à cidade. Poucos minutos depois, um homem entrou na estação, saiu e também foi em direção à cidade. O dia estava quente para o início do outono, e a carroça tinha armazenado o calor do dia como uma estufa. Gotas de suor acumulavam-se no cenho de Rachel, o pano do vestido começando a colar em

seu ombro e suas costas.

Jacob inclinou o corpo para a frente, apontando para um lagarto agarrado à entrada da carroça. O dorso e as pernas do bicho eram de um verde-vivo como samambaia. No pescoço, uma bolha vermelha se expandia e contraía, mas fora isso a criatura estava completamente imóvel.

— Bonito, não é? — disse Rachel ao filho.

Depois de algum tempo, o réptil subiu um pouco mais pelo metal enferrujado e parou outra vez, seu tom esverdeado ganhando uma tonalidade marrom-clara e logo se mesclando perfeitamente com a ferrugem do metal, tornando-o invisível. Taí um truque que me seria útil, pensou Rachel.

Jacob afundou mais em seu colo, com tanto sono que nem reclamava do calor ali dentro. Sua respiração entrou na cadência do sono, e pouco depois baixou o crepúsculo. Uma lua pálida e inchada apareceu no céu, engolindo as estrelas mais próximas ao se aproximar da terra. Uma brancura tênue se espalhou pelo chão como uma geada. Outro trem de carga passou. Menos de uma hora, disse Rachel a si mesma, alternando o olhar entre a casa e a estação.

Finalmente a carroça começou a esfriar, o calor do dia esvaindo com a luz. Um homem e uma mulher entraram na estação, saíram e se sentaram em um banco de madeira para esperar o trem. Logo vários outros viajantes se juntaram ao casal. Luzes bruxuleantes projetavam um brilho amarelado na estação. Ninguém se aproximou da casa da Sra. Sloan. Alguma coisa se mexeu perto da entrada da carroça, e Rachel viu o focinho de um rato surgir hesitante.

— Xô — disse ela, pegando um pedaço do colchão para atirar caso o bicho chegasse mais perto, mas o som de sua voz fez com que sumisse no mato.

Jacob acordou e ficou agitado. Rachel verificou a fralda e constatou que estava seca. Então deve ser fome, disse a si mesma, acomodando-o no colchão. Deu a ele uma bolacha que pegou da valise. A luz da lua foi ficando mais forte, os trilhos do trem cintilando como se banhados em prata. Não havia sinais de nuvens. Rachel olhou para o céu e viu que a lua não estava mais branca, assumindo uma coloração alaranjada.

Uma réstia de luz entrava pelo quarto dos fundos da casa da Sra. Sloan. Quando ela desapareceu, Rachel teve esperança de que fosse sua imaginação, mas depois a luz surgiu na cozinha, movendo-se como um fogo-fátuo antes de reaparecer no quarto dos fundos. Ela estreitou os olhos e ficou atenta para ver se o facho atravessava o quintal ou se projetaria alguma sombra mais densa.

Mas não conseguiu enxergar nada. Galloway tinha desaparecido tão por inteiro quanto a lanterna que empunhava. Ele pode estar indo para a cidade, para a estação, ou vindo diretamente até nós dois, pensou ela, afundando mais na carroça com Jacob. Minutos se passaram, embora ela só tenha percebido o passar

do tempo quando ouviu o trem de passageiros chegar. Pegou Jacob e a valise. A vegetação se agarrava às suas pernas, e a cada passo que dava, Rachel imaginava que Galloway os havia encontrado.

Finalmente sentiu o concreto sob os pés. Não andou pelos trilhos brilhantes, preferindo seguir ao lado deles. O trem apitou e ela deu mais alguns passos. Na frente da estação havia um grande carvalho e seus ramos ocultavam parte do luar. Ela ficou no lugar mais escuro, a poucos centímetros das luzes da estação. Observou os passageiros reunidos na plataforma, olhou por uma das grandes janelas da estação, mas não viu ninguém. O trem chegou e parou resfolegando.

Dois homens desceram, mais ninguém, e logo o trem começou a receber os novos passageiros. Rachel pegou as passagens no bolso e se aproximou, quase pronta para sair correndo para a plataforma, quando algo lhe chamou a atenção. Foi algo que ela pressentiu mais do que propriamente viu, como quando era criança e começara a erguer uma tampa e parara ao ver uma grande viúva-negra no lugar onde ia pôr a mão. O último passageiro entrou, mas ainda assim Rachel não se moveu. Foi então que ela o enxergou, na penumbra do outro lado da estação. Depois que o último passageiro embarcou o trem começou a andar, a lanterna de latão do sinalizador acenando um adeus.

Ao desviar o olhar da área iluminada da estação, ela não conseguiu ver nem os próprios pés à sombra do carvalho. Se eu tropeçar e cair ou se Jacob começar a chorar, com certeza estamos perdidos, pensou ela. Sua imaginação começou a lançá-la em desespero: bastaria um passo em falso, para a esquerda ou a direita, e ela poderia tropeçar em um buraco ou em algum galho. Você precisa seguir o mesmo caminho que fez para chegar até aqui, disse a si mesma. Deu um passo na escuridão, pois não havia outra escolha. Depois outro, o pé hesitando antes de se mover. Era como atravessar um lago coberto de gelo fino, pensou Rachel, e uma parte dela chegou a esperar ouvir o som da rachadura. Sete passos e ela estava fora da sombra da árvore.

Rachel foi andando na direção da carroça, ainda mais depressa, encurvada para ficar um pouco mais alta que as plantas e arbustos. Só conseguia pensar em tentar chegar à cidade e encontrar o homem da lei local, mas o xerife McDowell tinha alertado para que não confiasse em ninguém de distintivo a não ser no primo dele. O luar estava tão claro e intenso que ela podia ver a casa da Sra. Sloan nitidamente. Lembrou então que era outubro, que seu pai chamava aquilo de lua de caçador, dizendo que o sangue na lua significava sangue na terra. Apertou o passo e entrou com Jacob na carroça o mais rápido que pôde, não conseguindo afastar a sensação de que a Sra. Pemberton e Galloway tinham poder até mesmo sobre a lua, as nuvens e as estrelas. Que tinham esperado por aquela noite específica para ir atrás dela e do filho. Não olhe para trás, disse a si

mesma. Rachel encolheu-se ainda mais na carroça, agarrando Jacob.

Ouviu um trem; não o que tinha acabado de partir da estação, mas um que chegava das montanhas e entrava no vale, um trem de carga. A locomotiva parou ao lado do depósito de carvão, no outro lado da estação. Rachel pegou Jacob e a valise e andou pelos trilhos parando no lugar onde tinha ficado antes. Observou a estação, atenta ao canto escuro onde havia visto Galloway quinze minutos antes. Ele não estava lá. Quando acabou de ser carregado com carvão, o trem se pôs em movimento, afastando-se da estação, e quando vários vagões já tinham passado, ela pegou Jacob e a valise e foi rapidamente em direção a ele, que estava exposto não apenas ao luar, mas também às luzes da estação. Parou ao lado do trilho, o trem passando por ela devagar. O quinto vagão estava aberto, mas Rachel não o alcançou a tempo. Mais seis vagões passaram até ela encontrar outro aberto. Colocou o filho e a mala lá dentro e em seguida entrou. O trem acelerou, passou pela velha carroça e logo depois pelos fundos das casas da cidade.

De repente ele apareceu, caminhando ao lado do trem, mas diminuindo a distância progressivamente, um vagão de cada vez, sem nem ao menos correr, mas ainda assim ganhando velocidade. Tropeçou, se levantou e continuou andando. Estava sorrindo, acenando o indicador em um gesto de repreensão. Rachel nunca imaginou que o medo tivesse um sabor, mas tinha. Tinha gosto de giz e metal. Ela empurrou Jacob mais para o fundo do vagão, até deixá-lo recostado na lateral de aço. O coração de Rachel estava apertado como se uma morsa esmagasse seu peito.

O trem acelerou, mas não o suficiente. O rosto de Galloway apareceu ao lado do vagão. Ele começou a trotar, o braço esticado. Uma adaga estava amarrada a um cordão de vime encardido, pendurado em seu pescoço. Rachel se lembrou da faca de caça, mas não havia tempo de pegá-la na valise. Ela tirou do bolso do vestido a meia com as bolas de gude quando viu Galloway estender a mão e segurar a porta, a adaga cintilando ao se balançar em seu peito. Ele continuou correndo, preparando-se para saltar para dentro. O apito do trem gritou como um último aviso.

Galloway enfiou metade do corpo dentro do vagão, a cabeça e a barriga encostadas no piso metálico, as pernas ainda penduradas para fora. Rachel levantou a meia até a orelha. Fez uma pausa, desejando que o meio quilo de vidro e aço fosse suficiente, e então golpeou com toda força o rosto de Galloway. Os olhos dele ficaram brancos. Por um instante seu corpo balançou, metade dentro e metade fora do vagão. E então Rachel empurrou a testa dele com o pé. Galloway despencou em uma valeta. Ela se debruçou e viu o vagão passar por onde ele tinha caído. Continuou observando os trilhos, mas ele não se levantou. Jacob estava chorando. Ela o pegou.

— Está tudo bem agora — disse ela. — Está tudo bem.

Havia feno no piso do vagão; Rachel juntou um monte em um canto. Deitou-se com Jacob, os braços ao redor do filho. Já tinham saído de Kingsport e seguiam para o sul, por entre as montanhas Smoky. Passaram por uma sede de fazenda isolada, a pouca luz das janelas iluminando o assoalho de metal por um instante antes de esvanecer. O balanço ritmado do trem logo fez a criança adormecer, assim como Rachel. Ela sonhou que estava com Jacob em um milharal onde só havia um caule maduro. Depois de descascá-lo, ela encontrava não o milho, mas uma faca.

Rachel acordou no escuro, e por um instante não soube onde estava. Aconchegou-se mais a Jacob e tentou voltar a dormir, mas não conseguiu. Ouvia o trem matraqueando nos trilhos e a respiração ritmada de Jacob. Esperou as rodas reduzirem a velocidade até finalmente pararem. Ela então saiu com Jacob e atravessou diversos trilhos, contornando os vagões estacionados em direção à estação. A placa na porta da frente dizia Knoxville. Ela entrou e consultou os horários dos trens antes de pedir para usar o telefone na parede atrás do balcão. Ligação a cobrar, assegurou ao chefe da estação. Levou o fone ao ouvido e se aproximou do bocal, Jacob brincando com o fio enquanto ela falava com a telefonista.

McDowell atendeu ao primeiro toque.

— Onde você está? — questionou ele, e, ao ouvir a resposta, perguntou quando partiria o trem seguinte.

— O que precisamos pegar sai só daqui a quatro horas.

— Pegue o próximo — insistiu ele —, indo para qualquer lugar.

— Tem um para Chattanooga que sai em meia hora.

— Pegue esse mesmo. Quando chegar a Chattanooga, compre uma passagem para Seattle.

— O senhor acha que ele já está vindo para cá, não é?

— Eu diria que é provável.

Por alguns instantes, apenas sons de estática atravessaram os quilômetros de linhas entre os dois.

— Vá para Chattanooga — instruiu McDowell. — Vou terminar isso esta noite, terminar de vez.

— Como?

— Não se preocupe. Vá comprar as passagens.

Ela fez como ele recomendou. Imaginando que não tinha dado dinheiro suficiente para o outro bilheteiro, deu a este uma nota de cinco dólares. Em seguida descreveu Galloway.

O bilheteiro olhou para o dinheiro, abrindo um sorriso que não oferecia nem

consolo nem compaixão.

— A senhora deve estar muito encrencada — disse ele —, e uma coisa que aprendi é que sujeito encrencado é que nem sujeito com piolho ou diarreia. É só chegar perto que a gente logo se contamina.

Ele olhou para além de Rachel enquanto falava, como que tão satisfeito com as próprias palavras que gostaria de ter uma plateia maior.

Rachel encarou o homem até o sorriso desaparecer do rosto dele. Não sentia mais raiva, nem medo ou mesmo cansaço. Só lhe restava uma entorpecida aceitação de que ela e Jacob poderiam ou não sobreviver. Ou alguma coisa aconteceria ou não, e assim era a vida. Sentia-se quase como que fora de seu corpo, observando a si mesma e ao filho de certa distância. Quando falou, a frieza de sua entonação também parecia não vir dela:

— O senhor vai nos ajudar ou não, moço? Pode fazer troça com os nossos problemas e rir das suas próprias sacadas. Pode se recusar a pegar meu dinheiro, ou pode pegar e mesmo assim dizer para onde fomos. Pode fazer o que quiser. Mas saiba de uma coisa: se esse homem nos encontrar, ele vai passar a faca no pescoço dessa criança e deixar o menino para sangrar como um leitão na pocilga. Esse sangue também vai estar nas suas mãos, tanto quanto nas mãos de quem o matou. Se conseguir viver sabendo que fez isso, então vá em frente e conte tudo a ele.

O bilheteiro pôs a mão em cima da nota de cinco dólares, mas não a pegou para si. Não estava mais olhando para ela, e sim para Jacob.

— Não vou dizer nada, nem a ele nem a ninguém — assegurou ele e então devolveu a cédula.

TRINTA E DOIS

Não foi o brilho das chamas nem o cheiro de fumaça o que acordou Pemberton aquela noite, mas um som, algo que ele ouviu porém só registrou quando outros sentidos o despertaram totalmente de seu sono inquieto. Ao abrir os olhos, a cama era uma balsa flutuando em um mar crescente de fogo e fumaça. Serena também tinha acordado, e por alguns instantes os dois só ficaram olhando ao redor.

A frente da casa desaparecia sob a violenta investida das labaredas, assim como o vestíbulo que levava à porta dos fundos. A janela do quarto ficava a um metro e meio da cama, que estava envolta em fumaça. Cada vez que respirava Pemberton sentia a cinza queimar sua garganta e seus pulmões. Ondas de calor rolavam sobre sua pele nua. A fumaça parecia ter nublado não só a atmosfera ali dentro como também seus pensamentos, de forma que por um segundo ele esqueceu por que a janela era importante. Serena agarrou-se ao braço dele, também tossindo violentamente. Os dois se ajudaram a sair da cama, e Pemberton enrolou uma coberta ao redor do corpo de ambos, as franjas pegando fogo ao tocarem o chão.

Pemberton usou seu último pensamento lúcido para localizar onde estaria a janela. Com o braço ao redor de Serena e o dela em sua cintura, foi cambaleando sem fôlego em direção à janela. Quando a encontrou, ele abaixou a cabeça, girou o ombro e usou o pouco impulso que tinha para quebrar o vidro e as esquadrias de madeira. Ele e Serena pularam pela janela agarrados um no outro, cacos de vidro chovendo sobre os dois, girando e refletindo as luzes como um caleidoscópio. Suas pernas ficaram presas ao parapeito por um instante, até que finalmente escorregaram para fora. Os dois começaram a cair, mas tão lentamente que pareciam estar em suspensão do que propriamente caindo. Pemberton se sentiu destituído de peso por um instante, como se estivesse submerso. Logo depois o chão começou a subir depressa.

Ao alcançarem o solo, eles rolaram para longe da coberta em chamas, seus corpos nus colados um no outro. Ficaram ali caídos, abraçados, apesar de

acometidos por tosses que os convulsionavam como um ataque epiléptico. As chamas tinham queimado o braço de Pemberton, e um caco de vidro de quinze centímetros se cravara bem fundo em sua coxa, mas ele não soltou a esposa. Quando o teto desmoronou, faíscas alaranjadas se elevaram, pairando no ar por um momento antes de se desfazer. Pemberton virou o corpo para proteger Serena, cinza e brasas queimando suas costas antes de se apagarem.

Um tumulto de gritos veio se aproximando quando os poucos trabalhadores que continuavam no acampamento se reuniram para conter o incêndio. Meeks surgiu da fumaça e debruçou-se sobre os dois, perguntando se Pemberton e Serena estavam bem. Ela disse que sim, mas ambos não se soltaram. Enquanto o calor os envolvia, Pemberton pensou nos dois cambaleando em direção à janela e em como, naquele exato momento, o mundo afinal tinha se revelado a ele, e não havia mais nada a não ser ele e Serena, todo o resto queimando ao redor. *Uma espécie de aniquilação*. Sim, pensou ele, agora eu entendo.

Finalmente ele se afastou da esposa e arrancou o caco de vidro da perna. Meeks ajudou-os a se levantar, cobrindo-os com um lençol.

— Vou chamar um médico — disse Meeks, voltando rapidamente para o escritório.

Serena e Pemberton foram andando devagar na mesma direção, de braços dados. As labaredas mergulhavam o acampamento inteiro em uma translucidez pulsante, a luz se concentrando e se dispersando como sombras dançantes. Pemberton fez um rápido inventário do que tinha queimado dentro da casa e que não poderia ser substituído. Nada. Um supervisor se aproximou de Serena, o rosto adamascado por um suor fuliginoso.

— Os homens estão cuidando para que o fogo não se alastre — informou ele. — Quando conseguirmos apagar o incêndio, quer que eu os dispense?

— Mantenha todos por aqui, por via das dúvidas — respondeu ela. — Vamos deixar que descansem, pois temos um dia cheio amanhã.

— Vocês tiveram sorte de conseguir sair de lá — disse o supervisor, olhando na direção da casa.

Serena e Pemberton viraram a cabeça e constataram a verdade daquela afirmação. A parte de trás da casa ainda estava em chamas, mas a frente era uma montanha de madeira fumegante enegrecida, com exceção dos degraus de tijolos, que agora levavam até nada além do ar chamuscado. A silhueta de um homem sentado em uma cadeira de vime observava as chamas, indiferente aos trabalhadores que corriam e gritavam ao seu redor. No chão ao lado, havia uma lata de quase quarenta litros de querosene. Pemberton não precisou ver o rosto do homem para saber que era McDowell.

PARTE 4

TRINTA E TRÊS

Só no meio da manhã a luz conseguiu ultrapassar a cortina de fumaça e possibilitar a visão de alguns metros. Mas, mesmo assim, as cinzas no ar provocavam lágrimas nos olhos. Boa parte dos tocos e galhos caídos no vale tinha queimado, da mesma forma que as sobras de madeira e latão reunidos por desabrigados de passagem. Homens enegrecidos por fumaça e fuligem andavam para cima e para baixo nas terras fumegantes do vale, passando transbordantes baldes de água do riacho de um para o outro para apagar focos de incêndio que ainda resistiam. Visto a distância, os homens mais pareciam criaturas geradas pelo carvão e pelas cinzas em que caminhavam. Se não tivesse chovido no dia anterior, todas as casas do acampamento teriam queimado.

A equipe de Snipes estava sentada na escadaria do depósito. Com eles estava McIntyre, recontratado graças a seu indiscutível bom trabalho como lenhador. O pregador leigo não tinha falado uma palavra desde seu retorno, nem falava agora enquanto todos observavam o quadrado preto que já tinha sido a casa dos Pemberton. Snipes acendeu o cachimbo e deu uma tragada reflexiva, deixando a fumaça sair pela boca em formato de O como se fosse uma precursora necessária à sabedoria que os lábios iriam comunicar.

— Um homem culto como eu saberia que não adianta tentar matar esses dois com o seu elemento natural — ponderou Snipes.

— Quer dizer o fogo? — perguntou Henryson.

— Exatamente. É como jogar água num peixe.

— O que você teria feito?

— Eu teria cravado uma estaca no coração deles — disse Snipes, colocando mais tabaco no cachimbo. — As maiores autoridades aprovariam essa medida.

— Vi o xerife Bowden algemando McDowell hoje mais cedo — contou Henryson. — Estava batendo nele, mas parecia espantar moscas de cima do homem. Por mais que queira, esse novo xerife não vai aguentar muito tempo.

— Duvido que exista alguém ao norte do inferno que aguente! — exclamou Ross.

Os homens ficaram em silêncio por um tempo, olhando de soslaio, um de cada vez, para McIntyre, que em outros tempos já teria brandido meia dúzia de sermões improvisados ao ouvir aqueles comentários. Mas agora o pastor apenas contemplava o descampado, seu olhar estendendo-se até o horizonte escuro. Desde que voltara, seu silêncio vinha sendo tema de muita especulação entre os homens. Snipes opinou que o pastor tinha passado por alguma experiência que o fizera adotar um voto de silêncio, assim como os monges de muitas eras antes. Stewart retrucou que no passado McIntyre era veementemente contrário a qualquer coisa papista, mas concedeu que talvez a serpente voadora tivesse mudado seu ponto de vista a respeito dessa questão. Henryson achava que o pastor estava esperando alguma revelação específica para voltar a falar.

Ross dizia que talvez McIntyre estivesse apenas com dor de garganta.

Mas ninguém riu ou brincou com essa piada, e o próprio Ross pareceu se arrepender da observação assim que ela saiu de sua boca, pois todos acreditavam, inclusive Ross, o mais cínico, que o pastor leigo estava mesmo irrevogavelmente transformado.

. . .

Mais tarde naquela manhã, depois de serem examinados por um médico vindo de Waynesville, Serena e Pemberton vestiram calça jeans e camisa de algodão que conseguiram encontrar em meio ao que restara no depósito e mandaram um lenhador à cidade para comprar outras roupas e alguns artigos de toalete. Serena reuniu alguns funcionários da cozinha, ordenando-lhes que preparassem para eles dois a casa que Campbell costumava ocupar, enquanto Pemberton saiu para conferir se todos os focos de incêndio remanescentes haviam sido apagados. Enquanto seguia os rastros salteados do fogo, Pemberton percebeu que, apesar de alguns hectares de tocos e galhos terem queimado, nenhuma casa a não ser a dele tinha se perdido. Depois de realizar essas tarefas, ele e Serena se encontraram no escritório.

— Acho que eu deveria percorrer a cordilheira — disse ela —, só para ter certeza de que os cabos não foram danificados.

Pemberton olhou para as contas e faturas em cima da mesa e se levantou.

— Eu vou com você. A papelada pode esperar.

Serena contornou a escrivaninha e pôs uma das mãos, envolvida por ataduras, na nuca de Pemberton. Inclinando-se, beijou-o demoradamente.

— Eu quero você comigo — disse ela —, não só agora de manhã como o dia

inteiro.

Foram até o estábulo e selaram os cavalos. Serena soltou a águia do poleiro e então partiram. O sol do meio-dia brilhava nos trilhos, mas, mesmo sob a luz direta, as junções no metal refletiam um lustro embaçado. Estava na hora de começar a arrancar aqueles trilhos, Pemberton sabia, retirando primeiro os cravos e depois invertendo o trabalho da instalação. Estava ansioso para tirar a camisa e trabalhar com os homens outra vez, mostrando sua força. Parecia ter se passado muito tempo desde que fizera isso pela última vez. Ele agora passava o dia todo no escritório, de olho no dinheiro como um burro de carga na água de um rio. Com Meeks encarregado desse trabalho, ele poderia sair mais, principalmente nas novas instalações.

A cinza ainda quente enegrecia os cascos e as patas dianteiras dos cavalos no percurso pelo vale. Passaram por lenhadores exaustos lavando a fuligem do rosto e dos braços, homens que mais pareciam menestréis tirando a máscara depois de uma apresentação. Ninguém falava nada, o único som vindo das suas tosses secas. As últimas chamas concentravam-se no local onde ficava o cemitério, e nuvens de fumaça ascendiam como se até mesmo as almas dos mortos estivessem abandonando o vale calcinado em busca de um lugar menos inóspito.

Pemberton e Serena seguiram para o ribeirão Rough Fork, indo até o monte Shanty, mas a meio caminho ouviram alguém gritando atrás. Era Meeks, vindo na direção deles. O contador, que nunca tinha andado a cavalo antes de chegar ao acampamento, mantinha as costas encurvadas e a cabeça perto do pescoço da égua. Quando alcançou os Pemberton, ele levantou a cabeça e falou mansamente, sem dúvida com medo de que um tom de voz mais alto pudesse assustar seu animal.

— Galloway ligou — informou ele a Serena.

Serena virou-se para Pemberton.

— Alcanço você em um minuto.

— Não — contestou ele. — Vou esperar.

Serena fitou o rosto de Pemberton por alguns instantes, como se procurasse algum aspecto ali que contradissesse suas palavras. Satisfeita, aquiesceu.

— Pode falar — disse a Meeks.

— Galloway seguiu “os dois”, sejam lá quem forem “os dois”, até Knoxville, e eles não compraram passagens — contou Meeks com certa exasperação. — Mandou dizer também que nenhum trem de carga partiu depois que ele chegou, e que portanto “os dois” com certeza ainda estão lá.

Meeks ergueu-se com cuidado da sela para retirar um pedaço de papel do bolso.

— Ele me passou um número de telefone e disse que a senhora precisava

orientá-lo sobre o que ele deve fazer agora.

— Ligue para ele — ordenou Serena, ignorando o papel oferecido. — Diga que provavelmente eles não conhecem ninguém lá para hospedá-los e não têm dinheiro, então ele deve começar procurando nas redondezas de Knoxville.

— Não sabia que eu também era secretária — resmungou Meeks, antes de começar sua hesitante descida de volta à sede.

Pemberton e Serena não pararam mais até chegar ao alto da montanha. A fumaça dava ao sol uma cor de cobre polido, e a luz ao redor também estava diferente, tingida como um daguerreótipo. Serena descobriu a águia e ergueu o braço esticado em direção ao céu. O pássaro subiu, suas grandes asas batendo como se empurrassem não apenas o ar, mas também a própria terra. Inclinou-se para a esquerda, pegou uma corrente ascendente por um momento e então continuou a subir.

Pemberton olhou para o acampamento, observou a ausência escura no local onde ficava a casa deles. A chaminé tinha desmoronado, mas os degraus continuavam intactos, não parecendo tanto o último escombro de uma casa, mas degraus construídos para um cadafalso. A cadeira de vime em que ele vira McDowell sentado continuava no mesmo lugar, de frente para os degraus.

Serena conduziu o cavalo para mais perto do marido e roçou a perna na dele. Pemberton estendeu o braço e afagou-lhe a coxa. Ela pôs a mão na dele e apertou firme, como se quisesse que a mão do marido deixasse uma marca em sua pele.

— O que vamos fazer com o nosso ex-xerife? — perguntou ela.

— Vamos matá-lo — respondeu Pemberton. — Posso fazer isso se você quiser.

— Não, deixe com Galloway. Assim que ele chegar do Tennessee.

Pemberton olhou para cima e viu que o círculo que a águia desenhava no alto tinha diminuído. O pássaro tinha localizado uma presa.

— O que a águia vai caçar na América do Sul?

— Uma cobra que os nativos chamam de jararaca — respondeu Serena. — Muito mais letal que uma cascavel.

— Quanto às minhas caçadas, acho que não vou ter nenhum leão-da-montanha — refletiu Pemberton —, mas uma onça deve ser um desafio equivalente.

— Um desafio mais à sua altura.

Pemberton espiou os olhos cor de antimônio de Serena, os laivos dourados, depois as próprias pupilas. Há quanto tempo, pensou ele, que não olhava lá dentro, sem coragem de aceitar aquela luz?

— Você está parecendo mais o homem com quem eu me casei do que vinha

sendo há algum tempo — disse Serena.

— O incêndio me lembrou do que realmente interessa.

— Que seria...?

— Só você.

A sombra da águia passou sobre eles. Depois o pássaro mergulhou para a terra, pousando quarenta e cinco metros abaixo. A ave se engalfinhou com sua presa, os guizos da cobra chacoalhando furiosamente, mas logo começando a soar intermitentes.

— Ela já matou quarenta e duas desde o começo de abril — disse Serena. — Eu deveria levá-la até o condado de Jackson, deixá-la matar algumas lá antes que o clima frio espante as serpentes para suas tocas.

Serena tirou o apito de metal do alforje e soprou, tocando o cavalo para a frente. O pássaro alçou voo e com duas grandes batidas de asas subiu no penhasco. Pousou perto dos cavalos, a cascavel cor de poeira pendurada como um pedaço de trapo. O cavalo de Pemberton refugou e deu uns passos para trás, e ele teve que puxar a rédea, mas o árabe estava tão acostumado com a ave e suas caçadas que nem virou a cabeça. A cobra ficou de barriga para cima, e Pemberton viu que o rasgo do bico do pássaro tinha aberto o ventre ao meio, soltando tiras de vísceras arroxeadas. O rabo da serpente ainda chacoalhou debilmente mais um pouco, ficando imóvel depois.

. . .

Só na tarde do segundo dia que Pemberton ouviu o carro de Galloway chegar, sacolejando e resfolegando, no acampamento. Foi até a janela do escritório e o viu sair rígido do carro, um pano de cetim cor de ameixa tapando sua face esquerda. A órbita esquerda estava roxa, e o olho era apenas uma fenda. Galloway seguiu por entre os tocos e galhos, procurando Serena com o olho bom. Ela vinha cavalgando em direção ao acampamento, encerrando o dia. Galloway subiu a encosta para ir ao encontro dela. Sem uma das mãos e com o rosto ferido, parecia que tinha caído de lado em alguma máquina perigosa.

Pemberton voltou a se sentar. Disse a si mesmo para não pensar que o rosto de Galloway pudesse ser um sinal do destino do menino. Obrigou-se a pensar sobre o incêndio, naqueles momentos em que fora engolfado pelas chamas com Serena e como não sabia se iriam viver ou morrer, mas que nada mais importava exceto que eles viveriam ou morreriam juntos. Em poucos minutos o carro de Galloway deu a partida e saiu do vale. Serena entrou no escritório.

— Galloway vai fazer uma visita ao nosso ex-xerife — avisou ela, sem dar explicações sobre os ferimentos dele; tampouco Pemberton perguntou.

Serena fez uma pausa e olhou para as fileiras de pastas empilhadas no canto para a próxima etapa nos negócios.

— Fizemos um bom trabalho aqui — disse ela.

TRINTA E QUATRO

Pelo menos tem montanhas — foi o que Rachel disse a si mesma quando saiu com Jacob da pensão e começou a andar pela rua Madison. Desviou de uma poça d'água. A chuva que tinha caído o dia inteiro prosseguia mesmo enquanto a noite tomava a cidade. Uma brecha entre as construções permitia ver o pico coberto de neve do monte Rainier. Ela parou por um momento e assimilou a paisagem como se saboreasse água fresca de uma nascente em um dia quente.

Lembrou-se da vastidão plana do Meio-Oeste, em especial de uma estação em Kearney, no Nebraska, onde tivera que esperar duas horas para trocar de trem. Ela levara Jacob para dar uma volta na única rua da cidade. As casas logo desapareciam, dando lugar a plantações de trigo e milho debaixo de um céu aberto. Uma paisagem onde nenhuma montanha assomava, oferecendo-se como abrigo ou porto seguro. Ela se perguntou como as pessoas conseguiam viver em um lugar como aquele. Não sentiam que tudo ficava exposto, inclusive o próprio coração?

Rachel encaminhou-se para a cafeteria onde trabalhava das cinco à meia-noite para ganhar vinte centavos a hora lavando louça e limpando as mesas. O Sr. e a Sra. Bjorkland deixavam Jacob ficar em uma colcha no canto da cozinha, e todas as noites a patroa lhe dava sobras de comida para que ela levasse para casa. Rachel passava por muitos homens e mulheres desamparados na rua, e sabia como tinha sorte de ter um emprego, não passar fome e não se vestir com farrapos, ainda mais por estar em Seattle havia menos de um mês.

Assustou-se com a buzina de um automóvel. Ela sabia que mesmo se vivesse o resto da vida ali, jamais se acostumaria com a agitação da vida na cidade, como alguma coisa estava sempre indo e vindo, e independentemente do que fosse essa coisa, ela sempre fazia barulho. Não um barulho tranquilizador, como o som de um riacho, da chuva em um teto de zinco ou do pio triste dos pombos, mas agudo e rascante, sem padrão nenhum, nada que atraísse a mente. Exceto logo de manhã cedo, naqueles momentos antes de a cidade acordar com toda a sua sujeira e ruídos. Ela olhava para as montanhas pela janela, e aquela quietude

a preenchia como um bálsamo medicinal.

Atravessou a rua. Do outro lado, um policial fazia a ronda com um cassetete. Mais adiante no quarteirão, um grupo de homens desanimados fazia fila em frente ao Exército da Salvação, esperando para entrar e comer a refeição, que consistia em feijão e pão branco, e conseguir um colchão fino e encardido para dormir no porão. Uma cabeça coberta de cabelo ruivo e crespo chamou sua atenção na frente da fila. Rachel olhou mais de perto e viu um corpo alto e esbelto, sem gorro, mas usando um casaco de lã preto e azul. Firmou Jacob nos braços e apertou o passo, mas, quando chegou ao local, ele já tinha entrado. *Se é que era ele*; Rachel já estava duvidando do que seus olhos tinham visto — ou não tinham visto. Pensou em entrar também, mas quando se aproximou da porta, vários homens olharam feio para ela.

— O abrigo para mulheres é na rua Pike — resmungou um sujeito sem os dentes da frente.

Rachel olhou para o cinema do outro lado da rua e consultou o grande relógio na marquise: precisava ir logo ou chegaria atrasada ao trabalho. Enquanto seguia seu caminho pela calçada rumo à cafeteria, dizia a si mesma que estava apenas imaginando coisas. Ao passar em frente ao posto Esso, pisou em uma poça de água com gasolina; a mistura dos dois elementos formava um arco-íris oleoso. A chuva começou a ficar mais forte, e Rachel apertou o passo. Chegou à porta da cafeteria no exato momento em que o céu despencou, a chuva tão forte que ela não conseguia ver o outro lado da rua.

— Deixe que eu seguro Jacob enquanto você tira o casaco — disse a Sra. Bjorkland quando ela entrou.

O Sr. e a Sra. Bjorkland pronunciavam “Jacob” dando mais ênfase à primeira sílaba, assim como faziam ao dizer “Rachel”. Os nomes ficavam mais delicados daquela forma, e parecia certo para Rachel que os Bjorkland falassem daquela maneira, pois combinava com o tipo de gente que eram.

— Tome, para você se enxugar — orientou a Sra. Bjorkland, botando uma toalha no ombro de Rachel.

A jovem foi para a cozinha e acomodou Jacob na colcha, depois abriu a bolsa, pegou o trenzinho de brinquedo e o deixou ao lado do filho. Quando estava para fechar a bolsa, viu o pedaço de papel dobrado com um número de telefone e um endereço. Desdobrou-o e observou a letra pequena e precisa, que não se esperaria de um homem como ele. O que seria possível sentir por alguém que só esteve ao seu lado umas seis ou sete horas?, refletiu ela. Não se poderia chamar de amor, mas Rachel sabia que sentia algo que ia além da gratidão. Lembrou-se de como tinha discado para aquele número noite após noite sem obter resposta, até, por fim, a telefonista ter entrado na linha e dito que a pessoa com quem ela

queria falar tinha falecido. Segurou o papel na mão por mais um tempo antes de jogá-lo na lixeira. Olhou para Jacob. Depois que eu morrer, disse a si mesma, pelo menos haverá mais alguém no mundo que sabe o que o xerife McDowell fez por nós.

Trocou a fralda de Jacob e lhe deu a mamadeira com leite, que, ela sabia, logo iria escorregar de sua boca. Pegou o avental de pano do prego na parede onde ficava pendurado e o amarrou na cintura. Fez uma pequena pausa, sentindo o calor da cozinha, percebendo certa placidez no local. Um lugar quente e seco para se refugiar em um dia de chuva, o aroma de comida e a respiração lenta e suave de uma criança pequena adormecendo. *Um porto seguro*, disse Rachel a si mesma, e ao falar essas palavras lembrou-se da professora Stephens descrevendo Seattle ao apontar para o lado mais distante do brilhante mapa.

O Sr. Bjorkland entrou pela porta vaivém.

— Prepare a água de lavar pratos — disse ele. — As noites de sábado são as piores, o dinheiro que você ganhar esta noite vai ser suado.

Então teve início a confusão de sons das panelas e frigideiras quando o Sr. Bjorkland pôs-se a preparar a cozinha para o primeiro pedido. Rachel fitou Jacob: já estava de olhos fechados. Logo estaria dormindo, apesar do barulho dos recipientes, dos gritos dos pedidos e de toda a agitação do lugar.

TRINTA E CINCO

Foi a equipe de Snipes que cortou a última árvore. Quando uma nogueira de dez metros de altura sucumbiu à serra horizontal de Ross e Henryson, o vale e as cordilheiras pareciam um grande animal tosquiado. Os homens juntaram seus serrotes e cunhas, suas marretas e machados. Pararam por um momento, depois desceram o monte Shanty por um caminho sinuoso. Era outubro, e os macacões multicoloridos dos lenhadores pareciam ter sido remendados com as últimas folhas do vale.

Quando chegaram ao sopé, pararam ao lado do ribeirão Rough Fork para descansar, preparando-se para mais oitocentos metros até o acampamento. Stewart se ajoelhou ao lado do córrego, ergueu a mão com água, levou-a até os lábios e cuspiu.

— Tem gosto de barro.

— Esse riacho já teve a água mais gostosa de toda esta região — disse Ross. — Com as castanheiras da nascente, a água ficava com um sabor doce que nem mel.

— Daqui a pouco não vai ter mais nenhuma castanheira nestas montanhas — observou Henryson —, nem uma gota de água que seja tão doce assim.

Ninguém falou mais nada por um tempo. Um bando de pintassilgos revoou acima, seguindo para o sul, suas penas brilhantes contrastando com a terra do vale. Voaram mais baixo, e o bando se contraiu, talvez por conta da lembrança de como era antes o local. Por alguns segundos pareceram suspensos no ar, depois se espalharam como um tecido dourado se desdobrando. Circularam o vale antes de desaparecer atrás do monte Shanty, com uma passagem tão efêmera por aquela terra desolada como a luz de uma vela iluminando um abismo.

— O xerife McDowell era um bom homem — comentou Stewart.

Ross concordou com a cabeça. Pegou tabaco e papel e começou a enrolar um cigarro.

— Acho que nunca mais vamos conhecer sujeito melhor que ele.

— Deus sabe que é verdade — concordou Snipes. — Ele nunca arredou pé,

mesmo quando homem algum resistiria assim. Lutou contra eles até o fim.

Um sorriso divertido se formou nos lábios de Henryson. Ele assentiu, olhando para o oeste, em direção ao Tennessee, e falou com brandura:

— E pensar que os únicos que conseguiram escapar deles foram uma garota de dezoito anos e uma criança. Isso é o que mais me espanta.

Ross ergueu o olhar do cigarro.

— Faz até a gente pensar que Deus olha aqui para baixo de vez em quando.

— Então é certo que eles conseguiram fugir? — perguntou Stewart.

— Galloway não foi mais atrás deles — disse Henryson. — A luz da casa dele já está acesa faz duas semanas, e eu mesmo encontrei com ele ontem de noite no depósito.

— Ele não quis explicar como arrebentou a cara daquele jeito, não é? — perguntou Snipes.

— Não, não quis, e ninguém se animou muito a perguntar.

Henryson examinou o riacho enlameado por alguns instantes antes de se virar para Ross.

— Esse ribeirão também era cheio de trutas. Mais de uma vez eu e você pescamos o nosso almoço aqui. Agora não se pega nem lambari.

— Tinha a caça também — disse Ross. — Veados, coelhos e quatis.

— Esquilos e ursos, castores e linces — acrescentou Henryson.

— E panteras — completou Ross. — Vi uma dez anos atrás nesse mesmo riacho, mas depois, nunca mais encontrei nenhuma.

Ross parou de falar e acendeu o cigarro. Deu uma forte tragada e soltou a fumaça em lentos volteios pela boca.

— E eu contribuí para isso acontecer.

— Tínhamos que sustentar nossas famílias — disse Henryson.

— É, tínhamos — concordou Ross. — Fico pensando é como vamos continuar sustentando nossas famílias quando todas as árvores já tiverem sido cortadas e não restar mais trabalho a ser feito.

— Pelo menos as criaturas que sobrarem só vão ter um lugar para se esconder — disse Henryson.

— Está falando do parque? — perguntou Stewart.

— Sim, senhor. O problema é que não vão deixar a gente ficar lá com eles.

— Disseram a um tio meu que mora na serra de Horsetrough que ele vai ter que sair das terras que ocupa até a próxima primavera — disse Stewart —, e ele está mais longe da Carolina do Norte do que a gente aqui agora.

— Tirar as pessoas para botar as cobras no lugar — disse Ross. — Que doideira.

Snipes, que ouvia com atenção, mas sem fazer comentários, botou os óculos e

olhou em direção ao vale.

— Parece aquelas terras da França em que a gente estava quando os chefões disseram que não precisava mais lutar. Tenho a mesma sensação.

— Que tipo de sensação? — perguntou Henryson.

— Teve tanta morte e destruição que a terra nunca mais vai conseguir viver de novo. Mesmo para quem não estava por perto quando tudo aconteceu, o peso será o mesmo. Será como tentar viver num cemitério.

Ross aquiesceu.

— Eu só estive lá por três meses, quando a guerra já estava acabando, mas você tem razão. A sensação que dá é de que a terra do lugar morreu com os homens que faleceram ali.

— Essa eu perdi — confessou Henryson. — Essa guerra, quero dizer.

— Não se preocupe — disse Snipes. — Daqui a pouco tem outra. Com isso todo filósofo e historiador concorda. Tem um sujeito na Alemanha que pelo visto está doido para botar fogo na Europa, e assim que acabarem com ele vai surgir outro para ocupar o lugar.

— É sempre assim — concordou Ross.

Stewart olhou para McIntyre.

— O que acha, pastor?

Os outros se viraram para McIntyre. Não esperavam que ele respondesse, mas talvez vissem algum sinal de reconhecimento na expressão do homem. O pastor ergueu os olhos e contemplou a terra devastada à sua frente, onde não havia um único ser vivo se mexendo. Os outros também olharam para o resultado daquele trabalho e ficaram em silêncio. Quando McIntyre falou, sua voz não tinha nenhuma estridência, mas soou tão solene, humilde e profunda que todos ficaram atentos:

— Acho que é assim que vai ser o fim do mundo.

E nenhum deles ergueu a voz para discordar.

TRINTA E SEIS

Na noite seguinte, Pemberton e Serena se vestiam para a festa de aniversário de trinta anos de Pemberton. A maior parte da mobília já tinha sido embalada e mandada para o condado de Jackson. Quando ele foi até o guarda-roupa, seus passos reverberaram por todos os aposentos da casa. Uma dúzia de trabalhadores permanecia no acampamento: Galloway, uns funcionários da cozinha e os homens que retiravam os trilhos a serem reutilizados no condado de Jackson. O vale transpirava um silêncio quase audível.

— Onde Galloway tem andado esses últimos dias? — perguntou Pemberton.

— Trabalhando, mas você não pode saber por onde ou por quê.

Serena foi até o guarda-roupa e pegou o vestido verde que tinha usado no jantar dos Cecil.

Pemberton sorriu.

— Achei que não tivéssemos segredos.

— Não temos — confirmou Serena. — Tudo será revelado ainda esta noite.

— Na festa?

— Sim.

Serena colocou o vestido pela cabeça, deixou a seda ondular lentamente e alisou o tecido sobre sua pele nua com a mão para desfazer os amassados. Com o rápido afago das mãos dela, ele sucumbiu às curvas de seu corpo.

Pemberton postou-se em frente ao espelho para fazer o nó da gravata. Enquanto examinava o resultado do seu trabalho, viu o reflexo de Serena no vidro. Estava atrás dele, um pouco à esquerda, observando-o. Ele ajeitou o nó e foi até a cômoda pegar as abotoaduras. Serena ficou onde estava, olhando para seu reflexo no espelho, agora sozinha dentro da moldura oval. Seu cabelo tinha crescido no ano anterior, chegando até os ombros, mas naquele dia estava trançado no alto da cabeça, revelando uma brancura vívida na nuca. Pemberton olhou o relógio e lamentou que já estivesse quase na hora de receber os convidados. Mais tarde, pensou ele, posicionando-se atrás dela. Ele pôs a mão esquerda na cintura da esposa e roçou os lábios na brancura de seu pescoço.

— Apenas duas semanas atrás foi o seu — disse Pemberton. — O seu aniversário de trinta anos, quero dizer. Sempre gostei do fato de nossos aniversários serem tão próximos.

Pemberton se aproximou para enquadrar os dois rostos no espelho. O tecido verde era macio ao seu toque.

— Você gostaria que tivéssemos nascido no mesmo dia também? — perguntou Serena.

Pemberton sorriu, ergueu a mão e tocou o seio direito dela. Eles poderiam se atrasar alguns minutos. Afinal, a festa era dele.

— Por que desejar ainda mais? — indagou ele. — Estarmos juntos é o suficiente.

— Será mesmo, Pemberton?

As palavras foram enunciadas de uma maneira fria e cética que o surpreendeu. Por um momento ele teve a impressão de que Serena ia dizer algo mais, mas ela se manteve calada. Desvencilhou-se do seu abraço e o deixou sozinho em frente ao espelho.

— Está na hora de irmos receber nossos convidados — disse ela.

Pemberton esvaziou seu copo de uísque e voltou a enchê-lo, bebendo de um gole só. Deixou o copo vazio na mesa de cabeceira e eles saíram para a noite do início de outono. Mais adiante na via férrea, homens arrancavam cravos com pés de cabra, gemendo e grunhindo ao erguer os trilhos de cento e sessenta quilos até o vagão de carga. Pemberton olhou para mais além, para onde só restavam cruzes de madeira, algumas enegrecidas pelo fogo, outras não. Combinavam tão bem com a paisagem que mal se podia distingui-las. Pemberton lembrou-se de ter ajudado a assentar aqueles mesmos dormentes, e teve uma súbita sensação de ver o tempo andar para trás. O mundo ficou embaçado, e lhe pareceu possível que os dormentes fossem virar tocos e se transformar em árvores outra vez, os galhos cortados subindo e se tornando ramos vivos. Até mesmo a brisa escura espalhando as cinzas poderia recuar no tempo para se transformar em folhas verdes e cinzentas e em gravetos marrons.

— O que houve? — perguntou Serena quando ele oscilou um pouco.

Ela o segurou pelo braço e o tempo se acertou, fluindo no sentido apropriado.

— Acho que tomei aquele uísque muito depressa.

O trem chegou ao acampamento. Pemberton e Serena se aproximaram dos trilhos e receberam os convidados que desciam do vagão de passageiros. Beijos e apertos de mão foram trocados, e anfitriões e convidados se encaminharam para o prédio do escritório. Entre os recém-chegados estava a Sra. Lowenstein, que não era esperada. Pemberton notou sua magreza e palidez, os olhos fundos nas órbitas acentuando o crânio que parecia grande demais sob a pele tesa,

esticada. Dez cadeiras haviam sido dispostas ao redor da mesa. Os Salvatore e os De Man se sentaram em frente aos Lowenstein e aos Calhoun, e Serena e Pemberton nas cabeceiras.

— Que mesa impressionante — comentou a Sra. Salvatore. — Parece ser um único pedaço maciço de madeira. Isso é possível?

— Sim, um único pedaço de castanheira — explicou Pemberton. — Cortada a pouco mais de um quilômetro daqui.

— Não imaginava que existisse uma árvore tão grande — disse a Sra. Salvatore.

— A nossa Companhia Madeireira vai encontrar árvores ainda maiores no Brasil — afirmou Serena.

— Foi o que a senhora nos mostrou — concordou Calhoun, abrindo os braços para mostrar que se referia a todos ali à mesa. — E, devo dizer, de uma forma bem convincente.

— Realmente — disse o Sr. Salvatore. — Sou um homem cauteloso, principalmente nestes tempos de depressão, mas o seu empreendimento no Brasil é o melhor investimento que encontrei desde a Sexta-Feira Negra.

Os funcionários da cozinha que ainda permaneciam no local entraram no salão, servindo como garçons e também como barmen. Usavam trajes recém-lavados, mas eram os mesmos do dia a dia. Os investidores preferiam gastar dinheiro cortando árvores, não comprando finezas para funcionários, argumentava Serena. O jantar foi igualmente austero, rosbife com batatas, abobrinha e pão. Pemberton havia mandado uma equipe para pescar trutas para os canapés, mas os homens voltaram dos riachos sem peixes, dizendo que não restavam trutas no vale nem nas cordilheiras mais próximas. Somente o vinho Chardonnay francês e o puro malte Glenlivet sinalizavam alguma riqueza — isso e uma caixa de charutos Casamontez exposta no centro da mesa.

— Precisamos fazer um brinde ao aniversariante — anunciou Calhoun quando as bebidas foram servidas.

— Primeiro, um brinde à nossa sociedade — disse Pemberton.

— Então vá em frente, Pemberton — reforçou Calhoun.

— Passo a palavra à minha esposa — replicou Pemberton. — A eloquência dela supera a minha.

Serena ergueu a taça de vinho.

— A sociedades e a tudo que for possível — brindou Serena. — O mundo está maduro, e vamos colher seus frutos como se fossem maçãs de uma árvore.

— Pura poesia! — exclamou Calhoun.

Eles jantaram. Pemberton tinha bebido com moderação durante as últimas semanas, mas naquela noite queria sentir toda a exuberância proporcionada pelo

álcool. Além do uísque que tomara em casa, virou sete copinhos de scotch antes de o bolo de aniversário ser posto na sua frente, as trinta velinhas acesas sobre um bolo de chocolate de quatro camadas que precisou ser carregado por dois homens. Pemberton se surpreendeu com a extravagância do gesto de Serena. Os funcionários da cozinha dispuseram dez pratinhos e uma faca ao lado direito do bolo. Serena dispensou os serviçais após o café ter sido servido e passou os charutos ao redor.

— Um bolo digno de um rei — disse Lowenstein, com admiração, quando as velas bruxuleantes do bolo envolveram o rosto de Pemberton com um brilho dourado.

— Faça um desejo antes de apagar as velas — exigiu Calhoun.

— Não preciso fazer nenhum desejo — respondeu Pemberton. — Não há nada mais que eu queira.

Ele olhou para as velas, e o movimento oscilante das chamas provocou um desconforto momentâneo em seu estômago. Inspirou profundamente e soprou, tendo que soprar mais duas vezes até que a última vela se apagasse.

— Mais um brinde ao homem que já tem tudo — disse Calhoun.

— Sim, um brinde — concordou Lowenstein.

Todos ergueram os copos e beberam um gole, menos Serena.

— Eu discordo — disse Serena quando todos abaixaram os copos. — Há uma coisa que meu marido ainda não tem.

— E o que seria? — perguntou a Sra. De Man.

— A pantera que ele sempre quis caçar nestas montanhas.

— Ah, tarde demais — disse Pemberton, olhando para as velas apagadas e fingindo desapontamento, zombeteiramente.

— Talvez não — retrucou Serena. — Galloway passou a semana passada rastreando a sua pantera e conseguiu encontrá-la.

Serena fez um sinal na direção da porta do escritório, de onde Galloway tinha surgido.

— Não é mesmo, Galloway?

O montanhês aquiesceu, e Pemberton parou no meio do gesto de cortar o bolo.

— Onde? — perguntou ele.

— Em Ivy Gap — respondeu Serena. — Galloway a atraiu com carcaças de veado até uma clareira, bem perto do limite do parque. Três noites atrás, a pantera apareceu e comeu uma das carcaças. Amanhã deve estar com fome de novo, e dessa vez você vai estar esperando por ela.

Serena virou-se para Galloway, e nisso Pemberton percebeu a presença de uma figura minúscula, com um gorro de cetim preto, atrás de Galloway, no vestíbulo.

— Pode trazê-la — disse Serena.

Quando mãe e filho entraram na sala, a mão enrugada da anciã agarrou o pulso esquerdo de Galloway, escondendo o toco como que para dar a ilusão de que a mão na extremidade do braço do filho era a dele e não a dela. Seus tamancos de cedro ressoaram no assoalho de madeira. Ela usava o mesmo vestido preto em que Pemberton a vira dois anos antes.

— Um entretenimento para os nossos convidados — anunciou Serena.

Todos à mesa se viraram para a anciã, observando-a entrar na sala a passos incertos. Serena colocou uma cadeira ao lado do marido e fez sinal para Galloway acomodar sua mãe ali. Ele ajudou-a a se sentar. Ela tirou o gorro de cetim e o entregou ao filho, que continuou de pé ao seu lado. Era a primeira vez que Pemberton tinha uma visão clara do rosto da velha. Parecia uma casca de noz, seca, com suas rugas profundas e sinuosas. Os olhos fitavam à frente, nublados pela mesma cor azul leitosa de antes. Galloway, com o gorro na mão, afastou-se e recostou-se na parede.

Calhoun, com o rosto afogueado pelo álcool, foi quem finalmente rompeu o silêncio:

— Que tipo de entretenimento? Não estou vendo banjos nem saltérios. Será uma balada à capela, à moda antiga? Ou talvez um conto folclórico?

Calhoun se inclinou na direção da esposa e cochichou alguma coisa no ouvido dela. Os dois olharam para a velha e riram.

— Ela vê o futuro — explicou Serena.

— Que maravilha! — exclamou Lowenstein, virando-se para a esposa. — Não vamos mais precisar do nosso corretor na bolsa, querida.

Todos à mesa riram, menos a própria velha e Serena. Quando os risos arrefeceram, a Sra. Lowenstein levou um lenço roxo aos lábios.

— Os talentos da Sra. Galloway são de natureza mais pessoal — informou Serena.

— Cuidado, Lowenstein — advertiu Calhoun. — Ela pode prever que você vai ser preso por sonegação de impostos.

Mais uma vez as risadas preencheram a sala, mas a anciã se manteve imperturbável às chacotas; cruzou os dedos e pôs a mão em cima da mesa. Veias azuis formavam uma teia em sua pele frouxa; suas unhas eram quebradiças e amareladas, mas aparadas com esmero. Pemberton sorriu ao imaginar Galloway ajoelhado aos pés da velha, aparando unha por unha.

— Quem quer ser o primeiro? — perguntou Serena.

— Ah, eu, por favor — pediu a Sra. Lowenstein. — Preciso mostrar a palma da minha mão ou ela tem uma bola de cristal?

— Faça a sua pergunta — disse Serena, seu sorriso diminuindo.

— Muito bem. Minha filha vai se casar logo?

A anciã virou-se na direção da voz da Sra. Lowenstein e aquiesceu lentamente.

— Que maravilha! — exclamou a Sra. Lowenstein. — Casarei minha filha afinal. Achei que Hannah iria esperar até eu estar debaixo da terra.

A Sra. Galloway olhou na direção da Sra. Lowenstein por alguns instantes e então falou:

— Eu só disse que ela vai se casar logo.

Um desconfortável silêncio pairou sobre a mesa. Pemberton tentou encontrar um gracejo para restaurar a leveza, mas o álcool tinha embaçado seus pensamentos. Serena olhou-o nos olhos, mas não ofereceu ajuda alguma. Finalmente, o Sr. De Man, que tinha falado pouco a noite toda, foi quem tentou diminuir a tensão:

— E quanto a Pemberton? Estamos aqui para comemorar o aniversário dele. Ele deveria saber sobre o próprio futuro.

— Sim — concordou Serena. — Pemberton deve ser o próximo. Inclusive tenho a pergunta perfeita para ele.

— E que pergunta é essa, minha querida? — indagou Pemberton.

— Pergunte a ela como você vai morrer.

A Sra. Salvatore deixou escapar um leve *ah*, o olhar se alternando entre o marido e a porta, pela qual ela parecia prestes a sair correndo. Lowenstein pegou a mão da mulher, franzindo a testa. Parecia querer dizer alguma coisa, mas Serena falou primeiro:

— Vamos, Pemberton. Para entreter os nossos convidados.

Salvatore levantou-se da cadeira.

— Talvez esteja na hora de voltarmos para Asheville — comentou ele, mas Pemberton levantou a mão e fez um gesto para que ele voltasse a se sentar.

— Muito bem — disse Pemberton, erguendo o copo e abrindo um sorriso confiante para seus convidados. — Mas antes vou terminar o trago do meu drinque. Um homem deve estar com um copo na mão ao enfrentar sua morte.

— Bem pensado — disse Calhoun —, um homem que sabe como encarar seu destino, com a barriga cheia de um bom scotch.

Os outros sorriram ante a observação de Calhoun, inclusive Salvatore, que voltou a se recostar na cadeira. Pemberton esvaziou o copo e o colocou na mesa, com tanta força que fez a Sra. Salvatore dar um pulo de susto.

— E então, como vou morrer, Sra. Galloway? — perguntou Pemberton, suas palavras já começando a embolar. — Será por um tiro? Talvez uma faca?

Galloway, que até então estava olhando pela janela, fixou os olhos na mãe.

— Uma corda é o mais provável para um patife como você — gracejou

Calhoun, provocando mais risadas.

A anciã virou a cabeça na direção de Pemberton.

— Nem tiro nem faca — respondeu ela. — Nem uma corda no pescoço.

— Isso é um alívio — disse Pemberton.

Com exceção dos Salvatore, os convidados riram polidamente.

— O que matou meu pai foi o fígado — comentou Pemberton.

— Também não vai ser seu fígado — contestou a Sra. Galloway.

— Então, por favor, diga: o que vai me matar?

— Não existe nada que possa matar um homem como o senhor — respondeu a Sra. Galloway, empurrando a cadeira para trás.

Galloway ajudou a mãe a se levantar, e naquele momento Pemberton percebeu que era tudo uma brincadeira. Os outros também perceberam. A Sra. Galloway pegou no braço do filho, saiu andando devagar pela sala e desapareceu no corredor escuro. Pemberton ergueu o copo na direção de Serena.

— Esplêndida resposta, a melhor que qualquer homem poderia esperar — comemorou ele. — Um brinde à minha esposa, que sabe pregar uma peça melhor do que ninguém.

Pemberton percorreu a mesa com o olhar e sorriu para Serena enquanto os convidados riam e batiam palmas. O álcool tinha deixado a imagem de todos na sala embaçada, menos, por alguma razão, a de Serena. Aliás, ela parecia até mais destacada, seu vestido vívido e cintilante. *Sempre verde*. As palavras lhe ocorreram, embora não soubesse dizer por quê. Lembrou-se da sensação de tocar os lábios na palidez de seu pescoço nu e desejou que os convidados já tivessem ido embora. Pois assim nem precisaria esperar: deitaria Serena na mesa de castanheira e tiraria seu vestido ali mesmo. Por alguns instantes pensou em fazer isso apesar das pessoas ali, e dar um bom motivo para os chiliques da Sra. Salvatore.

Todos ergueram os copos e beberam. Calhoun, que tinha bebido quase tanto quanto Pemberton, enxugou uma gota de scotch do queixo antes de servir-se de mais uma dose.

— Devo admitir — disse a Sra. Calhoun — que, pelo jeito daquela senhora, por alguns minutos quase acreditei que ela pudesse *mesmo* ver o futuro.

— Ela incorporou bem o papel — concordou o marido. — Nem a sombra de um sorriso em momento algum.

Pemberton pegou o relógio do bolso e abriu a tampa sem nem disfarçar. Os ponteiros tremulavam como a agulha de uma bússola, obrigando-o a aproximá-lo mais dos olhos.

— Foi uma noite maravilhosa — comentou ele —, mas está na hora de terminarmos nossa celebração se quiserem chegar à estação a tempo de pegar o

trem para Asheville.

— Mas antes você precisa abrir seu presente — lembrou Serena. — Galloway pode ligar para a estação de Waynesville e pedir para esperarem.

Serena então tirou de sob a mesa uma caixa de papelão em forma de um comprido cilindro. Entregou a caixa a Pemberton. Ele abriu a tampa, retirando lentamente lá de dentro uma espingarda. Segurou a arma pela coronha e a mostrou a todos.

— Um rifle Winchester 1895 — disse Serena —, só que personalizado, como podem ver pela madeira, pelo gatilho e acabamento de ouro. E pelos arabescos, é claro. É a arma preferida por todos nas Rochosas para caçar leões-das-montanhas.

Pemberton pegou o rifle e passou a mão pelo verniz da madeira.

— Já ouvi falar dessa arma — disse ele. — É a que Roosevelt chamava de "O Melhor Remédio".

— Uma pena Teddy não tê-la usado em si mesmo — observou Calhoun.

— Sim, mas quem sabe... — replicou Pemberton, apontando o rifle para a janela e fingindo desapontamento quando apertou o gatilho e ouviu apenas um clique. — Talvez aquele primo dele apareça por aqui e eu acerte um tiro nele.

Pemberton passou a arma para o Sr. Salvatore. O presente circulou lentamente pela mesa, as mulheres o segurando na palma das mãos como se fosse uma travessa, com exceção da Sra. De Man, que o manipulou da mesma forma que fizeram os homens, balançando a cabeça como um gesto de aprovação à firmeza e ao equilíbrio do rifle.

— Os arabescos são muito bonitos, Sra. Pemberton — disse o Sr. Lowenstein —, mas não reconheci a figura.

— É o escudo de Aquiles.

— Uma arma dessas seria muito eficiente contra nossos ursos-pardos em Quebec — observou a Sra. De Man, passando a arma ao marido.

Pemberton encheu seu copo mais uma vez, derramando scotch na mesa ao fazê-lo. Quando o rifle voltou às suas mãos, ele o pousou no chão, apoiado na mesa.

— Primeiro vou matar o meu leão-da-montanha — gabou-se —, depois uma onça.

— Brasil — ponderou Lowenstein. — Que aventura para vocês dois.

— É mesmo — disse Calhoun. — Tantas florestas que apenas uma vida não seria suficiente para explorá-las.

Pemberton fez um gesto de repúdio com a mão.

— Com apenas uma vida eu e a Sra. Pemberton vamos cortar todas as árvores do mundo, não só as do Brasil.

Dentro da sua cabeça as palavras pareciam nítidas, mas ele sabia que tinha sido um enorme esforço pronunciá-las. Vogais e consoantes se enroscaram e travaram como engrenagens díspares, sua voz irremediavelmente arrastada.

Salvatore fez um sinal com a cabeça para a esposa e se levantou.

— É melhor irmos. Nosso trem para Chicago sai amanhã cedo.

Os demais convidados também ficaram de pé e se despediram, se encaminhando para sair da sala. Pemberton tentou se levantar da cadeira, mas a sala começou a girar. Voltou a se sentar, focou os olhos e viu Serena ainda sentada à sua frente, a mesa entre os dois.

— Você os acompanha até o trem? — perguntou Pemberton. — Acho que eu não consigo.

Serena o olhou com firmeza.

— Eles sabem o caminho, Pemberton — disse ela.

A sala oscilava devagar, para a frente e para trás, não tanto quanto em sua tentativa de se levantar, mas a ponto de obrigá-lo a se segurar na beirada da mesa, sentindo a textura lisa da madeira nas mãos. Segurou com mais força. Foi envolvido por uma imagem quase onírica de estar sozinho em um vasto oceano, agarrado a um pedaço de madeira enquanto era atingido por ondas, e então se deixou levar.

TRINTA E SETE

Na manhã seguinte, Pemberton acordou com a pior ressaca de sua vida. Era cedo, mas a pouca luz que entrava pela janela ferroava seus olhos. Sua língua parecia recoberta por uma camada de pó que havia se liquefeito em seu estômago. A noite anterior lhe surgiu à mente em uma série de imagens embaçadas que passaram diante dele como vagões que traziam uma carga indesejada.

Serena ainda estava dormindo. Pemberton virou-se para o outro lado e fechou os olhos, mas não conseguiu pegar no sono outra vez. Ficou esperando, não vendo, mas sentindo o sol aos poucos iluminar o quarto. Depois de algum tempo, Serena se mexeu ao seu lado, o quadril nu roçando nele. Pemberton não conseguia lembrar se eles tinham feito sexo na noite anterior, nem como tinha voltado para casa. Virou-se e olhou para a esposa com olhos turvos.

— Sinto muito — desculpou-se ele.

— Sente por quê?

— Por ter bebido demais ontem à noite.

— Era o seu aniversário, você estava comemorando — disse ela. — Não é nenhum crime.

— Mas pode ter nos custado alguns investidores.

— Duvido muito, Pemberton. Lucros são mais importantes que traquejos sociais.

Serena ergueu o torso, sentando-se. A coberta caiu, e ele viu as costas esguias e macias e o triângulo difuso na base do quadril da esposa. Ela estava de frente para a janela, a luz da manhã tremulando sobre seu perfil. A claridade o fez apertar os olhos injetados, mas ele não desviou o olhar dela. Como qualquer outra coisa que não ela pode ter importado?, perguntou-se Pemberton. Ele a pegou pelo pulso quando ela fez menção de sair da cama.

— Ainda não — pediu ele suavemente.

Ele se aproximou para passar o outro braço pela cintura de Serena. Encostou o rosto em sua lombar, fechou os olhos e inalou seu perfume.

— Você precisa se levantar — avisou Serena, desvencilhando-se dele e saindo da cama.

— Por quê? — perguntou ele, abrindo os olhos. — É domingo.

— Galloway disse para estar pronto às onze — replicou ela, vestindo a calça e a jaqueta de montaria. — O leão-da-montanha está esperando por você.

— Eu tinha esquecido — disse Pemberton, sentando-se devagar. O quarto se inclinou por uns instantes, depois voltou a se endireitar.

Ele saiu da cama e se encaminhou ao guarda-roupa, ainda zonzo. Pegou a calça de sarja e as meias de lã da prateleira e tirou a jaqueta de caça do cabide. Jogou tudo na cama, depois retirou as pesadas botas de caça do armário do corredor antes de se sentar ao lado de Serena, que estava vestindo os culotes. Fechou os olhos, tentando deter a dor de cabeça que a luz da manhã tinha intensificado.

— E você vai ficar bem aqui sozinha? — perguntou Pemberton, os olhos ainda fechados enquanto falava.

— Claro, só preciso verificar o que sobrou na cozinha e no depósito para mandar colocar no trem. Mas antes vou sair com a águia, uma última caçada antes de ir embora deste lugar.

Serena se levantou, olhando para a porta enquanto falava.

— Preciso ir.

Pemberton pegou a mão dela e a segurou por um instante.

— Obrigado pelo rifle e pela festa.

— De nada — respondeu ela, puxando a mão. — Espero que encontre a sua pantera, Pemberton.

Quando ela saiu, ele pensou em ir até o refeitório para tomar café da manhã, mas seu estômago argumentou em contrário. Vestiu-se por inteiro, faltando só as botas, mas deitou um pouco mais na cama e fechou os olhos. Apenas por alguns minutos, pensou ele, mas só acordou quando Galloway bateu na porta.

Ele gritou que sairia em dez minutos e foi até o banheiro. Encheu uma bacia de água gelada e mergulhou a cabeça inteira, mantendo-a submersa o quanto aguentou. Tirou a cabeça e repetiu o processo. A água gelada ajudou. Ele se enxugou com a toalha e penteou o cabelo para trás, depois escovou os dentes, também para diminuir o cheiro nauseante do próprio hálito. Encontrou aspirinas na cesta de medicamentos, tomou duas, fechou o frasco e o guardou no bolso. Quando estava prestes a sair, viu o próprio reflexo no espelho. Seus olhos estavam vermelhos e sua pele já tivera dias melhores, mas só o fato de estar de pé e ativo era uma vitória, considerando como se sentia mais cedo. Ele pegou a jaqueta na cama e foi até a sala, onde o novo rifle o esperava apoiado na lareira. Ele não se lembrava de tê-lo deixado ali na noite anterior, nem de receber a caixa

de balas de calibre .35 que estava ao lado da arma.

— Ouvi dizer que foi uma noitada e tanto — disse Galloway quando Pemberton saiu para o alpendre, o rosto crispado sob a luminosidade da manhã sem nuvens.

Pemberton ignorou o comentário de Galloway, concentrando sua atenção na caminhonete de Frizzell, estacionada ao lado do depósito. O fotógrafo tinha montado seu tripé na via férrea agora sem trilho no local onde costumava ficar o trator com guincho, a câmera apontada não para algum lenhador morto ou vivo, mas para o próprio vale devastado. Frizzell estava arqueado debaixo do pano preto, alheio ao fato de que Serena, a cavalo e com a águia na aba da sela, cavalgava em sua direção.

— Que diabo ele está fazendo? — perguntou Pemberton.

— Não faço ideia, mas parece que a sua mulher vai descobrir — respondeu Galloway, olhando para o céu. — Precisamos ir logo. Já estamos saindo tarde.

— Vá indo para o carro — disse Pemberton, entregando-lhe o rifle e a caixa de balas. — Vou descobrir o que está acontecendo.

Pemberton estava a caminho do depósito quando Frizzell saiu de sob o pano, piscando como se estivesse acordando ao falar com Serena. Pemberton passou pelo escritório agora vazio — até as janelas já tinham sido transportadas para as novas instalações. A porta estava entreaberta; algumas folhas trazidas pelo vento se espalhavam lá dentro.

— O secretário Albright encomendou uma foto da devastação que deixamos na terra — disse Serena a Pemberton quando ele a alcançou. — Mais uma forma de justificar o parque.

— Esta terra ainda é nossa por mais uma semana — afirmou Pemberton a Frizzell. — Você a está invadindo.

— Mas ela acabou de dizer que eu posso tirar quantas fotografias quiser — argumentou Frizzell.

— Por que não, Pemberton? — perguntou Serena. — Estou satisfeita com o que fizemos aqui. Você não?

— Sim, estou, mas acho que o Sr. Frizzell deve nos agradecer nos dando uma foto.

Frizzell franziu a testa, surpreso.

— Disso? — perguntou o fotógrafo, apontando para o vale, a palma da mão erguida para cima.

— Não, uma foto nossa — explicou Pemberton.

— Achei que eu tivesse deixado claro o que penso sobre essas coisas na casa dos Vanderbilt — disse Serena.

— Não um retrato, só uma fotografia.

Ela não respondeu.

— Só dessa vez — insistiu Pemberton. — Não temos nenhuma foto de nós dois juntos. Considere isso um último presente de aniversário.

Por alguns instantes Serena não falou nada. Depois alguma coisa em seu semblante relaxou, mais cedendo do que aceitando, o que Pemberton primeiro interpretou como resignação, mas depois viu que estava mais para tristeza. Lembrou-se das fotos que ela deixara queimando na casa do Colorado e ponderou, por mais que ela negasse o passado, se uma parte dela ainda se lamentava por aquelas imagens perdidas.

— Tudo bem, Pemberton.

Frizzell retirou o negativo antigo, com o qual tirou a última foto, da sua película de metal protetora e colocou um novo na câmera.

— Vamos precisar de uma paisagem de fundo menos melancólica. Para isso terei que mudar o equipamento de lugar — disse Frizzell, irritado.

— Não — retrucou Pemberton. — Esta paisagem está ótima. Como disse a Sra. Pemberton, estamos satisfeitos com o que fizemos aqui.

— Muito bem — concordou Frizzell. E, virando-se para Serena: — Mas a senhora vai ficar mesmo no cavalo?

— Vou. Vou, sim.

— Bem — disse Frizzell, ainda mais irritado —, mas, se a foto sair desfocada, a culpa terá sido de vocês.

Frizzell desapareceu embaixo do pano e tirou a foto. Ele já tinha começado a arrumar o equipamento quando Galloway deu uma longa buzinada, de dentro do carro.

— Vou mandar um dos meus homens buscar amanhã em Waynesville — avisou Pemberton, demorando-se ao lado de Serena.

— Você precisa ir — disse ela.

Serena abaixou-se na sela e tocou o rosto dele. Pemberton pegou a mão dela e a encostou em seus lábios.

— Eu amo você — disse ele.

Serena apenas aquiesceu e deu meia-volta. Saiu cavalgando em direção ao monte Noland, fazendo subir nuvens escuras de poeira. Pemberton observou-a por algum tempo até finalmente se encaminhar para o carro, mas parou antes de abrir a porta do carona.

— O que foi? — perguntou Galloway.

— Só estou pensando se peguei tudo de que posso precisar.

— Estou levando comida — disse Galloway. — E peguei sua faca de caça também. Sua mulher me pediu. Está tudo no meu saco de estopa.

Enquanto saíam do acampamento, Pemberton olhou na direção do cume para

a casa de Galloway, uma das poucas que ainda não tinham sido rebocadas para as novas instalações. A velha não estava na varanda; devia estar dentro de casa, sentada à mesa. Pemberton sorriu ao se lembrar da profecia, de como todos tinham acreditado na encenação. Rumaram para o norte, Galloway usando o cotoco do braço para virar o volante enquanto passava a marcha. Pemberton fechou os olhos e esperou que a aspirina aliviasse sua dor de cabeça.

Depois de algum tempo, o Packard reduziu a velocidade e fez uma curva. Pemberton abriu os olhos. Árvores se fechavam ao redor deles. Entraram em Ivy Gap, uma porção de terra particular um pouco a leste da área do parque. Quando passaram por uma ponte feita de tábuas de madeira, a vibração do carro despertou a latente dor de cabeça de Pemberton.

— Por que você não conserta a suspensão dessa porcaria? — perguntou Pemberton. — Ou então dirija mais devagar.

— De repente o sacolejo espanta a sua ressaca — disse Galloway, desviando-se de uma valeta.

Passaram por um milharal já colhido onde havia um espantalho de braços abertos, como que abandonado. Um casal de pombos esvoaçou pelo amontoado de cascas de espiga e galhos quebrados e pousou de novo. Pemberton sabia que muitos homens caçavam pombos, mas não conseguia entender a satisfação de matar um bicho pouco maior que a cápsula usada para o tiro. A floresta se adensou até a estrada acabar simplesmente desistindo, cercada de galhos de carvalho e capim. Galloway parou e puxou o freio de mão.

— Teremos que seguir a pé pelo resto do caminho.

Os dois saíram do carro, e Galloway pegou o saco de estopa no banco de trás. Pemberton alcançou o rifle e abriu a caixa de balas, pegou algumas e guardou a munição no bolso da jaqueta. Galloway jogou o saco no ombro.

— Algo mais? — perguntou Pemberton.

— Não — respondeu Galloway, entrando na trilha que continuava a partir da estrada. — Tudo de que precisamos está nesse saco.

— Pegou as chaves do carro?

— Estão comigo — confirmou Galloway, batendo no bolso direito da calça.

— Quero minha faca.

Galloway abriu o saco e a entregou a ele.

— Cadê a bainha?

— Acho que deve ter ficado na gaveta — respondeu Galloway.

Pemberton xingou em voz baixa o esquecimento de Galloway e guardou a faca no bolso lateral da jaqueta.

Os dois adentraram a mata, atravessando um brejo e depois um riacho. Caminharam por um enclave de álamos de tulipa cujas folhas amarelas recém-

caídas esmaltavam o chão da floresta com seu brilho. O terreno fez uma última descida abrupta e eles entraram em uma clareira, onde tufos de capim amarronzado davam à paisagem aberta um lustre que rivalizava com as árvores ao redor. Uma carcaça de veado jazia no centro da campina, restando pouco mais que tiras de pele e ossos. Galloway abriu o saco e retirou uma dúzia de cascas de espiga de milho, colocando-as de modo a formar um círculo fechado ao redor da carcaça. Pemberton imaginou se ele não estaria fazendo alguma cerimônia de caçada primitiva, algo que tinha aprendido com os cherokees ou que se fazia séculos antes na antiga Albion, o tipo de coisa que tanto costumava fascinar Buchanan.

— Essa pantera aproveitou bem esse veado, não acha? — comentou Galloway.

— Parece que sim.

— Eu já imaginava.

Tirando um canivete automático do bolso direito, Galloway foi até o limite da clareira, onde uma esteira pendia de um galho de corniso, os quatro cantos amarrados em torno de algo volumoso. Abriu a faca metodicamente e então cortou a esteira. Um cervo morto caiu no chão. Ele o pegou por uma pata traseira e o arrastou para o centro da clareira, colocando-o ao lado da outra carcaça.

— Desse jeito, mesmo que o milho não atraia veado algum, essa pantera vai ter alguma coisa para mastigar — explicou ele e apontou na direção do penhasco distante, onde um afloramento de granito empurrava a encosta como um grande punho fechado. — Tem uma área plana naquela pedra maior, e até uma caverna que vai mais para o fundo. Você pode ficar lá, dá para ver toda a clareira. E por ser um ponto mais alto, a pantera não vai conseguir farejá-lo. Algum veado deve aparecer para comer essas espigas ao anoitecer, e o bicho vai vir logo atrás.

Pemberton olhou para o penhasco, em dúvida. Não havia outro caminho para chegar lá a não ser subindo pela rocha forrada de louro-da-montanha.

— Existe alguma trilha?

— Vamos abrir uma trilha no caminho até lá — respondeu Galloway. — Mas esse louro toma conta de tudo tão depressa que se a gente olha para trás não vê nem a própria pegada.

— Não existe um jeito mais fácil?

— Não que eu saiba. Posso levar o seu rifle se quiser. Assim fica mais fácil para você.

— Eu mesmo levo — disse Pemberton.

Galloway entrou na touceira de louro-da-montanha e a planta logo o enlaçou até o peito. Pemberton foi atrás, segurando a arma com o dedo perto do gatilho, o cano apontado para cima, de forma que só a coronha roçava a vegetação.

Galloway abria caminho no emaranhado sem se preocupar com onde pisava. A vegetação foi logo ficando mais esparsa, no ponto em que o terreno começava a subir. O sol batia nas costas deles, o calor incidindo diretamente sobre o penhasco. O traje de caça de Pemberton até que estava confortável antes, no bosque, mas ali só havia pequenos pinheiros, nada que fizesse sombra. Contornaram a grande rocha. O terreno estava escorregadio, comprimido pelo granito. Pemberton percebeu que a montanha inteira era recoberta por aquele tipo de solo. Galloway repensou o caminho, indo um pouco mais para o lado a fim de encontrar um ponto com terreno mais estável. Pemberton sentiu dificuldade em respirar. Quando ele precisou parar para descansar, Galloway olhou para trás.

— Quem não nasceu neste ar rarefeito perde fácil o fôlego aqui em cima.

Ficaram um minuto na sombra do afloramento. Galloway examinou a protuberância rochosa e apontou para a direita.

— Acho que da última vez eu subi por aquele lado.

Ele então fez um desvio e traçou um caminho fora da sombra da rocha; não havia nenhuma terra sob seus pés, apenas granito. Nos últimos passos, Pemberton teve que se abaixar e apoiar-se com a mão livre para não escorregar. Sentiu o granito quente quando o tocou. Passou por sua cabeça que aquilo poderia ser mais um gracejo de Serena. Quando estavam quase na altura do afloramento, Galloway deu mais alguns passos para a direita e parou onde o fluxo de uma nascente formava uma bacia natural. Então sentou-se perto da água e deixou o saco de estopa ao seu lado. Pemberton também se sentou, tentando estabilizar a respiração. Lá embaixo via-se toda a clareira, com o monte Sterling assomando mais a oeste, marcando a divisa com as terras do parque. Galloway tirou dois sanduíches do saco, desembrulhou um deles e o examinou.

— Esse é de peru — disse ele, oferecendo o outro a Pemberton. — Sua senhora disse que você gosta de sanduíche de carne. Ela mesma o preparou, com mostarda e tudo.

Pemberton pegou o sanduíche e começou a comer. Não estava muito bom — mostarda demais, e o pão tinha gosto de mofo —, mas a caminhada e a escalada do penhasco tinham aberto seu apetite, apesar da ressaca. Terminou o sanduíche e bebeu do riacho com as mãos em concha, tanto por conta da sede quanto para tirar o gosto da comida da boca.

— Aquela nascente lá em cima derrama água fresca mesmo nos dias mais quentes — informou Galloway. — Não tem água melhor.

— Sem dúvida muito melhor do que este sanduíche.

— Uma pena você não ter gostado — disse Galloway, fingindo decepção —, ainda mais que a sua mulher preparou especialmente para você.

Pemberton tomou um pouco mais de água. O sanduíche não tinha caído bem em seu estômago e ele esperava que a água gelada pudesse ajudar um pouco.

O sol estava batendo em cheio nos dois, e o granito absorvia o calor da tarde, retendo-o nas fendas da rocha. Pemberton bocejou; poderia até cochilar por alguns minutos, mas seu estômago começou a se revirar e a lhe dar náuseas. Pensou novamente no quanto tinha bebido na noite anterior e mais uma vez se arrependeu por não ter sido mais moderado.

Olhou para o relógio. Quase três horas. Galloway abriu o saco de estopa e pegou um pouco de tabaco e o canivete, que ele abriu empurrando o cabo com o pé, usando o polegar e o indicador para puxar a lâmina. Então pôs o tabaco entre os joelhos, pegou o canivete e começou a cortá-lo lentamente. Guardou o pedaço maior de volta no saco, depois fechou o canivete, guardando-o também. Cada movimento seu era realizado com a solenidade e a precisão de um ritual.

— Melhor você ir na frente e chegar até aquela saliência — disse Galloway.

Pemberton deu uma olhada no afloramento.

— E como eu chego até lá?

— Subindo por aquela pedra menor — orientou Galloway, apontando para o local. — E pondo o pé naquela fenda logo em cima.

— E depois?

— Vai ter que escalar o resto do caminho. Segure a saliência com a mão esquerda, levante a perna até uma ranhura e puxe o corpo para cima. Lá no alto é plano que nem o fundo de uma frigideira, você não vai cair.

Pemberton escrutinou os limites da clareira, tentando avistar o brilho de um binóculo. Olhou para Galloway, que examinava o tabaco picado como se procurasse algum defeito.

— Se isto for mais uma peça que a Sra. Pemberton quer pregar...

Galloway o olhou nos olhos. Levou a lasca preta de tabaco à boca e usou o indicador para empurrar até os molares. Só então falou:

— Não é nenhuma peça.

Galloway tirou algumas aparas de tabaco da calça, mas não fez menção de se levantar. Olhou para a nascente como se procurasse alguma coisa.

— Se eu fosse você, subiria logo — disse ele. — Não vai demorar muito para essa clareira começar a escurecer. E quando isso acontecer, a pantera vai sair daquele parque.

E, dando uma cuspida marrom de tabaco na nascente, se levantou.

— Quando chegar lá em cima você pega a sua arma comigo. Assim vai ficar mais fácil.

Pemberton estudou o afloramento, procurando pontos de apoio para os pés e as mãos. Parecia não haver outro jeito, então entregou o rifle a Galloway e subiu

na pedra menor, erguendo a mão esquerda para encaixá-la em uma fenda. Apoiou todo o peso na pedra para verificar se estava firme, depois pôs a ponta da bota na reentrância. Quando ergueu o outro pé, levantou a mão direita e a uniu à esquerda. Respirou fundo, passou a perna direita por cima do afloramento e acabou rolando na saliência, abrindo os braços para não se virar mais de uma vez, acabando de cara para o sol.

Um zumbido quebrou o silêncio, e o primeiro pensamento de Pemberton foi de ter perturbado um ninho de vespas. Sentiu uma ferroada na panturrilha, e quando levantou a cabeça viu uma cascavel se enrolando. Três outras cobras se aninhavam a poucos centímetros de onde ele estava, enchendo o ar com seus ruídos de alerta. Uma delas deu o bote, e ele sentiu as presas se cravando em sua bota, fincando por um instante e enfim largando. Ele saiu rolando da saliência, primeiro batendo na pedra menor e caindo no chão, depois rolando e trombando encosta abaixo. Conseguiu deter a descida por um instante agarrando uma planta, mas a raiz se soltou do solo raso e ele continuou em queda, só parando quando alcançou os louros da parte plana do terreno.

Não se mexeu, esperando o corpo lhe dizer quais haviam sido os ferimentos. Seu tornozelo esquerdo latejava, e, pelo estranho ângulo em que se dobrava, via-se que estava quebrado. Tinha fraturado também duas, talvez três costelas. A faca de caça tinha aberto uma ferida profunda em seu braço. Ele disse a si mesmo que ficaria bem, mas naquele momento o veneno que corria em suas veias se anunciou, e não só na perna. Sentiu o gosto da substância tóxica na boca, ainda que não conseguisse entender como aquilo era possível.

Olhou para o alto, e por um instante teve a sensação de que estava se afastando da terra, caindo em direção ao céu. Fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, sentiu a solidez da terra sob seu corpo. Levantou o braço e viu que continuava sangrando. Mas pelo menos não pegou uma artéria, pensou ele. Tirou um lenço do bolso de trás e o usou para comprimir o ferimento. O tecido ficou logo empapado, então ele pegou um par de meias de lã da jaqueta para continuar pressionando a ferida. Logo as meias também se encharcaram, mas, quando ele as retirou, o sangramento tinha diminuído.

Tateou a jaqueta, tentando alcançar o bolso. A faca ainda estava ali, mas tinha penetrado no forro. Ele enfiou a mão direita, pegando-a pelo cabo de osso de alce. Sentiu segurança na solidez do cabo e não o soltou.

Só depois de um bom tempo Galloway desceu a ribanceira e chegou até ele. Parecia disposto a ficar ali olhando para ele pelo resto da tarde. Pemberton largou a faca e conseguiu se sentar.

— Pelo visto você está todo arrebentado — disse Galloway. — E perdeu muito sangue.

— Ajude-me a levantar — pediu Pemberton, estendendo o braço.

Ele assim o fez, mas a perna envenenada e o tornozelo quebrado não permitiam que Pemberton ficasse de pé sem ajuda. Galloway passou o braço pela cintura dele.

— Leve-me até a clareira.

Galloway o ajudou a atravessar os louros-da-montanha e chegar a campo aberto, acomodando-o sentado entre os arbustos.

— Uma cascavel me picou — disse Pemberton.

Ele ergueu a perna direita da calça. Logo acima da bota, dois pequenos orifícios marcavam a pele, o tecido flácido e avermelhado ao redor. Ele continuava sentindo o gosto do veneno na boca e parecia suar profusamente por todos os poros. Seus dedos dos pés e das mãos começaram a formigar, e Pemberton ponderou se aquilo também fora causado pela picada. Galloway se agachou ao seu lado e examinou de perto as marcas.

Pemberton tirou a faca de caça da jaqueta e cortou a perna da calça da coxa até a barra. O pano caiu como uma camada de pele solta.

— Não vai adiantar muito — disse Galloway. — O veneno já entrou nas suas veias.

— Eu posso tirar um pouco — respondeu Pemberton, pressionando a lâmina nas marcas da picada.

Galloway pôs a mão sobre a de Pemberton.

— Deixe-me cortar. Já fiz isso antes.

Pemberton largou a faca e Galloway a afastou da pele. Examinou o ferimento, explorando ao redor com a ponta da lâmina.

— Corte logo, droga — disse Pemberton.

Galloway fez um X na mordida, metodicamente. Cortou fundo. Fundo demais, desconfiou Pemberton.

— Essa cobra pegou você de jeito — comentou Galloway, afastando a faca do ferimento. — Às vezes elas mordem a seco, mas essa injetou a dose inteira.

Os dois continuaram observando a perna, cada vez mais inchada e vermelha. Pemberton se lembrou de como a perna de Jenkins tinha empretecido e começado a cheirar mal. Mas ele era maior que Jenkins, isso ajudaria na diluição do veneno. Pela primeira vez desde que vira a cobra no penhasco, Pemberton percebeu o quanto sua situação poderia ter se agravado. Se não tivesse fugido a tempo das várias cascavéis, ou se não tivesse agarrado as plantas na queda, estaria morrendo, se já não morto. De repente se sentiu mais vivo, da mesma forma que se sentira ao sobreviver à faca de Harmon e aos dentes e garras do urso. Ou ainda como se sentira quando ele e Serena saíram juntos da casa em chamas. Nem mesmo a dor no estômago, na perna e no braço conseguia conter

sua euforia.

Galloway limpou a lâmina no saco de estopa. Deixou a faca em cima do pano e se agachou. Alguém havia dito a Pemberton que era necessário chupar o veneno, mas ele não alcançava o local, e não queria de jeito nenhum que a boca apodrecida de Galloway fizesse isso. Preferiu apertar a pele ao redor da ferida, espremendo a maior quantidade de sangue possível. Tirou o cadarço de couro da bota e usou-o para fazer um torniquete acima do joelho. Mesmo sem o cadarço, o pé direito estava tão inchado que foi difícil tirar a bota. Quando conseguiu, arrancou a meia também. Tocou o pé: a pele parecia pronta a se abrir como uma fruta passada. Seu estômago estava tão embrulhado que era como se ele tivesse bebido uma garrafa de água sanitária. Galloway continuava agachado junto dele, os olhos em Pemberton, atento.

— Não vou conseguir sair daqui andando — disse Pemberton, sentindo uma onda de arrepios percorrer seu corpo.

— E eu não conseguiria levar você nem se quisesse.

As têmporas de Pemberton doíam como se pinças metálicas as comprimissem. O gosto do veneno ficou mais forte e seu estômago começou a se contrair em espasmos.

— Maldito estômago — arfou Pemberton, e, depois de uma pausa: — Não sabia que picada de cobra causava isso.

— E não causa mesmo, não — retrucou Galloway. — Deve ser o sanduíche que está remexendo as suas tripas.

Galloway não olhava para Pemberton enquanto falava, mas sim para o oeste, na direção das terras do parque.

— Você vai ficar nesta clareira por um bom tempo.

— Cadê meu rifle?

— Acho que deixei lá em cima, no rochedo.

Pemberton soltou uma imprecação.

— Pegue o carro e vá procurar um telefone — ordenou ele, sua voz saindo esganada devido a um novo acesso de dor. — Ligue para Bowden e diga para ele trazer um médico. Depois vá até o acampamento e chame Serena. Ela vai lhe dizer o que mais deve ser feito.

Galloway demorou para responder. Antes, passou por cima do saco de estopa e guardou a faca de caça lá dentro, usando os dedos da única mão para amarrar o saco no cinto. Fez isso com tanta perícia que os movimentos pareceram fluidos.

— Ela já fez isso — respondeu Galloway. — Já me disse o que fazer, sabe. E é por isso que vou deixar você aqui.

Levou alguns instantes para Pemberton entender. Suas vísceras se contraíram com tanta intensidade que ele agarrou a barriga, suas unhas arranhando a pele

como se tentassem arrancar o que causava a dor. Estremeceu violentamente, e então a dor diminuiu um pouco, mas só para voltar com a mesma intensidade. Ele se sentia zonzo, prestes a desmaiar e pensou que talvez aquilo fosse consequência não só do veneno, mas também da perda de sangue.

— Deve ter sido aquele sanduíche que a sua mulher preparou especialmente para você — disse Galloway. — Ela misturou veneno de rato na mostarda, depois botou um pouco de inseticida para adocicar. Eu perguntei: e se ele sentir o gosto do veneno?, mas ela disse que os homens nunca percebem nada que não esteja bem na frente do nariz deles. Acho que ela estava certa.

Galloway fez uma pausa para limpar a baba do tabaco que lhe escorria pelo queixo. Pemberton sentiu gosto de sangue na boca e soube que eram suas gengivas. Cuspiu um pouco dele para poder falar, mas Galloway continuou:

— Ela mandou dizer que achou que você fosse o único homem forte e puro o bastante para ela, mas que se enganou, já que você quer que aquele garoto sobreviva.

Pemberton fechou os olhos por alguns instantes, tentando se concentrar apesar da dor. Queria entender o que Galloway estava dizendo, mas parecia demandar um esforço excessivo. Tentou se concentrar em apenas uma coisa.

— Como ela descobriu?

— Minha mãe contou a ela, naquele dia que eu fui a Kingsport. Mas a sua esposa não acreditou. Só se convenceu por causa do xerife McDowell. Fui falar com ele lá na cadeia. O sujeito contou até quantos dólares você entregou a ele, disse que ela podia conferir no livro-caixa para saber que não era mentira.

— Só para você? Ele não contou a Bowden?

— Bowden saiu correndo pela porta dos fundos, e eu não tinha nem começado para valer. Ficou do lado de fora vomitando. Só voltou depois que eu terminei.

— McDowell resolveu contar sobre o garoto porque achou que assim salvaria a vida dele?

— Não — respondeu Galloway, franzindo um pouco a testa ao balançar a cabeça. — Ele sabia o que aconteceria assim que entrei naquela cela. Sabia que era um homem morto.

Pemberton olhou nos olhos de Galloway e percebeu que estava diante do mesmo olhar frio que McDowell tinha encarado.

— McDowell sabia onde eles estavam?

— Acho que sim. Pelo menos sabia para onde foram depois de Knoxville.

— Mas não lhe contou?

— Eu sabia que ele não ia falar. E olhe que eu dei uma dura nele. Qualquer outro teria entregado a própria mãe, mas ele não falou nada.

Galloway fez uma pausa e coçou o cotoco, parecendo mais pensativo.

— Não merecia aquilo, esse McDowell. O sujeito viveu e morreu pelo que acreditava. Se eu pudesse voltar atrás, teria matado ele mais depressa.

Galloway tirou o chumaço de tabaco da boca e o examinou por um momento antes de jogá-lo nos louros. Pemberton apertou os olhos. Estava ficando difícil pronunciar as palavras, o fluxo contínuo do pensamento desde o cérebro até a língua sendo interrompido. Formou uma frase e a manteve na mente por alguns segundos para que ficasse clara.

— Por que McDowell lhe contou que eu ajudei o garoto?

— Acho que imaginou que seria uma forma de conseguir que pelo menos um de vocês morresse — respondeu Galloway. — E pelo visto ele estava certo.

Pemberton não falou mais nada por um tempo. Pensou no menino no escritório do xerife, tentando se lembrar de algo mais além dos grandes olhos castanhos. Visualizou o cabelo do garoto. Não era loiro, mas escuro como o dele.

— Então o menino está a salvo?

— Mamãe diz que está, ele e a garota Harmon, mas é só isso o que ela pode me dizer. Estão tão longe daqui que ela não consegue mais alcançá-los com a mente. O rastro ficou mais frio que bunda de poceiro.

Galloway fez uma pausa, e seu semblante assumiu um ar quase nostálgico. Ele levantou o cotoco e enxugou uma gota de suor da testa. Então aproximou-se mais e se agachou ao lado de Pemberton. Pegou o canivete do bolso e abriu a lâmina com a mesma determinação com que desataria um nó. A lâmina deu um estalido ao entrar em posição.

— Sua senhora disse que não queria que você sofresse mais do que o necessário — disse Galloway —, mas eu não posso matar você depressa, não depois do que fiz com o xerife. Pesaria demais na minha consciência.

Ele abaixou o canivete, rasgando o bolso da frente da calça de Pemberton e soltando a moeda de ouro de vinte dólares. Galloway a pegou.

— Isso fica comigo — avisou ele, guardando-a no bolso. — Acho que eu mereço.

— Existe uma pantera? — perguntou Pemberton.

— Você vai descobrir em algumas horas — respondeu Galloway, apontando com a cabeça na direção do parque. — O bicho vai chegar por aquele beiral ali, à esquerda daquele penhasco. Vai sentir o cheiro do seu sangue e descer logo para fazer uma visita.

Galloway pegou o saco de estopa e o jogou no ombro. Seguiu na direção da clareira, seu andar bamboleado tal como chegara. Não vou me esquecer desse andar, disse Pemberton a si mesmo. Vou me lembrar disso no momento em que for matá-lo. Galloway parou e se virou para trás.

— Sua senhora me pediu para lhe dizer mais uma coisa: o seu caixão, ela

disse que vai mandar fazer um especial em Birmingham. Ela falou que deve isso a você.

Em questão de minutos, Galloway já estava dentro da floresta. Pemberton viu fragmentos de sua silhueta por entre as árvores e viu que pouco depois ele pegou a trilha para o espigão. E desapareceu.

Pemberton puxou a corrente de ouro do relógio até tirá-lo do bolso. Quando abriu a tampa dourada, duas meias-luas de vidro caíram no chão, mas o mecanismo continuou funcionando. Os ponteiros apontavam para os números três e seis. Ele ficou acompanhando o movimento quase imperceptível do ponteiro dos minutos se deslocando no mostrador em direção ao número sete. Concentrou-se o máximo que pôde no ponteiro, imaginando que de certa forma faria alguma diferença se conseguisse ver o tempo passar.

Mas a dor era forte demais para que ele conseguisse se concentrar mais do que alguns segundos em outra coisa. A perna inteira estava inchada, a dor constante chegando até o quadril, os músculos começando a se contrair, como se o membro tentasse freneticamente se livrar do veneno. Pemberton sentiu náusea e ficou animado com isso, pois talvez assim conseguisse expelir um pouco do veneno, mas, quando olhou para o chão, viu que só tinha vomitado sangue. As costelas e o tornozelo também doíam, mas eram preocupações secundárias, assim como sua sede. Ele teria que esperar algumas horas para que o veneno fosse eliminado, esperar melhorar um pouco para conseguir se arrastar para fora dali.

Virou-se para olhar para o oeste. Tentou pensar em alguma coisa além da dor. Ficou observando as montanhas Smoky se expandindo até o Tennessee. Quantos milhões de metros de troncos de madeira havia naquelas montanhas?, perguntou-se. A náusea voltou, e mais sangue tingiu o chão quando ele vomitou novamente. Sua boca tinha gosto de cobre; ele pensou nos veios de cobre e nos riachos de joias nas Smoky. Pensou principalmente na Cade’s Cove, onde ainda existiam antigos álamos amarelos. A canção que os lenhadores cantavam sobre a grande montanha de doces lhe veio à cabeça, pairando por algum tempo antes de se dissipar.

Pemberton desmaiou. Quando foi despertado pela dor, o dia estava escurecendo. O sol começava a alcançar a cordilheira, as sombras se projetando das árvores sobre a clareira. Ele podia sentir o cheiro da própria perna, a pele agora vermelho-escura do joelho ao dedo do pé. O membro estava morrendo, logo estaria preto e putrefato. Sabia que iria perder a perna, mas isso não era problema. Poderia continuar trabalhando a cavalo, como fazia Serena.

Sua visão ficou embaçada, e era cada vez mais difícil respirar. Decidiu que precisava começar a descer até a clareira. Chegaria até a trilha da forma que

pudesse antes de escurecer e depois descansaria até o amanhecer. Eles tinham atravessado um riacho na metade da encosta. Poderia beber água para prosseguir o resto do caminho

Apoiou as mãos na terra e avançou mais alguns centímetros, arrastando-se. O tornozelo fraturado se anunciou outra vez, e ele teve que recostar a cabeça no chão por um minuto. Quando tentou se mexer de novo, o mundo desabou debaixo dele, como se tentasse tragá-lo. Pemberton agarrou o capim e não soltou. Lembrou-se da tarde em que seguira o carro do xerife McDowell até a entrada para o ribeirão Deep. Tinha ficado esperando no Packard com a mão na alavanca do câmbio e por alguns instantes sentira como se tivesse o mundo nas mãos.

Em meia hora, Pemberton conseguiu chegar ao centro da clareira. Parou para descansar, tentando recuperar um pouco da força. Era a única maneira, disse a si mesmo, não tanto para sobreviver, mas para provar a Serena que era forte no final das contas, digno dela. Se conseguisse voltar ao acampamento, tudo voltaria a ser como antes.

A escuridão o envolveu. A perna infectada era como um tronco sendo arrastado, e Pemberton se imaginou sem aquela perna, o quanto se sentiria livre e aliviado. Se estivesse com a faca, a cortaria fora, disse a si mesmo, a deixaria aqui e seguiria meu caminho. Teve ânsia de vômito, mas nada lhe subiu à garganta. O mundo estremeceu, tentando se livrar dele mais uma vez. Ele agarrou outro punhado de capim e se segurou.

Quando recobrou a consciência, já era crepúsculo. Um choro semelhante ao de um bebê soou às margens da clareira. Jacob, pensou ele, ainda em segurança, ainda vivo. Ele ergueu a cabeça na direção do som, mas sua visão estava tão tolhida, em uma parte tão profunda dele mesmo, que nenhuma luz alcançava. Minutos depois ele ouviu algo roçando o capim, avançando resolutamente em sua direção, e de repente soube, soube com a mais absoluta certeza, que Serena viera salvá-lo. Lembrou-se da noite em Boston quando a Sra. Lowell os tinha apresentado, Serena sorrindo e estendendo a mão. Um novo começo agora também, assim como naquela ocasião. Não conseguia mais falar nem enxergar nada, mas abriu a mão e soltou o capim, largando até mesmo a terra, esperando sentir a mão firme e calosa de Serena o enlaçando.

CODA

Na primavera de 1975, a revista Life *publicou um artigo sobre Serena Pemberton, relatando sua longa trajetória como baronesa da madeira no Brasil. Devido a sua idade, o artigo tinha um tom elegíaco, que a biografada não desencorajou. A própria chegou a dizer que seu advogado já tinha sido instruído quanto às providências a serem tomadas para seu enterro (não foi mencionado um funeral), instruções essas que incluíam o sepultamento em um caixão de chumbo construído em Birmingham, no Alabama. Assim não vai apodrecer nem enferrujar, justificou a Sra. Pemberton quando indagada a respeito de tal escolha.*

Quando o repórter lhe perguntou se ela já havia feito alguma coisa na vida de que se arrependesse, a Sra. Pemberton disse que não e logo desviou o rumo da conversa para uma gleba de pau-brasil em Pernambuco, que ela esperava adquirir com a ajuda de uma empresa fabricante de tratores da Alemanha Ocidental. As fotos que ilustravam o artigo da revista eram coloridas e atuais, com exceção de uma em preto e branco que ficava pendurada na parede da sala de estar da sede da fazenda. Uma indulgência para com a nostalgia, explicou ela ao entrevistador, nada característica, mas lá estava. A fotografia mostrava uma jovem Serena Pemberton montada em um imenso cavalo branco, uma águia no braço direito. Ao seu lado estava um homem alto e de físico avantajado. No fundo via-se uma devastação de tocos e galhos derrubados cujos limites o enquadramento não alcançava. O único defeito da fotografia era o rosto de Serena Pemberton, que, capturado em movimento, ficara desfocado, uma mancha cinzenta sem traços ou detalhes.

O artigo foi lido em setembro do mesmo ano por uma mulher no Hospital de Seattle, em Washington, à espera de uma cirurgia cardíaca que poderia ou não salvar sua vida. A Life *estava em uma cesta de revistas trazida por uma enfermeira para que os pacientes pudessem ter algo para ler além da surrada Bíblia. A mulher recortou com todo o cuidado a reportagem da revista e a guardou entre as páginas da Bíblia. Ela recebia visitas todos os dias, inclusive*

do marido, mas foi ao filho, que vinha de automóvel de Tacoma todas as noites depois do trabalho, que ela mostrou a matéria.

. . .

Um mês depois, um homem desembarcou na plataforma da estação de trem de Bertioga, São Paulo. Ficou no quarto do hotel até a meia-noite, quando saiu para caminhar pelas ruas de paralelepípedo da cidade. Uma tempestade vinda do oceano tinha caído mais cedo, deixando a água empoçada e represada nas sarjetas e nas grades de ferro dos bueiros, mas naquele momento a lua estava no céu, iluminando suficientemente seu caminho. Quinze minutos depois, ele entrou em silêncio pelo gramado atrás da fazenda de Serena Pemberton e subiu à varanda. Arrancou uma tela de janela e entrou em uma sala maior do que qualquer casa que já havia morado. Tirou uma lanterna do bolso traseiro, reduzindo o facho com a mão ao andar pela residência até encontrar o quarto que procurava. No chão ao lado da porta, um velho roncava sonoramente sobre uma esteira. Dormia de roupa, uma pistola a centímetros de sua única mão. Fossem outros tempos, aquele homem teria ouvido o menor ruído e despertado, mas décadas passadas em meio a maquinários o tinham deixado surdo a qualquer coisa que não escrita ou berrada.

Foi o primeiro a morrer, a faca cortando sua traqueia e depois serrando as vértebras, para garantir. A mulher na cama não foi eliminada com tanta facilidade. O médico da cidade, que também era o legista, encontrou restos de tecido sob as unhas de suas mãos.

Ela não morreu na cama. Um guarda que vigiava o portão ouviu a grande porta de pau-brasil se abrir. A luz da varanda tinha sido reduzida para a noite, mas a lua estava cheia, por isso o segurança viu nitidamente a senhora da casa dando passos lentos, porém não hesitantes, pela varanda. Parando no beiral, ela levantou a mão esquerda, puxando uma enorme faca de cabo de madrepérola cravada até a empunhadura em sua barriga. Estava completamente nua, ainda que a princípio o guarda tenha pensado que ela estava usando uma anágua de seda escura. O cabelo branco curto refletiu a luz do luar, e o vigia, um homem conhecido por sua natureza supersticiosa, disse depois que uma aura de fogo esbranquiçado cintilou por alguns instantes ao redor da cabeça da mulher.

Ela não conseguiu tirar a faca. Segundo o guarda, ela olhou para os degraus e deu um passo adiante de forma hesitante e depois recuou, como quem verifica

a temperatura da água em uma banheira. Foi então que o segurança viu o homem atrás dela, um vulto grande recortado contra o vão da porta. Estava tão imóvel que o guarda não soube dizer se ele estivera lá o tempo todo ou se tinha surgido naquele momento. Desapareceu logo em seguida. Mais tarde naquela mesma manhã, quando o delegado pediu uma descrição, o vigia apontou para a fotografia pendurada na parede da sala e jurou que era aquele homem que ele tinha visto. O delegado e o legista tomaram as palavras do guarda como mais um fruto de sua credulidade.

Não desconsideraram, porém, o testemunho do guarda no que dizia respeito ao que acontecera depois de ele correr até a casa e subir os largos degraus que levavam à varanda. Serena continuava ali de pé, embora o guarda jurasse que ela já estava morta. Os moradores locais que a conheciam, inclusive o próprio delegado e o legista, não duvidaram nem por um instante da veracidade desse trecho do relato.

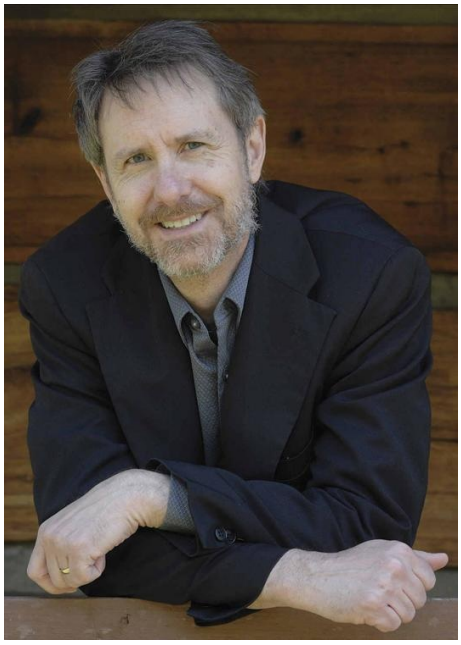
AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer às seguintes pessoas pela ajuda na pesquisa realizada para este romance: George Frizzell, Charlotte Matthews, Phil Moore, Scott Simpson e Ron Sullivan. Também sou grato ao meu magnífico editor, Lee Boudreaux; à minha também magnífica agente, Marly Rusoff; a Mihai Radulescu e a Robert West. Assim como a Jennifer Barth, James Meader, Sam Douglas, à minha família e à National Endowment for the Arts.

Embora alguns personagens secundários deste romance tenham realmente existido, são todos representações ficcionais.

SOBRE O AUTOR

© Mark Haskett

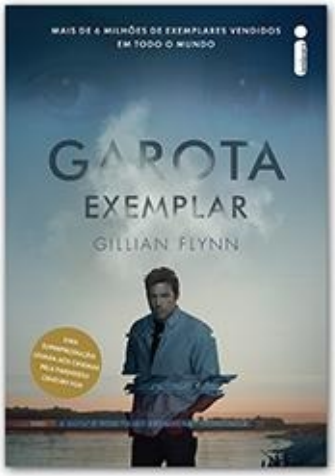


RON RASH nasceu em 1953 na Carolina do Sul, nos Estados Unidos. Graduou-se em inglês na Gardner-Webb University e fez mestrado na Clemson University. Autor de romances, poesia e coletâneas de contos, recebeu diversos prêmios. *Serena*, seu quarto romance, foi best-seller do *The New York Times*, finalista de ficção do PEN/Faulkner Award de 2009 e eleito o melhor livro daquele mesmo ano por veículos como *The New York Times*, *The Washington Post, San Francisco Chronicle*, *Chicago Tribune* e *Miami Herald*. Agraciado duas vezes com o O. Henry Prize, Ron Rash leciona na Western Carolina University.

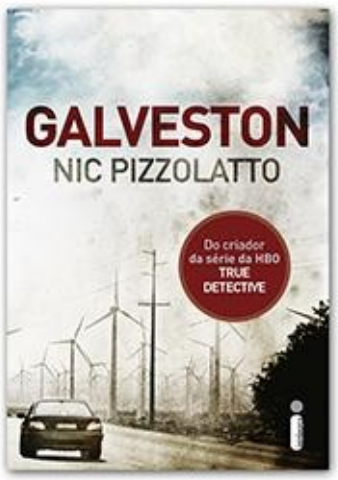
LEIA TAMBÉM



O lado bom da vida
Matthew Quick



Garota exemplar
Gillian Flynn



Galveston
Nic Pizzolatto